

NICOLE JORDAN

# Paixão

AMOR E SENSUALIDADE

 essência

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



*Paixão*

NICOLE JORDAN

*Paixão*  
AMOR E SENSUALIDADE

*Tradução*  
Books & Ideas

 essência

Copyright © 2000 by Anne Bushyhead

Título original: *THE PASSION* by Nicole Jordan

Este livro foi negociado através de Ute Körner Literary Agent, S.L., Barcelona  
[www.ukliag.com](http://www.ukliag.com) e Books Crossing Borders Inc., Nova York

*Preparação de textos:* Adriana Oliveira

*Revisão de textos:* Tulio Kawata

*Capa e diagramação:* Thiago Sousa | [all4type.com.br](http://all4type.com.br)

*Imagem da capa:* Keven Osborne/Fox Fotos

Conversão ePub: [Hondana](http://Hondana)

CIP- CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J69p Jordan, Nicole  
Paixão : amor e sensualidade / Nicole Jordan ; tradução  
Books & Ideas. - 1. ed. - São Paulo : Planeta, 2013.  
400 p. : il. ; 23 cm.  
Tradução de: Pasi3n  
ISBN 978-85-422-0301-1  
1. Fic33o americana. I. Books & Ideas. II. T3tulo.

13-02259

CDU:

CDD: 813  
821.111(73)-3

2013  
Todos os direitos desta edi33o reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B  
Edif33cio New York  
05001 - 100 – S33o Paulo-SP  
[www.essencialivros.com.br](http://www.essencialivros.com.br)  
[www.editoraplaneta.com.br](http://www.editoraplaneta.com.br)  
[atendimentos@editoraplaneta.com.br](mailto:atendimentos@editoraplaneta.com.br)

*Para os meus maravilhosos amigos escritores: Rosemary Edghill, India Edghill, Donna Sterling e Debora Smith. espero que saibam quão especiais vocês são.*

# *Sumário*

Prologo	
Parte I Laços do desejo	
Capítulo 1	
Capítulo 2	
Capítulo 3	
Capítulo 4	
Capítulo 5	
Capítulo 6	
Parte II A dança da paixão	
Capítulo 7	
Capítulo 8	
Capítulo 9	
Capítulo 10	
Capítulo 11	
Capítulo 12	
Capítulo 13	
Capítulo 14	
Capítulo 15	
Capítulo 16	
Capítulo 17	
Capítulo 18	
Parte III Uma paixão do coração	
Capítulo 19	
Capítulo 20	
Capítulo 21	
Capítulo 22	
Capítulo 23	
Capítulo 24	
Capítulo 25	
Capítulo 26	
Epílogo	

# Prólogo



*Anotação no diário, 16 de julho*

Peguei mais uma vez a caneta, ansiosa em razão da turbulência em meu coração. Tenho de me livrar dessa paixão que me consome, mas não sei como.

Você veio até mim esta noite. Senti sua presença e seu calor antes mesmo de ouvir seus passos, pois meus sentidos estão altamente condicionados a captar sua aproximação. Seu encanto me escravizou com mais eficiência do que qualquer grilhão.

Você murmura meu nome e eu me viro em sua direção. Seus olhos negros são intensos, questionadores. Retribuo o olhar, feitiçada. É só você me olhar e sou tomada por uma torrente de prazer.

Deixo-me cair em seus braços, a ponto de sentir dor por tanto amor e desespero. Seu toque é como um bálsamo, sua mão em meu seio ao mesmo tempo conforta e excita.

Fecho os olhos, sentindo sua virilidade, seu vigor contra minha fragilidade. Você bem sabe como sou vulnerável a você, à sua paixão selvagem. Sinto meu corpo se incendiar. Fico trêmula ao sentir a carícia dos seus lábios, o calor da sua respiração, a habilidade dos seus dedos ao me despir.

Seu roupão cai, descendo ao chão. À luz de velas de essência de almíscar, seu corpo nu bruxuleia com graça e força, a maior de todas as fantasias femininas.

Sua mão toca levemente meus quadris e sinto o corpo todo estremecer. Em resposta, agarro seu membro cada vez mais duro e grosso. Não sinto nenhuma vergonha. Com você aprendi sobre os desejos da carne, e você tornou meu corpo sensível ao prazer, neutralizando qualquer inibição.

Sinto-me fluído, minha fenda está quente e pulsante, desprendendo líquidos ao seu toque, quando você se deita comigo. Seus olhos têm um ar de desafio e desejo, você vem por cima de mim e desliza para dentro, me penetrando profundamente. Solto um grito rouco de satisfação enquanto arqueio o corpo e me rendo.

Você controla meus sentidos. Estou desesperada, faminta para prová-lo, inebriada com seu ópio, com a necessidade de preencher e ser preenchida.

Você me inunda com sua paixão. Estou me afogando e o puxo para se afogar comigo.

A seguir, nos deitamos próximos um do outro, nossas respirações ofegantes se misturam, a pele suada e grudenta. Sinto você silenciar enquanto prova o sal das minhas lágrimas. Erguendo-se diante de mim, você me olha nos olhos e vê a dor no coração que sou incapaz de ocultar.

Seu beijo violento tem a intenção de acalmar, mas apenas aprofunda o conflito que parte meu coração.

A escolha é minha, você diz. Você me oferece a liberdade, uma preciosa dádiva. Já que minha felicidade é mais importante para você do que a sua, você vai me deixar livre.

Mas serei capaz de viver sem você?

Será que essa escolha é realmente minha?

PARTE I  
LAÇOS DO DESEJO





*À primeira vista, ele parecia infinitamente perigoso, bárbaro até. Mas mesmo assim fui atraída por alguma coisa em seu olhar...*

ÍNDIAS BRITÂNICAS OCIDENTAIS, FEVEREIRO DE 1813

**E**ra uma cena selvagem: o homem seminu e acorrentado, com o torso forte bronzeado pelo sol do Caribe. Encostado nos altos mastros do navio, ele mantinha o ar desafiador e firme.

Por um breve instante, lady Aurora Demming sentiu o coração vacilar enquanto olhava pelo gradil da fragata.

Ele poderia muito bem ser uma estátua entalhada por um grande escultor, com músculos bem contornados, ágeis e resistentes, a não ser pelo fato de se tratar de um homem de carne e osso — e bem vivo, por sinal. A luz do sol aquecia os traços brutos de seu corpo e fazia reluzir seu cabelo dourado escuro.

O tom louro-dourado lhe era bastante familiar. À primeira vista, Aurora vacilou diante da memória de outro rosto perdido para sempre. Mas aquele homem insolente e quase nu era um estranho para ela, possuidor de uma masculinidade crua, totalmente diferente do homem que lhe fora prometido em casamento.

Ele vestia somente o culote, mas apesar de estar acorrentado como um prisioneiro, mantinha-se firme, com o olhar impassível e distante enquanto observava o cais. Mesmo à distância, os olhos dele pareciam tremeluzir perigosamente, passando a impressão de uma raiva latente que por pouco não saía do controle.

Ao sentir-se observado, o foco de sua visão aos poucos foi se deslocando até se fixar nela. A azáfama e o barulho da orla de repente sumiram. Durante um breve momento, o tempo parou e apenas os dois existiam.

A intensidade do olhar dele a deixou sem movimento, e, ainda assim, Aurora sentiu-se trêmula, e seu coração repentinamente começou a bater em um ritmo dolorido e quase selvagem.

— Aurora?

Ela tomou um susto quando seu primo Percy a chamou para perto dele. Ela estava no cais do porto de Basseterre, na ilha de São Cristóvão, diante do escritório da companhia marítima, castigada pelo quente sol do Caribe. A mistura acre do cheiro de peixe e de alcatrão permeava a maresia junto com o canto

estridente das gaivotas. Para além do movimentado cais era possível observar as águas calmas e de um azul-esverdeado brilhante, enquanto à distância emergia a exuberante e montanhosa ilha de Névis.

O primo acompanhou seu olhar na direção do prisioneiro da fragata.

— O que tanto chamou sua atenção? — perguntou ele.

— Aquele homem — murmurou Aurora. — Por um momento ele me fez lembrar de Geoffrey.

Percy semicerrou os olhos para enxergar por sobre o cais.

— Como você pode dizer isso a uma distância dessas? — questionou ele, franzindo a sobancelha. —

Talvez a cor do cabelo seja parecida, mas qualquer outra semelhança é superficial. Não consigo imaginar o falecido conde de March como um condenado, você consegue?

— Acho que também não.

No entanto, ela não conseguia tirar os olhos do prisioneiro louro. E nem ele dela, aparentemente. Ele continuava observando-a enquanto estava parado no alto da prancha de desembarque aguardando sua vez. Tinha as mãos acorrentadas e era escoltado por dois marinheiros fortes e armados da marinha britânica, mas parecia não dar a menor atenção a seus captores até um deles puxar violentamente a corrente que prendia seus pulsos.

Dor ou fúria fizeram seus punhos se fecharem, mas ele não ofereceu mais nenhum sinal de luta enquanto era escoltado pela prancha à mira de um mosquete.

Uma vez mais Aurora ouviu seu nome ser chamado, dessa vez com mais firmeza.

O primo a tocou no braço, com o olhar cheio de simpatia.

— Geoffrey se foi, Aurora. Não vai lhe fazer nenhum bem remoer a perda. E seu luto não fará nada além de prejudicar seu casamento. Tenho certeza de que seu futuro marido não apreciará seu luto por outro homem. Para seu próprio bem, você deve aprender a reprimir seus sentimentos.

Ela não estava pensando em sua perda, tinha vergonha de admitir, nem no casamento indesejado ao qual seu pai queria obrigá-la, mas assentiu para agradar o primo. Ela não tinha nada a ganhar demonstrando interesse por um estranho quase sem roupa. Um criminoso, para dizer o mínimo. Alguém que evidentemente havia cometido algum crime hediondo para ser punido de maneira tão brutal.

Dando de ombros, Aurora forçou-se a desviar a atenção. Aquela demonstração tão primitiva não era coisa para uma donzela, ainda mais para a filha de um duque. Em poucas ocasiões na vida ela vira tantas partes desnudas de um corpo masculino. Certamente nunca havia sido *sacudida* por um homem da maneira como fora momentos antes, quando ele a fisgou pelo olhar.

Como que se punindo, ela virou-se, permitindo que o primo a puxasse pela mão até a carruagem aberta. Ela iria com Percy às docas para confirmar sua passagem para a Inglaterra. Por causa do conflito na América e dos perigos da pirataria, havia poucos navios deixando as Índias Ocidentais. O navio de passageiros seguinte deveria partir da ilha de São Cristóvão somente dali a três dias e estava esperando somente uma escolta militar.

Ela temia voltar para casa e retardou o regresso o máximo que pôde, por meses além do planejado originalmente, com a desculpa de que era perigoso viajar com uma guerra em andamento. Mas o pai dela estava determinado a fazer com que aparecesse de uma vez por todas para se preparar para o casamento com o nobre que havia escolhido para ela. Em sua última carta, o pai havia ameaçado viajar pessoalmente para buscá-la, caso ela não honrasse o acordo que ele havia feito em nome dela.

Aurora estava com um pé no degrau da carruagem quando um barulho no outro lado do cais a fez parar. O prisioneiro havia chegado ao fim da prancha e estava recebendo ordem para subir em uma

carroça ali parada, o que era obviamente difícil por causa das correntes.

Ao se mover devagar demais, levou um violento empurrão que o fez tropeçar e quase ficar de joelhos. Agarrando-se na parte de trás da carroça, tomou impulso e conseguiu ficar de pé novamente, voltando-se para os guardas com um olhar de desdém.

Sua insolência carregada de indiferença pareceu enfurecer seus algozes, rendendo-lhe um golpe com a coronha do mosquete nas costelas, o que fez com que se curvasse de dor.

Um grito de protesto contra o ataque covarde alojou-se na garganta de Aurora no momento em que o prisioneiro balançou as correntes na direção dos guardas. Foi um gesto vão de desafio, pois ele estava preso de uma maneira que dificultava seus movimentos, incapaz de causar algum dano real, mas seu ato de rebeldia aparentemente foi a desculpa que os guardas esperavam.

Os dois marinheiros o golpearam com a coronha de seus mosquetes, lançando-o contra o calçamento de pedra aos gritos de “cão sarnento” e “escória do mar”.

Aurora recuou, mostrando-se horrorizada por presenciar alguém sendo tratado de maneira tão violenta, sem misericórdia.

— Por misericórdia, Percy — murmurou roucamente. — Faça-os parar!

— É um problema da marinha — respondeu o primo, em um tom cruel, em seu papel de vice-governador de São Cristóvão. — Não tenho nenhuma justificativa para interferir.

— Meu Deus, eles vão espancá-lo até a morte...

Sem esperar resposta, Aurora ergueu um pouco as saias, ajustando-as para poder andar melhor, e seguiu apressadamente na direção da confusão.

— Aurora!

Ela ouviu Percy chamar seu nome e praguejar baixinho, mas não diminuiu o passo nem parou para pensar no perigo ou na loucura de interferir na violenta disputa.

Ela não estava armada e não tinha nenhum plano claro a não ser tentar salvar o homem, mas quando se aproximou dos guardas, bateu com a bolsinha no agressor mais próximo, conseguindo atingi-lo no lado do rosto.

— Mas que porcaria é...?

Quando o perplexo marinheiro hesitou diante do inesperado ataque, Aurora aproveitou para forçar a passagem e ficar entre o prisioneiro e os agressores. Ocultando o próprio medo, ela se ajoelhou cobrindo parcialmente o homem quase inconsciente com o próprio corpo para impedir que ele fosse atacado novamente.

O guarda blasfemou de maneira vulgar.

Fria e furiosa, Aurora levantou o queixo e o encarou, desafiando-o em silêncio a agredi-la.

— Madame, a senhora não tem nada o que fazer aqui — ele disse furioso. — Este homem é um pirata cruel.

— Você, meu senhor, deve se dirigir a mim como milady — respondeu ela, com a voz normalmente serena soando quase feroz ao recorrer ao poder de seu status. — Meu pai é o duque de Eversley e tem o príncipe regente e o lorde almirante como pessoas muito próximas.

Ela pôde perceber o marinheiro avaliando seus trajes e observando-a; seu elegante *bonnet* adornado de seda e o vestido de passeio eram cinzentos, representando um semiluto, com apenas um toque de lilás nas lapelas do casaquinho para quebrar a sobriedade.

— E este cavalheiro — prosseguiu ela quando Percy chegou apressadamente a seu lado — é meu

primo Percy Osborne, que, por acaso, é o vice-governador de Névis e de São Cristóvão. Eu pensaria duas vezes antes de desafiá-lo.

Percy cerrou os dentes com o comentário dela e murmurou uma reprimenda:

— Aurora, isso é totalmente inapropriado. Você está dando um show.

— Mais inapropriado ainda seria ficarmos parados enquanto esses covardes matam um homem desarmado.

Ignorando o olhar do guarda, ela observou o prisioneiro ferido. Os olhos estavam fechados, mas ele parecia estar consciente, pois tinha o maxilar retesado pela dor. Ele ainda tinha uma aparência um tanto selvagem — a pele cintilava numa mistura de suor e sangue, e uma barba escura por fazer cobria parte do rosto.

Os piores danos pareciam ter sido causados à cabeça. Não apenas a têmpora sangrava em profusão, mas também o cabelo castigado pelo sol, de um dourado muito mais escuro que o dela, ficou com um tom enegrecido pelo sangue ressecado, evidentemente originado por um ferimento anterior.

Aurora ficou tensa enquanto olhava para baixo, sentindo os batimentos cardíacos acelerarem. A rude masculinidade que a havia afetado à distância era ainda mais óbvia de perto, a sólida musculatura do corpo era inconfundível. O peito era bronzeado pelo sol e os ombros envoltos por músculos, enquanto o culote de lona abraçava suas coxas fortes.

Ele então abriu os olhos, fixando-os nela. Eram escuros, de uma cor viva, com tons café e âmbar misturados. Seu olhar atento proporcionou a mesma sensação que tomara conta dela antes, abalando-a mais uma vez: a sensação de estar totalmente sozinha com ele, além da consciência aguçada da sua feminilidade.

Quase tão estranha para ela também era a terna sensação de proteção que os ferimentos dele lhe proporcionavam. Gentilmente, Aurora esticou-se para secar a mancha de sangue na testa dele.

Ouviu-se o som metálico das correntes e ele agarrou o pulso dela murmurando com a voz rouca:

— Não. Fique fora disso. Você vai se machucar.

Ela sentiu a pele queimar quando os dedos dele a tocaram, mas tentou ignorar a sensação, da mesma forma que não obedeceu ao seu pedido. Naquele momento ela estava mais preocupada com a vida dele do que com proteger a si mesma.

— Você não esperava que eu ficasse olhando enquanto você era assassinado, esperava?

Ela pôde vislumbrar um sorriso dolorido quando ele soltou seu pulso e tentou se erguer, impulsionando o cotovelo. Por um momento, ele fechou os olhos, como se sentisse tontura.

— Você precisa de um médico — disse Aurora, assustada.

— Não, eu tenho uma cabeça dura.

— Está claro que não é tão dura assim.

Ela já tinha se esquecido de que eles não estavam sozinhos quando o primo se inclinou sobre os ombros dela e exclamou consternado:

— Pelo amor de Deus! É o Sabine!

— Você o conhece? — Aurora perguntou.

— De fato, eu o conheço. Ele é dono de metade dos navios mercantes do Caribe. É americano. Nick, mas que porcaria você está fazendo aqui?

Ele fez uma careta de dor.

— Um infeliz encontro com a marinha britânica, acho.

Aurora percebeu que a fala dele era mais macia e rápida do que os sons entrecortados que ela emitia enquanto o primo voltava-se para os guardas e exigia uma explicação.

— O que significa isso? Por que este homem está acorrentado?

Os guardas foram poupados de responder quando o superior deles se aproximou. Aurora lembrava-se de ter conhecido o capitão Richard Gerrod em algum evento pomposo do governo algumas semanas antes.

— Posso lhe responder, vossa Excelência — disse Gerrod calmamente. — Ele está acorrentado porque é um prisioneiro de guerra, condenado ao enforcamento por pirataria e assassinato.

— Assassinato, capitão? Francamente, isso é um absurdo. Você já deve ter ouvido falar de Nicholas Sabine — insistiu Percy, pronunciando o sobrenome do americano *Sa-bin*. — Ele é um herói por essas bandas, e não um assassino. Obviamente você o confundiu com outra pessoa.

— Posso lhe assegurar que não o confundi com ninguém. Ele foi reconhecido por um de meus oficiais em Montserrat, onde ele foi atrevido e arrogante o suficiente para visitar uma mulher no meio de uma guerra. Ele provavelmente é o capitão Sabre, o notório pirata. Ele não apenas pilhou pelo menos dois navios mercantes britânicos desde o início da guerra, como também afundou o *Barton*, o navio de Sua Majestade, no mês passado.

— É do meu conhecimento — disse Percy — que a tripulação do *Barton* foi salva do afogamento pelo mesmo pirata e deixada na ilha mais próxima.

— Sim, mas um marinheiro morreu naquele episódio e muitos outros ficaram feridos. E Sabine quase matou um de meus comandados ontem, quando resistia à prisão. Ele realmente perpetrou atos de guerra contra a Coroa, sir Percy. Atos passíveis de serem punidos com a morte.

Percy voltou-se para o homem caído e perguntou:

— Isso é verdade, Sabine? Você é um pirata?

O sorriso amarelo de Sabine demonstrava uma raiva contida.

— Na América usamos o termo *corsário*, e jamais abrimos mão do direito de proteger nossos próprios navios. O *Barton* estava atacando um de meus navios mercantes e eu intervim. Quanto à pilhagem dos seus navios, considero essa uma troca justa pela perda de duas das minhas embarcações.

Aurora não estava tão horrorizada quanto talvez devesse com a acusação de pirataria. Pelo fato de os dois países estarem em guerra, a Grã-Bretanha considerava culpado qualquer navio americano. E Sabine realmente tinha o direito de defender seus navios. Ela sabia que o primo concordava. Apesar de essas crenças políticas serem consideradas desleais à Coroa, Percy considerava aquela guerra um erro e acreditava que a Grã-Bretanha era a principal culpada por instigá-la. A acusação de assassinato, no entanto, a deixou muito perturbada.

— Pirata ou não — disse Percy ao capitão, obviamente perturbado —, haverá consequências pelo fato de este homem ter sido feito prisioneiro. O senhor está ciente de que o senhor Sabine possui muitas conexões com a Coroa? Incluindo diversos governadores das ilhas e o comandante da Frota do Caribe?

O capitão falou com uma expressão carrancuda:

— As conexões dele foram justamente o que me impediram de enforcá-lo imediatamente. Mas duvido que venham salvá-lo. Quando o almirante Foley souber dos crimes dele, tenho certeza de que a ordem será executá-lo.

Com um ar sombrio, o capitão Gerrod olhou para Aurora.

— Minha senhora, é melhor ficar longe. Ele é um homem perigoso.

Ela suspeitava que o americano fosse realmente perigoso, mas aquele não era um argumento que justificasse a cruel brutalidade dos guardas.

— Sim, de fato — disse ela com ar de desdém, levantando-se para encarar o capitão. — Tão perigoso que sua tripulação precisou espancá-lo até que perdesse os sentidos, mesmo com ele amarrado como um peru de Natal. Realmente, eu temo pela minha vida.

Gerrod cerrou os lábios com raiva, mas Percy interveio rapidamente.

— O que você pretende fazer com ele, capitão?

— Ele será entregue ao comandante da guarnição e ficará preso na fortaleza até o dia da execução.

Aurora sentiu o coração apertado ao pensar naquele homem vigoroso perdendo a vida.

— Percy — implorou ela, encarando-o.

— Agradecerei, excelência — disse Gerrod em tom sombrio —, se não houver interferência no desempenho de minhas obrigações. Levante-se, pirata.

Sabine cerrou os lábios, e seu ódio pelo capitão era evidente no calor de seus olhos negros. Mas sua fúria continuava controlada enquanto levantava-se com dificuldade, apoiando-se nos joelhos.

Aurora o ajudou a se levantar, apoiando-o quando perdeu o equilíbrio, e sentiu o pulso acelerar quando o corpo pesado dele momentaneamente inclinou-se sobre o dela. Mesmo ferido e ensanguentado, sua irresistível masculinidade a afetava.

Seu primo deve ter sido lembrado da impropriedade daquele comportamento, pois Percy delicadamente a pegou pelo braço e afastou-a.

— Venha, minha querida.

Retesado pela dor, Sabine seguiu em direção à carroça. Aurora vacilou ao ver as marcas de sangue que cobriam seus ombros largos e as costas musculosas e, mais uma vez, um dos truculentos guardas agarrou-o pelo braço e o forçou para dentro da carroça.

Impotente, Aurora mordeu o lábio para segurar mais um grito de protesto.

O capitão Gerrod lançou um olhar duro a Aurora enquanto os dois guardas subiam atrás do prisioneiro, mas as palavras que disse foram dirigidas ao primo:

— Eu não pretendia escoltar o prisioneiro até a fortaleza. Eu deveria estar preparando minha fragata para ir até o litoral americano e participar do bloqueio naval. Mas vejo que preciso assegurar que minhas ordens sejam cumpridas com perfeição.

— Pretendo visitar a fortaleza pessoalmente — ameaçou Aurora precipitadamente, temendo pelo que fariam ao prisioneiro uma vez que estivessem sozinhos com ele. — Se ousarem espancá-lo ainda mais, prometo que vão se arrepender.

Ela sentiu os dedos do primo pressionarem seu braço e por pouco não se conteve de resistir ao apertão.

O capitão fez uma reverência dura, em que manifestou claramente seu descontentamento, depois subiu ao banco da frente da carroça e ordenou ao velho condutor negro que pusesse o veículo em marcha. Aurora e Percy ficaram olhando enquanto a dupla de cavalos de carga levava a carroça para longe.

— Você *não* vai se envolver ainda mais nisso, Aurora — murmurou Percy.

Obstinada, ela libertou o braço da mão firme do primo.

— Você não aprova esses tratamentos cruéis! Tenho certeza disso. Se o senhor Sabine fosse um

prisioneiro inglês nas mãos dos americanos, você esperaria que ele fosse tratado com humanidade.

— Certamente que sim.

— O que vai acontecer com ele? — perguntou Aurora, com a voz repentinamente rouca.

Percy não respondeu imediatamente, o que confirmava seus piores temores.

— Certamente haverá um julgamento — protestou Aurora. — Não enforcariam alguém importante como ele assim, sem mais, enforcariam?

— Talvez ele não venha a ser enforcado — respondeu o primo soturnamente. — O almirante pode muito bem mostrar clemência.

— E se isso não acontecer? Você pode interferir?

— Tenho poder para derrubar uma ordem do almirante, mas colocar essa prerrogativa em prática talvez significasse o fim da minha carreira política. Minhas opiniões sobre a guerra já causam desconfiança. Libertar um prisioneiro condenado provavelmente acabaria sendo considerado uma traição. Pirataria e assassinato são acusações graves, minha querida.

Aurora olhou para Percy desolada.

— Você podia pelo menos mandar um médico para ver os ferimentos dele.

— É claro. Vou conversar pessoalmente com o comandante da guarnição e garantir que Sabine receba os cuidados médicos adequados.

Aurora olhou nos olhos azuis de Percy, tão parecidos com os dela, e conseguiu ler a preocupação que havia ali — assim como o comentário que ele não fez.

Que diferença faria as feridas de Nicholas Sabine serem tratadas se em breve ele seria enforcado?



A esposa de Percy ficou assustada com todo o sangue no vestido de Aurora, mas menos chocada com o motivo do que se esperava que ela ficasse.

— Não sei se eu teria coragem para interferir — disse Jane depois de refletir sobre a história que tinha acabado de ouvir.

As duas mulheres estavam sozinhas no quarto de Aurora. Depois de Percy tê-la acompanhado até a casa da fazenda e partido para cumprir sua promessa em relação ao tratamento médico do prisioneiro, a criada de Aurora a ajudou a trocar de vestido, levando o sujo para lavar. Lady Osborne ficou para receber um relato privado e mais detalhado dos acontecimentos daquela manhã.

— Não considero corajoso impedir que um homem seja espancado até a morte — retorquiu Aurora, ainda indignada com o incidente matinal. — E minha intervenção parece ter contribuído pouco para mudar o destino dele.

— O senhor Sabine tem uma família proeminente na Inglaterra — disse Jane, tentando confortar Aurora. — Ele é primo de segundo grau do conde de Wycliff. Além de possuir enorme riqueza, Wycliff sempre foi um homem de grande influência nos círculos governamentais. Ele poderia muito bem interceder em favor do primo.

— Talvez ele seja enforcado antes de a notícia de que foi preso chegar à Inglaterra — respondeu Aurora em tom sombrio.

— Aurora, você desenvolveu uma *afeição* por Sabine, não é?

Ela se sentiu ruborizar.

— E como eu poderia ter me afeiçoado a ele? Conheci esse homem somente hoje pela manhã, e estive com ele apenas por alguns instantes. Não chegamos nem a ser formalmente apresentados.

— Que bom! Porque, francamente, ele está longe de ser o tipo adequado de cavalheiro, apesar de suas conexões. Na verdade, suspeito até que ele seja um tanto perigoso.

— Perigoso?

— Para o nosso sexo, quero dizer. Ele é aventureiro e um tanto libertino — e além de tudo é americano.

— Percy disse que ele é um herói.

— Creio que seja mesmo. Ele salvou a vida de mais de duzentos plantadores durante uma revolta de escravos em Santa Lúcia alguns anos atrás. Mas isso não o tornou mais, digamos, aceitável. Dizem por aí que ele é a ovelha negra da família, que passou a vida adulta viajando por terras estrangeiras e participando de explorações bárbaras. Apenas depois da morte do pai tornou-se minimamente respeitável — e apenas por ter herdado uma fortuna e assumido os negócios da família.

— Você não o acusou de ser muito pior do que metade dos rapazes da Inglaterra.

— Ele é incontestavelmente pior, posso lhe garantir. Caso contrário, jamais teria sido aceito na famosa Liga Fogo do Inferno, apesar de ela ser patrocinada pelo primo dele, lorde Wycliff.

Aurora sabia que a Liga Fogo do Inferno era um círculo fechado e exclusivo, restrito aos homens mais libertinos da Inglaterra, dedicados ao prazer e à devassidão. Se Sabine realmente pertencia àquela associação licenciosa, ele era mesmo um perverso.

— E você não pode deixar de lado o fato — acrescentou Jane — de que ele é um pirata condenado, com sangue nas mãos.

Aurora baixou o olhar para suas mãos. Jane, uma de suas amigas mais queridas, era atenciosa e astuta o suficiente para analisar objetivamente uma situação — atributos esses que faziam dela a esposa perfeita para um político. Percy muito corretamente a adorava, sentimento esse que era recíproco.

— Aurora — disse Jane —, existe a possibilidade de você ter sido absorvida por esse homem para fugir dos seus próprios problemas? Talvez você esteja tentando ignorar seu sofrimento ao se envolver no destino de um estranho.

Aurora enlaçou os dedos com força. Era bastante possível que sua simpatia por Sabine fosse maior em razão de sua própria situação delicada. Ela podia identificar-se com ele; conhecia a sensação de se sentir impotente para definir seu futuro, de não ser a dona do próprio nariz. Ele estava à mercê de seus captores, enquanto ela estava sujeita aos ditames do pai — e muito em breve seria apanhada na armadilha de um casamento extremamente desagradável.

Jane deve ter lido a verdade em sua expressão, pois disse gentilmente:

— Você tem preocupações muito maiores do que o destino de um pirata. Será muito melhor para você esquecer tudo isso.

Jane levantou-se com um leve silvo do seu vestido de seda.

— Desça para almoçar quando estiver pronta. Você vai melhorar depois que comer, ouse dizer.

Aurora, porém, não se sentia melhor, nem tinha apetite. Apenas brincou com a comida enquanto aguardava ansiosamente o regresso do primo.

Quando finalmente chegou a mensagem de seu escritório em Basseterre, o bilhete de Percy não continha nada além da reafirmação de que ele tinha conversado com o comandante da guarnição, que prometera pedir ao médico da fortaleza que examinasse os ferimentos do prisioneiro.

Aurora mostrou o bilhete a Jane e fingiu não pensar mais no assunto. Pouco depois, ela pediu licença, dizendo que precisava organizar suas coisas para fazer as malas e voltar para a Inglaterra. Mas não fez nada disso. Em vez de arrumar as malas, ficou olhando para o chão, lembrando-se do par de olhos negros que a observou atentamente e a tremedeira que provocou nela.

“Pelo amor de Deus, pare de pensar nele”, repreendeu-se Aurora intimamente.

Logicamente ela concordava com Jane. Era muito mais sábio tirar o famoso pirata da cabeça. Ela iria embora de São Cristóvão dentro de alguns dias. E já precisava lidar com seus próprios e sérios problemas — mais precisamente seu compromisso com um homem nobre e dominador mais de vinte anos mais velho do que ela. Um homem que ela não apenas não amava, mas de quem realmente não gostava por causa de seus modos soberbos e autoritários e de sua estrita, quase puritana, fidelidade às convenções. Um anúncio público do seu noivado seria feito assim que retornasse à Inglaterra.

Por um momento, Aurora sentiu o mesmo pânico que sempre sentia quando pensava em seu futuro casamento. Assim que estivessem casados, ela se tornaria, na prática, uma prisioneira do decoro. Na realidade, poderia se sentir feliz se tivesse permissão para ter um pensamento original. Mas, como já vinha fazendo havia meses, forçou-se a pensar em outra coisa.

Abandonando a ideia de organizar sua viagem, Aurora pegou um livro de poesia. Mas quando tentou ler, não conseguia focalizar a página. Em vez disso, via as formas ensanguentadas de Nicholas Sabine no momento em que ele estava aos seus pés, impotente, seminu, acorrentado. Tentou tirá-lo do pensamento, mas fracassou completamente.

Ela não precisava fechar os olhos para imaginá-lo deitado em uma cela de prisão, ferido e com dores, talvez até próximo da morte. Teria ele pelo menos um cobertor para cobrir o corpo quase nu? Apesar do calor do sol caribenho, ainda era inverno. A brisa oceânica vinda do Atlântico podia tornar as noites bem frias. E a fortaleza de Brimstone Hill, para onde ele tinha sido levado, foi erguida bem no alto de um penhasco, exposta ao frio.

Ainda mais assustador era o fato de um prisioneiro poder desaparecer para sempre no vasto labirinto de câmaras escuras e corredores estreitos do lugar. A imponente cidadela da fortaleza era defendida por muros de rochas vulcânicas com mais de dois metros de espessura e levou décadas para ser construída.

Aurora chegou a comparecer a uma recepção militar na fortaleza de Brimstone Hill com Percy e Jane, e considerou desconfortáveis até mesmo os alojamentos dos oficiais. Estremeceu ao imaginar como seriam as acomodações dos prisioneiros.

Não era consolador lembrar a si mesma que havia feito tudo o que pôde por ele. Inútil argumentar consigo e exigir que fosse sensata. Ela nunca havia abandonado alguém em uma posição tão vulnerável.

Os últimos anos teriam sido mais fáceis se ela tivesse sido capaz de ignorar sua consciência, de controlar seus instintos protetores. Se tivesse conseguido manter um distanciamento adequado quando o pai despejou sua ira em seus infelizes dependentes. Mas ela jamais conseguiria ser tão insensível.

E agora só conseguia pensar em Nicholas Sabine, vulnerável e impotente, à mercê de seus brutais captores.

Talvez se o tivesse visitado, ainda que brevemente, apenas para ter certeza de que ele estava sendo bem tratado, ela pudesse aliviar a consciência a ponto de esquecê-lo...

Sentindo a ansiedade diminuir pela primeira vez desde o perturbador incidente no cais, Aurora calmamente baixou o livro. Seu coração começou a bater de forma errática com a perspectiva de ver o americano novamente, apesar de tentar reprimir o sentimento proibido quando pegou o sino para chamar a criada.

Ela combateria o decoro com uma vingança, talvez correndo o risco de um escândalo, ao visitar um pirata condenado, mas aquele poderia ser um dos últimos atos de independência que teria a oportunidade de realizar.

## 2



*Eu deveria estar tremendo de medo, mas o toque dele deixou-me encantada.*

Ele estava sonhando novamente. Com ela. Sua cabeça passou a latejar com menos intensidade quando ela se inclinou sobre ele. A terna carícia dos dedos dela em sua testa febril era gentil e consoladora, mas o toque dela provocou um latejamento pior nas costas.

Ela era a essência de toda a fantasia masculina: angelical, valquíria, deusa, sereia do mar. Tentação dourada e tormenta primitiva. Ele queria trazê-la para baixo, para junto dele, e beber na fonte dos seus lábios. Mas ela mantinha distância, fora de alcance:

— Ei, você!

Ele acordou assustado, com a lembrança e a dor o inundando com uma intensidade brutal. Sentindo tontura, Nicholas levou a mão à cabeça dolorida e sentiu o curativo nela. Ele estava deitado em um catre sem lençóis e não estava mais acorrentado. A coronha do mosquete pressionando suas costelas feridas, porém, era lamentavelmente familiar, assim como o guarda forte que pairava sobre ele.

— Você aí, recomponha-se!

Sua visão borrada se firmou. Tinha sido feito prisioneiro, lembrava-se, e fora levado até a fortaleza em São Cristóvão, onde provavelmente seria enforcado por pirataria e assassinato. De início, ele andou pela cela como se fosse um animal ferido, com o pensamento desvairado concentrado em sua meia-irmã e no fato de não ter conseguido cumprir a promessa de protegê-la. Mas o cansaço e a dor finalmente o obrigaram a se deitar. Tinha caído em um torpor torturante, apenas para começar a sonhar com a bela mulher de cabelo dourado que o tinha defendido com tanta valentia no cais.

Que diabos estava havendo com ele? Nick xingou a si mesmo. Desejar uma desconhecida, independentemente da beleza ou da coragem dela, era totalmente insano nessas circunstâncias. Em vez disso, ele deveria concentrar-se em sua irmã e em cuidar dela, tentando imaginar alguma maneira de garantir a segurança dela depois de sua morte...

— Eu mandei se recompor! Tem uma senhora aqui querendo ver você.

Nicholas ergueu-se lentamente com a ajuda dos cotovelos. Além do guarda, a porta da cela estava parcialmente aberta... Ele fixou o olhar e seu coração pareceu parar de bater.

Ela estava ali, dentro da câmara escura, alta, esbelta, majestosa como uma princesa. Mesmo que o capuz do manto negro recobrisse suas belas formas nas sombras, ele sabia quem era ela. Muito diferente do anjo vingador do qual ele lembrava no cais, ela parecia hesitante, indecisa. Cautelosa.

— Vou deixar a porta entreaberta, milady. Se ele lhe causar algum problema, é só chamar.

— Obrigada.

A voz dela era baixa e melodiosa, mas ela não disse nada mais, mesmo depois que o guarda saiu da cela.

Desconfiado de que sua visão não passasse de uma ilusão, Nicholas sentou-se lentamente. Os tênues raios de sol atravessavam a pequena janela com grades e iluminavam as partículas de poeira que dançavam ao redor da saia escura que ela usava, mas pouco contribuíam para iluminar suas feições.

Ela então colocou para trás o capuz de seu manto, revelando o cabelo brilhante, delicadamente preso, proporcionando a Nick um choque de consciência sexual. Sua beleza incomum parecia iluminar a cela escura.

Ela era bastante real, a fantasia viva de seus sonhos... a não ser que ele tivesse morrido e aquela fosse a versão dela no paraíso. Seguidores da fé islâmica acreditavam que um homem abençoado estaria cercado de formosas virgens quando fosse acolhido no paraíso. A dor dos seus ferimentos, porém, fez Nicholas suspeitar que ainda habitava seu corpo.

Ela o olhava surpresa, estudando o rosto dele. Então, como se tivesse percebido que o encarava, ela corou um pouco e voltou o olhar para a bandagem enrolada na cabeça dele.

— Vejo que eles pelo menos chamaram um médico. Temi que não fossem fazer isso. Não, por favor, não se levante por minha causa — disse ela quando ele tentou se erguer. — Você não está em condições de se ater a formalidades.

— O que... — sua voz saiu muito rouca; então ele limpou a garganta e começou novamente. — Por que veio aqui?

— Eu queria ter a certeza de que você estava bem — respondeu ela.

Nicholas franziu o cenho, tentando organizar a confusão em sua cabeça dolorida. Talvez os golpes realmente tivessem afetado seu cérebro.

Nenhuma dama colocaria em risco sua reputação para se emaranhar nas entranhas de uma prisão por causa de um estranho. E ele sabia que ela era uma dama da cabeça aos pés — sangue azul até os ossos. De fato, não tinha ela afirmado ser filha de um duque enquanto esculhambava aquele marinheiro pela manhã?

Nicholas olhou-a, pensando se não teria perdido alguma pista fundamental sobre o enigma representado por ela. Eis que um pensamento veio a ele repentinamente.

Seria possível que ela estivesse ali para enganá-lo? Estaria o bastardo do Gerrod recorrendo a algum ardil, usando-a para obter informações?

Desconfiado, Nick estreitou o olhar. Seu navio ainda estava em algum lugar do Caribe, pois ele fora sozinho a Montserrat buscar a irmã — a bordo de um brigue holandês — e não quis arriscar a vida de sua tripulação em uma missão pessoal. Mas o capitão Gerrod estava bastante determinado a descobrir o paradeiro da escuna daquele americano.

A captura de um navio inimigo tinha o potencial de catapultar a carreira naval do capitão — o que, segundo as suspeitas de Nick, era um provável motivo para que ele não tivesse sido imediatamente enforcado. Isso e o fato de Gerrod ter optado por não cometer nenhum deslize político ofendendo alguma ilustre conexão do prisioneiro.

De cara amarrada, Nicholas contemplava a bela e inesperada visita. Estaria ela de alguma maneira em conluio com Gerrod? A compaixão dela tinha parecido totalmente genuína naquela manhã, assim como

sua animosidade em relação ao capitão. Mas existia a possibilidade de ela ter sido de alguma maneira persuadida a trabalhar com Gerrod e contra ele.

Será que ela tinha sido enviada até ali para atormentá-lo? Tentar um condenado como se promete água a um homem que morre de sede no deserto? A cruel possibilidade de um ser de tamanha beleza e doçura fazer parte de um estratagema encheu Nick de raiva.

Ele cerrou os dentes. Faria bem se lembrasse de que suas nações estavam em guerra. Por ser inglesa, ela era sua inimiga, e seria melhor para ele permanecer na defensiva.

Ela parecia desconfortável com a maneira como ele a observava, e quando ele deliberadamente baixou os olhos e demorou-se admirando seus seios, teve a impressão de vê-la corar apesar da luz fraca.

— Creio que não fomos apresentados de maneira adequada, madame — provocou ele.

— Não. Não houve tempo. Sou Aurora Demming.

Um nome adequado, pensou ele despreziosamente.

— *Lady* Aurora. Eu lembro. Você mencionou isso no cais.

— Eu não tinha certeza de que você estava consciente do que acontecia ao seu redor.

Ao lembrar-se das agressões, Nicholas ergueu a mão para sentir a bandagem.

— Temo que você tenha me encontrado em desvantagem. Um silêncio constrangedor pairou entre os dois.

— Trouxe algumas coisas que talvez você possa precisar — ela disse finalmente.

Quando ela deu um passo em direção a ele, Nick se concentrou no pacote que ela trazia nos braços. Ela parecia estranhamente nervosa enquanto colocava sua oferenda sobre o catre e olhava ao redor da cela espartana e mal iluminada.

— Eu deveria ter trazido velas. Não pensei nisso. Mas aqui tem um cobertor... e um pouco de comida.

Os olhos dela cruzaram brevemente com os dele e depois se desviaram.

— Também trouxe uma camisa e um casaco do supervisor de Percy. Você pareceu ser maior que meu primo...

Nicholas percebeu que era seu estado de seminudez que a mantinha quieta. Se ela fosse como outras senhoritas de sua estirpe, dificilmente estaria habituada a visitar um homem seminu ou a fazer estimativas sobre seu porte físico.

— Como você passou pelos guardas? — perguntou ele com cautela.

Ela pareceu grata pela mudança de assunto.

— Aproveitei-me do comandante da guarnição, senhor Sabine — disse ela com um sorriso discreto.

— Na verdade, recorri a uma pequena mentira. Dei a entender que meu primo Percy me havia mandado aqui.

— E ele mandou você aqui?

— Não exatamente.

— Pensei que Gerrod tivesse proibido que eu recebesse visitas.

— O capitão Gerrod não tem autoridade sobre o comandante da guarnição, e também ninguém gosta muito dele aqui na ilha.

— Então ele não mandou você aqui para me interrogar?

Um olhar de confusão uniu as finas sobrancelhas dela.

— Não. Por que você acha isso?

Nicholas encolheu os ombros. Ficaria muito surpreso se ela estivesse dissimulando. Mas se ela tinha algum motivo oculto para estar ali, ele era incapaz de perscrutar. Será que ela queria alguma coisa dele?

Quando ele se esticou para pegar o pacote que ela tinha trazido, Aurora recuou um passo, como se temesse a aproximação dele. Ele pegou a camisa e a vestiu cuidadosamente, contraindo os músculos doloridos.

— Perdoe-me, milady — pensou ele em voz alta —, mas não consigo entender o motivo de me defender assim, um estrangeiro, um prisioneiro condenado.

— Não me importaria em ver um homem ser assassinado diante de meus olhos. Pareceu-me que o capitão estava ansioso demais por encontrar uma desculpa para matá-lo. No mínimo, os homens dele teriam espancado você até deixá-lo inconsciente.

— Isso ainda não é motivo para bancar a dama generosa, guiada pela gentileza e pela boa ação.

O cinismo daquela frase a fez mudar um pouco as feições.

— Não estava convencida de que iriam cuidar de você.

— E você quer tornar meus últimos dias de vida mais confortáveis? Por quê?

“Então, por que mesmo?”, Aurora se perguntava. Era impossível explicar a afinidade que sentiu com ele. Seria mais difícil ainda negar. Ele era um corsário, e isso para dizer o mínimo. Um homem violento. Um homem com sangue nas mãos.

E agora que não estava mais indefeso, o efeito dele sobre ela era ainda mais forte. Suas feridas tinham sido limpas, o sangue lavado, e sua beleza era deslumbrante apesar da barba por fazer. Aquilo somado à faixa de musselina cobrindo sua cabeça dava a ele uma aparência suja, deixando-o realmente parecido com um pirata fora da lei.

Ela era plenamente capaz de entender por que o primo Percy o considerava perigoso para as donzelas. Ele possuía a sedução pecaminosa de um anjo caído, com os cabelos cor de âmbar e um rosto cujos ângulos e curvas eram perfeitamente esculpidos. A insolência de seus ombros bronzeados e de seus braços musculosos provocava um frio estranho em sua barriga.

Naquele momento, porém, ele tinha o rosto petrificado, e a fria insolência do seu olhar a pegou de surpresa. Ele parecia extremamente desconfiado em relação aos motivos dela — o que não era muito surpreendente, uma vez que ela mesma não tinha muita certeza.

A reação de Aurora ao espancamento de Nicholas naquela manhã tinha sido puramente instintiva, talvez pelo fato de sua intervenção em disputas violentas ter se tornado um hábito arraigado nela. Mais vezes do que era capaz de calcular, ela já havia dado um passo à frente para proteger serviços indefesos da fúria irracional de seu pai na propriedade da família.

Mas nada daquilo explicava a urgência que sentia em estar ciente do bem-estar dele. Talvez sua afinidade com esse estrangeiro — essa inexplicável familiaridade — derivasse exclusivamente do fato de a cor dele lembrar tanto a de seu falecido noivo, um homem que ela amou ternamente.

— Presumo que eu tenha vindo porque você me lembra alguém que me era muito querido — respondeu Aurora um pouco sem jeito.

Quando ele lhe lançou um olhar cético, Aurora desviou o olhar da pele queimada de sol do seu peito nu, que se mantinha à mostra por ele estar com a camisa aberta.

Aurora permaneceu parada enquanto os olhos de Nicholas observavam cada centímetro do seu corpo, chegando aos seus seios em um escrutínio insolente. Era como se ele estivesse vendo através do casaco o vestido cinza-escuro, de corte severo, feito de bombazina.

— Você veste um semiluto — comentou ele. — É viúva?

— Não. Meu noivo desapareceu no mar há mais de oito meses.

— Eu não me lembro de tê-la visto em São Cristóvão antes.

— Cheguei no verão passado. Meu primo e a esposa dele estavam visitando a família na Inglaterra pouco depois da tragédia ter acontecido. Eles acharam que uma mudança de ares poderia me ajudar a esquecer minha tristeza e então me convidaram para voltar com eles para o Caribe. Embarcamos antes da notícia da declaração de guerra na América ter chegado à Inglaterra. Se eu soubesse, jamais teria vindo. Na verdade, voltarei para casa dentro de alguns dias.

Aurora estava ciente de que falava em tom baixo e sabia que ele devia ter percebido a nota oculta da relutância que ela não conseguia disfarçar. A última coisa que ela desejava era voltar para a Inglaterra e encarar o destino que lá a aguardava.

Nicholas Sabine continuava estudando Aurora, como se tentasse estabelecer a veracidade dela. — Você não me parece muito ansiosa para voltar para casa, milady. Acho que você estaria impaciente depois de todo esse tempo fora.

Ela sorriu de maneira sofrida.

— Suponho que minha falta de entusiasmo se dê em razão do casamento que meu pai me arranjou.

— Ah! — exclamou ele com ares de sabedoria. — Um contrato de casamento. A nobreza britânica adora vender suas filhas pelo casamento.

Aurora empertigou-se com a presunção de Nicholas. Ela não queria trocar confidências com o senhor Sabine, nem tinha gostado do tom de intimidade da conversa.

— Não estou sendo *vendida*, posso lhe assegurar. É mais uma questão de conveniência social. E meu pai deseja me ver bem estabelecida.

— Mas você também não quer exatamente isso, não é verdade?

— Não, eu não teria escolhido a mesma pessoa para marido — admitiu ela em tom baixo.

— Imagino que você não tenha considerado a possibilidade de se rebelar. Você não me parece ser do tipo dócil. No cais, hoje de manhã, você foi uma verdadeira tigresa.

— Não era uma situação comum — respondeu Aurora, corando. — Não tenho o hábito de desafiar as convenções.

— Não? Mas mesmo assim você está aqui. Seria insensato arriscar assim sua reputação, você precisa admitir. Lá de onde venho, damas não visitam condenados na prisão.

— Na Inglaterra também não — respondeu Aurora, forçando um sorriso irônico. — Estou plenamente ciente da inconveniência do meu ato... e normalmente sou bastante sensata nesse sentido. Mas minha criada veio comigo, pelo menos. Ela está esperando do lado de fora, no corredor, junto com o guarda.

A pontual recordação do guarda pareceu não surtir nenhum efeito sobre o senhor Sabine. Ele abotoou lentamente a camisa, olhando-a sob suas longas pestanas escuras.

Quando ele se levantou, ela deu um passo cauteloso para trás. Ela era alta o bastante para que ele não a apequenasse com seus ombros largos e seus membros longos, mas daquela distância tão curta sua masculinidade era quase irresistível. Sua proximidade era uma ameaça.

— Você não está com medo de mim, está? — perguntou ele em um tom suave que a deixou arrepiada.

Agitada, Aurora lutou para controlar as sensações de conflito enquanto se mantinha em seu lugar. *Estava* com medo dele. De sua intensidade. Do modo como sua virilidade bruta fazia seu coração bater.

— Você não me parece ser o tipo de homem que machucaria uma mulher — respondeu ela, sem ter certeza.

— Eu poderia fazê-la refém. Você tinha pensando nisso?

Os olhos dela se arregalaram e sua agitação aumentou.

— Não, eu não tinha pensado nisso. Percy me disse que você é um cavalheiro — acrescentou ela, acometida de uma dúvida repentina.

O sorriso dele se iluminou no momento em que encurtou a distância entre eles.

— Alguém deveria tê-la ensinado a não ter tanta confiança assim.

Aproximando-se ainda mais, ele segurou o pulso dela, agarrando-o suavemente. Os dedos de Nicholas pareciam queimar a pele de Aurora, mas ela continuava determinada a não demonstrar como se sentia ao toque dele.

— Alguém deveria ter ensinado bons modos a você — retorquiu ela com indiferença, assumindo seu ar mais majestoso. Como ele não a soltava, ela o enfrentou. — Eu não esperava necessariamente gratidão, senhor Sabine, mas também não esperava ser maltratada dessa forma.

A dureza dos olhos escuros de Nicholas diminuiu um pouco enquanto ele soltava a mão dela. Muitos batimentos cardíacos depois ele desfez o ar zombeteiro.

— Perdoe-me. Eu me comportei de modo inadequado.

Distraidamente, ela esfregou o próprio pulso, onde o toque dele a havia marcado.

— Compreendo que o senhor esteja em uma situação difícil. E você é americano, afinal.

Ele lançou um sorriso de deboche.

— Ah, sim, um colonizado bárbaro.

— Você deve admitir que é muito... direto.

— E você deveria entender que homens condenados são induzidos a atos de desespero.

A expressão dela tornou-se sóbria ao lembrar-se de que ele seria enforcado.

— Percy deseja usar a influência dele em seu favor, mas ele também pode perder seu posto se exigir sua libertação. Ele já está sob suspeita de simpatizar com a causa americana. Acredita que essa guerra é absurda e que nós, britânicos, temos mais culpa por ela do que vocês, americanos.

Nicholas olhou fixamente para baixo, contemplando o lindo rosto dela inclinado para trás, para contemplá-lo, o queixo para cima. Se ela era inocente e estava sendo honesta, ele havia se enganado redondamente sobre ela. Ele sentia uma raiva enorme de alguns dos compatriotas dela, mas jamais poderia ter-se permitido descontar nela sua fúria e seu ressentimento.

— Perdoe-me — pediu ele relutantemente. — Estou realmente em dívida com você. Se de alguma forma eu pudesse retribuir esse favor...

Ele deixou a frase no ar, ciente da improbabilidade de um dia estar em posição de retribuir a gentileza dela.

Uma repentina tristeza encheu os olhos de Aurora.

— Eu queria que houvesse mais alguma coisa que eu pudesse fazer.

— Você já fez o bastante.

Ela mordeu os lábios.

— Eu suponho que deveria ir.

Nicholas percebeu-se olhando para a boca dela.

— Sim.

— Tem alguma coisa de que precise? — ela perguntou.

Ele deu um sorriso ao mesmo tempo irônico e sinistro.

— Fora a chave da cela e um navio rápido para conseguir fugir? Uma garrafa de rum também não faria mal.

— Eu... vou tentar.

— Não, não vai. Eu estava fazendo troça.

Ele passou as costas das mãos suavemente pelo rosto de Aurora. Os lábios dela se abriram e ele ouviu sua respiração suave. Nicholas sentiu-se excitar.

— Você não deveria estar aqui — disse ele tranquilamente. — Para o seu próprio bem, você deveria ficar longe.

Ela assentiu e deu um passo para trás. Seus olhos azuis se embaçaram. Como se fosse incapaz de falar, ela virou-se sem dizer mais nada e fugiu da cela sombria.

A porta rangeu atrás dela, sem dúvida empurrada pelo carcereiro. Nick amaldiçoou a lembrança de seu aprisionamento.

Por um momento, ele permaneceu ali, respirando a sutil fragrância floral que ela havia deixado para trás e desejando esmurrar alguma coisa. Desejou intensamente que ela não tivesse vindo. Intencionalmente ou não, ela o tinha deixado em chamas.

Aquilo era surpreendente, considerando-se o tipo de mulher que ela era — nobre, respeitável e comportada. Exatamente o oposto do tipo de mulher por quem ele normalmente se sentia atraído. Se estivesse livre, poderia muito bem ir atrás dela.

Se estivesse livre...

Rangendo os dentes diante da recordação, Nicholas olhou para cima, para a alta janela da sua cela, fechada com barras de ferro. Mas que droga! Tinha de sair dali — ou pelo menos encontrar uma solução para seu problema.

Virando-se, começou a andar pelos estreitos limites da cela, com a cabeça ainda perturbada. O que aconteceria com sua irmã depois de sua morte? Havia feito um juramento solene a seu pai de que cuidaria do bem-estar dela, mas por causa do seu desastroso erro de cálculo, ele agora estava preso e incapacitado de ajudá-la.

Sua falta de costume diante da sensação de impotência o deixou fervendo de raiva, tomado de uma furiosa necessidade de agir, independentemente do quanto fosse inútil. Seus passos pela cela tornaram-se mais agitados... até que de repente parou abruptamente. Ele olhava sem enxergar enquanto uma ideia maluca passava por sua cabeça.

Nunca havia temido a morte, apesar de sempre ter sentido imenso prazer em viver a vida plenamente. Se fosse enforcado, seu maior lamento seria o fato de não ter conseguido cumprir a promessa. Deveria existir um jeito, porém, de ele transmitir sua responsabilidade, ainda que fosse do além-túmulo.

Lady Aurora Demming.

Ela podia ser a solução.

Ou ele estaria ficando louco?

Começou a passar a mão pelo cabelo, mas parou ao tocar a bandagem — uma atadura feita por ela. Ele obviamente tinha se enganado em relação a ela. Ela tinha bom coração, era afetuosa; a preocupação dela para com ele era prova disso. Ela não estava mancomunada com Gerrod nem com ninguém mais. Era

um anjo misericordioso.

Ao mesmo tempo angelical e fatal, pensou Nicholas ao lembrar-se dos olhos dela com as duas safiras. Ela também era mais jovem do que sugeriam seus modos majestosos e aristocráticos, talvez perto dos vinte anos. E, apesar da irresponsabilidade, primeiramente por tê-lo salvado e depois o visitado na prisão, ela sem dúvida era bem-criada e virtuosa... e bem posicionada o bastante para provocar respeito, senão admiração, entre os “bem-nascidos”. Por ser filha de um duque, ela tinha trânsito livre pelos mais altos escalões da sociedade britânica.

De maneira imprudente, Nick lançou-se no catre, desabando, ignorando o dolorido protesto do seu corpo ferido. Sua cabeça girava furiosamente enquanto olhava para o teto lúgubre acima de sua cabeça. Não tinha a intenção de arrastar aquela dama para seus problemas, mas se aquilo significasse proteger a irmã, ele recorreria até ao diabo em pessoa se fosse preciso. Usaria lady Aurora para custodiar a irmã, aproveitando-se de sua proeminente posição na sociedade britânica...

Sua boca ondulou-se em algo parecido com um sorriso. Ele devia estar ainda sob os efeitos das pancadas que tomou na cabeça para se divertir com essas fantasias. Era bastante duvidoso que a filha de um duque se prestasse a aceitar uma proposta maluca, sabidamente concebida em um momento de desespero. Ele pretendia fazer o sacrifício dela valer a pena, é claro, mas ainda assim ela deveria recusar.

Pois bem, ele precisava apenas convencê-la.

Não havia escolha. Se havia uma possibilidade, ainda que mínima, de cumprir sua promessa, ele precisava agarrá-la.



*Quando ele me chamou para ir aos seus aposentos, meu coração foi parar na garganta.*

Aurora sabia que era irracional ficar ruminando a respeito de um estranho que encontrou por um breve momento e nunca mais voltaria a ver. Ainda assim, mesmo dormindo, ela não conseguia esquecê-lo. Debateu-se e virou-se na cama a noite toda, imersa em sonhos escuros com imagens de Nicholas Sabine lutando para se livrar das algemas e ela sem poder ajudá-lo.

Quando o carrasco apertou a corda em torno do pescoço dele, ela acordou de sobressalto, o coração disparando de medo. Sem querer enfrentar novamente a visão sombria, Aurora vestiu-se rapidamente e desceu as escadas, onde encontrou Percy tomando o café da manhã antes de sair para o escritório. Ela sentou-se à mesa com ele, mas não quis nada além de café.

— Você vai à fortaleza hoje? — ela perguntou, tentando manter o tom casual, embora soubesse que tinha sido em vão.

Percy olhou-a, preocupado. Ele não aprovou a visita dela ao prisioneiro no dia anterior, mesmo em missão de misericórdia por um homem que era seu amigo. Na verdade, ele ficou um pouco surpreso ao saber da ousadia dela.

— Isso não é para você, Aurora. Sei que você deve estar ciente do quanto seu comportamento foi inadequado. Normalmente, você mostra mais consideração por sua posição na sociedade.

Aurora olhou para baixo, sabendo que o primo estava certo. Ela não estava sendo ela mesma desde que pôs os olhos pela primeira vez em Nicholas Sabine. Ela não podia explicar sua preocupação desesperada nem mesmo para si, quanto mais para Percy.

— Simplesmente detesto ver alguém sendo tratado de uma forma tão horrível — ela disse, disfarçando.

O olhar de Percy mostrava simpatia.

— Minha querida... Você deveria se preparar para o pior. Uma carta foi enviada a Barbados ontem, pedindo a permissão do almirante para enforcar Sabine. Pode ser que tenhamos a resposta hoje.

Ela sentiu o estômago encolher de medo. Aurora esperava que ele pudesse escapar daquele destino terrível, ao menos por ter conexões importantes.

— Prometo informá-la sobre o veredicto assim que souber — Percy garantiu a ela.

Aurora concordou com a cabeça, sem confiar em si mesma para falar, sentindo uma ponta de dor na garganta.

Ela ficou contente quando Percy mudou de assunto, comentando assuntos mais triviais, e, mais contente ainda, quando ele partiu. Quando ficou sozinha, levantou-se e parou em frente à janela da sala do café da manhã, com o olhar distraído para o gramado ensolarado, com palmeiras altas balançando e buganvílias salpicadas de vermelho.

Ela percebeu que tinha sido um equívoco visitar Nicholas Sabine na cela dele na prisão. Não apenas por ser inadequado, mas porque agora possuía imagens ainda mais vívidas dele, que tornavam mais difícil esquecê-lo. Era impossível parar de pensar nele. Ela ainda podia sentir sua presença arrebatadora — a visão proibida de sua pele bronzeada e nua, o toque silencioso dele no rosto dela, a suavidade dos seus olhos negros...

Aurora mordeu o lábio inferior, como se assim punisse a si mesma pela sua insensatez. Ela não aprendera que era melhor não se importar tanto com alguém?

Ela tinha perdido duas pessoas que lhe eram muito queridas: sua mãe, vários anos atrás, e mais recentemente seu prometido marido Geoffrey Crewe, o conde de March.

Seu futuro há tanto tempo planejado foi destruído quando Geoffrey morreu no mar. Ela estava noiva dele praticamente desde o berço. Como parente homem mais próximo de seu pai, ainda que distante, Geoffrey era o próximo na linha de sucessão para o ducado e a vasta propriedade de Eversley. E seu pai estava determinado a manter o título para os netos, já que uma condição física ignóbil o havia tornado incapaz de gerar mais filhos.

Aurora entendia por que ele queria tanto um filho para continuar a linha de hereditariedade rompida no reinado de Henrique II — e por que ela sempre foi sua maior decepção.

Ela teria ficado feliz se tivesse nascido homem, então poderia ter evitado o destino que seu pai lhe havia determinado. Aurora mal tinha se recuperado da trágica notícia da morte de Geoffrey quando o pai secretamente aceitou, em seu nome, a proposta de um nobre amigo, o ilustre duque de Halford. Não importava que ela mal pudesse conceber casar-se com tal homem, ou que ele já tivesse sobrevivido a duas jovens esposas, perdendo uma para a maternidade e outra em um bizarro afogamento acidental. Halford era rico o suficiente para comprar a filha de um duque, e sua linhagem ia ainda mais longe do que Henrique II.

Seu pai não via a união como punição. Ele alegava que queria apenas vê-la estabelecida e com alguém que provesse bem suas necessidades, casada de forma segura com título e fortuna quando a titularidade de Eversley fosse transferida para sua família direta assim que ele morresse. Com um suspiro amargurado, Aurora imaginou se na verdade ele não queria apenas livrar-se dela, de forma que ele próprio não precisasse mais ser lembrado do seu fracasso.

Quando Percy e Jane a convidaram para visitar sua casa nas Índias Ocidentais, ela aceitou agradecida, não apenas esperando que sua tristeza se curasse mais rapidamente com a mudança de ares, mas também desejando adiar seu indesejado casamento o máximo possível. Os meses que se passaram, entretanto, não diminuíram sua revolta quanto à necessidade de tornar-se a noiva de Halford. Temia retornar à Inglaterra agora, onde seu ilustre pretendente estava cada vez mais impaciente para anunciar publicamente seu noivado, mas ela já não tinha mais desculpas para ficar.

Apertando as mãos, Aurora deu as costas para a janela. Normalmente, teria saído para cavalgar, para afastar os sentimentos de frustração e impotência, ou se juntado a Jane em sua rodada semanal de pedidos de caridade, uma responsabilidade que Jane assumiu muito seriamente como esposa do vice-governador. Mas Aurora não queria se afastar da casa, caso surgisse alguma notícia do prisioneiro americano.

Em vez disso, foi buscar um xale, para que pudesse percorrer a área que vislumbrava da entrada da

casa. Era difícil, entretanto, continuar passiva, assistir a tudo de braços cruzados enquanto o mundo era controlado pelos homens.

Como sua vida seria diferente se ela fosse homem, Aurora refletiu impetuosamente. Quão mais livre ela seria. Teria gostado de ter algum grau de controle sobre sua existência. Se fosse homem, teria o poder de influenciar seu próprio futuro... e o dos outros também.

Talvez então pudesse realmente ter ajudado Nicholas Sabine, em vez de se ver forçada pelos protocolos a aceitar a parte que cabe às mulheres e a esperar impotente em casa por uma notícia sobre o destino dele.

A tarde já ia longe quando Percy voltou para casa. Aurora o estava esperando ansiosamente na sala de visitas para encontrá-lo assim que entrasse.

— Fico feliz em encontrá-la aqui, minha querida — disse Percy calmamente. — Achei que pudesse ter acompanhado Jane em seus pedidos de doações.

— Eu queria saber as notícias.

Dispensando o criado que estava pronto para guardar seu chapéu, Percy fitou-a com relutância. A expressão penosa em seu rosto confirmou, sem a necessidade de palavras, as notícias que ela temia ouvir.

Ela levou a mão à boca para segurar uma lágrima.

— Aurora, sinto muito — ele disse, simplesmente. — O almirante não estava inclinado a ser misericordioso.

Por um momento, seu primo permaneceu em silêncio, como se desse a ela tempo para se recompor. Então segurou suas mãos gentilmente.

— Minha querida, este é obviamente um momento difícil, mas tenho um assunto sério para discutir com você.

Ainda entorpecida pelo choque, Aurora mal ouviu o que o primo estava dizendo.

— Houve uma reviravolta inesperada nos acontecimentos — disse. Ele fez uma pausa, com uma expressão nervosa no rosto. — Nicholas Sabine tem um... pedido para lhe fazer.

— Um pedido? — Ela repetiu com a voz rouca.

— Eu falei com Nick após a decisão do almirante ser conhecida — Percy explicou em voz baixa — e ele pediu minha opinião sobre uma ideia meio extravagante. Não recusei de imediato porque achei que você deveria ouvi-lo e decidir por si própria. É uma proposta extraordinária... mas estas são circunstâncias extraordinárias.

— Eu não entendo. O que ele deseja me pedir?

— Na verdade, ele gostaria da sua ajuda. Parece que ele tem um dever a cumprir, embora logo não esteja mais vivo para fazê-lo.

— Qual dever?

— Sabine tem a guarda de uma meia-irmã que vive em Montserrat. Essa jovem precisa urgentemente da proteção de alguém para cuidar dela, bem como para acompanhá-la à Inglaterra. E como você está planejando retornar para lá em breve... Bem, tem mais, mas não quero influenciá-la excessivamente. Você deveria ouvir a proposta diretamente de Sabine. Se você estiver disposta a ouvir, eu a acompanharei à fortaleza imediatamente.

— Você quer dizer agora, neste momento? — Aurora perguntou, confusa.

— Sim, agora — disse Percy. Ele soltou as mãos da prima. — Temo que não tenhamos muito tempo. O enforcamento foi adiado até amanhã, mas depois disso...

Sua voz meio que desapareceu, embora Aurora tenha ficado agradecida por ele não ter colocado em palavras o restante da frase.

Ela não esperava ver novamente o audacioso americano que tinha tocado sua vida tão rapidamente. Dessa forma, foi com o coração pesado que Aurora retornou à prisão, na fortaleza. Ela sentia um buraco no fundo do estômago à medida que precedia o primo adentrando a cela escura.

Nicholas Sabine estava de costas para ela, um raio de sol dourando ainda mais seu cabelo loiro. Dessa vez, ele estava totalmente vestido, ela notou distraidamente. Alguém — talvez Percy — tinha fornecido a ele um casaco e um par de botas hessianas; assim ele se assemelhava mais com um cavalheiro de posses do que com um pirata selvagem ou um prisioneiro condenado.

Entretanto, quando se virou lentamente para encará-la, ele ainda provocava nela o mesmo efeito poderoso; ela sentiu o coração acelerado no peito assim que encontrou a intensidade escura de seu olhar.

— Obrigado por vir — disse Nicholas com uma voz calma. Ele olhou para o primo dela. — Poderia contar um pouco mais com sua amizade, senhor Percy, e pedir que nos permitisse um momento a sós? Lady Aurora não sofrerá nenhum mal, dou-lhe minha palavra.

Percy concordou, embora relutante.

— Muito bem. Vou esperar do lado de fora do corredor, minha querida.

O primo retirou-se, deixando a porta entreaberta. O meio-sorriso de Sabine era fugaz, quase irônico, assim que notou a precaução.

Voltando o olhar para Aurora, ele fez um gesto com a mão, indicando o catre. — Se importaria de sentar-se, senhorita Aurora? Acho que vai querer estar sentada para ouvir o que tenho a dizer.

— Obrigada, mas prefiro ficar em pé — ela respondeu educadamente.

— Como queira.

Seus olhos escuros estavam pousados nela enquanto ele a contemplava em silêncio. Aurora sustentou sua avaliação penetrante com incerteza, imaginando o que ele pretendia pedir. Como ele não falou, o olhar dela desviou-se para o curativo na testa dele. Parecia limpo e um pouco menor do que no dia anterior, como se tivesse sido trocado há pouco. Ela estava quase perguntando como estava o ferimento quando ele falou.

— O que Percy lhe disse? — perguntou Sabine.

— Apenas que você precisa da minha ajuda para sua irmã.

— Eu preciso — disse, e olhou-a de forma especulativa outra vez. Então passou a percorrer a pequena cela como um gato enjaulado: ágil, gracioso, ansioso. — Você pode me chamar de maluco, mas peço que ouça tudo o que tenho a dizer antes de decidir.

O senso de urgência dele era explícito, deixando-a apreensiva.

— Muito bem, senhor Sabine — Aurora provocou. — Estou ouvindo.

— Suponho que eu deva começar contando-lhe uma história, uma história de amor, se me permite. Mas temo que possa chocar uma senhorita de sensibilidade frágil. Está disposta a ouvi-la?

— Sim — Aurora murmurou, em dúvida.

Ele continuou a percorrer a cela, mantendo a voz baixa enquanto falava.

— Havia um homem, um americano, que foi para a Inglaterra e se apaixonou. A moça retribuiu a afeição dele, mas qualquer união entre ambos estava condenada desde o princípio. Não apenas porque ela era muito jovem, mas também porque a família dela nunca permitiria que se casasse com alguém que não fosse de sua classe. Pior que isso, ele já tinha uma esposa e um filho jovem, além de outra criança a

caminho.

“Recusando-se a desonrá-la ou aos seus votos de matrimônio, ele deixou a Inglaterra, determinado a sobrepujar seus sentimentos e nunca mais ver a jovem novamente. Mas os negócios exigiram que ele retornasse alguns anos depois, e ele a encontrou praticamente em desespero. Ela estava prestes a se casar com um homem mais velho cujas deformidades físicas o transformaram em um monstro aos olhos dela. Como sua noiva, ela iria morar na propriedade distante do marido, longe de tudo que lhe era caro.

“Ela não aguentaria ficar prisioneira daquele casamento e acreditava que sua vida estava no fim, sem sequer ter vivido ou mesmo conhecido a paixão. Então ela implorou ao homem que amava que mostrasse a ela o que era a verdadeira intimidade. Incapaz de resistir ao seu pedido ou negar seus sentimentos por mais tempo, ele se tornou seu amante.”

Sabine fez uma pausa na história e olhou para Aurora, como se estivesse medindo a reação dela. Como ela conseguiu manter uma expressão evasiva, ele seguiu adiante.

— O caso ilícito durou apenas poucos meses, já que ele teve de voltar para sua família e suas responsabilidades. Pouco depois, entretanto, a moça descobriu que esperava uma criança.

Aurora estremeceu involuntariamente. Ela podia muito bem imaginar o desprezo que uma jovem mulher solteira enfrentaria se sua condição de grávida se tornasse pública.

— O que aconteceu? — ela murmurou.

— Sem qualquer surpresa, o noivado da moça foi imediatamente desfeito. Para abafar qualquer tipo de escândalo, ela foi forçada a se casar com o filho mais jovem de um nobre irlandês e foi banida para viver no Caribe, enquanto seu indignado pai lavou as mãos em relação a ela. Essa mulher morreu no ano passado, sem nunca ter se reencontrado com sua família. Ela deixou apenas a criança, uma filha.

— Sua irmã — Aurora disse gentilmente.

Sabine soltou um lento suspiro.

— Sim. Minha meia-irmã, para ser exato. Como você deve ter adivinhado, o amante dessa mulher era meu pai.

— Ele sabia sobre a criança?

— A princípio, não. Mas ela escreveu para ele quando o marido morreu, contando o que aconteceu. Meu pai ajudou-a financeiramente durante anos, embora não pudesse reconhecer publicamente a criança. Ele sentiu a necessidade de fazê-lo porque queria manter segredo para a família, para poupar minha mãe do conhecimento desonroso do seu caso de amor. Ele morreu quatro anos atrás, mas em seu leito de morte me contou sobre a filha e me fez prometer que cuidaria dela.

Novamente Sabine esboçou aquele irônico meio-sorriso que acelerava com ímpeto o coração de Aurora.

— Eu não poderia me recusar a honrar o pedido dele no leito de morte, poderia? Para dizer a verdade, nunca fui o filho perfeito. Nosso relacionamento sempre foi... complicado porque eu não tinha interesse em assumir a empresa de navegação que ele construiu. Meu pai, veja só, era sobrinho do sexto conde de Wycliff, mas com pouca perspectiva de herdar o título. Antes da guerra com as colônias, ele emigrou para a Virgínia para fazer fortuna. E superou até seus próprios sonhos, construindo um formidável império a partir de quase nada. Ainda assim, eu preferia a vida de um aventureiro a seguir seu caminho. Quando ele morreu, no entanto, eu me senti compelido a assumir as responsabilidades que sempre negligenciei.

— Você encontrou sua irmã, então?

— Sim. Minha primeira atitude foi visitá-la em Montserrat. Ela usa o nome de Kendrick, o irlandês que se casou com sua mãe, mas ela sempre soube a história de seu nascimento. Sua mãe queria que ela entendesse que foi uma criança gerada com amor.

— O capitão Gerrod disse que você foi a Montserrat para ver uma mulher — Aurora observou, pensativamente.

A boca de Sabine curvou-se diante da menção a seu castigo.

— Sim, minha irmã. Ela é quase adulta agora, tem dezenove anos, e é realmente muito bela. Ela também está sob minha guarda. A mãe dela sucumbiu a uma febre no ano passado, pouco antes de a guerra começar, e deixou a guarda de Raven para mim.

— Raven? Esse é um nome pouco comum para uma moça.

— Talvez, mas combina. Ela nasceu com o cabelo negro como uma asa de corvo, aparentemente uma influência de um dos ancestrais espanhóis de minha família. E ela é incomum, não muito convencional, em muitos outros aspectos além da aparência. Quando encontrei Raven pela primeira vez, ela parecia uma moleca, sentindo-se mais à vontade em um estábulo ou em uma enseada da praia brincando de pirata. Mas ultimamente ela vem fazendo uma honesta tentativa de conformar-se e comportar-se como uma dama inglesa. Está determinada a realizar o sonho que sua mãe tinha para ela: ser aceita pelos seus parentes ingleses e assumir seu lugar certo entre a nobreza. E um grande obstáculo foi superado: Raven foi convidada por seu avô a viver na Inglaterra.

— O pai da mãe dela?

— Sim. Ele é o visconde Luttrell, de Suffolk. Talvez você o conheça.

Aurora procurou em sua memória.

— Eu o conheci, mas nunca soube que ele teve uma filha.

— Porque Luttrell a renegou vinte anos atrás. Mas recentemente ele mudou de ideia. Quando soube da morte da filha, ele se arrependeu de nunca ter tentado reconciliar-se com ela. A saúde dele também está fragilizada agora, e ele quer encontrar-se com sua única neta e vê-la estabilizada na sociedade. A tia de Raven concordou, embora relutante, em apresentá-la formalmente, mas é questionável se Raven vai ser recebida de pronto pelos demais, em razão das circunstâncias dúbias de seu nascimento. Ela está ansiosa, até mesmo desejosa, para fazer boa presença, de forma que seja bem recebida pela sociedade que rejeitou sua mãe. O caminho dela seria bem mais ameno, certamente, se ela tivesse a amizade de alguém de elevado status social para aconselhá-la.

— E você quer que eu seja essa pessoa.

— Sim — afirmou Nicholas. Seus os olhos escuros encontraram os de Aurora com uma intensidade determinada. — Eu não gosto de implorar, lady Aurora. Não combina comigo, mas ficaria grato se pudesse estender à minha irmã a mesma gentileza que demonstrou em relação a mim ontem.

Nicholas Sabine era obviamente um homem acostumado a trilhar seu próprio caminho, Aurora pensou. Fraqueza não seria uma sensação que ele aceitaria. Ainda assim, ela não teve qualquer dificuldade para responder a seu pedido. Seu coração teria de ser realmente muito duro para não ficar sensibilizado pela situação da moça.

— É claro, senhor Sabine. Ficaria feliz em fazer tudo que puder para que a entrada dela na sociedade seja um sucesso. — O rosto dele suavizou-se apenas um pouco. Ela surpreendeu-se que o alívio dele não fosse maior até lembrar-se de sua outra preocupação. — Percy mencionou que sua irmã também precisa de alguém para acompanhá-la até a Inglaterra.

— Sim, ela precisa — disse Nicholas, retomando seus movimentos controlados. — Antes de a guerra começar, eu planejava levar Raven até a Inglaterra em um de meus próprios navios. Mas como sou americano, dificilmente seria bem-vindo lá agora. Meu primo Wycliff está muito ocupado tentando derrotar a França para acompanhar Raven, e poderia levar anos antes que vocês, britânicos, finalmente derrotassem Napoleão. Eu tenho um primo do lado de minha mãe, mas ele também é americano.

Sabine começou a passar a mão nos cabelos, parando quando encontrou o curativo.

— Eu combinei com Wycliff de ele providenciar um navio da frota caribenha dele enquanto eu encontraria uma escolta armada para Raven cruzar o Atlântico. Na verdade, fui a Montserrat para acertar os detalhes finais da viagem com ela. Infelizmente, fui pego pela tripulação de Gerrod. E agora que meu destino foi selado...

Aurora sentiu a garganta apertar ao pensar naquele homem perdendo a vida.

— Bem — Sabine continuou com um sorriso duro —, apesar desse revés, eu pretendo fazer tudo que estiver ao meu alcance para cumprir a promessa feita a meu pai e garantir o bem-estar de minha irmã. Essa é a razão pela qual... — ele fez outra pausa, dessa vez estudando-a por trás dos longos cílios — ... pela qual eu gostaria de lhe fazer uma proposta formal de casamento.

Aurora ficou simplesmente paralisada, sem entender. Após o espaço de algumas batidas de seu coração, ela percebeu que tinha de fato ouvido corretamente. Ela soltou um suspiro.

— Você está falando sério?

— Absolutamente sério. — Sua bela boca curvou-se sem riso. — Posso garantir a você que não levo a sério a perspectiva de matrimônio. Eu nunca propus casamento antes a uma mulher, e não estaria fazendo isso agora se as circunstâncias não fossem tão sérias.

Ainda chocada, Aurora conseguia apenas fitá-lo. Ela abriu a boca para dizer algo, mas depois a fechou novamente. Ela sentou-se no catre, como ele sugeriu inicialmente, precisando de apoio após aquilo tudo. Sua mente estava acelerada com o choque, embaralhada, enquanto ela tentava formular uma resposta.

— Senhor Sabine, eu não...

— Você disse que me ouviria antes de me dar uma resposta.

Ela levantou os olhos para ele. — Sim, mas... O senhor não sabe que estou prometida em casamento quando retornar à Inglaterra?

— Percy me informou. Você está prometida ao duque de Halford, mas acredito que o noivado ainda não seja oficial.

— Não, nós não poderíamos fazer qualquer anúncio público enquanto eu estava de luto por meu falecido noivo, mas meu pai assumiu o compromisso.

— Mas e quanto a você, lady Aurora? Supus que estivesse relutante em casar-se com o escolhido de seu pai. Enganei-me?

— Não, você não se enganou — ela admitiu em voz baixa.

Sabine moveu-se e parou diante dela, roubando a atenção de Aurora.

— Então considere as vantagens de uma união entre nós. Você não teria de casar-se com Halford. Apenas isso já deveria ser um forte incentivo. Eu me lembro do duque de minha última visita à Inglaterra, três anos atrás. Ele deve ter mais que o dobro da sua idade, e é tão arrogante e orgulhoso de sua condição quanto qualquer nobre que já tive o desprazer de encontrar. É isso que você quer, uma vida de prisioneira como esposa dele?

Como ela não respondeu, ele continuou.

— Há outras vantagens. Garanto a você que eu a compensaria financeiramente pelo inconveniente. Sou um homem rico, lady Aurora, com uma fortuna que provavelmente supera a de Halford. Tomei a liberdade de discutir os possíveis particulares com seu primo, e ele está satisfeito que o arranjo que estou disposto a fazer a tornaria uma mulher rica. Você teria completa independência financeira de seu pai. Apenas pense. Você não teria mais de ser obrigada a continuar sob o controle dele ou casar-se com pretendentes da escolha dele.

A ideia de não mais estar sujeita à vontade de seu pai era amplamente tentadora. Mesmo assim...

— Suspeito — Sabine pressionou — que você me acharia um marido mais agradável do que Halford. Mas mesmo se não for o caso, não é como se você estivesse ligada a mim para o resto da vida. Na verdade, você estaria, mas nosso casamento duraria apenas poucas horas, no máximo um dia. Após isso, você se tornaria minha viúva.

Aurora recuou quando ele fez referência ao seu futuro enforcamento. Ele estava claramente fazendo gozação com sua situação desesperadora, fingindo que isso não era importante. Mas quando ela procurou seu rosto masculino e forte, percebeu que ele não queria sua piedade. O foco total dele era apenas garantir o bem-estar da irmã.

— Percebo que estaria tirando vantagem de sua gentileza — murmurou, abaixando-se para tomar a mão de Aurora entre as suas —, mas infelizmente não tenho alternativa.

Assustada com o contato dele, ela retirou a mão e levantou-se, passando por ele para movimentar-se por si.

— Eu lhe disse, senhor Sabine — ela falou com o que pensou ser uma calma razoável —, que ficaria feliz em ajudar sua irmã... sem qualquer arranjo formal entre nós. Certamente não é necessário que nos casemos.

— Talvez não, mas isso melhoraria muito as chances de garantir o futuro de Raven. Se você estivesse atrelada à minha custódia por meio do casamento, teria todo o direito de guiá-la e influenciar seu ingresso na sociedade. Na verdade, se você estivesse disposta, eu poderia transferir a guarda dela para você. — Sabine esperou antes de prosseguir. — Isso pode ser impossível se você casar-se com Halford. Eu imagino que ele se oporia que sua duquesa se associasse a uma... uma jovem incomum como Raven. Ele é um defensor obstinado do decoro e da decência.

— Ele é — Aurora concordou, distraída.

— Como seu marido, ele poderia proibi-la de ter qualquer ligação com minha irmã.

Aurora levou a mão à testa. Halford não apenas poderia proibi-la, como certamente *o faria*.

— Mesmo assim... casar com você é uma decisão tão drástica...

Visivelmente contendo sua impaciência, Sabine forçou-se a esboçar um sorriso.

— Talvez você possa ser mais sensível se eu adotar uma abordagem diferente. Se eu tentar lisonjeá-la e afagar seus sentimentos.

Ela retesou-se defensivamente e olhou para ele.

— Meus sentimentos não precisam ser afagados, senhor Sabine.

— Não? — Pela primeira vez, o sorriso dele encontrou os olhos de Aurora. — Não concordo com isso — ele suspirou e reduziu a voz a um murmúrio. — Eu me condeno por ter proposto casamento a você dessa forma tão desagradável. Em situações normais, eu tentaria empregar todos os meus poderes de persuasão, mas temo não ter tempo para tentar encantar você. Eu não estaria mentindo, entretanto, se

alegasse estar completamente embriagado pela sua beleza.

Aurora descobriu-se olhando fixamente para ele, imaginando se aquela confissão era meramente bajulação. Sem dúvida, Nicholas Sabine tinha um charme implacável que ele poderia usar para obter efeitos devastadores.

Após respirar profundamente, ela retomou a conversa.

— Não posso simplesmente concordar em me casar com você, senhor Sabine. Há outras questões práticas que devo considerar.

— Tais como?

Tais como o fato de que Nicholas Sabine não era o tipo de homem que ela escolheria espontaneamente para marido. Ela nunca encontrara um homem tão atraente, ou algum que tivesse causado um impacto tão poderoso sobre ela. Havia um senso de perigo nele, uma intensidade que era intimidadora, se não assustadora... embora ela agora pudesse ser devida à preocupação com a irmã.

— Se eu estivesse em busca de um marido, um pirata, americano ainda por cima, não seria minha primeira opção. De acordo com suas próprias palavras, você é um homem violento.

— Eu não me lembro de alguma vez ter feito essa afirmação.

— E sobre o homem que o capitão Gerrod mencionou? Ele afirmou que você quase matou um dos homens de sua tripulação enquanto resistia à prisão.

O maxilar de Sabine enrijeceu-se, mas ele a fitou sem se abalar.

— Um homem foi ferido, é verdade, mas pelas mãos de outro da sua própria tripulação. Eu estava desarmado quando fui cercado por cerca de meia dúzia de marinheiros. Quando resisti, um deles sacou uma faca e, no embate corpo a corpo, outro homem caiu sobre a lâmina. Eu vi o que aconteceu pouco antes de perder os sentidos. Suponho que alguém tenha me atingido na cabeça, por trás, com uma garrafa.

Ele levantou a mão para o ferimento na cabeça, indicando o corte causado pela garrafa. Então a expressão de Sabine suavizou-se.

— Eu entendo por que você possa estar relutante em aceitar meu pedido de casamento. Sou um homem prestes a ser enforcado como pirata. Não é exatamente o tipo ao qual uma mulher gostaria de estar ligada — ele riu suavemente para si mesmo. — Na verdade, se você fosse minha irmã, eu não permitiria que você chegasse nem perto de mim. Mas em minha própria defesa, qualquer ato de pirataria que tenha cometido eu o fiz para salvar o legado de meu pai. Os homens de seu país querem destruir tudo pelo qual ele lutou, e jurei a ele que manteria seu império prosperando sob meu comando.

O olhar escuro de Sabine era intenso quando a fitou. — Meu erro fatal foi pensar que poderia enganar a marinha britânica em Montserrat. Eu me descuidei. Na verdade, é irônico. Reservei um quarto em uma taverna e estava me preparando para chamar Raven quando fui reconhecido por um dos homens de Gerrod. Era o mesmo tenente cuja vida eu havia poupado um mês antes, quando salvei a tripulação do *Barton* de naufragar com seu navio.

Aurora franziu as sobrancelhas. Tinha sido um gesto nobre salvar uma tripulação inimiga, certamente, mas isso não fazia de Nicholas Sabine um santo.

— Gerrod o chamou de capitão Sabre. Esse dificilmente é o título de um homem gentil.

— Sabre é um nome de guerra, apenas isso. Calculado para fazer o inimigo pensar duas vezes antes de atacar meus navios.

Com a expressão confusa, Aurora procurou o rosto dele.

— Mas você foi acusado de assassinato, assim como de pirataria — ela murmurou.

— Infelizmente, homens morrem na guerra, lady Aurora — ele rebateu friamente. — Não peço desculpas pela minha pirataria. E eu lhe asseguro: Gerrod e a laia dele dificilmente são inocentes. Americanos também foram mortos pela marinha britânica, e alguns deles eram meus amigos. Tive tripulantes aprisionados ilegalmente pelas suas gangues que apanharam de forma selvagem, como animais, alguns morrendo em serviço.

Sabine parou e soltou um lento suspiro. Com a raiva sob controle, ele se moveu e parou em frente a ela.

— Meu próprio passado não é inteiramente impecável, mas nunca fui culpado de assassinato. E nunca mostrei violência para com qualquer mulher, nunca. Prometo a você solenemente: você não tem nada a temer em relação a mim.

Não, Aurora refletiu. Nada a temer além do que ele a fez sentir. A mera proximidade dele fez seu pulso acelerar, aqueceu sua pele e despertou seu corpo.

— E tenha em mente — pressionou ele — a curta duração da nossa união. Mesmo se eu fosse o tipo de homem que você julga, não teria de sofrer com a minha companhia por muito tempo. Certamente posso evitar agir como um pirata selvagem pela breve duração do nosso matrimônio.

Aurora sentiu uma dor perto do coração. Ela não podia acreditar que aquele homem morreria em breve. Ele irradiava vitalidade e uma vida vibrante...

— O que você está propondo soa tão... insensível — ela disse finalmente, sem muita convicção.

Ele sacudiu a cabeça.

— Pense nisso como um negócio. Damas da sua classe geralmente fazem esses arranjos.

*Não era* comum para as mulheres se casarem apenas para perderem seus maridos no dia seguinte, Aurora pensou, desanimada.

— Então você deseja que isso seja um simples acordo de negócio?

— Não exatamente — ela ouviu-o prender a respiração. — Devo tornar mais claro o que quero dizer, lady Aurora. Nosso casamento não seria apenas no nome. Para ser legitimado, ele deve ser totalmente consumado.

O olhar de Aurora encontrou o dele, tentando entender. Os olhos impenetráveis de Sabine eram firmes, sem fraquejar em sua intensidade.

— Eu não quero que reste qualquer dúvida sobre a legalidade da nossa união — disse ele com ponderação. — Ou a possibilidade de que possa ser anulado. Seu pai é um homem poderoso, assim como Halford. Não quero que meus esforços para garantir o futuro de minha irmã resultem em nada.

O coração de Aurora hesitou à medida que ela entendeu o significado do que ele dizia: eles compartilhariam uma cama como marido e mulher.

Tomada de surpresa, Aurora olhou-o fixamente. Ela tinha considerado seriamente a proposta desesperada dele até ele acrescentar aquela condição perturbadora. A possibilidade de intimidade física com aquele homem a assustava. A ideia de entregar-se a um estranho — mas não era isso que lhe seria pedido quando se casasse com Halford? Nicholas, não importa quão intimidador fosse, era infinitamente mais atraente do que o envelhecido duque. Ela sentiu o pulso acelerar perigosamente.

Sabine ainda a estava observando. Sustentando o olhar dela, ele tomou a mão de Aurora e a levou aos lábios. Mas em vez de beijar seus dedos, ele virou a mão e beijou a pele do seu pulso. Seus lábios na pele sensível dela pareciam uma marca com ferro quente e provocaram arrepios quentes e frios por todo seu corpo.

— Você consideraria se tornar minha esposa por uma noite, minha querida? Creio que posso seguramente prometer que você não acharia sua introdução ao leito matrimonial penosa.

A respiração de Aurora ficou presa na garganta ao imaginar a promessa dele cumprida. Isso e a sedutora sensualidade nos olhos dele deixaram-na tão encantada que ela não pôde responder.

O olhar dele desceu para os lábios dela.

— Lamento não ser capaz de cortejá-la como você merece. Uma mulher tão adorável como você deveria ter um cenário igualmente adorável... luz da lua, rosas, promessas sussurradas... — ele inclinou-se na direção dela, com a respiração soprando perto de seus lábios...

Quando Aurora retesou-se instintivamente, entretanto, ele parou. Em vez de beijá-la, ele falou com uma voz quase aveludada.

— Não posso acreditar que você realmente tenha medo de mim, Aurora. Não uma mulher com a sua coragem. Vi a mudança fascinante em você ontem, da dama respeitável para o anjo vingador.

Cuidadosamente, ela perscrutou o rosto dele. A barba ainda curta emoldurava seu rosto, conferindo uma aura perigosa aos encantos dele. Ele poderia alegar que não era um pirata, mas ainda assim lembrava um. Ela não se intimidava com frequência, mas aquele homem a perturbava com sua masculinidade cheia de vida. Ficava ainda mais incomodada pelas sensações proibidas que ele despertava tão facilmente nela. A sexualidade bruta e poderosa que emanava dele era palpável, a tensão entre eles era muito real.

— Dê-me sua mão, minha querida. Toque-me... — Tomando a mão de Aurora, Sabine conduziu os dedos dela para seu rosto. — Sou de carne e sangue, como você. Nada tão ameaçador.

Mas ele era realmente ameaçador. Ele a deixava ofegante, palpitando por dentro. E ainda havia algo quente e suave em seus olhos que suavizavam o pânico.

— Isto não a aterroriza, não é? — ele perguntou, conduzindo os dedos dela pelo desenho da sua boca, fazendo com que ela o tocasse.

— Não... — ela murmurou com sinceridade.

— E que tal isto?

Quando os lábios dele roçaram levemente os dela, estavam quentes e macios — macios como o toque da asa de uma borboleta. Um desejo inquestionável inundou Aurora, junto com uma fome desconhecida que ela só podia chamar de desejo.

Ela olhou-o fixamente, atordoada, quando ele recuou.

A textura rouca da voz dele atingiu-a de forma tão impactante quanto a mão que ele levantou para tocar o contorno do maxilar dela.

— Você nunca foi beijada antes?

— Sim... pelo meu noivo.

— Mas não um verdadeiro beijo, imagino. Um verdadeiro beijo é mais do que um encontro de lábios. É um encontro de... boca, língua e respiração... é conhecer intimamente. — As pontas dos dedos dele traçaram o contorno da boca de Aurora. — Quero beijá-la de verdade, meu anjo.

O toque delicado dele a fez tremer.

— Eu... você não deveria...

O sorriso dele era suave, indulgente, gentil. Ele tinha uma bela boca, especialmente quando sorria.

— Em circunstâncias como estas — ele respondeu —, não é impróprio para um homem cortejar sua

dama para pedir um beijo. Esta é minha única oportunidade de persuadi-la a tornar-se minha noiva. Talvez a última vez que irei vê-la, até mesmo tocá-la. Você vai negar-me minha última chance de cumprir o desejo de meu pai em seu leito de morte?

— Não — ela sussurrou, sem conseguir resistir.

Dessa vez, quando ele curvou a cabeça, ela não recuou ou enrijeceu-se. Ela o deixou tomá-la em seus braços e segurá-la como um amante faria.

O beijo dele não era como nada que ela já tivesse experimentado antes. A boca dele era quente, molhada, aberta contra a dela, ousada e inesperadamente íntima. Suas narinas foram tomadas pelo cheiro dele, e sua boca pelo sabor incandescente dele, à medida que choques de prazer assaltavam seus sentidos...

Sua própria resposta desenfreada a perturbou, mas foi ele, para surpresa de Aurora, que interrompeu abruptamente o beijo.

— Talvez isso tenha sido um erro — ele disse, com a voz instável enquanto inclinava a testana direção da dela. — Pensei que teria mais controle...

Suspirando profundamente, ele lentamente se afastou para captar o olhar dela.

— Não — disse ele, com mais autocontrole. — A julgar pela sua reação, eu não diria que você tem medo de mim. Você sentiu o mesmo fogo que eu senti. Os sinais estão todos aí. Seu pulso acelerou, sua pele enrubesceu...

Com o coração acelerado, Aurora permaneceu muda, atordoada entre a consternação e o desejo enquanto ele descrevia tão perfeitamente as sensações que estavam tomando conta dela. Ela não deveria estar se sentindo daquela forma, experimentando aqueles sentimentos poderosos, proibidos, com um estranho. Ela nunca teve uma reação tão primitiva como aquela com um homem, uma reação que nenhuma dama admitiria.

— E isso é apenas o começo, minha querida. Há muito mais que posso lhe mostrar. Dê-me esse direito, Aurora.

Os olhos dele escureceram-se com sensualidade e Aurora percebeu que estavam penetrantes como a meia-noite. Encantada, ela continuou olhando-o fixamente.

A voz dele ficou mais baixa.

— Seu primo acredita que ele pode garantir uma licença especial a tempo de nos casarmos amanhã à tarde. Eu me consideraria o mais afortunado dos homens se você me desse a honra de conceder-me sua mão em matrimônio.

Aurora fechou os olhos, lutando para recuperar seus sentidos atordoados. Sua mente estava girando, e ela sentia algo como um caos no seu coração, um turbilhão de esperança, medo, dúvida. Ela ousou considerar tal proposta maluca? Era tão tentador, e ainda assim tão assustador ao mesmo tempo.

— Você é minha melhor esperança, meu anjo. Minha única esperança. Uma noite. Você me daria isso?

Ela engoliu em seco.

— Devo... responder neste momento? — ela perguntou, afinal. — A decisão que você está me pedindo para tomar é uma decisão profundamente séria. Eu preciso de tempo para avaliar.

— É claro. — Ele olhou-a com simpatia. — Mas, embora eu deteste pressioná-la, talvez eu deva lembrá-la de que o tempo está acabando.

— Eu sei. — O tom da voz dela era de desolação.

Ela deu um passo atrás, desvencilhando-se dos braços dele, e não ficou surpresa ao descobrir como

seus joelhos estavam fracos. Ela não precisava que Sabine a lembrasse da urgência. Ele ia ser enforcado no dia seguinte — a menos que ela consentisse em se tornar sua noiva. Então sua execução seria adiada por tempo suficiente para que eles se casassem.

Os olhos dela estavam queimando quando ela o fitou, com a garganta apertada. Tão apertada que não conseguiria dizer mais nada.

Virando-se às cegas, abriu caminho para fora da cela, onde se apoiou fragilmente contra a parede de pedras. Ela sentiu um arrepio ao pensar nele morrendo.

— Aurora, você não está se sentindo bem? — Percy perguntou com a voz preocupada.

Ela tinha esquecido totalmente que ele a estava esperando no corredor.

Incapaz de falar, ela balançou a cabeça.

— Venha, temos de tirá-la deste calabouço e buscar ar fresco.

Ela sentiu-se grata quando o primo tomou seu braço e conduziu-a por uma passagem escura e por uma escada estreita. Quando chegaram ao ar livre, ela respirou profundamente, tentando conter o turbilhão de emoções que sentia.

Percy esperou pacientemente enquanto ela tentava recuperar o autocontrole.

— Então — ele disse finalmente —, devo crer que Sabine lhe propôs casamento?

— Sim — sua voz continha uma ponta de desolação que ela não conseguiu esconder.

— E você deu uma resposta a ele?

— Não ainda. Eu não conseguiria... não tão rapidamente. Eu disse a ele... que precisava de tempo para avaliar uma decisão tão drástica.

— Bem, é claro que você precisa. Posso apenas imaginar como deve ser difícil essa decisão para você — desafiar seu pai e casar-se com um estranho. Talvez devamos ir para casa e discutir isso com Jane.

Ela deu um sorriso forçado. — Sim.

Percy conduziu-a até a carruagem que esperava e ajudou-a a acomodar-se, e então tomou o lugar ao lado dela. Aurora recostou-se e olhou sem direção pela janela.

Ela estremeceu ao pensar em como seu pai reagiria, a fúria que ela teria de enfrentar... Embora não fosse apenas lidar com a explosão inevitável de seu pai ou casar-se com um estranho o que tornava sua decisão tão difícil. *Ela foi pedida em casamento por um homem morto.*

O que partia seu coração era pensar em Nicholas Sabine morrendo.

## 4



*Não consigo compreender o poder que ele tem sobre mim. Como isso é possível se eu o conheço há tão pouco tempo?*

— Então ele lhe propôs um casamento de conveniência para proteger o futuro de sua irmã ilegítima? — Jane perguntou pensativamente quando ouviu a história.

Os três estavam na sala de visitas — Percy na cadeira ao lado de Jane, contando os detalhes da proposta de Sabine, enquanto Aurora estava perto da janela, inquieta demais para ficar sentada.

— Sim — Percy respondeu. — Exceto pelo fato de que a garota não é considerada ilegítima, assim como sua concepção ilegítima não é de conhecimento público. O caso aconteceu há muito tempo.

Jane fez um beicinho, como se refletisse.

— Posso entender as vantagens para a irmã do senhor Sabine, mas como Aurora se beneficiaria casando com um pirata?

Percy respondeu prontamente.

— Financeiramente, o casamento seria bem atrativo para Aurora, uma vez que ele pretende fixar um grande dote para ela. A mãe e as duas irmãs dele, na Virgínia, herdarão parte de sua fortuna, e seu império de embarcações vai para um primo americano. Mas Nicholas espera prover a subsistência da meia-irmã sem sua mãe jamais tomar conhecimento da existência da garota — ou da infidelidade do pai. Ele propõe destinar uma soma substancial para Aurora, uma parte da qual deixará sob custódia para a senhorita Kendrick. E ele pediria a Aurora para assumir a guarda, a tutela. Se ela for esposa dele, esses arranjos seriam comuns.

— É verdade — Jane concordou —, mas se ele for enforcado por pirataria... Casar sob tal sombra se provaria socialmente difícil para Aurora, se não impossível.

— A posição dela na sociedade deverá protegê-la um pouco. E lembre-se: Nick não é tão desprovido de nobreza em sua família. O primo dele, o conde de Wycliff, será um aliado importantíssimo.

— Mas ela voltaria para a Inglaterra viúva. Você já parou para pensar nisso?

— O que pode ser uma vantagem decisiva. Eu nunca gostei da ideia de vê-la casada com Halford. Se a Aurora estiver viúva, não será conveniente para ela casar-se até que tenha passado um intervalo de tempo razoável, e isso fará com que Halford procure uma noiva em outro lugar. É claro que dessa maneira ela não vai se tornar uma duquesa, o que é, isso sim, uma desvantagem.

Aurora não gostou da forma como estava sendo discutido seu futuro, como se ela não estivesse

presente.

— Será que posso dar uma palavra sobre isso? — perguntou.

Jane mostrou-se arrependida.

— Desculpe-me, querida. Creio que tenhamos nos deixado levar porque nos importamos demais com você. Percy está certo. Você deveria levar a sério a proposta do senhor Sabine.

— Pensei que você fosse dizer que ele era perigoso — respondeu Aurora, sinceramente surpresa com o apoio de Jane. — Você o chamou de famoso aventureiro outro dia, não foi isso?

— Com certeza. Qualquer homem com a reputação dele poderia ser considerado perigoso para donzelas jovens e *solteiras*. Mas um pedido de casamento muda tudo. O matrimônio é capaz de tornar respeitável o mais dissoluto dos homens. E essa pode muito bem ser uma resposta para o seu dilema, Aurora. Sei o quanto você temia a obrigação de se casar com Halford. Como marido, ele seria tão controlador quanto seu pai, e você acharia repugnante ser forçada a viver sob o domínio dele e criar seus filhos — disse Jane, com um leve estremeamento. — Dos males, Sabine é de longe o menor.

Aurora conseguiu esboçar um sorriso.

— Está longe de ser uma grande recomendação para um marido.

— Ele não é a escolha ideal, posso lhe garantir. Mas sua riqueza é capaz de compensar uma série de pecados.

— Você se dá conta de quanto isso soa mercenário?

— Estou apenas sendo prática, Aurora. Uma união generosa em termos financeiros permitiria a você ter independência. Você poderia escapar da pressão de seu pai para que se case e também seria capaz de se manter sozinha.

— Você aprovaria que eu desafiasse meu pai? — perguntou ela com ceticismo, quase não acreditando no conselho subversivo de Jane. — Ele vai ficar furioso se eu não me casar com Halford, pois concordei.

Percy respondeu pela esposa:

— Você foi coagida a aceitar a escolha de seu pai, Aurora. Ele jamais teria permitido que você aceitasse nosso convite para viajar até aqui se você não tivesse prometido se casar com Halford quando voltasse para a Inglaterra. De qualquer modo, sou mais merecedor da ira dele do que você. Dei a ele minha palavra de que cuidaria do seu bem-estar. Acredito, porém, que, ao defender seu casamento com Sabine, estarei agindo pelo seu bem. Somente não o faço da forma que seu pai esperava.

Aurora ficou em silêncio, com o semblante sombrio, e pensou em seu austero e ilustre pai. Nem Percy percebia quão violento podia ser o temperamento do duque de Eversley. Na maior parte do tempo, ela foi uma filha obediente; para o bem ou para o mal, ela possuía forte senso de lealdade familiar e obrigações decorrentes de sua posição. Mas ela se vingaria do pai se acabasse envolvida em um casamento tão escandaloso.

Jane se levantou e foi até ela, confortando-a com o braço em sua cintura.

— Talvez seja indelicado de minha parte dizer, Aurora, mas não se trata de uma união permanente. Você poderia encarar isso como se Sabine estivesse simplesmente lhe emprestando seu nome. Assim que você partir, nunca mais o verá novamente. Você não terá de passar a vida inteira casada com um homem que não ama.

Lembrada do fato de que Nicholas Sabine estava prestes a perder a vida, Aurora cerrou os olhos com força.

— Eu sei o quanto você amava Geoffrey, minha querida — murmurou Jane, aparentemente

confundindo a razão do desespero de Aurora. — Mas seria um sofrimento maior ficar presa a um casamento sem amor com Halford. Você já sofreu demais na vida.

Aurora olhou para baixo, concentrando o olhar nas mãos para ocultar suas reflexões. Ela havia amado Geoffrey profundamente, mas não da maneira que Jane supunha. Tratava-se mais de uma união cômoda do que de uma grande paixão. Geoffrey era uma alma gentil e foi um dos homens mais amáveis que ela tinha conhecido, dono de uma inteligência afiada que preferiu dedicar à erudição.

O jeito calmo e complacente dele foi o que tornou tão atraente a perspectiva de casamento. Aurora estava ciente disso. Acima de tudo, ela tinha gostado dele em razão do seu temperamento — totalmente diferente do pai dela. Ele jamais tentaria mandar nela, ditar cada ação ou se enfurecer com a menor provocação, como o pai dela fazia. Como esposa de Geoffrey, ela seria livre para ter vida própria e controlar seu futuro. Na realidade, Geoffrey ficaria contente em segui-la em todos os assuntos, desde que pudesse ficar com o nariz enfiado nos livros. Aurora tinha chorado a morte dele, mas o amava mais como um irmão do que como namorado.

Sentiu um nó de culpa na garganta e lamentou não ter nutrido por ele uma paixão maior, mas conteve o sentimento agri-doce de dor que a memória lhe provocava e desfez o nó.

— O senhor Sabine — disse ela finalmente — quer mais do que um casamento no papel. Se nos casarmos, ele insiste em... em consumir nossa união, para que ninguém possa questionar sua legitimidade.

Aquela informação fez Jane parar pensativa, enquanto Percy mostrava um olhar grave. No entanto, ele não fez nenhuma das objeções que Aurora esperava ouvir.

— Assim seu pai ficaria realmente impossibilitado de contestar o casamento — afirmou Percy. — E todo mundo conhece a preferência de Halford por meninas. Ele sem dúvida vai desistir se você for uma viúva de verdade, e não mais uma noiva virgem.

Aurora não conseguiu evitar o rubor depois de um comentário tão explícito, apesar de, àquela altura, ela já estar acostumada. A honestidade e a abertura da família Osborne eram raras, mas inegavelmente revigorantes em comparação com a asfixiante rigidez moral sob a qual ela tinha sido criada.

Ao perceber o constrangimento em Aurora, Jane censurou o marido com o olhar, mas depois de algum tempo assentiu.

— O senhor Sabine está ferido, Aurora. É improvável que ele venha a ser um grande marido. E você terá de se submeter apenas uma vez. Além disso... e perdoe-me por ser tão impertinente, minha querida, mas ousou dizer que o senhor Sabine é competente o bastante para fazer com que essa experiência não seja... desagradável para você.

Foi a vez de Percy censurar Jane, mas ela se antecipou a qualquer comentário do marido perguntando sobre os preparativos nupciais.

— Você não pode deixar sua prima se casar naquela prisão horrível, Percy — disse ela enfaticamente.

— Duvido que Nicholas seja autorizado a sair da fortaleza, mas a capela de Brimstone é bastante adequada. A cerimônia poderia ser realizada lá amanhã à noite, o que daria tempo suficiente para se obter uma autorização especial e também para que o advogado redija um novo testamento.

Como Aurora permaneceu em silêncio, Percy ficou em pé diante dela e pegou sua mão.

— Sabe, minha querida, você não precisa aceitar o pedido de casamento de Sabine, nem o de Halford. Você será muito bem-vinda se quiser morar conosco pelo tempo que desejar. Você não precisa voltar para a Inglaterra.

— Obrigada, Percy — disse Aurora em tom baixo. — Mas a minha vida está lá, com a minha família e os meus amigos.

— Bom, não queremos obrigar você a tomar uma decisão da qual depois vai se arrepender.

Ela abriu um sorriso discreto.

— Não vou — respondeu. Era um assunto importante demais para se deixar pressionar, até mesmo por seus amáveis e bem-intencionados familiares. — Sou profundamente grata pela sua preocupação, grata a vocês dois — disse ela, incluindo Jane em seu ângulo de visão —, mas vocês me perdoariam se eu dissesse que preciso de um tempo para pensar melhor nisso?

— É claro que a perdoaremos — disse Jane, abraçando-a calorosamente.

— Certamente — concordou Percy —, mas temo que você tenha de tomar uma decisão rapidamente. O tempo de Nicholas Sabine está se esgotando.

— Eu sei — respondeu Aurora em tom de lamento.



Depois de pegar sua peliça, ela saiu para caminhar sob as palmeiras. O sol do Caribe estava se pondo, conferindo ao horizonte oceânico distante uma mistura resplandecente de rosa e cobre, mas Aurora mal percebeu tanta beleza. Em vez disso, ela viu um rosto magro e bronzeado, de olhos escuros e penetrantes, encarando-a atentamente.

Havia uma série de motivos pelos quais o ato de casar-se com Nicholas Sabine poderia ser considerado uma loucura. Ele era um libertino, um aventureiro e um homem acusado de muitos crimes. Eles eram inimigos, com seus países envolvidos em uma guerra interminável. O pai dela ficaria indignado. A sociedade ficaria horrorizada. Mas o que ela mais temia eram suas próprias emoções. Será que seria capaz de suportar o trauma de perder um marido na força logo depois de prometer amá-lo e respeitá-lo até que a morte os separasse?

Ela já havia perdido pessoas demais por quem tinha apego, entre elas o homem que por muito tempo imaginou que seria seu marido. E, por mais irracional que pudesse parecer, ela já se entristecia por Nicholas Sabine, e o conhecia havia apenas um dia. Suas emoções estavam profundamente envolvidas — e ela só agravaria seu envolvimento ao se tornar esposa dele.

Após a morte trágica de Geoffrey, ela havia prometido a si mesma não permitir se importar tanto com mais ninguém. Já havia sofrido perdas demais.

Ao chegar ao fim da trilha ladeada pelas palmeiras, Aurora voltou-se às cegas na direção da casa, debatendo-se com suas emoções em conflito. Como ela havia chegado a uma situação tão difícil?

Antes da morte de Geoffrey, seu futuro estava bem delineado. Como esposa do conde de March, ela teria tudo o que mais queria na vida. Tranquilidade. Um casamento confortável. Um marido agradável, por quem sentia grande afeição. Uma grande medida de independência. A esperança de ter filhos.

Depois do trágico desaparecimento de Geoffrey no mar, ela tentou esquecer seu pesar, mas o pai aumentou seu sofrimento obrigando-a a aceitar outro pretendente. Pelo menos não havia a menor chance de ela se machucar por entregar o coração a Halford.

Seus lábios se curvaram em um sorriso amargo quando parou ao lado de uma palmeira.

Ela parecia destinada a um casamento sem amor. Para ela, o verdadeiro amor era algo apenas a ser almejado e imaginado. Jamais conheceria as grandiosas paixões transformadas em lenda pelos poetas, o tipo de amor intenso e avassalador que a mãe de Raven tinha conhecido com o pai de Nicholas Sabine...

*Nicholas Sabine.* Aurora fechou os olhos, lembrando-se de como ele a havia beijado. A carícia dos lábios dele foi ardente, ainda que contida — e mais excitante do que qualquer outro beijo que já tinha experimentado.

Ele não era nada parecido com Geoffrey. Era um aventureiro e um corsário, um homem violento, e não um intelectual. Ousado e insolente, em vez de gentil e estudioso. Perigoso. O toque dele fez o sangue dela ferver. Seus olhos negros prometiam prazeres com os quais ela jamais havia sonhado...

E ainda assim ele era honrado. Que outro homem iria a tal extremo apenas para cumprir uma promessa feita ao pai no leito de morte? Que outro homem arriscaria a vida para ver uma irmã seguramente estabelecida que mal conhecia?

Aurora encostou-se ao tronco grosso da palmeira. Como poderia pensar em rejeitar o pedido dele? Sentiu um aperto no coração ao se lembrar da cela escura na qual ele estava aprisionado. Seu dilema de ser forçada a se casar não podia ser comparado ao apuro em que ele se encontrava, mas ela sabia o que era sentir-se presa. E ela era a única esperança dele.

Ela aspirou o ar profundamente. Se era para se casar sem amor, ela preferia escolher o candidato. E apesar de todos os inconvenientes, havia excelentes motivos para se casar com Sabine. Em primeiro lugar, ela poderia escapar de uma sentença de prisão perpétua como duquesa de Halford. Não se lembrava de uma vez em que tivesse assumido o comando da própria vida — aquela seria a primeira. Estaria livre do pai e de seus ataques de fúria.

Liberdade. Aurora não tinha percebido o quanto ansiava por liberdade até Sabine a apresentar a ela. Aurora tinha viajado ao Caribe em busca de um refúgio, ansiosa por abandonar a tirania do pai. Aqueles últimos meses foram como um bálsamo para seu coração despedaçado, sem as recordações tristes dos entes queridos perdidos ou a tensão e a irritação de morar com o pai.

Era improvável que algum dia ela voltasse a ter uma oportunidade como aquela. Casar-se com Nicholas Sabine era a única maneira de conquistar a verdadeira independência. Ao ficar viúva, passaria a gozar da tranquilidade pela qual tanto ansiava.

É claro que o casamento teria de ser consumado. *Uma noite. Você me consentiria isso?* Ele havia deixado subentendido que poderia mostrar uma paixão com a qual ela nunca sonhara — e ela não tinha a menor dúvida em relação a isso. Mas teria de entregar a ele sua inocência... Sua cabeça desviou-se do pensamento de intimidade carnal com aquele aventureiro de olhos escuros.

Aurora expeliu o ar lentamente, ignorando o embrulho em seu estômago. A intimidade do leito matrimonial só tornaria ainda pior seu conflito emocional. Mas e se ela conseguisse passar uma noite com ele sem se permitir ficar ainda mais perigosamente conectada? E se ela se forçasse a manter um distanciamento racional, tratando seu casamento apenas como um acordo de negócio, a ser concluído o mais rápido possível? E se ela fizesse simplesmente o que tinha de ser feito?

Recompondo-se, Aurora afastou-se do tronco da árvore, buscando acalmar-se. Ela podia estar prestes a cometer um grande erro, mas sua decisão estava tomada.

Aceitaria casar-se com Nicholas Sabine.

Eles se casariam no dia seguinte.



— Ela aceitou meu pedido? — repetiu Nicholas, tentando se certificar de que não entendera errado o anúncio de seu visitante.

— Isso mesmo — assegurou Percy. — E não é só isso. O comandante Madsen concordou em adiar a execução de sua sentença por mais um dia, para que suas núpcias possam se consumar. Você e Aurora vão se casar amanhã à noite.

Nick soltou a respiração lentamente, liberando a tensão acumulada em suas entranhas desde que tinha sido capturado.

— Você tem a minha mais sincera gratidão, Percy, por permitir que eu explicasse minha situação à sua prima, e por me ajudar a convencê-la.

— Não tive muita influência. Aurora tomou a decisão sozinha.

— Imagino que você subestime sua influência — disse Nicholas. Então caminhou até uma mesa que naquele momento tinha uma garrafa e vários copos. — Você vai me ajudar a celebrar minha boa sorte com uma taça de vinho?

— Vinho? — questionou Percy, discretamente intrigado enquanto olhava ao redor da lúgubre cela. — Vejo que você tem até cadeiras agora. Suas acomodações melhoraram bastante desde a última vez que estive aqui.

— Gentileza do comandante Madsen, para expressar seu pesar por ter de me aprisionar — respondeu Nick secamente.

— Ah, sim. Ele comentou que tinha uma dívida de gratidão com você. A esposa do irmão dele foi uma das muitas pessoas que você levou a um lugar seguro durante o levante em Santa Lúcia seis anos atrás.

— É o que ele diz. Temo não me lembrar exatamente dela.

— Madsen lembra-se com clareza suficiente. Foi por isso que ele concordou tão prontamente em adiar sua execução — disse Percy com um vago sorriso enquanto aceitava a taça de vinho oferecida por Nick. — Na realidade, ele pareceu até gostar de ceder. Creio que ele esteja francamente indignado por ter ficado com a responsabilidade de executar ordens tão repugnantes. E também não houve diminuição do amor entre ele e o lorde almirante Foley. Madsen comentou que preferiria despachar você para Barbados e deixar que Foley cuidasse do seu caso.

— Tenho de garantir que o comandante receba alguma prova significativa do meu apreço depois que eu me for.

— Uma caixa de um bom brandy francês estaria de bom tamanho, imagino — disse Percy em um tom ligeiramente brincalhão. — Como aliados dos sapos,<sup>1</sup> vocês americanos têm mais acesso às boas coisas da vida do que nós — lamentou ele enquanto olhava com desgosto para o catre. — Seria ainda melhor se Madsen pudesse ser convencido a arranjar melhores acomodações para você. Minha prima merece algo mais confortável do que a masmorra da fortaleza servindo como quarto de núpcias.

— Ela realmente merece — respondeu Nick com um sorriso amargo. — Não se preocupe. Vou garantir que Madsen seja convencido.

— Bom. Mas ele pode querer fazer isso tanto pelo bem de Aurora quanto pelo seu. Vai ficar mais tocado se for para ajudá-la.

— Duvido que ele seja o único, já que ela é uma mulher tão adorável — respondeu Nicholas.

— É verdade, mas ele jamais a teria abordado enquanto ela estivesse de luto. Felizmente ou não, a situação dela a protegeu dos modos normais de cortejo. Na Inglaterra, ela seria bastante requisitada por sua posição, se não por sua beleza, mas seu longo noivado com o lorde March manteve qualquer outro pretendente à distância, assim como o pai dela. Tenho dúvidas de que Aurora esteja ciente do efeito que provoca nos homens... — Percy falou. — O que me faz lembrar que sinto que devo me pronunciar, Nick.

Minha prima é uma *dama*. Espero que você seja gentil ao desposá-la.

Nick retribuiu com um olhar frio.

— Posso lhe garantir que jamais maltratei uma mulher em toda a minha vida.

— Não creio que você vai feri-la intencionalmente. Eu só quero dizer... contenha sua luxúria... mantenha sob controle sua costumeira volúpia. Aurora não se parece em nada com suas amantes habituais. Ela é completamente inocente, sem nenhuma experiência em assuntos carnis.

— Terei consideração. Eu lhe dou minha palavra — jurou Nicholas solenemente. — Agora talvez devamos discutir arranjos financeiros. A guerra tornará difícil para lady Aurora conseguir acesso a minhas contas nos bancos americanos, mas escreverei uma carta para que ela a entregue ao meu primo Wycliff na Inglaterra. Tenho certeza de que Lucian honrará minha vontade e cumprirá imediatamente o contrato de casamento. Ele poderá recuperar a quantia com meu espólio assim que a guerra acabar.

Os dois homens conversaram durante algum tempo sobre negócios: a parte que caberia a Aurora, o percentual que ela manteria rendendo para a irmã dele e os termos do testamento.

Assim que Percy se mostrou satisfeito com a solução para os assuntos principais, Nick mudou mais uma vez de assunto, dizendo em tom grave:

— Eu gostaria de pedir mais um favor a você, meu amigo. Assegure que lady Aurora deixe São Cristóvão antes que minha sentença seja cumprida. Não quero que minha esposa me veja morrer.

— Isso deve ser mais difícil do que todo o restante — respondeu Percy devagar. Aurora pode muito bem se recusar a deixá-lo até o trágico fim. Ela tem um temperamento leal, você sabe. Pode se sentir obrigada a ficar até que tudo termine.

— Você não pode permitir que ela me veja ser enforcado, Percy.

— Não, eu concordo.

— Leve-a para Montserrat, à força se for preciso. A escuna de Wycliff estará ancorada lá para levar minha irmã para a Inglaterra. Elas poderão embarcar diretamente de lá.

— Vou ver isso — respondeu Percy com sinceridade. Ele cruzou seu olhar com o de Nick. — Eu deveria estar me esforçando mais para tirar você dessa situação execrável.

Nicholas sorriu e estendeu a mão para cumprimentar o amigo.

— Você já fez mais do que eu teria o direito de pedir. Acredite em mim. Se eu puder garantir a segurança da minha irmã, vou morrer em paz.

Depois que Percy foi embora, Nick deitou-se no catre com a mente tranquila pela primeira vez desde que tinha sido feito prisioneiro. Era uma sensação estranha, a de que se casaria no dia seguinte. O matrimônio foi uma instituição que ele sempre evitou com todas as forças, deplorando qualquer grilhão que pudesse restringir sua tão estimada liberdade. Em uma situação normal, a possibilidade de se casar teria feito com que se rebelasse, resistindo com toda a força. Mas a situação dele podia ser qualquer coisa, menos normal.

Assim como sua noiva.

Aurora Demming era uma contradição — surpreendentemente forte para uma dama de sua classe e estirpe, com uma deslumbrante combinação de fascínio e nobreza.

Estaria ele exigindo demais dela? Ela era a filha privilegiada e mimada de um duque. Correta. Inocente. E encantadora o bastante para fazer com que o sangue descesse até sua cintura ante a mais sutil ideia de tocá-la.

Ela era uma beldade, o tipo de mulher que assombra os sonhos de um homem, com os cabelos

dourados, os olhos azuis e os lábios exuberantemente talhados para beijar.

Quando se lembrou do sabor daqueles lábios, outra pontada de desejo o atingiu. Nicholas xingou-se. Como teria conseguido se conter? Ele teve incontáveis mulheres. Amantes apaixonadas capazes de esgotar as energias de um homem. Mulheres ousadas e excitantes que desafiaram suas técnicas e estabeleceram novos limites de controle. Mulheres afetuosas capazes de satisfazer sua voracidade masculina em uma abundância de prazer. Mas ele desconfiava que fazer amor com Aurora seria uma experiência diferente de todas as que tivera até ali. Quando a beijou, percebeu nos olhos dela a fagulha de um desejo há muito tempo reprimido.

Nicholas fechou os olhos, permitindo-se fantasiar sobre sua noite de núpcias. Aspirou profundamente o ar ao imaginar aquela beldade embaixo dele. A ideia de excitá-la fez seu corpo doer de uma maneira que nada tinha a ver com seus ferimentos. Um homem poderia morrer feliz depois de estar nos braços dela.

Expirou o ar lentamente, sentindo os músculos rígidos relaxarem.

Casar-se com ela não seria um erro. Se a noite seguinte tinha de ser a última de sua vida, ele queria estar nos braços de uma sereia cujos cabelos reluziam ao sol.



*Ele tomou meu corpo com surpreendente delicadeza, tratando minha inocência como um presente valioso.*

A cerimônia transcorreu conforme o planejado, na capela da fortaleza, com Jane, Percy e o comandante Madsen presentes. Apesar disso, Aurora sentiu um choque inesperado ao olhar para a primeira vez para aquele que viria a ser seu marido. Ele tinha tomado banho e se barbeado recentemente, e os ângulos limpos e bem esculpidos de seu rosto revelavam uma beleza estonteante que a fizeram perder o fôlego.

Ele estava vestido como um cavalheiro de recursos, e não como um prisioneiro condenado, com um terno verde-garrafa e um plastrão branco imaculado que contrastava com a pele bronzeada, enquanto a cabeleira queimada pelo sol estava elegantemente penteada.

No entanto, tanto a nova bandagem na testa quanto seu olhar impassível enfatizavam a natureza sóbria do acontecimento. Um casamento deveria ser uma ocasião de júbilo, mas ninguém naquela cerimônia parecia experimentar nenhuma alegria, inclusive os noivos.

Aurora sentia-se anestesiada. Aquele estranho ritual não era o que ela tinha imaginado desde menina quando pensava em seu casamento. O pesado anel de ouro que Nicholas Sabine ofereceu a ela — o dele, com a gravação do emblema de um navio com mastros — era grande demais para seus dedos finos. E o leve toque de lábios do momento em que selaram a união foi quase gelado. Mas foi a tristeza nos olhos dele que fizeram pesar o coração de Aurora.

O jantar oferecido pelo comandante em seus aposentos foi um pouco menos solene, mas ainda assim embaraçoso, já que ninguém conseguia se esquecer do que aconteceria no dia seguinte. Não houve brindes a uma longa vida nem à felicidade do casal, e o coronel Madsen não fez segredo de sua revolta por ser obrigado a cumprir a desagradável sentença. Ele se retirou logo depois de a sobremesa ser recolhida, esquivando-se das tentativas de Aurora de agradecer-lhe pela hospitalidade e limitando-se a desejar uma boa noite aos presentes.

Percy e Jane ficaram um pouco mais e abraçaram Aurora carinhosamente ao se despedirem. Havia sido combinado que a criada de Aurora a ajudaria, mas quando Jane foi chamar a moça, Nicholas interveio, dizendo que ele mesmo cuidaria de sua esposa.

Ele ignorou o olhar de censura de Jane e o rosto inquiridor de Aurora, mas alguns momentos depois os primos saíram, deixando-a a sós com o homem com quem agora compartilhava o sobrenome.

— Creio que você me perdoará por não estar muito propenso a companhias — sussurrou ele,

passando o trinco na porta e fechando-os ali dentro.

— É claro — respondeu Aurora sem pensar, não muito certa de como deveria se comportar ou do que ele esperava dela.

— Você quer um pouco de vinho? Ou talvez alguma coisa mais forte?

Ela ameaçou recusar, mas logo mudou de ideia, percebendo que o vinho poderia ajudar a aliviar a tensão que de repente a dominou.

— Sim, obrigada, eu quero.

Os aposentos do comandante não eram grandes nem suntuosos; o cômodo que eles ocupavam servia tanto de sala de jantar quanto de gabinete. Mas era o melhor que a sombria fortaleza tinha a oferecer.

Aurora tinha ficado surpresa ao saber que o coronel cedera, a pedido de Nicholas, o próprio quarto para a noite de núpcias. Mesmo na prisão, seu novo marido não estava totalmente impossibilitado de influenciar seu destino.

Quando Nicholas dirigiu-se ao aparador, Aurora brincou distraidamente com o enorme anel em seu dedo.

— Você não precisa usar isso — disse ele, observando suas ações.

— Tenho apenas um pouco de medo de perdê-lo. Talvez eu não devesse andar por aí com ele, por segurança.

— Seria inteligente.

Ela guardou então o anel em sua bolsinha e depois uniu as mãos para impedir que tremessem.

Nicholas serviu-se um cálice de brandy e, para Aurora, um copo de xerez, que ela aceitou com gratidão. Ele então ergueu o cálice para simular um brinde antes de beber um longo gole de seu brandy.

Incapaz de olhar Nicholas nos olhos, Aurora bebericou devagar seu xerez. Ela sentiu o coração descompassar quando seu novo marido, com uma reverência educada, indicou o caminho para uma porta adjacente.

— Vamos nos retirar, milady?

Com relutância, ela entrou antes dele no quarto. O aposento estava escuro, iluminado somente por uma lâmpada na cabeceira da cama e por um fogo brando. Aurora olhou para a cama com cautela. A estrutura era estreita, mas as cobertas foram arrumadas de modo convidativo e sua roupa para aquela noite tinha sido colocada ali com evidente zelo. Sua boca de repente ficou seca.

Ela sentiu os olhos dele a examinarem enquanto continuava congelada. Depois de observá-la por alguns instantes, porém, Nicholas foi até a lareira e remexeu a brasa, tornando a chama mais vívida.

— Meus modos foram descuidados novamente — disse ele em tom casual. — Ainda não lhe agradeço por ter aceitado minha proposta.

— Esse me pareceu... o caminho mais sensato — respondeu ela, esforçando-se para impedir que sua voz soasse fraca.

— E você é sempre sensata?

— Geralmente, senhor Sabine.

— Por que não me chama de Nicholas? Afinal, agora somos marido e mulher.

Aurora sentiu um leve tremor ante a lembrança.

Ele virou-se para Aurora, fixando seus olhos nos dela.

— O nervosismo na noite de núpcias não é raro. Eu entendo.

— Acho que não.

— Eu já disse, Aurora. Você não tem nada a temer em relação a mim. Não precisa me olhar como se estivesse indo para a guilhotina.

Ela respirou profundamente, repreendendo-se intimamente por ser tão covarde. Ela havia aceitado casar-se com ele e cumpriria sua parte no acordo — ou morreria tentando.

— Você está ciente do que deveria acontecer entre nós? — perguntou ele enquanto ela erguia o queixo, decidida.

— Tenho alguma ideia. Jane me disse por alto o que esperar. Estou preparada a me submeter como sua esposa.

Os olhos dele ficaram mais serenos.

— Não estou interessado em sua submissão, Aurora. Quero que desfrute disso tanto quanto eu. Na verdade, imagino que você achará muito prazeroso o ato de fazer amor.

— Jane disse que... pode ser assim com você.

O esboço de sorriso de Nicholas transmitia mais do que um pouco de charme. — Darei o máximo de mim para legitimar a boa impressão dela.

Como Aurora permaneceu imóvel, Nicholas ergueu uma sobrancelha.

— Venha se sentar ao lado da lareira, querida. Não vou desonrar você.

Aurora vasculhou os persuasivos olhos de Nicholas, encontrando neles uma ternura que, espantosamente, a fez se sentir segura.

Duas poltronas estavam posicionadas em frente à lareira, com uma mesinha de cerejeira entre elas. Aurora escolheu a que estava mais próxima da porta. Nicholas permaneceu onde estava, com um dos pés sobre os ferros da lareira. Ele adotou um tom pensativo quando começou a falar.

— Você já parou para pensar que esse acordo de casamento pode ser assustador para mim também?

— Para você? — questionou Aurora, surpresa.

— Sim, para mim — disse Nicholas, com a boca torcida em um sorriso amargo e autodepreciativo. — Eu nunca me casei antes. Para falar a verdade, eu já cacei tigres carnívoros na Índia com muito menos medo.

Aurora olhou perplexa, incapaz de acreditar que aquele homem de tanta vitalidade pudesse conceber de alguma forma o medo. Ela o estudou por alguns momentos, admirando inconscientemente sua beleza brutal — o maxilar firme, a testa talhada, os olhos sensuais de cílios longos e negros.

Ela não o temia genuinamente, apesar de não saber por quê. Um homem com o histórico de violência de Nicholas deveria assustá-la. Mas ele continuava a inquietá-la.

Havia uma energia represada em seu corpo ágil e forte que era intensamente masculina. Uma intensidade que era sexual — não havia outra palavra para descrever. Todos os sentidos dela ganhavam vida na presença dele, seus instintos femininos se excitavam de maneira aguda. Era isso que a assustava. Sua poderosa sexualidade... e o terrível efeito que exercia sobre ela.

— Espero que possamos discutir os detalhes de nosso casamento — disse ele após alguns instantes. — Passei a maior parte do dia com os advogados, tentando prever diversas dificuldades e incluindo todas as provisões legais em que consegui pensar. Ao menos do ponto de vista financeiro, você ficará confortavelmente amparada.

— Obrigada — ela sussurrou, suspeitando que ele tivesse introduzido o assunto naquele momento para que ela pudesse pensar em outra coisa que não fosse a consumação do casamento.

— Raven, no entanto, pode se transformar em um possível problema para o meu plano — meditou Nicholas. — Ela não estará predisposta a aceitar você como guardião; afinal, é uma completa estranha. Também não é provável que tolere as restrições que encontrará na Inglaterra, seja por parte da família ou da sociedade em geral. Apesar de ela dizer que tem toda a intenção de adaptar-se para encontrar um bom par, ela tem aversão a regras rigorosas. Ela é um pouco rebelde, temo eu. Mais ou menos como eu.

O sorriso malandro de Nicholas tinha como objetivo acalmá-la, desconfiou Aurora, mas a sensualidade do gesto provocou o efeito oposto.

— Tenho certeza de que vamos fazer dar certo — disse Aurora resoluta.

— Ótimo. Escrevi uma carta para Raven, contando a ela como se desenrolou nosso casamento e explicando como ela deve se beneficiar disso, mas você talvez tenha de convencê-la a ser sua aliada. Acho que ela vai ser persuadida no fim, depois de entender até onde você foi para ajudá-la.

Ele hesitou.

— Vou ter de contar com você para guiá-la, Aurora. Acredito que tenhamos discutido o apoio de que ela vai precisar assim que chegarem à Inglaterra, mas há ainda outro assunto que esqueci de mencionar. A mãe de Raven deixou em seus pertences uma coisa para que eu cuidasse... um livro raro, pelo que entendi. Foi um presente de meu pai, alguns anos atrás. Ele comentou alguma coisa sobre isso antes de morrer, mas não sabia ao certo que fim tinha levado. Ele ficaria grato em saber que Elizabeth Kendrick o guardou durante todo esse tempo. Ela me disse que queria que a filha ficasse com ele, mas não enquanto Raven não tivesse idade suficiente; só depois que estivesse casada. Agora que você está responsável por ela, será você quem terá de julgar quando entregar a ela. Não tenho dúvida de que agirá pelo bem dela.

— É claro — respondeu Aurora, imaginando que tipo de livro inspiraria tamanha preocupação.

Ele mudou o foco e olhou para a lareira abaixo. A luz do fogo brincava com suas belas feições enquanto ele olhava as chamas.

— Tem mais uma coisa que quero lhe pedir, Aurora. Você me promete uma coisa?

— O quê?

— Quero que embarque amanhã para Montserrat.

— Amanhã? — rebateu Aurora, sentindo a cara fechar. — Precisa ser tão logo?

— Vou ficar mais descansado se souber que o bem-estar de Raven está em suas mãos.

Sentiu um frio no coração. Ele morreria no dia seguinte. Como poderia negar a ele uma vontade tão simples?

— Você promete?

— Sim — respondeu ela, sentindo a voz ficar repentinamente rouca.

Ele esboçou um aceno discreto de satisfação.

— Deve ter algum navio em Montserrat pronto para levar vocês duas para a Inglaterra. Seu primo a acompanhará à ilha até garantir que esteja segura a bordo. Lamento pelo inconveniente, mas existe um bom motivo para a pressa. A essa altura, Raven certamente já sabe o que aconteceu comigo. Indo amanhã, você deve chegar lá a tempo de impedir que ela tome alguma atitude totalmente irrefletida, como sair de lá para vir me resgatar.

— Muito bem — disse Aurora. Ela hesitou antes de murmurar: — Não seria mesmo um inconveniente. A maior parte da minha bagagem já está arrumada. Antes de eu... conhecer você... planejava embarcar para a Inglaterra no dia seguinte.

— Antes de eu interferir na sua vida, você quer dizer — respondeu ele com um movimento sensual na

boca.

Havia pouco que ela pudesse dizer para contrariá-lo. Mas ela estava sinceramente contente por ele ter interferido na vida dela e a poupado de um casamento repugnante, mas aquele não era exatamente o momento mais adequado para conversar sobre os sentimentos dela.

A luz do fogo destacou o perfil de Nicholas enquanto ele tomava mais um gole de brandy.

— Bom — prosseguiu ele, demonstrando muita tranquilidade para um homem que estava condenado à morte —, pelo menos tudo isso já estará acabado para você amanhã.

Ela estremeceu. Não queria ser lembrada do destino que o aguardava.

Quase distraidamente, ele se inclinou para remexer novamente a brasa e um cacho de seu cabelo louro-dourado caiu sobre a bandagem na testa. Quando ele usou a mão para colocar o cabelo para trás, ela percebeu a mancha vermelha na musselina branca.

— Você está sangrando — disse Aurora, levantando-se alarmada.

Ele tocou a bandagem com cuidado e um pouco de sangue se acumulou nos dedos.

— Estou mesmo. O corte deve ter aberto quando o lavei.

— Posso dar uma olhada?

Ele fez cara de surpresa, mas não a impediu quando ela se aproximou para olhar por baixo da faixa.

— Por favor, você poderia ir mais para a direção da luz, para eu poder enxergar melhor?

Quando ele obedeceu, Aurora colocou os cálices de ambos na mesinha ao lado da cama e acendeu a lâmpada. Nicholas sentou-se na ponta da cama, observando-a enquanto ela cuidadosamente afrouxava a faixa de musselina e a afastava de sua testa. Aurora era capaz de sentir o olhar atento dele enquanto ela inspecionava o ferimento sob a bandagem.

— Duvido que isso estivesse em seus planos de noite de núpcias — disse ele em voz baixa. — Desculpe-me.

Não, não era isso que ela planejava. Se Geoffrey estivesse vivo, essa noite seria bem diferente para ela. Ela não estaria se preparando para se entregar a um estranho, nem estaria tão inquieta com a proximidade de seu marido do jeito que estava com Nicholas Sabine. *Nem tão estranhamente excitada.*

Aurora repreendeu-se mentalmente. Ela não devia estar pensando em Geoffrey ou comparando os dois. Geoffrey estava morto, e em breve Nicholas também estaria.

A tristeza de Aurora devia ter ficado estampada em seu rosto, pois ele perguntou em voz baixa:

— Seu noivo... você o amava muito?

Ela corou ao perceber que ele havia confundido o motivo de sua dor.

— Sim — respondeu.

Em um esforço para espantar a melancolia, ela foi até a mesinha com a jarra d'água e molhou a ponta de uma toalha antes de voltar em direção a seu marido.

— Sua ferida sangrou um pouco. É preciso limpar o sangue para que ele não suje seu cabelo.

— Faça isso, por favor.

— Perdoe-me se eu o machucar.

— Você não vai me machucar — disse ele, sem parecer inclinado a mudar de assunto enquanto ela limpava delicadamente a ferida em sua cabeça. — Você disse que eu lembro seu noivo.

— Achei isso na primeira vez que o vi por causa de seu cabelo. Mas eu me enganei em relação a qualquer semelhança real. Vocês não são nada parecidos.

— Como assim?

— Geoffrey era um...

— Um gentil e respeitável cavalheiro?

— Um *gentil* e respeitável cavalheiro.

— E você não acha que eu possa ser gentil? — questionou Nicholas solenemente.

O coração de Aurora deu um salto.

— Não era isso que você esperava também, não é verdade? — perguntou Aurora enquanto tentava ignorar as sensações que Nicholas despertava nela.

— Para ser honesto, eu nunca dei muita atenção para casamento.

— Você nunca quis se casar?

Ele uniu as sobrancelhas com ar pensativo.

— Suponho que já tenha tido a vaga noção de que um dia me casaria e teria um herdeiro. Mas eu estava ocupado demais me divertindo por aí para ter ideias mais sérias sobre tomar jeito. — Um sorriso passageiro formou-se no canto da boca de Nicholas antes de ele dar de ombros graciosamente. — Agora é tarde demais para recriminações, deliberações ou para o que quer que seja.

— Lamento que você tenha sido atraído para um casamento indesejado — respondeu Aurora, com a voz rouca de emoção.

Nicholas esticou o braço e fechou as mãos fortes ao redor das dela, cobrando sua atenção.

— Eu não pretendo passar a última noite da minha vida remoendo lamentações — disse. Seus olhos negros mantinham Aurora encantada. — Você acha possível fazermos um pacto, querida? De hoje à noite nós nos esquecermos de tudo que já aconteceu?

— Eu gostaria muito.

— Eu também — disse Nicholas com a voz baixa. — Muito bem, esta é a nossa noite. Nada mais existe, nem antes nem depois deste momento. Esta noite, viveremos apenas o presente.

— Sim — sussurrou ela.

Nicholas encostou os dedos na nuca de Aurora e os deslizou. O tempo de repente pareceu suspenso enquanto ele inclinava a cabeça dela para baixo. Ele queria beijá-la, percebeu Aurora, com o coração batendo em um ritmo inconstante.

A boca de Nicholas estava surpreendentemente macia e suave quando tocou brevemente os lábios de Aurora, mas ainda assim desencadeou dentro dela um tumulto de emoções indomáveis. Ela queria se virar e sair correndo, mas quando se moveu, os olhos de Nicholas prenderam-se aos dela, aprisionando-a com mais firmeza do que qualquer grilhão.

Aurora sentiu o coração martelar no peito quando Nicholas pegou a toalha das mãos dela e a deixou cair no chão. Enganchando o braço ao redor da cintura dela, Nicholas a puxou para mais perto de si, entre suas pernas abertas, até os seios dela roçarem seu peito. Um tremor percorreu o corpo de Aurora.

Em uma tentativa débil de autopreservação, ela pressionou as palmas das mãos contra os ombros largos de Nicholas, olhando para ele. Mas os olhos dele, escuros e sensuais, diziam claramente que ele não tinha planos de parar em um beijo.

— Seu ferimento...

— Ele vai sobreviver. Mas o mesmo não acontecerá comigo se eu não prová-la logo.

Ainda segurando-a com leveza, Nicholas deitou-se de costas na cama, devagar, puxando-a consigo. O

calor espalhou-se por ela, fazendo queimar seu estômago quando ela percebeu que estava totalmente deitada sobre ele, encaixada em seu corpo forte. Ela sentiu um tremor diante da chocante intimidade daquele simples contato, o desconhecido vigor dele contra sua maciez, o calor do corpo dele sob seu fino vestido de seda.

— Abra sua boca desta vez, adorável Aurora — sussurrou Nicholas enquanto delicadamente a provocava, separando seus lábios.

A língua de Nicholas a invadiu de maneira lenta e sensual, mais erótica do que qualquer outra experiência que ela havia tido antes. Durante um longo momento ela permaneceu enrijecida, experimentando a estranha sensação da boca de seu homem saboreando profundamente a dela. Nicholas bebia da boca de Aurora, saboreando-a. Era um tormento o movimento quente da língua dele dentro de sua boca.

Aurora sentiu-se amolecer e a respiração acelerar diante da constante excitação, mas sua simples docilidade não era o bastante para ele.

Nicholas parou de beijá-la por tempo suficiente apenas para sussurrar com a voz áspera: — Beije-me também, querida. — E então a boca dele encontrou-se com a de Aurora novamente.

Confusa, ela permitiu que sua língua lentamente encontrasse a dele, sendo recompensada por um som baixo e gutural de aprovação.

A pressão sobre a boca de Aurora aumentou. Uma forte tensão começou a se formar na parte inferior do corpo dela enquanto a língua e os lábios inebriantes de Nicholas a ensinavam a beijar. As mãos dele pressionaram as costas de Aurora, aproximando os quadris dela ainda mais do que já estavam, excitando-a ainda mais.

Durante um longo momento eles ficaram deitados, saboreando um ao outro no silêncio abrasador. Aurora perdeu toda a percepção de tempo, todos os sentidos. Havia apenas a cativante presença de Nicholas, de sua masculinidade vigorosa e de seus beijos sensuais e viciantes, seu corpo musculoso sob o dela.

Com o passar do tempo, as carícias de Nicholas foram se tornando mais ardentes; ele exigia sua boca inteira, envolvendo-a em seu beijo e desencadeando sensações fluidas que tomavam conta do corpo indefeso de Aurora. Por vontade própria, os dedos de Aurora deixaram os ombros de Nicholas e acomodaram-se nas ondas sedosas do cabelo dele. A boca dele era uma chama abrasadora que consumia o fôlego dela.

Impotente, Aurora pressionou seu corpo contra o dele, à espera de alguma coisa que não sabia nomear. Ela se sentia mole, em chamas... Sentia como se estivesse em queda livre.

Havia apenas Nicholas, empurrando-a levemente para que ela se deitasse no colchão macio.

Os olhos de Aurora se abriram. Ela olhou para ele. Estava trêmula, com o rosto avermelhado, e sentia como se estivesse girando descontroladamente.

Nicholas a observava enquanto movia as mãos em direção ao corpete do seu vestido; Aurora sentia-se afundar nas profundezas das sombras de ambos.

Quando os dedos dele penetraram o decote, Aurora retesou o corpo, mas ele investiu novamente sobre ela, com a boca muito próxima da sua, aquecendo seus lábios. — Não tenha medo de sentir, meu anjo. Hoje à noite você pode abandonar a razão e deixar que seus sentidos governem.

Como Aurora não protestou, Nicholas delicadamente puxou o decote do corpete, e depois abaixou a extremidade da camisola sobre a parte de cima do espartilho, expondo o contorno de seus seios, que estavam pressionados pela roupa apertada. Com ares de especialista, Nicholas expôs os mamilos de

Aurora ao ar noturno, fazendo-a tremer. Quando os dedos dele encontraram o botão endurecido ali exposto, Aurora gemeu involuntariamente ante a distinta sensação que dela tomou conta.

— Você nunca foi tocada assim antes? — murmurou Nicholas no ouvido dela, com o hálito quente.

— Não... — a resposta de Aurora saiu como um suspiro de rendição enquanto o polegar de Nicholas lentamente se movia sobre o bico sensível, em movimentos circulares e excitantes.

Aurora fechou os olhos, cedendo ao prazer que ele estava determinado a estimular nela. A boca quente e dominante de Nicholas voltou a procurar a de Aurora enquanto ele lentamente estimulava seus ansiosos seios, fazendo todo o corpo dela arder de vergonha e excitação.

Ela estava vagamente consciente quando ele lentamente ergueu a bainha do vestido, e também quando ele colocou a mão por baixo da barra da camisola. Mas então a mão subiu mais um pouco e tocou sua carne macia e inchada, demorando-se ali.

Aurora ficou dura. Quando ela tentou fechar os joelhos, Nicholas projetou a mão ainda mais fundo entre suas coxas.

Ele respirava profundamente e seus cílios negros contrastavam com a pele bronzeada de seu rosto quando ele pediu com a voz rouca: — Abra as pernas para mim, sereia, e deixe-me tocá-la.

Incapaz de negar o pedido de Nicholas, Aurora cedeu. Persuadindo-a ainda mais, ele alcançou a penugem encaracolada de sua feminilidade. Uma úmida e prazerosa fraqueza pulsou no lugar secreto entre suas pernas. Ela se sentiu muito estranha, como se derretesse, latejasse... Instintivamente, gemeu e arqueou as costas, desejando ser preenchida com algo que parecia escapar dela.

Nicholas, porém, parecia saber exatamente o que Aurora queria, precisava. Com muito cuidado, o dedo de Nicholas escorregou pelos lábios de sua fenda e a penetrou.

Aurora arfou na boca de Nicholas, mas ele continuou seu ataque delicado, explorando, investigando, descobrindo os segredos dela. Nicholas cortejava Aurora, sentindo com os dedos o calor pulsante vindo dela enquanto o polegar deslizava pela agora escorregadia intumescência de sua feminilidade.

Aurora agarrou-se aos ombros dele, sem ter certeza de que seria capaz de aguentar mais, mas ele continuou atacando, avançando e recuando de maneira ritmada, conduzindo-a a picos ainda mais altos, até que instintivamente os quadris de Aurora se ergueram e começaram a seguir o ritmo dele.

Quase desesperada agora, Aurora gemia e se contorcia sob o comando manual de Nicholas, a tensão acumulada dentro dela se tornando cada vez mais urgente a cada toque no centro de suas sensações. Tudo o que ela sentia era o calor devastador da boca de Nicholas, o quente pulsar de seu sangue, o feroz deleite do que ele estava fazendo com ela.

O prazer de repente ficou mais forte, selvagem demais para ser domado. Desvairada, Aurora se contorcia sob o jugo da mão controladora de Nicholas, mas a fagulha cintilante crescia como se fosse pulverizar a brasa sobre ela. Aurora sentia, onda após onda, uma sensação quente e indecente percorrendo seu corpo indefeso.

Nicholas levantou a mão e envolveu a garganta dela, aplacando sua retumbante pulsação, enquanto com a boca ele pincelava de beijos o rosto corado de Aurora.

Um longo momento se passou até que as reverberações sensuais diminuíssem. Ela sentia-se mole, com os membros frouxos e os sentidos atordoados pelo devastador incêndio que tomou conta do seu corpo.

Ao abrir os olhos enevoados pelo prazer, Aurora olhou para ele. Nicholas estava deitado ao seu lado, apoiado em um dos cotovelos, observando-a. Ela estava deselegantemente espalhada na cama, com as pernas caídas para o lado, a saia levantada até os quadris, totalmente exposta acima das meias e das

ligas. O olhar quente de Nicholas deslocava-se pelo corpo dela, os seios nus, os bicos pontudos e, mais abaixo, a junção de suas coxas desnudas.

O rosto de Aurora ruborizou-se à percepção daquela cena e ela começou a tentar dar alguma ordem a sua desarrumação, mas Nicholas impediu-a segurando a mão dela.

— Não há razão para vergonha ou timidez entre nós, meu anjo.

Aurora evitou o olhar dele.

— Eu me comportei como uma despudorada. Não costumo ser tão... licenciosa.

— Isso porque você nunca teve essa oportunidade antes. Suspeito que você seja uma mulher de coração muito passional. Existe um fogo dentro do seu corpo, mas você o mantém escondido... — ele disse. Como Aurora permaneceu em silêncio, ele levou os dedos até o queixo dela e a obrigou a olhá-lo nos olhos. — Um homem acha uma mulher excitada incrivelmente desejável.

Aurora ficou ainda mais vermelha e disse:

— Eu nunca imaginei...

— ... que fazer amor poderia ser tão gostoso?

— É.

Seu meio-sorriso mostrou indulgência. — Isso foi apenas um aperitivo, minha querida. Ainda há mais, muito mais, a aprender sobre o desejo carnal. E, com sua permissão, pretendo passar o resto da noite lhe ensinando isso.

Aurora retribuiu o olhar com ar solene. Ela queria que Nicholas lhe ensinasse sobre a paixão. Queria sentir de novo aquele incêndio fora de controle. Aquela noite poderia ser sua única oportunidade, sua primeira e última experiência do ato de amar. Ela poderia nunca mais se casar. Assim, nunca mais sentiria o toque de um homem, nem saberia mais o que é ser mulher. Mas poderia haver complicações...

— Jane disse que... pode vir um filho de nossa... união.

Nicholas manteve o olhar sem vacilar.

— Jane me parece ser uma pessoa muito prática.

— Sim. Ela quis que eu soubesse as possíveis consequências de estar com você.

— Existem meios de se prevenir a concepção, mas é possível que resulte uma criança de nossa união. Isso seria tão indesejável para você? — ele perguntou.

Um estranho anseio ocupou seu pensamento. — Não — respondeu Aurora. Ela percebeu que desejaria um filho de Nicholas. Para manter consigo um pedaço dele depois que ele se fosse. — Não seria nada indesejável.

A expressão de Nicholas tornou-se mais serena.

— Então você nada tem a temer.

*Nada além de perder meu coração.* Mas aquele pensamento desapareceu assim que Nicholas a surpreendeu, sentando-se na cama.

— Acho que devemos começar tirando todas essas camadas desnecessárias de roupa.

Quando Nicholas fez menção de ajudar, Aurora relutantemente aceitou a assistência dele.

— A luz — murmurou ela semiconsciente, arrumando o corpete para cobrir o corpo. A luz da lâmpada era clara demais, apesar de suave.

Nicholas hesitou por um momento, mas então diminuiu a luz, deixando apenas por conta do fogo da lareira a iluminação do quarto. — Está melhor assim?

— Está, obrigada.

Nicholas pegou a mão de Aurora e a conduziu até seu plastrão.

— Você precisa fazer as honras, amor.

— Você quer que eu tire sua roupa?

A leve curva dos lábios de Nicholas era devastadoramente sensual.

— Parece uma maneira adequada de começar se quisermos domar seu nervosismo. É apenas a falta de familiaridade que a deixa apreensiva, querida. Quando estiver acostumada comigo, vai descobrir que nada tem a temer — ele explicou, com a voz rouca e convincente enquanto os olhos persuasivos fitavam os dela. — Você precisa assumir a dianteira, ditar o ritmo. Não a forçarei a nada que não seja da sua vontade. Você está no comando.

De certa forma mais calma, ela tentou fazer como ele havia proposto, tirando-lhe primeiro o plastrão, depois o casaco, o colete e a camisa de linho. As botas e as meias ele mesmo tirou. Como ela hesitou, Nicholas tirou as próprias calças e a roupa de baixo.

Quando Nicholas ficou em pé diante dela, seu corpo alto e nu inclinado e duro, de músculos bem trabalhados, Aurora pareceu ficar sem palavras.

— Sou seu marido, Aurora — disse ele em um sussurro aveludado. — Você não precisa ter medo de mim. Sou apenas um homem de carne e osso como você.

Nicholas não era nada parecido com ela, pensou Aurora de maneira cética enquanto observava o corpo nu, a pele bronzeada, as formas tesas. Nicholas tinha o peito largo, o quadril firme, as coxas fortes, como as estátuas dos deuses gregos que ela vira. E o vigor desconhecido brotando dos pelos dourado-escuros e encaracolados em sua virilha fez o coração de Aurora bater erráticamente. Ela não o temia exatamente, mas também não se podia dizer que estivesse calma.

— Agora é sua vez — sussurrou Nicholas. Quando Aurora hesitou, ele sorriu. — É claro que você está acostumada com uma criada. Você quer que eu ajude?

— Quero.

— Será um prazer.

Nicholas começou pelo cabelo de Aurora, retirando os prendedores e permitindo que a massa dourada descesse por suas costas como se fosse uma cascata.

— Você tem cabelos lindos — elogiou Nicholas enquanto seus dedos percorriam os cachos sedosos. — Parecem fios de ouro.

Momentos depois, as mãos dele desceram por baixo dos cabelos de Aurora até as amarras na parte do vestido. Bem-criada e tímida em relação ao próprio corpo, Aurora ficou parada em silêncio enquanto ele a livrava do vestido, do espartilho e das meias. A camisola por baixo de tudo foi a última coisa a ser tirada. Ao sentir a carícia da brisa fria da noite, o corpo de Aurora tremeu.

— Seu corpo é adorável como você — ele disse, puxando o rosto dela para que olhasse em seus olhos. — Pretendo mostrar a você todos os prazeres para os quais ele foi feito.

Quando Aurora instintivamente moveu os braços para a frente do corpo para se esconder, Nicholas delicadamente os afastou para os lados.

— Nada de timidez entre a gente, sereia — disse. Ele então desceu com o dedo pelo pescoço de Aurora até o bico do seio. A sensação de erotismo a fez suspirar profundamente. — Que diferença faz se eu vejo seus encantos? Qualquer segredo que você compartilhe vai ficar seguro comigo.

A visão de Aurora embaçou-se com a recordação. No dia seguinte ele estaria morto. Qualquer

intimidade que compartilhassem iria com ele para o túmulo. Mas aquela noite era o que importava. Naquela noite, Nicholas era seu marido, seu amante. Ela poderia se entregar a ele sem medo nem vergonha. Ela podia abandonar suas inibições, suas reservas naturais.

Aurora esticou a mão para alcançar a boca sensual de Nicholas com a ponta dos dedos. — Você disse que queria esquecer — lembrou ela com a voz suave. — Antes ou depois deste momento, nada mais existe.

— É verdade — ele disse, enquanto um fogo brando aquecia a profundidade de seus olhos.

Nicholas tinha olhos lindos. Olhos que se apoderavam de Aurora, onde quer que pousassem.

Ele então se aproximou um pouco mais, fazendo com que suas peles ficassem em contato. O calor do corpo dele saltou para dentro dela, indecente, escaldante.

Aurora tremeu diante da sensação de erotismo, sentindo os seios roçarem o peito dele. Mais abaixo, a masculinidade quente e pulsante de Nicholas estava pressionada contra sua barriga.

— Você nunca imaginou como seria deitar-se com um homem? Sentir sua carne dura bem dentro de você? — perguntou Nicholas enquanto inclinava a cabeça, movendo os lábios para beijá-la ao longo de uma trilha por sua bochecha.

Sim, pensou Aurora, em uma reflexão vertiginosa. Nos mais secretos cantos de seu coração, ela sonhava com um amante sem nome capaz de excitá-la apaixonadamente.

— Mas, se já pensou — prosseguiu Nicholas respondendo ele mesmo à pergunta —, você também não poderia admitir.

O comentário provocou um tímido sorriso em Aurora.

— Não, uma dama jamais poderia admitir uma coisa dessas.

— Não, jamais. Mas se você já pensou nisso um dia... este é o momento de saciar sua curiosidade — propôs. Ele segurou a mão trêmula de Aurora e com ela envolveu sua haste pulsante. — Toque-me, meu amor. Sinta minha carne...

Segurando o fôlego diante do alarmante tamanho dele, Aurora aceitou a condução atrevida de Nicholas, conhecendo o toque único dele. A pele lisa e aveludada do seu membro. A dureza vigorosa. A cabeça resistente e pulsante. Os pelos macios e encaracolados e embaixo os testículos espessos. Ele realmente não era tão assustador. Não mais. Se fosse honesta, ela admitiria que achou as diferenças entre seus corpos excitantes. Sua assumida masculinidade se contrapunha a tudo de mais feminino nela.

As mãos dele alcançaram então os seios de Aurora, envolvendo sua exuberante saliência. Ela fechou os olhos e suspirou. Atordoada, pensou em como Nicholas era versado na arte do amor. As mãos dele eram um sussurro para seu corpo. As pontas dos dedos de Nicholas escorregavam pela sua carne, percorrendo seus seios em toques cada vez mais profundos.

— Você é encantadora.

Ele é que era encantador, pensou Aurora, incapaz de resistir ao agradável torpor que tomou conta de seus membros. Nicholas a tinha enfeitado.

Voluntariamente, a boca de Aurora procurou pela de Nicholas enquanto ela se aproximava mais dele, buscando sentir a carne dele contra a sua. Um murmúrio gratificante veio do fundo da garganta de Nicholas.

Ele a beijou pelo tempo de doze batidas do coração, com os lábios ao mesmo tempo aplacando e excitando. Depois de algum tempo, porém, Nicholas levantou Aurora nos braços, acomodou-a na cama, e a seguir deitou ao lado dela.

De olhos semicerrados, olhar sensual e persuasivo, Nicholas voltou a atacar os seios enrijecidos de Aurora, apalpando as aréolas firmes e disparando com os dedos flechas ardentes de um impossível êxtase nos mamilos duros.

Aurora rendeu-se inteiramente a ele. Era mágico deitar-se daquela forma nos braços dele, respirar seu cheiro quente e másculo, sentir seus incríveis toques. Ele então inclinou a cabeça, saboreando o mamilo enrijecido com a boca, enquanto a respiração de Aurora ficou parada na garganta.

Aurora queria Nicholas. Ela percebia isso. Queria experimentar a fagulha e o fogo entre um homem e uma mulher como ele uma vez mostrara a ela. A língua de Nicholas deslizava pelo mamilo rosado, vagarosamente, antes de seus lábios se fecharem para que ele abocanhasse o seio inteiro. Aurora arqueou-se contra o abrasador calor da boca de Nicholas, com as mãos procurando cegamente os cabelos dele.

Nicholas também a queria, e Aurora sentia isso. Ela sabia daquilo antes mesmo de o membro ereto dele pressionar com força sua barriga.

E então aqueles dedos maravilhosos e provocadores de Nicholas escorregaram uma vez mais por entre suas coxas úmidas.

— Você está molhada para mim — disse Nicholas com a voz rouca. — Seu corpo está escorrendo como mel.

E era verdade. A fenda de Aurora brilhava de tão úmida. Seu corpo pulsava de forma insolente por ele. Aurora disse o nome dele, com uma voz que pareceu trêmula enquanto ele alisava o botão ensopado. Ela deveria estar escandalizada com sua descarada paixão, com sua própria licenciosidade, mas tudo que ela era capaz de captar eram as carícias mágicas dos dedos e da boca dele.

Aurora estava trêmula de desejo quando Nicholas parou de estimular seus seios e mexeu-se para cobri-la com seu próprio corpo. Poupano-a da maior parte de seu peso, Nicholas acomodou-se entre as coxas de Aurora e voltou a beijá-la, segurando sua atenção. Ela não estava muito ciente das intenções de Nicholas até que ele começou a avançar com a aveludada cabeça de seu membro para dentro dela.

Quando Aurora retesou o corpo, Nicholas a beijou mais profundamente, com a língua penetrando a boca de Aurora, da mesma forma que entrava com sua haste. Sem permitir nenhuma resistência, suas coxas fortes mantiveram as dela abertas enquanto ele lentamente, bem devagar, ia mais fundo, seguindo adiante com inexorável pressão.

Aurora endureceu, arfando para respirar. Ela tinha certeza de que jamais poderia acomodar aquele volume enorme, mas mesmo assim seu corpo se abria para o dele, alargando-se penosamente enquanto o membro rígido de Nicholas a preenchia.

Ela fechou bem os olhos e tentou voltar a respirar normalmente.

Ele não se movia naquele momento.

— Olhe para mim, doce sereia. — Havia ternura nos olhos dele enquanto observava a esposa.

Ela estava dura, sentindo-se dolorosamente preenchida por ele.

— Isso... dói.

Nicholas beijou sua frente.

— É só na primeira vez. Depois a dor vai embora e só o que você sentirá será prazer — disse ele. Nicholas então fixou os olhos nos dela e disse: — Confie em mim.

Inacreditavelmente, ela confiou nele. Nicholas ficou deitado, completamente parado, esperando que Aurora se acostumasse com a penetração e a sensação do grosso membro dentro dela. Depois de algum

tempo a dor foi diminuindo.

Nicholas afastou um cacho de cabelo do rosto dela.

— Está melhor agora?

— Sim — respondeu ela. A dor já não era mais insuportável. A queimação havia diminuído.

Depois de mais um longo momento, Aurora moveu os quadris em uma tentativa para testar a nova condição. O desconforto estava definitivamente sumindo.

Nicholas beijou o canto de sua boca enquanto recuou um pouco, para depois deslizar mais uma vez, e então ela sentiu aumentar novamente o calor. Ele manteve o ritmo lento e deliberado, seduzindo com seu corpo másculo, até que um quente e urgente clamor começou a se manifestar dentro dela.

A fome era tão insaciável quanto o homem e a mulher. Aurora gemia freneticamente, com as unhas afundando nos ombros de Nicholas enquanto instintivamente acompanhava o ritmo dele. Nicholas fechou os olhos como que sentindo uma espécie de dor, a respiração brusca enquanto se mexia dentro dela, pressionando delicadamente a carne de Aurora, que se desmanchava de prazer.

Quando ela estava prestes a atingir o clímax, ele colocou a mão entre seus corpos, procurando o botão intumescido do sexo dela. Chocada, Aurora arqueou o corpo contra o dele, forçando-o, gritando enquanto aquele tumulto devastador e abrasador se desenrolava dentro dela.

Nick capturava seus gemidos descontrolados com a boca, mas em nenhum momento parou, usando toda a sua experiência para prolongar o êxtase de Aurora enquanto onda após onda de gozo convulsionava seu corpo delgado. Quando o corpo dela se arqueou e se contorceu contra o dele, ele cerrou os dentes e lutou para recuperar o controle, em uma tentativa desesperada de manter sob controle sua necessidade selvagem enquanto se mantinha enterrado dentro dela.

Mas aquilo era demais. Um grande tremor percorreu o corpo de Nicholas quando ele finalmente se permitiu preencher Aurora com o desejo quente que sentia por ela praticamente desde a primeira vez que a viu. Um gemido rouco saiu da garganta dele, enquanto afundava em um infundável prazer primitivo, tão intenso que até chegava a doer.

Finalmente tinha acabado. Ele estava abalado enquanto mantinha-se ali, deitado na escuridão, apesar de ter recuperado a consciência em algum momento. Quando ele a sentiu tremer embaixo dele, um grande sentimento de ternura tomou conta de seu coração.

Aliviando o peso de seu corpo para o lado, Nicholas puxou as cobertas sobre eles e colocou Aurora nos braços. Seus braços a envolveram, aquecendo-a, acalmando-a.

Eles ficaram ali deitados, juntos, enfraquecidos pelas repercussões daquele terremoto de prazer. Depois de um longo momento, Nicholas levantou a cabeça.

À luz do fogo, Aurora se parecia com um anjo lascivo, de cabelos desgrenhados, pele de marfim e lábios luxuriosos, inchados e úmidos de tanto beijar.

Era impressionante que ela pudesse ter tanto impacto sobre ele, pensou Nicholas, distante. Ela era fisicamente inexperiente, totalmente virginal e ainda assim o fato de ter feito amor com ela desencadeou um tumulto de sensações totalmente inesperadas dentro dele. A acentuada doçura daquela situação tomou conta dele por completo.

Talvez o voto de casamento que haviam feito significasse mais do que um mero e frio acordo de negócios, unindo-os de uma maneira que ele jamais imaginou.

Esposa. Aquela era uma palavra estranha, originando sensações estranhas de anseios e necessidades. Ele pensou se teria deixado um herdeiro, se tinham gerado um filho. Um menino... ou uma menina. A

ideia provocou uma estranha sensação de dor em seu coração.

Como se Aurora tivesse a capacidade de sentir as reflexões confusas de Nicholas, a mulher em seus braços se moveu. Ela o observava, percebeu Nick, analisando-o com seus luminosos olhos azuis. O desejo mais uma vez o alfinetou, afiado e insistente, mas ele conteve a lascívia, lembrando-se do estado virginal de Aurora.

— Você está bem? — sussurrou ele, beijando-a na testa.

— Sim — sussurrou Aurora. — Foi... maravilhoso.

Um sorriso alcançou a boca de Nicholas enquanto ele era inundado por uma nova onda de ternura. — Fico satisfeito que você se sinta assim.

— Foi... eu fui... uma decepção para você?

A pergunta de Aurora pegou Nicholas de surpresa e ele ergueu uma sobrancelha.

— Exatamente o contrário disso, sereia. Nunca tive uma experiência tão deliciosa ao fazer amor — respondeu ele. Diante do discreto ceticismo de Aurora, Nicholas deu uma leve risada. — É verdade. Talvez você seja inexperiente demais para ter percebido o controle que tive de exercitar, mas era tudo o que eu podia fazer para ser bom para você — prosseguiu Nicholas enquanto se inclinava para beijar o nariz dela. — Eu poderia passar a noite inteira fazendo amor com você, mas acho que devo demonstrar alguma consideração com sua inocência e deixá-la dormir.

Um olhar triste formou-se no rosto de Aurora e ela esticou o braço para tocar a boca de Nicholas com os dedos.

— Tudo que eu não quero é dormir. Se esta será minha única noite com você, quero que ela dure o máximo possível.

Nicholas olhou para Aurora, querendo afastar as sombras que se formavam em seu belo olhar. Ela estava pensando no dia seguinte, e ele sabia.

Mudando de posição, ele moveu-se sobre ela.

— Eu também, anjo — sussurrou ele roucamente no ouvido de Aurora enquanto sua boca procurava a dela. — Eu também.

## 6



*No abraço dele descobri as maravilhas e as angústias do desejo.*

Confusão foi a primeira reação de Aurora à medida que acordava lentamente. Seu corpo estava sensível de uma maneira diferente, seus lábios e seios suaves, embora um desconforto desconhecido pulsasse entre suas coxas. Piscando à luz do sol filtrada pelas cortinas, tentou reconhecer o quarto estranho e espartano. Mais desconcertante ainda era o fato de ela estar encostada em um corpo masculino quente e rígido que estava certamente nu...

Sua memória voltou subitamente, com toda a força. Seu casamento. Seu marido. Nicholas Sabine.

Por um momento, ela permaneceu deitada entre os braços dele lembrando, com o rosto recostado no ombro dele, os braços entrelaçados. Durante boa parte da noite, ele fez amor com ela com delicadeza e paixão. O que ela esperava que fosse uma união breve e obrigatória tornou-se uma verdadeira noite de núpcias. Nicholas havia despertado Aurora para o desejo, dado a ela a primeira prova do êxtase, deixando-a trêmula e abalada.

E ela tinha se rendido a ele completamente, respondendo com um abandono que beirava o desespero. A despeito do pacto entre eles, o futuro sombrio que ele enfrentava acrescentou uma urgência primitiva àquela noite de amor.

Aurora mordeu o lábio inferior com força. Na noite anterior, ele tinha feito com que ela esquecesse sua tristeza, mas a manhã havia chegado. Hoje ele morreria.

Ela apertou os olhos cerrados. Não poderia se permitir importar-se com ele. Ele era um homem condenado...

Ainda assim, agora era tarde. Ela tinha começado a sentir uma profunda afinidade por seu novo marido, que tornava ainda mais difícil pensar nele morrendo.

As lágrimas contra as quais ela lutava começaram a escorrer pelo rosto de Aurora até o ombro nu dele. Quando o sentiu retesando-se, Aurora percebeu que ele tinha acordado.

Determinada, ela respirou profundamente, tentando conter as lágrimas.

— Eu não quero que você se lamente por mim, Aurora — disse ele em voz baixa.

— Não... consigo... evitar.

— Por favor, não chore... Eu preferiria enfrentar uma tropa da cavalaria a me defrontar com uma mulher chorando — pediu Nicholas. A mão dele acariciou o rosto dela. — Suas lágrimas são a pior tortura possível para mim.

— Eu... eu sinto muito.

Ela fechou os olhos enquanto ele enxugava suas lágrimas com o dedo. Em seguida, respirou profundamente, determinada a não chorar. No entanto, não podia mais aguentar permanecer parada enquanto ele seguia para a morte.

— Não é possível permitir que isso aconteça — Aurora declarou, com a voz baixa e feroz. — *Eu* não vou permitir. Pretendo visitar o governador de uma vez e convencê-lo a suspender sua sentença. Meu Deus, como eu pude ter sido tão cega a ponto de não ter pensado nisso antes?

Desembaraçando-se de sua própria nudez, Nick sentou-se, virando-se de costas para ela. — Devo lembrá-la de seu compromisso de ajudar minha irmã? — disse ele calmamente. — Seu primo organizou uma escolta para você seguir hoje para Montserrat. Hoje à tarde.

— Não posso partir enquanto houver uma chance de que sua vida possa ser poupada.

Nicholas deslizou a mão pelo cabelo. Ele temia exatamente essa resposta dela. Ela não o abandonaria ao seu destino, não agora. Não depois da noite inacreditável que acabaram de passar juntos. A paixão que surgiu entre eles chocou ambos, criando um laço emocional que seria difícil de romper.

Com um juramento silencioso, Nick lançou um olhar para ela e viu seus cílios molhados pelas lágrimas. Vê-la chorar causava-lhe dor, embora ele não pudesse permitir que seu destino viesse na frente do de sua irmã. Não poderia correr o risco. De alguma forma, teria de romper o laço entre ele e Aurora.

Ela estava olhando para ele, os olhos intensamente azuis, os cabelos como uma nuvem dourada, os lábios grossos molhados de seus beijos. Ele não se lembrava de vê-la tão bonita. E igualmente vulnerável.

Alcançando a mão dela, levou-a aos seus lábios, pressionando-os contra os punhos dela.

— Sou grato a você por fazer da minha última noite uma agradável diversão, querida, mas agora acabou. Como nosso casamento foi consumado, não há mais qualquer necessidade de uma falsa afeição entre nós.

Quando o sangue sumiu da face de Aurora, Nicholas apertou os dentes. Ele quis retirar as palavras rudes destacando a paixão que eles tinham compartilhado, mas não poderia se permitir ser influenciado pela dor nos olhos dela.

Ele se forçou a sustentar o olhar dela, mesmo quando ela retirou a mão e puxou os lençóis até o peito em um gesto defensivo.

Tentando parecer impassível, ele se levantou para se lavar, removendo os resultados da noite de paixão. Ele podia sentir o olhar dela nas costas nuas, mas quando se virou para se vestir, ela desviou o olhar.

— Nós temos uma troca, não se esqueça — Nicholas disse de maneira imparcial enquanto colocava a calça. — Sua independência financeira em troca do apoio à minha irmã. Confio que você vai honrar nosso acordo.

Ela ergueu o rosto ao ouvir aquilo, como se ele tivesse ferido seu orgulho. — Certamente irei.

Ele ficou feliz em ouvir uma ponta de raiva no tom de Aurora; aquilo era bem mais fácil de suportar do que lágrimas.

Nicholas vestiu os culotes e então se sentou em uma das poltronas próximas da cama para calçar as botas.

— Seu primo Percy tem todos os documentos de que você vai precisar, assim como minha carta para Raven. Mostre a ela assim que chegar a Montserrat, junto com meu anel como prova de nosso casamento.

Ela vai reconhecer o emblema das embarcações.

Só então um baque surdo soou do lado de fora do quarto. Nick parou, enquanto Aurora vacilou. Alguém estava batendo do outro lado da porta. Eram os soldados da prisão, não havia dúvida.

— Senhor, temos ordens para levá-lo de volta à sua cela — uma voz brusca avisou.

— Um momento, por favor — Nicholas respondeu. — Ainda tenho de terminar de me vestir.

Ele calçou a segunda bota, e então a camisa. Sem pressa, ajustou o plastrão e vestiu o colete e o casaco. Durante esse intervalo, Aurora permaneceu em silêncio, ainda chocada e magoada pela súbita frieza dele.

— Então isso é um adeus — disse ele, quando finalmente se virou para ela.

— Suponho que sim — ela respondeu, mas sua voz não passava de um sussurro. Aurora encarou-o, em busca de qualquer sinal do amante apaixonado e carinhoso que ela conheceu na noite anterior. Não havia nenhum. Ele era um estranho novamente, o rosto magro, belo e rígido.

— Conto com você para cuidar de minha irmã — repetiu Nicholas.

— Você tem minha palavra — Aurora forçou-se a dizer sem alterar a voz.

— E você vai embarcar para Montserrat hoje, como prometeu?

— Sim.

— Então posso morrer em paz.

Quando ela levou a mão à boca para segurar um soluço, ele deu um passo na direção dela, e então parou abruptamente. Um músculo contraiu-se rigidamente no seu maxilar, mas ele continuou em silêncio.

Ele olhou-a longamente antes de sair. Enquanto ela o observava, ele saiu do quarto sem dizer mais nada, fechando a porta suavemente atrás de si.

Aurora o observou como se estivesse anestesiada, imaginando como ele poderia ter se tornado tão frio após todo o carinho da noite anterior. Imaginando como ela poderia suportar o sentimento de angústia e terror que tomaram conta dela tão implacavelmente.

Mas ainda havia tempo, talvez, para salvá-lo...

Ela tinha acabado de jogar as cobertas para o lado quando uma batida soou na porta. Seu coração disparou violentamente; seu primeiro pensamento era que Nicholas tinha voltado. Mas a voz que chamou suavemente era feminina e pertencia à sua criada.

— Milady, sou eu, Nell. O cavalheiro... seu marido... me pediu para vê-la.

— Entre, Nell — disse Aurora, escondendo seu desapontamento enquanto levantava e caminhava para o lavatório.

Nell piscou ao ver a patroa normalmente discreta inteiramente sem roupas.

— Eu... eu trouxe seu vestido de viagem para o embarque desta tarde, minha senhora, e pedi água quente para o seu banho.

— Não — Aurora sacudiu a cabeça. Mergulhar em um banho quente poderia diminuir as dores incomuns de seu corpo, mas não havia tempo. — Obrigada, Nell, mas vou tomá-lo com água da torneira. E depois você deve ajudar a me vestir rapidamente. Devo fazer um pedido ao governador o quanto antes, e não há tempo a perder.

Ela tinha de tentar salvar Nicholas, mesmo que isso significasse desafiar seus desejos e quebrar uma ou todas as promessas que ela havia feito a ele.

Aurora encontrou o governador, lorde Hearn, em sua residência de campo, onde ela lhe implorou para

que interviesse junto à marinha e poupasse a vida de seu marido. Usou todos os seus poderes de persuasão para convencê-lo a simplesmente considerar tal sentença como politicamente prejudicial. Mesmo assim, o governador insistiu em discutir o assunto primeiro com seu vice.

Ela desperdiçou um tempo precioso procurando por Percy, fazendo uma viagem sem sucesso até sua casa. Quando ela o encontrou em seu escritório, quase três horas tinham se passado desde que ela se despediu de Nicholas em seu leito de núpcias, e o dia tinha se tornado cinzento, com nuvens escuras ameaçando chuva para o sul.

Quando ela encontrou Percy saindo de seu escritório, sua expressão parecia tão sombria como ela jamais tinha visto antes. Ele cumprimentou-a friamente, dizendo que estava justamente a caminho de casa para encontrá-la. E quando ela começou a contar-lhe sobre a possível disposição do governador em intervir, Percy balançou a cabeça.

— Aurora, temo que seja tarde demais.

— Tarde demais? O que você quer dizer?

— Recebi uma mensagem do comandante Madsen poucos momentos atrás. Ele já agiu. Nicholas se foi.

Aurora sentiu o sangue fugir de seu rosto.

— Não... isso não pode ser verdade.

— Sinto muito. É verdade.

— Ele não pode estar morto — ela sussurrou com a voz rouca. Aurora apertou a mão contra a boca, tentando conter seu choro de desespero à medida que a dor tomava conta de seu corpo.

Após um momento, Percy foi até ela e pegou sua outra mão.

— Aurora, você sabe que Nicholas não ia querer que você lamentasse por ele. Ele queria que você se esquecesse dele e seguisse em frente com sua vida... Na verdade, nós deveríamos partir rapidamente para encontrar a irmã dele. Não apenas prometi a Nick que a acompanharia até lá nesta tarde, mas não gosto do que vejo no céu. Uma tempestade está se formando e devemos nos apressar se quisermos chegar lá. Meu iate está esperando para nos levar a Montserrat.

— Eu quero... vê-lo.

Ele franziu o cenho.

— Eu já disse que ele se foi.

— Eu quero ver o corpo dele. Por favor, Percy... Não posso partir sem dizer adeus.

Ele soltou um suspiro pesado.

— Temia que você pudesse se sentir assim, que não se convencesse a partir até o destino final dele. Muito bem. Levo você para ver o túmulo dele, se você insiste. Ele foi enterrado na fortaleza.



Aurora ficou parada sobre a cova recém-escavada em silêncio absoluto, seu coração tão pesado quanto o céu carregado, enquanto lágrimas escorriam sem parar pelo seu rosto. Não havia nenhuma lápide ou identificação. Somente terra nova indicando a morte do homem cuja presença vital tinha tocado sua vida tão breve e poderosamente.

Ela inclinou a cabeça, lutando para conter um soluço. Sentia frio e dor por dentro. E junto com o sal de suas lágrimas havia o gosto amargo da culpa. Culpa por não ter tentado fazer mais para salvá-lo.

*Nicholas, sinto muito.*

— Venha agora — seu primo murmurou. — Você tem uma promessa a cumprir.

Ela concordou silenciosamente, com os músculos da garganta contraídos.

Percy entendeu por que ela quis ir até lá. Ela precisava ver o túmulo de Nicholas para se convencer de que ele realmente tinha morrido.

Só agora ela poderia aceitar a realidade de sua morte.



Aurora vestiu luto para a viagem a Montserrat — um vestido de viagem de bombazina preto que ela usou originalmente para honrar a memória de seu falecido noivo. Assim que Aurora e Percy embarcaram no iate dele, entretanto, o céu desabou. Foram obrigados a esperar quase uma hora até que a chuva diminuísse o suficiente para permitir a partida.

Aurora estava feliz pela tempestade, pela água que caía do céu e pelos ventos que retratavam exatamente seu estado de espírito. Olhando da cabine de comando, ela observava sombriamente a tempestade mostrar sua força do lado de fora.

O pior da ventania passou por eles rumo ao sul, mas o mar agitado tornou difícil a curta viagem até a ilha próxima. Entretanto, quando chegaram, as nuvens escuras tinham se tornado rapidamente algodoadas, com o sol fazendo uma breve aparição.

Devido às suas colinas rochosas verdes e à considerável população irlandesa, Montserrat era conhecida como a ilha Esmeralda do Caribe e, após a chuva, brilhava como uma joia ao sol. Quando a embarcação ancorou, os passageiros desembarcaram. Percy contratou uma carruagem, que os transportou pelos ricos campos de cana-de-açúcar em direção às montanhas de floresta tropical. A subida oferecia uma vista magnífica do mar, embora Aurora mal tenha notado. Ela era grata pelo silêncio do primo, já que queria ficar sozinha com seus próprios pensamentos sombrios.

O condutor fez uma parada antes da casa da fazenda, que tinha certo charme, acentuando as cantarias arqueadas e as varandas sombreadas das Índias Ocidentais, ornadas por buganvílias e hibiscos coloridos. Mas já tinha visto dias melhores, como ficava evidente pela pintura branca e verde já descascada nas paredes.

Nenhum criado ou laçao os veio saudar, e quando Aurora e Percy subiram os degraus da entrada para bater à porta, demorou até que ouvissem o som de movimento dentro da casa.

Uma jovem abriu a porta. Ela usava um vestido de musselina azul muito simples e segurava uma pistola na mão.

Aurora se assustou ao ver a arma apontada para seu peito, enquanto Percy blasfemou entredentes e puxou-a rapidamente para o lado, desviando-a da arma.

A jovem baixou a pistola com um murmúrio de desculpas. — Perdoem-me. Eu esperava outra pessoa. Tivemos problemas ultimamente... — A voz dela não completou a frase.

— Que tipo de problemas? — Aurora perguntou, recuperando-se da surpresa.

— Algumas visitas desagradáveis da marinha britânica. — Sua boca curvou-se em escárnio, antes de mudar suas maneiras para uma forma mais educada. — O que posso fazer por vocês?

— Estamos aqui para ver a senhorita Raven Kendrick — Aurora respondeu, embora soubesse que ela devia ser Raven. Uma rebelde e uma beldade, Nicholas dissera. Aquela jovem certamente era assim, com

seus cabelos negros, olhos muito azuis e sua arma pronta para matar.

— Eu sou a senhorita Kendrick — Raven respondeu. — E vocês são...?

— Sou lady Aurora... Demming. E este é meu primo, sir Percy Osborne. Estamos aqui em nome de seu irmão.

Um olhar assustado apareceu no rosto dela.

— O que vocês sabem do meu irmão?

Aurora engoliu seco, momentaneamente muda pela dor em sua garganta. Ela sentiu a mão de Percy em seu ombro, apoiando-a.

— Ele foi feito prisioneiro, isso eu sei — Raven afirmou. — Ele está bem?

Quando os olhos de Aurora se encheram de lágrimas, os lábios da garota perderam a cor.

— Ele está morto, não está?

— Eu... eu temo que sim.

Os olhos de Raven encheram-se de dor. Após um momento, ela deu-lhes as costas, curvando a cabeça enquanto tentava manter a compostura. Finalmente, virou-se para eles.

— O que aconteceu? — ela sussurrou com dificuldade.

— É muito complicado — Aurora respondeu em voz baixa. — Nós poderíamos entrar?

— Sim... sim, é claro. — Ela encolheu os ombros e deu um passo atrás para que os visitantes pudessem entrar.



Três dias depois, Aurora estava na popa de um brigue de dois mastros com sua nova tutelada, observando a ilha de Montserrat desaparecer e tornar-se um ponto verde no horizonte. Tinha sido mais difícil do que ela esperava dizer adeus a Percy. Tudo tinha sido mais difícil com seu coração tão pesado. Ela sentiria falta de seu querido primo e de Jane.

Felizmente, os últimos três dias foram bastante agitados, oferecendo pouca chance para pesar. Aurora tinha passado esse intervalo ajudando Raven com os preparativos finais para sua mudança para a Inglaterra: embalando as coisas dela e fechando a casa, despedindo os últimos poucos criados e vendendo os animais remanescentes, inclusive uma égua à qual Raven era bastante ligada. Ambas compartilhavam uma paixão por cavalos.

Naquele momento, Raven havia se concentrado resolutamente em suas tarefas. Havia falado pouco sobre seu meio-irmão, mas Aurora suspeitava que a jovem sofria pela morte dele com surpreendente intensidade. Apesar de Raven não ter passado muito tempo com Nicholas, somente alguns anos, durante aquele breve período ela aparentemente havia ficado muito ligada a ele. Aurora achou oportuno que ela e Percy tivessem chegado a Montserrat no momento em que chegaram, pois Raven realmente tinha planos de partir no dia seguinte atrás do irmão.

A jovem estava em choque pela morte dele e ficou surpresa ao saber da mudança da guarda. Mas, depois de ler a carta de Nicholas, ela pouco protestou em relação ao acordo, afirmando que percebia o benefício de ter alguém como lady Aurora para guiá-la na sociedade e dizendo-se satisfeita por sua presença consoladora.

Aurora achou que Raven tinha demonstrado muita coragem ao deixar para trás a única vida que conhecia. Não seria fácil viajar meio mundo para morar em outro país com parentes desdenhosos que ela

nem ao menos conhecia, ajudada apenas por sua criada e pelo fiel cavaleiro irlandês de nome O'Malley, que aparentemente se autopromovera a guardião pessoal de Raven.

Agora, ao lado de Aurora no gradil do navio, Raven mantinha o queixo erguido e o olhar firme enquanto observava sua terra se distanciar.

— Você morou a vida inteira na ilha, não é? — sussurrou Aurora em um esforço para desviar o sofrimento da menina.

— Minha vida inteira.

— Sei que vai sentir muita saudade.

A boca de Raven tremeu momentaneamente, fazendo-a parecer mais jovem e vulnerável do que seus dezenove anos. Mas ela se controlou rapidamente.

— Não importa. Isso é o que minha mãe sempre quis para mim. — Tomando fôlego profundo, Raven virou-se para olhar a curva do navio. — E agora não tenho mais família.

— Você tem a mim — disse Aurora gentilmente.

— Fico contente — disse Raven, forçando um sorriso trêmulo. — Fico contente que Nicholas tenha encontrado você.

Reprimindo a pontada de dor causada dentro dela pela lembrança, Aurora olhou para a frente, a exemplo de Raven.

— Você vai ter uma vida nova na Inglaterra, Raven. Nós duas vamos.

— Sim — disse Raven antes de endurecer a expressão e deslizar a mão até a de Aurora.

Inspirada pela coragem da jovem, Aurora ergueu os olhos para o mar infinito, na direção de onde seu lar acenava. Ela também teria de deixar o passado para trás e olhar para o futuro. Um futuro sem Nicholas.

— Uma vida nova — prometeu ela em um sussurro firme.



Sem conseguir dormir, Aurora estava deitada, enrolada sob as cobertas da cama, observando enquanto o amanhecer lançava raios rosados de luz pela cabine do navio. O brigue pertencia ao conde de Wycliff, e a cabine por ela compartilhada com sua criada era confortável e com pouca mobília.

Não havia motivo para acordar cedo. A viagem até a Inglaterra demoraria sete ou oito semanas, se o tempo ajudasse, e aquela era apenas a primeira manhã. Com exceção dos criados, Aurora e Raven eram as únicas passageiras a bordo, e ambas não eram a melhor companhia no momento.

A cabine estava em silêncio, rompido apenas pelo bater das ondas contra o casco e a respiração de sua criada, que finalmente tinha adormecido na cama ao lado depois de ter passado mal durante a maior parte da noite.

Silêncio demais, Aurora pensou, lamentando-se. Ela não podia ser grata pelo momento de solidão, o primeiro desde que deixara São Cristóvão. Na maior parte do tempo, havia conseguido controlar o próprio sofrimento, evitando pensar em Nicholas mais de uma dúzia de vezes ao dia, recusando-se a ficar remoendo sua perda. Pelo menos até aquele momento. Agora, no silêncio da aurora, a dor começou a se manifestar com força renovada.

Fechando os olhos, Aurora apalpou o anel que Nicholas lhe dera, que estava em uma corrente de ouro em seu pescoço. O metal estava aquecido pelo calor do corpo dela e a fazia lembrar intensamente de

Nicholas e da paixão avassaladora que compartilharam na breve noite que tiveram juntos.

Incapaz de suportar por mais tempo a solidão de seus pensamentos obscuros, Aurora levantou-se e se equilibrou diante do balançar do navio enquanto trocava de roupa em silêncio. Embora quisesse com um pouco de companhia, não pretendia acordar a pobre Nell. Talvez, se subisse ao deque, poderia encontrar o capitão ou algum de seus oficiais para lhe fazer companhia.

Ela estava desenrolando um xale da valise quando passou a mão pelo pacote enrolado em papel de seda. Seus dedos acariciaram o percurso das letras do nome escrito fracamente: Nicholas Sabine. O pacote havia sido deixado para ele pela mãe de Raven, entre suas posses.

Aurora sentiu o coração bater de maneira estranha enquanto abria o embrulho. Dentro dele havia um livro, como ele imaginava, mas não era um livro qualquer. Aurora perdeu o fôlego diante de tamanha beleza.

A capa era folheada a ouro e adornada nas quatro extremidades com pedras semipreciosas. Escrito em relevo no ouro estava o título: *Une passion du coeur: par une dame anonyme.*

*Uma paixão do coração – por uma dama anônima.*

Curiosa, Aurora abriu a capa incrustada de joias. O livro era um diário, percebeu ela, escrito quase cem anos antes, apesar de ter sido publicado apenas mais recentemente.

O primeiro texto, também escrito em francês, tinha a data de 3 de setembro de 1727:

*Sete meses haviam se passado desde que eu tinha sido capturada por corsários turcos e vendida como escrava em Constantinopla para o harém de um príncipe. Sete meses se passaram desde minha gradual conversão do desespero, passando para o desejo e chegando a um amor relutante. Somente hoje consegui pena e pergaminho para escrever meus pensamentos sobre meu cativo.*

*Lembro-me muito vivamente do dia em que fui levada diante dele como sua concubina. Eu era inocente na época, francesa vinda de uma boa família, despreparada para os segredos da paixão que me aguardavam nas mãos de meu novo mestre. Eu não tinha como saber o quão profundamente ele me afetaria, despertando a necessidade de carinho e o desejo voraz de uma mulher.*

*À primeira vista ele parecia infinitamente perigoso, bárbaro até. Mas mesmo assim fui atraída por alguma coisa em seu olhar...*

Aurora fechou os olhos e lembrou-se muito pungentemente da primeira vez em que vira Nicholas a bordo da fragata britânica. Naquele momento, ele era um prisioneiro, atado a correntes, e, mesmo assim, parecia tão perigoso e persuasivo quanto o príncipe do diário.

Ela seguiu com a leitura, virando páginas que pareciam gastas de tanta leitura. Nicholas disse que o livro foi um presente de seu pai à mulher que amava. A mãe de Raven evidentemente retribuía o amor dele, caso fosse usado como parâmetro o estado das páginas. Numerosas passagens foram sublinhadas, uma das quais chamou a atenção de Aurora.

*A sensação da mão dele em meu seio era simultaneamente tranquilizadora e excitante. Seus dedos habilidosos acariciavam meu mamilo enrijecido, uma tormenta para minha carne sensível.*

Um rubor de constrangimento formou-se no rosto de Aurora diante de um texto tão explícito. Aurora prometera ler o diário e decidir se seria adequado dá-lo a Raven, mas ela não podia responder à questão logo ao primeiro olhar.

Nicholas não tinha como saber do conteúdo escandaloso do diário. Ela mesma jamais havia lido nada tão abertamente licencioso. E também não conseguia negar o fascínio proibido. As descrições eróticas da francesa possuíam uma qualidade poética, lírica e ao mesmo tempo poderosa e fascinante.

Os olhos de Aurora fixaram-se em outra passagem aleatória:

*Seu toque audaz inflamou meu inocente sentido, conduzindo-me a elevados picos de prazer, fazendo arder a necessidade que queimava dentro de mim.*

*Nicholas, oh, Nicholas.* Aurora fechou o livro, sem saber ao certo se seria capaz de ler algo que trazia à tona tantas memórias angustiantes.

Enrolando-se no xale para espantar o frio do amanhecer, Aurora hesitou por um longo momento antes de pegar o diário e finalmente sair da cabine.

Sobre o deque, a tripulação corria de um lado para outro do brigue, escalando os cordames e ajustando as incontáveis velas. Sem querer ficar no caminho da tripulação, Aurora parou perto da grade.

Por ter saído da escuridão da cabine, o brilhante nascer do sol ofuscou a visão de Aurora. Ou talvez fossem lágrimas. Ela mal conseguia enxergar o vasto oceano que se desdobrava diante dela. As brilhantes águas azul-esverdeadas do Caribe foram deixadas para trás pelo tom acinzentado do oceano Atlântico, enquanto uma brisa fria esbofeteava o navio, fazendo com que as lonas estalassem.

Tremendo de frio, Aurora cruzou os braços e ergueu o rosto para sentir o vento, feliz pela sensação de dormência.

Ela permaneceu no gradil por um bom tempo, com dor no coração pela lembrança de Nicholas. Ele era tão vigoroso, tão maior do que a vida. *Pelo amor de Deus, pare de pensar nele!*

De alguma maneira, Aurora precisava afastar de sua cabeça as lembranças de Nicholas. Aquele breve capítulo de sua vida estava encerrado. Quando chegasse à Inglaterra, sua vida teria um recomeço. Começaria uma nova vida. Seria a dona do próprio nariz, sem um pai autoritário nem um marido controlador para tomar conta de sua vida e transformá-la em motivo de sofrimento.

Aurora devia se lembrar de como era abençoada em vez de chafurdar em sofrimento por um homem que ela mal conhecera. Pensando de maneira lógica, ela devia agradecer pelo fato de o casamento entre eles ter durado tão pouco tempo. Jamais conseguiria se sentir confortável tendo Nicholas como marido. Sua intensidade, sua paixão, sua virilidade bruta... tudo aquilo era muito poderoso.

Qualquer que fosse, o vínculo estabelecido entre eles seria físico. Vínculos da carne, e não do coração. O casamento deles tinha significado um contrato de negócios frio, nada mais que isso. E ela teria de enterrar a memória dele demonstrando o mesmo distanciamento insensível.

Com determinação renovada, Aurora engoliu a dor que tinha se acumulado em sua garganta e forçou-se a pensar no diário que trazia nas mãos. A dama havia sido capturada e escravizada, mas tinha conhecido a paixão nos braços de um magnífico estranho. O que ela tinha mais para contar? Como terminaria a história dela?

Ansiosa pela distração, Aurora procurou um barril para se sentar, mas fora da força direta do vento. Então, com o coração batendo em um ritmo inquietante, abriu a capa incrustada de joias, procurou a primeira página e começou a ler.

*À primeira vista ele parecia infinitamente perigoso, bárbaro até. Mas mesmo assim fui atraída por alguma coisa em seu olhar...*

PARTE II  
A DANÇA DA PAIXÃO





*Contra a minha vontade, ele assombrou meus sonhos.*

LONDRES, JUNHO DE 1813

O baile de máscaras era um grande sucesso, caso a aglomeração fosse o critério de avaliação. O salão estava cheio de pastoras e princesas, cavaleiros de armaduras e deuses mitológicos. Até mesmo o príncipe regente tinha feito uma aparição antes, assegurando um triunfo para a anfitriã, lady Dalrymple, tia de Raven.

Por trás de sua máscara de cetim, Aurora observava tudo muito atentamente, à distância, enquanto Raven movia-se no ritmo alegre de uma dança típica na companhia de um cupido. Ela estava vestida de cigana e incorporava o papel com perfeição, balançando os cabelos cor de ébano, as saias brilhantes e as pulseiras douradas.

Obviamente, mais de um cavalheiro observou não apenas a fantasia, mas a dama que a vestia. Parado ao lado de Aurora, o conde de Clune olhava a vivaz cigana com interesse.

— Sua tutelada parece estar fazendo sucesso — ele observou. — Mas o que me surpreende é a tia dela ter apoiado sua vinda a um baile de máscaras.

— Não vejo problema nisso — respondeu Aurora com brandura. — Lady Dalrymple jamais permitiria nenhuma espécie de comportamento escandaloso em sua casa. E seria crueldade manter a senhorita Kendrick aprisionada lá em cima, em seu quarto, negando-lhe a experiência de participar de seu primeiro baile de máscaras. Além disso, ela já fez sua aparição e é mais velha do que a maioria das debutantes... e definitivamente mais madura.

O conde virou-se para admirar Aurora, sondando sua máscara.

— Também é surpreendente imaginá-la como guardiã dela. Você não deve ser muito mais velha do que ela.

— Dois anos. E sou mais amiga do que guardiã de Raven. No entanto, levo muito a sério minha responsabilidade por ela — disse Aurora, retribuindo lentamente o olhar do conde. — Se você estiver pensando em ir atrás dela, milorde, temo que deva adverti-lo a não o fazer. Tenho certeza de que você não se enquadraria.

O sorriso cafajuste do conde era todo charme.

— Realmente. Jovens e castas debutantes não fazem meu estilo. Mas decididamente tenho uma queda por amáveis jovens viúvas. Se você estiver precisando de consolo, Aurora, será um prazer ajudá-la.

Aurora reprimiu o sorriso por baixo da máscara. Jeremy Adair North, mais conhecido como “Atrevido” por suas escandalosas explorações pelos quartos e salões de festa da Europa, era um dos mais famosos libertinos da alta sociedade. Era difícil não gostar dele, independentemente do quão perversa ou escandalosamente ele se comportasse, pois possuía um charme contagiante. Sua riqueza e posição também serviam para desculpar sua notoriedade aos olhos dos outros. Além do fato de ser duque, havia rumores de que em breve ele se tornaria o marquês de Wolverton, pois a riqueza do avô estava sendo rapidamente dilapidada.

Aurora conhecia lorde Clune havia alguns anos. Ele nunca dera a menor atenção a ela até aquela noite, sem dúvida porque ela passava a ser considerada disponível, agora que estava viúva. Enquanto ele espiava pelo salão, sondava quem era a mulher por trás da máscara, como se tentasse desvendar um mistério. Ele não pararia de fazer perguntas enquanto não descobrisse seu nome.

— Devo lembrá-lo de que estou em luto, sir? — perguntou Aurora, propositalmente acrescentando um tom de dureza em sua voz.

— Mas, mesmo assim, você está aqui hoje à noite. Não se pode dizer que seja adequado participar de um evento público imediatamente depois de sofrer uma grande perda.

— Meu marido não queria que eu ficasse de luto por ele. E até esta noite, tomei o cuidado de seguir rigorosamente as convenções do luto. Mesmo agora, minhas estatísticas não são tão ofensivas. Não estou dançando, esforcei-me ao máximo para manter minha identidade oculta. Você deve admitir que até agora não me reconheceu.

Clune olhou-a surpreso. Ela usava uma fantasia de dominó<sup>2</sup> com uma touca de contas de cristal; sua escolha era sóbria em comparação com os trajes extravagantes de outros convidados, bastante recatado, cobrindo-a da cabeça aos pés, ao passo que sua máscara escondia praticamente todo o rosto, com exceção da boca e do queixo.

— Pelo contrário — respondeu Clune, simulando uma reação. — Eu jamais deixaria de reconhecer a beleza mais deslumbrante do salão.

Aurora evitou dar uma resposta irônica. Não tinha a menor intenção de flertar com o mais famoso libertino de Londres. Estava plenamente consciente da necessidade de circunspecção, tanto pelo bem de Raven quanto pelo seu próprio, e sabia dos riscos que havia assumido ao ir ao baile.

— Minha única razão para estar aqui esta noite — explicou Aurora com paciência — é o fato de a senhorita Kendrick ter-me pedido que lhe desse apoio. Ela ainda não tem tantos amigos com os quais se sinta à vontade na sociedade.

— Ela certamente não está carente de admiradores no momento — comentou o lorde enquanto voltava o olhar para o salão. — Veja só o bando de jovens em volta dela — observou. A dança tinha acabado e uma sorridente senhorita Kendrick estava cercada por uma dúzia de jovens cavalheiros, todos eles disputando sua atenção.

Aurora sentia-se gratificada por ver Raven chamando tanto a atenção. Ela estava se adaptando ao círculo social admiravelmente bem. Na realidade, a vivacidade e a falta de papas na língua já rendiam a Raven uma reputação de “original”.

Para encanto de Aurora, tornar-se amiga de Raven foi agradável. Apesar de suas crenças pouco convencionais e de seu jeito tempestuoso, seus modos eram extremamente agradáveis e ela era capaz de ser graciosa, equilibrada e articulada quando assim desejava. Ela primeiramente precisou polir suas

habilidades sociais e seu entendimento das complexidades da etiqueta.

Era a atitude de Raven, mais precisamente sua tendência à imprudência, que tinha maior potencial para lhe causar problemas. Mas ela estava se empenhando bastante em reprimir sua tempestuosidade natural. Com exceção dos galopes matinais no parque com Aurora, galopes esses que esta se reconhecia responsável por encorajar, Raven se esforçava muito para se conformar com as convenções para que ninguém, a não ser os mais conservadores, pudesse encontrar erro.

Raven ouvia atentamente tudo o que Aurora falava, pois estava determinada a cumprir a vontade de sua mãe: encontrar um excelente par e casar-se com um homem de posição e fortuna. Criada no espaço limitado de uma ilha no Caribe, evitada por parentes soberbos em razão de sua concepção, Raven estava decidida a ingressar na elite da aristocracia britânica que tanto tinha repudiado sua mãe.

Aurora desconfiava que ela poderia muito bem cumprir sua meta de conseguir meia dúzia de propostas de casamento até o fim da estação. Prova disso era o fato de mais cedo, naquela noite, Prinny ter considerado a senhorita Kendrick “encantadora”.

— Uma pena que você deva evitar dançar — meditou Clune em voz alta. — Mas suponho que não possa se dar ao luxo de cometer a menor indiscrição depois do seu casamento desastroso — prosseguiu. Ante o olhar duro de Aurora, Clune sorriu preguiçosamente. — Digo isso em tom de brincadeira. Sem dúvida eu sou uma das poucas pessoas que não consideram chocante o fato de você ter se casado com um americano notório. Eu me lembro de Nicholas Sabine de uma visita que ele fez aqui alguns anos atrás. Realmente um homem impressionante. Primeiro e único ianque a ser aceito como membro honorário da Liga Fogo do Inferno.

Clune era o líder em pessoa do clube de libertinos perversos chamado Liga Fogo do Inferno. Ele, junto com o primo inglês de Nicholas, o conde de Wycliff, foi assunto de sensacionais fofocas durante anos, e merecidamente.

— Eu me lembro de ter ficado louco de inveja — admitiu Clune — ao ouvir Nicholas falar de suas aventuras... Explorar terras estrangeiras, procurar tesouros escondidos, lutar contra bandidos... Uma vez, ele escapou por pouco de ser entalhado pela cimitarra de um senhor da guerra furioso na Berbéria, você sabia?

— Acho difícil entender como isso pode causar inveja — respondeu Aurora secamente.

— Talvez não seja motivo para inveja, mas a coragem dele era admirável. Se você ouvisse Wycliff contar, então, seu Nick parecia um herói incalculavelmente maior. Na Índia, certa vez, ele rastreou um tigre que comia carne humana que passou meses atacando os aldeões. Abateu o animal com um tiro. Depois rebatizaram a aldeia em homenagem a ele.

Wycliff havia contado a Aurora histórias similares sobre as explorações de seu marido. Dizia-se que Nicholas teria salvado a vida de um príncipe russo durante uma caçada a lobos. Quando a carruagem do nobre quebrou a capa de gelo e caiu em um lago, Nicholas retirou o nobre e o carregou por cerca de dois quilômetros até um abrigo. Ele foi recompensado com joias de valor inestimável em volume suficiente para levar uma vida de luxo durante anos. Isso tudo, somado ao fabuloso tesouro de um pirata que havia encontrado no Caribe durante a juventude, fez dele um homem rico muito antes de assumir o controle do império de navegação da família Sabine.

Aurora sentiu a vista embaçar momentaneamente diante da agridoce lembrança de Nicholas. Inquestionavelmente, ele às vezes arriscava a vida pelo mero prazer de sentir o perigo, mas também salvou algumas vidas nesse percurso. Aquele era um dos motivos pelos quais Aurora carregava tanta culpa pela morte de Nicholas; ela não fez nada para salvá-lo até que já fosse tarde demais. Se

simplesmente tivesse insistido em falar com o governador antes... Se ela... Mas não fazia bem remoer o passado.

Preferia lembrar-se de Nicholas como o amante carinhoso da noite em que se casaram do que pensar no homem inconsequente e perigoso que ela sabia que no fundo ele tinha sido.

— Fiquei sabendo — observou Clune — que seu pai não ficou contente com o fato de você ter se casado durante sua permanência no Caribe.

— Não ficou — sussurrou Aurora. As pessoas ficaram escandalizadas com o casamento dela, como era de esperar. Mesmo para a filha de um duque, era uma maldição casar-se com um pirata insolente que encontrou um deplorável fim na forca. Mas o pai de Aurora ficou *lívido* diante de sua transgressão, descarregando nela uma fúria convulsiva que a deixou abalada. Em público, porém, manteve uma fingida e fria indiferença, pois não queria alimentar ainda mais o já sensacional incêndio desencadeado pelo inconveniente casamento da filha.

Felizmente, sua promessa de deixá-la sem nenhum tostão não surtiu efeito, pois o acordo de casamento deixou Aurora consideravelmente rica. O primo de Nicholas, Lucian Tremayne, o conde de Wycliff, cumpriu os complicados detalhes financeiros do casamento de uma vez — e isso quando poderia ter dificultado consideravelmente o acesso dela à fortuna do falecido marido. Depois, quando ela foi tratada com desdém por certos integrantes da alta sociedade, Wycliff entrou na briga, mostrando-se seu maior defensor e oferecendo-lhe a proteção de seu nome e de sua posição, acolhendo calorosamente a viúva de seu primo americano em sua família.

O caminho de Aurora tornou-se bem mais tranquilo depois disso, pois poucas pessoas ousariam desprezar um homem da importância de Wycliff.

Na maior parte do tempo, porém, seus conhecidos ficaram ao seu lado. Ela ainda era bem recebida, à exceção dos círculos mais rígidos. Suas amigas mais próximas iam visitá-la em sua nova casa com bastante regularidade, aliviando sua solidão. E de certa forma, ironicamente, ela se transformou em uma espécie de prêmio matrimonial mais valioso do que antes. Uma viúva rica que precisava de consolo era a preferência dos caçadores de fortunas — e também dos cafajestes, pensou Aurora ao olhar para o belo lorde libertino de cabelos claros atenciosamente pousado ao lado dela.

— Imagino — disse Clune em tom de indireta — que tenha havido outras pessoas além de seu pai que não receberam bem a notícia de seu casamento.

Ele apontou discretamente na direção de um cavalheiro alto e imponente fantasiado de Henrique VIII. O duque de Halford estava ali, olhando através de suas lentes em uma aparente reprovação à alegria da festa. — Ele não deve ter apreciado o fato de você tê-lo largado.

— Mas eu não o larguei — respondeu Aurora.

— Não? Dizia-se por aí que você ia se casar com Halford.

— Meu pai era a favor do casamento, mas não chegamos nem a ficar noivos.

— Ainda assim, um homem orgulhoso como Halford deve ter interpretado seu repentino casamento como um insulto.

— Na verdade, ele foi bastante compreensivo — afirmou Aurora, enfeitando a realidade — quando confessei que me apaixonei desesperadamente por meu marido.

— Bem — declarou Clune com um sorriso irônico —, ele evidentemente desistiu de ir atrás de você, já que está aqui analisando a nova safra de debutantes. Você deu sorte por ter escapado, em minha não tão humilde opinião.

Aurora concordava plenamente, mas não seria educado dizer aquilo. Ela estremeceu só de pensar em como seria sua vida agora se fosse a duquesa de Halford, forçada a seguir os conselhos dele e aceitar seus ditames.

Agora, quando se encontravam em eventos sociais, Halford a tratava com fria educação. Pelo bem de Raven, porém, Aurora engolia seu desprazer e tentava permanecer cordial. Não havia motivo para hostilizá-lo nem para fomentar a inimizade com um nobre que era uma figura respeitada pela sociedade.

— Sim, uma feliz fuga — acrescentou Clune com uma seriedade incomum —, mas você não parece tão feliz assim no amor. É lamentável que *dois* de seus pretendentes tenham sofrido um fim tão infeliz.

Aurora segurou a dor na garganta e simplesmente concordou. Doía lembrar-se da perda de Geoffrey e de Nicholas.

— Você deve estar solitária, sem ninguém para consolá-la. Eu poderia facilmente remediar isso, minha querida. Soube que Wycliff ficará viajando a negócios por um tempo. Não tenho dúvidas de que Lucian gostaria que eu cuidasse de você na ausência dele.

— Você é muito gentil, milorde — murmurou Aurora ironicamente —, mas não existe razão para se preocupar com meu bem-estar, nem para permanecer ao meu lado a noite inteira. Você deveria ir dançar um pouco.

Com um elegante erguer de sobrelance, Clune respondeu:

— Entendi que fui dispensado, lady Aurora? Estou magoado.

Ela riu, duvidando que realmente tivesse magoado, ainda que minimamente, aquele experiente libertino.

— Certamente o senhor entende meu dilema, milorde. Ser vista em sua companhia servirá apenas para fomentar comentários.

— Muito bem. Sou astuto o bastante para entender a indireta. Vou cuidar de você em suas andanças matinais pelo parque então — disse ele. Com um sorriso insinuante, Clune dirigiu uma elegante reverência a Aurora e afastou-se em busca de uma presa mais aberta a suas investidas.

Enquanto observava Clune se afastando, Aurora flagrou-se pensando nos comentários dele sobre seu casamento. Era verdade que a maior parte da sociedade achava que ela tinha arruinado a própria vida. Talvez sua ação tenha sido socialmente desastrosa, mas ela não podia lamentar o casamento com Nicholas Sabine. Não importava o quão gravemente ele tinha abalado sua vida, Nicholas lhe dera os meios para a independência que ela tanto procurava, algo que jamais esperava conseguir sozinha.

E Nicholas também havia mudado Aurora de maneiras intangíveis — muito mais do que ela poderia imaginar possível pela forma como se conheceram. Ela nunca foi do tipo atrevida, exceto, talvez, quando montava um cavalo. Fora isso, era sensível e bem-comportada, plenamente consciente dos deveres decorrentes de sua posição e do nome de sua família.

Mas, depois de sua experiência com ele, Aurora tornou-se menos paciente com as superficiais restrições e as rígidas regras da sociedade, menos disposta a ser governada pelas expectativas alheias. Aquela noite era um grande exemplo. Antes de seu casamento, jamais teria ido a um baile de máscaras ainda em luto, mesmo disfarçada.

Havia algo libertador em relação a dar de ombros às convenções, ainda que por trás de uma máscara. E o prestígio social parecia agora desimportante se comparado com as questões de vida ou morte pelas quais tinha passado apenas alguns meses antes. Ainda que antes tenha sido uma figura respeitada na sociedade, ela não tinha muito a lamentar pela perda de status.

Ela era agora lady Aurora Sabine. Mantivera o título, posto que acarretava certa deferência, porém se estabeleceu em uma residência pequena, mas elegante, em Mayfair. Raven estava passando a temporada na casa de sua tia Dalrymple na cidade, apesar de no verão ter de se mudar para o interior para passar algum tempo com o avô, que era uma espécie de ermitão.

Aurora apreciava a liberdade que o fato de ter sua própria casa dava a ela, embora ficasse normalmente confinada em um pequeno território. Exceto pela obrigação de guiar Raven pela sociedade, ela vivia tranquilamente, como uma viúva enlutada. Cavalgava pela manhã, quando somente os mais ávidos cavaleiros estavam por ali, em vez de sair na elegante hora das cinco, quando o parque estava tomado pela nata da sociedade. Quando a acompanhava às compras — Raven precisou de um guarda-roupas todo novo para debutar —, ela vestia o negro e mantinha um véu sobre o rosto em homenagem à memória do marido.

Sua demonstração de luto, porém, não era total fingimento. Queria honrar Nicholas com o respeito devido a um marido amado. Não conseguia esquecer o amante carinhoso que a levou a um êxtase inesperado e a fez mulher, nem negar sua gratidão pelo fato de ele a ter salvado de um casamento insuportável e do controle ditatorial do pai.

Escapar da fúria e do pulso de ferro do pai fizeram com que Aurora sentisse a retirada de um pesado fardo dos ombros. Ela era muito agradecida por sua libertação. Na realidade, não imaginava o quanto ansiava por liberdade até finalmente experimentá-la. E agora que a possuía, jamais se deixaria ser novamente dominada tão completamente por nenhum outro homem. Ela devia a Nicholas essa realização e sua recém-descoberta força.

O diário da francesa também a havia influenciado indefinidamente. Aurora não era mais a inocente virgem da noite do seu casamento. O diário lhe havia ensinado muito sobre os mistérios da paixão e a havia ajudado a compreender os poderosos sentimentos que Nicholas Sabine tinha despertado nela tão naturalmente.

Por um momento, enquanto se lembrava dele, uma dor pungente provocou um aperto na garganta. Já haviam se passado quatro meses desde sua morte. Quatro meses durante os quais ela tentara tirá-lo da cabeça. O pensamento em Nicholas vinha muitas vezes nas horas mais estranhas, mas a cada dia era um pouco mais fácil esconder a dor. Às vezes passavam-se horas sem que Aurora pensasse nele.

Havia noites nas quais ele assombrava seu sono...

Aurora retesou os ombros. Não ia permitir ser atormentada por lembranças. Ela havia prometido a si mesma construir um novo futuro em sua vida, e não olharia para trás.

Sua vida estava em um caminho diferente agora. Não havia turbulência, sofrimento, medo. Nenhuma briga provocada pelas disputas com o pai ou por seus surtos violentos.

Aurora não conseguia se lembrar da última vez em que sua vida estivera tão tranquila. Agora ela estava contente, até mesmo feliz. Uma existência calma, monótona e pacífica era de grande apelo depois das reviravoltas em seu passado.

Não tinha de dar satisfações a ninguém mais além de si mesma. Estava sozinha no comando de seu destino. Finalmente, *finalmente*, era a dona da própria vida. E era exatamente assim que ela queria que fosse.



Talvez tenha sido depois de aproximadamente uma hora que Aurora perdeu Raven de vista.

Procurando no meio da multidão, ela finalmente percebeu o vulto da moça no lado oposto do salão.

Raven não estava dançando. Estava parada em um canto, conversando com um pirata fanfarrão que usava um tapa-olho e levava consigo uma espada pendurada na cintura. Raven estava corada de tanta empolgação. Ria e falava animadamente.

Aurora sentiu uma coisa no coração quando viu o pirata. Ela não o reconhecera exatamente, mas a sensação de familiaridade era estranha. Ele tinha os movimentos e o porte atlético de seu falecido marido — os mesmos ombros largos, a mesma cintura fina, os membros longos e musculosos. A mesma aura de perigo, de vitalidade. Quando ele riu de alguma coisa dita por Raven, os dentes brancos reluziram em contraste com a pele bronzeada.

A cor de sua pele, porém, era bem diferente da de Nicholas. O cabelo, escondido sob uma bandana, era negro, em vez de dourado escuro.

Aurora levou uma das mãos à testa. Sua cabeça estava pregando peças, com certeza. Suas ternas lembranças de Nicholas a faziam imaginar sua presença fantasmagórica.

Bem naquele momento, Raven olhou por sobre os ombros, como se estivesse procurando por Aurora. O pirata virou a cabeça lentamente e seus olhares se cruzaram.

Aurora sentiu a cor fugir do rosto. Por um momento, o tempo deixou de existir e ela estava novamente no leito de núpcias em companhia de Nicholas, mergulhando em seus olhos escuros e penetrantes. Ela então sussurrou uma blasfêmia, virou-se de costas e fugiu.

De repente se viu na biblioteca, onde uma lâmpada estava acesa para espantar a escuridão. Em meio à vertigem, moveu-se até um sofá e esparramou-se. O rosto dela estava molhado de suor e seus batimentos eram erráticos.

Aurora retirou a máscara e mordeu forte os lábios, pensando na possibilidade de estar enlouquecendo. Ela não conseguia esquecer Nicholas, mas jamais havia invocado a imagem dele com tamanha vivacidade.

— Aurora — ela ouviu um sussurro vindo de trás dela.

Ficou totalmente parada, com a lembrança machucando seu coração. Não podia ser a voz dele. O homem de quem se lembrava com tanto ardor estava morto.

— Aurora, olhe para mim.

Ela se virou devagar. O pirata estava ali parado, perto da porta da biblioteca. Meu Deus, ele se parecia tanto com Nicholas, apesar do cabelo negro e da roupa de saqueador.

Os dedos de Aurora seguraram firme nas costas do sofá. Ela fechou os olhos com força, mas quando os abriu novamente a imagem continuava ali.

— Não... — disse ela, com a negativa saindo como um gemido rouco. — Você está morto.

— Não muito, meu amor.

Ele lentamente removeu o tapa-olho, permitindo a ela que olhasse seu rosto inteiro. Ela não confundiria aqueles olhos. Aqueles olhos escuros e lindos. *Nicholas*.

— Ai, meu Deus! — ela sussurrou.

A boca dele se curvou para formar um sorriso discreto.

— Você não está feliz em me ver, meu anjo?

Incapaz de respirar e muito menos responder, Aurora levou a mão à testa. Ela se sentiu desmaiando pelo choque, os joelhos tão moles que começaram a ceder. Teria caído no chão se não fosse Nicholas. Em dois passos ele chegou ao lado dela e a segurou pelos cotovelos, dando-lhe apoio. O toque dele era

muito real.

— Não consigo entender... Não pode ser.

— Pode ser, sim, Aurora. Eu estou aqui, em carne e osso.

Ela olhou para trás e seus olhos se fixaram nos dele.

— Como?

— No último minuto, o comandante Madsen recusou-se a dar a ordem para me enforcar em razão de um favor que eu tinha feito a um parente dele no passado. Em vez de me executar, o comandante me encaminhou para Barbados, para que a marinha britânica pudesse executar a sentença.

— Mas... eu vi o seu túmulo...

— O que você viu foi uma farsa, suponho. Percy achou que você não partiria a não ser que estivesse convencida de que não havia mais nada que pudesse fazer para me salvar, então pedi a ele que simulasse meu sepultamento. Ele combinou tudo com Madsen, apesar de não saber das mudanças de planos do comandante.

Aquele túmulo era de mentira? Chocada, Aurora sondou o rosto de Nicholas, tentando assimilar a grandiosidade daquela revelação. Nicholas não estava morto. Por uma dúzia de batidas do coração, ela não conseguiu falar. Suas emoções borbulhavam em um misto de choque e perplexidade... raiva pela mentira... felicidade por vê-lo novamente.

Ainda sem poder acreditar direito, ela esticou a mão para tocar o rosto dele. A pele era quente e estava bem barbeada. A mão de Nicholas fechou-se sobre a de Aurora, mantendo-a em seu rosto, e por um instante de falta de ar eles continuaram daquele jeito, um olhando para o outro.

Quando uma nova onda de fraqueza a abateu, fazendo-a perder o equilíbrio, Nicholas inclinou-se e pegou Aurora em seus braços. Aurora de repente percebeu-se presa àquele rígido peito másculo. Sentir o corpo de Nicholas era quase tão surpreendente quanto sua repentina aparição.

Ela murmurou um protesto, mas Nicholas sacudiu a cabeça.

— Você precisa se deitar. Está em choque

Nicholas levou Aurora de volta ao sofá e a acomodou. Depois ficou apoiado sobre um joelho ao lado dela.

— Estou bem, de verdade — sussurrou ela enquanto afrouxava o fecho superior de sua fantasia de dominó.

O choque dos dedos quentes de Nicholas na pele nua de seu pescoço a fez arrepiar com a lembrança. Nicholas parecia ciente daquilo, pois suas mãos pararam repentinamente. Aurora percebeu que ele olhava para seus seios. Abruptamente, seus mamilos se enrijeceram e pressionaram o corpete por baixo da roupa, formando dois picos gêmeos e duros.

Sua respiração falhava diante do olhar quente de Nicholas.

— Eu não estava sonhando. Como você é bonita — disse ele em um sussurro rouco.

Os lábios de Aurora se abriram, mas nenhum som saiu.

Nicholas também respirava de maneira inconstante e soltou Aurora. Para alívio dela, ele se levantou e foi até uma mesinha de canto, onde serviu um cálice de licor para ela.

Sem querer permanecer em posição tão vulnerável, Aurora se ergueu e começou a alisar a roupa amarrotada. Quando voltou, Nicholas sentou-se no sofá ao lado dela e ordenou que bebesse.

Obediente, ela deu um gole no licor. A bebida desceu queimando pela garganta, mas pelo menos seus

sentidos pararam de flutuar.

— Desculpe-me por me comportar como uma fracote. É que...

— Minha aparição foi um choque para você?

— Sim — ela admitiu encabulada, vasculhando o rosto dele. — Passaram-se meses, Nicholas. Por que não recebi nenhuma notícia de que você estava vivo? Não posso acreditar que Percy não me escreveu para contar.

— Duvido que ele soubesse a princípio. A marinha britânica supôs que eu tivesse morrido no mar e achei melhor que eles acreditassem nisso. É possível que Percy tenha ouvido rumores posteriormente e escrito para avisar, mas uma carta pode se extraviar. O correio muitas vezes é vítima da guerra.

Lembrando-se da mentira que havia engendrado com o primo dela, Aurora sentiu uma fagulha de raiva percorrer seu corpo. Ele havia propositalmente deixado que ela pensasse que estava morto, chorasse em seu túmulo. Deixou-a chorando sua morte durante meses.

— Você mesmo deveria ter me avisado — disse Aurora, com a raiva elevando o tom de sua voz. — Como pôde me fazer passar por isso?

— Sinto muito, Aurora. Talvez eu devesse ter tentado fazer a notícia chegar até você, mas a guerra dificultou isso. E naquele momento eu estava bastante ocupado tentando sobreviver.

Aurora repreendeu-se sacudindo a cabeça. Como poderia ela estar nervosa com Nicholas quando ele estava de fato vivo? Sua raiva foi embora com a mesma velocidade que surgiu, substituída por uma forte onda de alegria. Ela olhou para Nicholas, esmiuçando-o, sem saber nem ao menos por onde iniciar suas incontáveis perguntas.

Nicholas parecia ter a capacidade de ler a mente dela.

— Você está curiosa para saber como escapei da forca?

— Sim, é claro. Como você conseguiu?

— Saltei do navio no meio de uma tempestade. Falei para você que Madsen havia mudado de ideia quanto à execução de minha sentença e me mandado para a base naval de Barbados. Eu estava sendo levado para lá em um brigue quando teve início um vendaval. O vento quebrou o mastro principal e nós ficamos sem rumo no mar.

Aurora lembrou-se da forte tempestade que tinha impedido sua própria partida de São Cristóvão no dia da morte de Nicholas — ou no dia que ela *pensava* que ele tinha morrido.

— No meio da comoção, consegui quebrar minhas correntes e pular no mar. Ninguém foi atrás de mim. Ninguém imaginou que eu poderia sobreviver no mar, e estávamos a cerca de um quilômetro da costa. Fui considerado morto.

— Que incrível! Você se salvou porque o tempo ficou ruim?

Ele sorriu ironicamente.

— É. Mas é a você a quem devo a vida, sereia. Nosso casamento retardou minha execução o bastante para o destino agir em meu favor.

Aurora mordeu o lábio, lembrando-se novamente dos longos meses de sofrimento durante os quais achou que Nicholas estivesse morto.

— Eu queria ter ficado sabendo antes que você estava vivo. Isso teria me poupado intermináveis horas de sofrimento.

— Você sofreu por mim, Aurora?

— Mas é claro que sim. Você era meu marido.

Houve uma breve pausa e Nicholas disse:

— Eu ainda sou.

Aurora respirou fundo quando se deu conta da relevância do comentário dele. Nicholas *ainda era* seu marido. *Eles ainda estavam casados*. Graças aos céus...

— Na verdade — acrescentou Nicholas com a voz baixa —, é por isso que estou na Inglaterra. Tenho uma esposa aqui. Você.

Uma vez mais o choque a deixou sem palavras. Ela o olhava ainda confusa.

— Eu deveria ter vindo antes — admitiu Nicholas —, mas levei semanas até me encontrar em lugar seguro e localizar meu navio. Então precisei de mais um tempo para organizar minha viagem até aqui. Por causa da guerra, precisei requisitar outro dos navios de meu primo Wycliff e prepará-lo para minha viagem. E precisei contratar uma tripulação britânica com documentos que garantissem seu ingresso na Grã-Bretanha.

— Ingresso... — disse Aurora. Alarmada, esticou a mão para segurar a de Nicholas. — Meu Deus, você não pode ser visto na Inglaterra. Você é um prisioneiro foragido.

— Calma, meu bem. Eu *já fui* visto. Estou aqui disfarçado. Como pôde perceber, tingi o cabelo. E assumi a identidade de meu primo americano, Brandon Deverill. Nós somos muito parecidos um com o outro e acho que ele não vai se opor a isso. Brand tem sua própria empresa de navegação em Boston e no momento está muito ocupado com a guerra.

Os olhos de Aurora se arregalaram.

— A guerra! Nicholas, se seu primo é americano, então ele não é bem-vindo aqui na Grã-Bretanha.

— Ele seria se fosse um legalista britânico, que é o que eu alego ser. Existem centenas, talvez milhares de legalistas que se opõem à guerra e vieram buscar refúgio em solo britânico, então minha história não tem nada de incomum. Creio que Brand vai protestar com relação a esse discreto detalhe de minha farsa, uma vez que ele despreza vocês, britânicos, pelo que seu governo fez ao setor de navegação de Boston. Mas estou sacrificando a reputação dele por uma boa causa.

— Mas se você for encontrado poderá ir para a forca. No mínimo você vai ser preso.

— É o mais provável. Mas não pretendo ser encontrado — disse Nicholas, com os dentes brilhando em um sorriso divertido, uma diversão da qual Aurora não compartilhava. A calma de Nicholas serviu apenas para reacender a raiva de Aurora.

— Você não pode estar pensando em ficar na Inglaterra, Nicholas. Você não entende? Vai ser *morto*.

— Sou duro de matar, meu anjo. Essa não é a primeira vez que escapo da morte por um fio.

Aurora era muito bem capaz de imaginar que ele havia enfrentado a morte antes e com certeza tinha *gostado*. A despreocupação de Nicholas a deixou furiosa, assim como sua audácia. Ele tinha ido ao baile de máscaras fantasiado como o infame capitão Sabre, um risco tolo que a deixou exaltada.

Aurora olhava para Nicholas, dividida entre a ira e a consternação. Desprovido dos ornamentos de um cavalheiro em sua jovial fantasia de pirata, Nicholas parecia o retrato de um aventureiro insolente, desafiando o destino e rindo na cara do perigo. Ainda assim, Aurora estremecia ao pensar no que poderia acontecer a ele se fosse descoberto.

— Estou falando sério, você não pode ficar — ela implorou.

— Posso, sim — disse ele. — E não posso ir embora. Não depois de ter percorrido todo esse caminho apenas para vê-la.

— Bom, você já me viu. Agora deve ir embora.

— Mas nós temos um dilema a resolver, minha querida.

— Dilema?

Nicholas fixou seu intenso olhar em Aurora.

— O que vamos fazer com relação ao nosso casamento.

*Casamento.* Uma sensação inesperada de pânico tomou conta de Aurora. Ela estava contente por saber que Nicholas estava vivo, mas aquilo não queria dizer exatamente que ela estaria contente por tê-lo como marido. A presença dele complicava terrivelmente as coisas, em especial porque ele não poderia aparecer em público sem correr o risco de ser capturado ou morto. O casamento com ele viraria sua vida de cabeça para baixo, abalaria toda a tranquilidade obtida a tão duras penas, destruiria a paz que ela finalmente havia encontrado. A simples proximidade de Nicholas a deixava com os sentidos à flor da pele.

Bem naquele momento eles ouviram risadas no corredor e um casal passou pela frente da porta da biblioteca. Aurora sentiu-se congelar, com um medo mortal de que Nicholas pudesse ser reconhecido.

— Você *precisa* ir embora — sussurrou ela duramente quando os risos vindos de fora se dispersaram.

— Alguém pode vê-lo. Alguém pode ver a gente e perceber seu disfarce.

— Eu já lhe disse: ser visto não é algo que me preocupe.

— Mas preocupa a *mim*.

— Isso está bastante evidente, medrosinha.

— *Nicholas...!* — exclamou, perdendo de vez a paciência.

— Talvez você esteja certa. Um baile não é o lugar para uma conversa tão séria. Mas ainda precisamos conversar sobre nosso casamento.

— Sim, precisamos, mas não agora.

— Muito bem, mais tarde então — disse Nicholas, erguendo as mãos de Aurora até seus lábios e dando um leve beijo nos dedos dela. — Encontro você depois do baile.

Quando Aurora, nervosa, puxou a mão, ele esticou o braço para tocar o rosto dela. Ela estremeceu à mesma calorosa sensação de tremor que o toque dele sempre causava nela. A percepção daquilo nos olhos de Nicholas dizia claramente a Aurora que ele sabia o quanto e como a afetava.

Aurora ficou observando enquanto Nicholas recolocava o tapa-olho e uma vez mais se transformava no elegante bucaneiro. Ele dirigiu-se então à porta e voltou-se para olhar Aurora longamente uma última vez antes de desaparecer no salão.

Aurora permaneceu onde estava, ainda sentindo o impacto aterrador da presença de Nicholas, ainda vacilante diante da surpreendente revelação.

Seu famoso marido de uma noite só estava bem vivo. E ela não tinha a menor ideia do que fazer a respeito.



*O beijo dele, sua mais leve carícia, qualquer coisa me deixava trêmula e sem fôlego.*

Nicholas franziu o cenho ao se sentar na carruagem escura, à espera de sua esposa. *Esposa.* Não era um termo que combinava facilmente com ele. Havia escapado do enforcamento para logo depois ver-se preso nos grilhões do matrimônio.

Aparentemente, ele não era a única pessoa com aversão àqueles grilhões. Lady Aurora também não parecia muito ansiosa por reconhecer os laços legais que haviam criado sob circunstâncias assumidamente desesperadoras. O retorno de Nicholas chocou Aurora, mas ela estava claramente mais desconcertada por se imaginar ligada a ele pelo resto da vida.

Nicholas estava tão alarmado quanto ela.

Estava tentado a ignorar aquela grande complicação em sua vida. Poderia ter continuado na América e evitado lidar com as questões de seu casamento, talvez por muitos anos. Mas, por fim, sua consciência não permitiu. Ele já havia se esquivado por tempo demais de suas responsabilidades familiares. Já estava mais do que na hora de cumprir suas obrigações, independentemente de seus desejos pessoais.

E, com todo o respeito, Nicholas não poderia simplesmente ignorar a existência de uma esposa... e nem do que Aurora tinha feito por ele.

Era apenas por causa dela que ainda estava vivo. Aurora tinha lhe tornado possível honrar seu juramento solene ao pai, que significava mais para ele do que a vida ou a morte. E ela manteve a promessa de cuidar de sua irmã, vendo Raven lançada com êxito na sociedade. Raven afirmava estar essencialmente satisfeita com a nova vida, apesar dos parentes desdenhosos e soberbos, e que Aurora não apenas tinha tornado suportável sua estada, mas também havia se transformado em uma grande amiga.

Nicholas não podia esquecer o sacrifício de Aurora nem fingir que nada daquilo tinha acontecido. Também não seria justo, com nenhum dos dois, deixar aquele barril de pólvora prestes a explodir na cara deles em algum momento no futuro.

Eles ainda estavam casados. Não importava que a necessidade o compelira a transformá-la em esposa. Os votos que haviam pronunciado eram autênticos, assim como a noite de paixão que compartilharam. Aquela lembrança assombrava Nicholas implacavelmente.

Nicholas estreitou os olhos por um momento. Ele tinha tido um bom tempo nos últimos quatro meses para se convencer de que a sereia de cabelos dourados de quem se lembrava com tanta vivacidade era simplesmente a fantasia de um prisioneiro condenado. De que o laço que os unira naquela noite era uma

necessidade primitiva de intimidade provocada pelo desespero. Nenhuma mulher poderia ser tão desejável como a recordação pintava Aurora Demming.

Aquela noite, porém, provava que Nicholas estava enganado. Sua tranquila e majestosa beleza era tão impressionante quanto ele se recordava, e sua atração por ela continuava tão intensa quanto antes. Vê-la novamente era como levar um soco no estômago.

A tentação que ela representava era muito real, se fosse para servir de parâmetro o primeiro encontro que tiveram. O simples fato de a ter tocado o deixou duro em uma fração de segundos, o fez ansiar pela selvagem doçura do corpo dela por baixo do dele...

Nicholas rangeu os dentes, tentando controlar seus desejos libidinosos. Ele não esperava que lady Aurora estivesse tão refratária a reconhecer o casamento entre eles. Parecia predisposta a resistir caso ele tentasse reivindicá-la como esposa. Mas enquanto aquela questão não fosse resolvida entre eles, Nicholas não tinha motivo para se imaginar levando-a para a cama. Ele não tinha nem ao menos motivo para se imaginar tocando nela.



Apesar da alegria do baile de máscaras, Aurora não se sentia contente com as lembranças daquela noite. Conseguia sentir apenas consternação, incerteza e uma crescente tensão. Nicholas havia prometido levá-la embora depois do baile, mas ela ainda precisava se recompor do choque por tê-lo visto, além de se recompor de maneira a manter uma discussão racional sobre a situação do casamento deles. Ela só queria um tempo antes de parar para refletir.

Ansiosa por sair logo da festa, procurou Raven para dizer boa noite. Elas não tiveram, porém, nenhuma oportunidade de conversar em particular sobre o impressionante regresso de Nicholas do mundo dos mortos — e mal puderam se reservar um momento para combinar a rotineira cavalgada da manhã seguinte —, pois Raven não tardou a ser levada por um novo parceiro de dança.

Por coincidência, Aurora deparou-se com lorde Clune no momento em que se preparava para descer a escadaria principal. Quando ele se ofereceu para acompanhá-la até a carruagem, ela o dispensou polidamente.

— Não precisa se incomodar, milorde.

— Não é incômodo nenhum desfrutar da companhia de tão bela dama.

Aurora sabia que deveria rechaçar a bajulação de Clune, mas estava distraída demais até mesmo para responder.

A rua estava lotada de todos os tipos de veículos, mas os criados se apressaram a atender o conde, e a carruagem de Aurora chegou rapidamente.

— Tenho um compromisso amanhã cedo — disse Clune enquanto a ajudava a subir em sua *barouche* —, mas tenho a esperança de vê-la alguma manhã dessas no parque.

— Pois bem, lorde Clune — disse Aurora, apenas desejando ficar livre dele logo.

— Bons sonhos, minha querida.

Ela mal ouviu a despedida cortês, pois no momento em que a porta se fechou atrás dela, uma mão forte a apoiou pelo cotovelo e a ajudou a acomodar-se.

O peito de Aurora arfou e seu coração quase foi parar na garganta. No escuro interior da carruagem, podia perceber um vulto por trás dela. *Nicholas*.

Ela só conseguiu olhá-lo quando a carruagem começou a andar. Ela não tinha sonhado com ele. Era realmente o homem com quem havia se casado, e as mesmas sensações percorriam seu corpo diante da proximidade de Nicholas, com a mesma força de quatro meses atrás.

O tom de sua fala a seguir, porém, não tinha nada da cordialidade dos encontros anteriores. — Você poderia me explicar o que está acontecendo aqui?

— Aqui? — respondeu Aurora perdendo o ar.

— O Clune indo atrás de você.

— Ele não está vindo atrás de mim.

Nicholas aproximou-se dela e retirou a máscara prateada, evidentemente querendo olhar o rosto dela. — Você quer que eu acredite que ele não tem nenhum interesse em você?

Acuada, Aurora olhou cautelosamente para Nicholas.

— Ele estava apenas sendo gentil, me acompanhando até a carruagem.

— E você se mostra bem receptiva à gentileza dele — disse Nicholas com uma dureza que parecia conter raiva. — Você por acaso já se esqueceu que tem marido, Aurora?

— Eu jamais me esqueci de você — respondeu ela com sinceridade.

— Não? Você não reflete muito a imagem de uma viúva em luto. Quatro meses depois da minha suposta morte, minha viúva vai a bailes de máscara e flerta com um notório libertino.

A confusão inicial de Aurora diante do inesperado ataque de Nicholas transformou-se logo em aborrecimento.

— Eu já ouvi críticas suficientes do meu pai em relação a minha conduta, Nicholas. Não preciso que você faça igual.

— A crítica parece merecida nessa situação.

— Posso lhe assegurar — retorquiu ela — que até agora envidei todos os esforços possíveis para evitar qualquer tipo de escândalo. Vim ao baile de hoje por causa da Raven, porque ela me implorou para que a acompanhasse. Mas não consigo compreender por que devo me justificar para você.

Houve uma pausa. Aurora podia sentir os olhos de Nicholas a analisando.

— Então você não estava encorajando Clune — disse ele em um tom aparentemente mais calmo.

— Não, nem um pouco. Nosso relacionamento não tem nada a ver com o que você está achando. Ele é apenas um conhecido distante. Ele também é uma das poucas pessoas que nunca me condenaram por meu casamento malvisto.

A pausa de Nicholas foi mais longa dessa vez.

— Esses últimos meses foram difíceis para você então?

— Pode-se dizer que sim — respondeu Aurora com uma ponta de cinismo. — Ganhei mais do que um pouco de notoriedade quando me casei com você, um criminoso condenado à morte por enforcamento. Meu pai ficou indignado... — ela cortou a frase, sem querer se estender sobre a violenta reação do pai. — É suficiente dizer que não sou mais recebida em determinados círculos.

— Lamento o que você teve de passar por minha causa — disse Nicholas por fim.

Um pouco mais calma, Aurora o estudou. Os olhos dela haviam se adaptado à escuridão do interior da carruagem. Com a luz do luar filtrada pela janela, ela podia enxergar apenas os contornos dos belos traços de Nicholas. Ele não era uma invenção de sua fértil imaginação. Era o mesmo homem incrivelmente vigoroso de quem se lembrava, cada centímetro de carne, osso e músculos, o mesmo rosto

forte, os mesmos olhos penetrantes, a mesma boca sensual... Aurora se conteve de forma abrupta.

— Não foi tão ruim assim, para ser honesta — disse Aurora. — Seu primo Wycliff foi extraordinariamente atencioso, oferecendo a proteção de seu nome e de sua influência. E ele cuidou de todos os detalhes financeiros, exatamente como você havia pedido na carta. Seu acordo foi mais do que generoso, Nicholas. Permitiu que eu comprasse uma casa para mim aqui em Londres.

Os olhos escuros de Nicholas cravaram-se nos de Aurora.

— Mas você acabou por lamentar sua decisão de se casar comigo.

— Não — respondeu ela, sacudindo a cabeça negativamente. — Eu não lamento. Você me salvou de um casamento repugnante e permitiu que eu não dependesse mais de meu pai. É apenas que... nenhum de nós dois tinha a intenção de que fosse uma união duradoura. Nós dois achamos que tudo terminaria quando... quando você...

— Quando eu morresse. Mas isso não altera o fato de ainda sermos legalmente casados.

Um olhar perturbado fez Aurora franzir a sobrancelha. — Eu não vejo como poderíamos de alguma forma admitir nosso casamento, mesmo que queiramos. Você não pode se arriscar a ter a identidade descoberta. Revelar que você é meu marido certamente o levaria no mínimo para a cadeia, e provavelmente para a morte.

— Eu já disse a você que não pretendo revelar minha identidade. Estou aqui como se fosse meu primo Brandon.

— Esse disfarce é frágil, na melhor das hipóteses. Mesmo com a mudança que você fez no cabelo, certamente seria reconhecido.

— Acho que não. Nunca passei muito tempo na Inglaterra antes. Três anos atrás fiquei aqui por um período mais longo, mas minha última viagem foi bastante breve.

— Clune se lembra de você bem o bastante. Hoje à noite mesmo ele estava relatando histórias de suas aventuras. E ele é um homem muito esperto, apesar do jeito indolente.

Como Nicholas permaneceu em silêncio, os olhos de Aurora percorreram a fantasia de pirata. Agora ele vestia uma capa preta sobre a túnica, presa de qualquer jeito no pescoço, mas ela podia enxergar o sabre de aparência mortífera ao lado dele.

— Como você pode ter a esperança de manter sua identidade em segredo — indagou Aurora — se insiste em se exibir desse jeito? Foi muita ousadia sua aparecer em público vestido de pirata.

Os dentes de Nicholas reluziram na escuridão.

— Eu achei a fantasia perfeitamente adequada para a ocasião.

Aurora percebeu que estava respirando fundo de exasperação em razão da imprudência de Nicholas.

— Você não pode ser visto comigo, Nicholas. Eu jamais seria capaz de explicar sua presença.

— Mas você pode explicar. É só dizer que sou o primo de seu falecido marido. Por se tratar de uma relação familiar, o fato de nos conhecermos não será considerado excepcional.

— Você parece se esquecer de uma coisa muito importante.

— E o que seria?

— Sua irmã. Você deveria pensar em Raven ao contemplar uma ideia tão temerária. Se a verdade vier à tona e você for enforcado, eu, como esposa, seria instantaneamente envolvida em um escândalo, e Raven, por estar sob minha tutela, seria julgada pelo mesmo prisma. Tenho certeza de que você não quer colocar em risco as chances dela de encontrar um bom par.

— Não. Essa é a última coisa que eu desejaria depois de passar por todos esses problemas para vê-la estabelecida na sociedade.

Aurora contemplou Nicholas por um longo momento.

— Você realmente me quer para sua esposa?

A expressão dele permaneceu enigmática.

— Não creio que eu tenha muita escolha.

A resignação de Nicholas surpreendeu Aurora. Ela imaginou que ele estivesse tão ansioso quanto ela por encontrar uma saída para o dilema que os envolvia.

— Nicholas — disse Aurora lentamente, na esperança de que a lógica o fizesse reconsiderar a ideia —, temos de ser sensatos em relação a isso. Existem muitos motivos para que um casamento de verdade entre nós dois nunca funcione. Você é americano e eu sou inglesa. Nossos países estão em guerra. Você é um aventureiro que recorre à violência, enquanto eu... bem, eu não sou nada audaciosa e abomino qualquer tipo de violência. E, além disso, nós... nós não nos amamos.

Ela hesitou um pouco, considerando estranhamente perturbadora a apresentação daquele último argumento. O que quer que fosse que ela sentisse por Nicholas Sabine, quase certamente não era amor.

— Eu não amo você mais do que você me ama. Você só se casou comigo pelo bem de sua irmã. O casamento deve ser um ato de amor e comprometimento, e não uma ação desesperada.

A expressão de Nicholas ficou momentaneamente tensa quando Aurora mencionou a palavra *amor*. Mas então ele relaxou em seu assento com cara de pesar, cruzando os braços em frente ao peito e preguiçosamente esticando as longas pernas.

— Não, não existe amor entre nós — ele admitiu.

Sem se dar conta, Aurora contraiu-se ao ver que Nicholas tinha concordado tão prontamente com seu argumento. Era absurdo sentir-se desprezada apenas porque ele havia descartado a possibilidade de qualquer sentimento de amor por ela. Era improvável que um aventureiro inconsequente como Nicholas Sabine um dia fosse entregar seu coração a alguma mulher, especialmente a uma a quem foi atado sob coerção.

— Então você percebe? — Aurora perguntou. — Não existe sentido em nossa tentativa de permanecermos juntos. A verdade continua sendo que eu não quero ser sua esposa e você não deseja realmente ser meu marido.

— Existe apenas um problema — prosseguiu Nicholas devagar, observando-a cuidadosamente. — A anulação do casamento não é uma opção, considerando que passamos uma noite apaixonada juntos.

A abrasadora lembrança daquela noite inundou Aurora e repentinamente sua percepção de Nicholas multiplicou-se por dez. A coxa dele estava esticada ao lado da sua no assento da carruagem. Aurora podia sentir o calor irradiando do forte corpo de Nicholas entrando pelo dela.

Ele também devia estar se lembrando daquela noite, pois seu olhar intenso concentrou-se nela. Aurora sentia os olhos de Nicholas descendo por seus seios, seus quadris, como se ele imaginasse com exatidão o que havia por baixo de sua fantasia de dominó.

Aurora enrubesceu, embaraçada com a intimidade do olhar de Nicholas e com a cruel recordação que ele invocava, de Nicholas se mexendo entre as pernas dela, preenchendo-a. Sua respiração foi afetada pela inoportuna pontada de prazer que a atingia.

Os olhos de Nicholas então subiram para a barriga de Aurora.

— Entendo que não houve fruto da nossa união.

— Não — murmurou ela, incapaz de conter uma estranha ponta de tristeza por não carregar no ventre um filho dele. Mas ela também não lamentava. Se estivesse grávida, Aurora certamente teria mais dificuldade para convencer Nicholas a deixá-la livre do casamento, como ela pretendia.

— Então — disse ele lentamente enquanto Aurora mantinha-se em silêncio — você propõe que nós simplesmente ignoremos o fato de haver um laço legal entre nós? Que vivamos vidas separadas fingindo que não somos realmente marido e mulher?

— Bom... suponho que seja isso o que eu esteja propondo. Seria infinitamente melhor para nós dois, mais confortável.

— Acho que você está se esquecendo de mais uma coisinha, sereia — ele disse suavemente.

— O quê? — perguntou Aurora, olhando-o com perplexidade.

Em resposta, ele esticou o braço e deslizou os dedos pela nuca de Aurora. Devagar, inexoravelmente, ele a atraiu para perto de si, até que ela ficasse muito próxima, com suas bocas quase se tocando.

— Isto... — sussurrou Nicholas, e seus lábios finalmente se encontraram.

O beijo de Nicholas era fascinante. Tirava o fôlego e retesava o corpo dela. Era íntimo, sexual e incrivelmente excitante, despertando em Aurora um apetite que ela jamais achou que fosse experimentar novamente. Ela se sentia derreter com o corpo pressionado contra o dele...

Quando Nicholas terminou de beijá-la, precisou apenas mover os lábios até o ouvido dela para dizer:

— Não foi uma união por amor — sussurrou —, mas a atração que existe entre nós é bastante real. Você sente o mesmo fogo que eu, docinho. Como podemos simplesmente fingir que isso não existe?

Atordoada pelo beijo inebriante e reivindicativo de Nicholas, Aurora tentou se recompor. As mãos dela estavam apertadas contra o peito de Nicholas e ela estava praticamente enroscada nele, sustentada por seu corpo... e a carruagem diminuiu de velocidade até parar. Meu Deus...

Aurora ficou alarmada ao perceber que haviam chegado ao destino, sua nova casa. Agora, a qualquer momento, um laçao viria abrir a porta para ajudá-la a descer.

Afastando-se bruscamente de Nicholas, ela se sentou em pânico.

— Nós não podemos ser vistos juntos assim.

Quando ela alcançou a maçaneta, Nicholas a deteve segurando levemente seu pulso.

— Deixe-me ir! — exclamou Aurora em um sussurro desesperado.

— Por enquanto deixarei, Aurora, mas essa discussão está longe de ter acabado.

Ela não respondeu. Em vez disso, apressou-se em descer da carruagem antes que algum dos criados pudesse detectar a presença do sensual pirata que também era seu marido.



A criada de Aurora a ajudou a se preparar para dormir. Já passava da meia-noite quando ela dispensou Nell e recolheu-se, mas estava agitada demais para conseguir dormir. Ficou deitada no escuro, olhando para o dossel, com a cabeça febrilmente ocupada com as lembranças de Nicholas. Sua pele ainda estava vermelha pelo último encontro. Seus lábios ainda ardiam pelos beijos dele.

Como era possível que um homem tivesse um efeito tão devastador sobre ela? Como era possível que tivesse tamanho poder emocional? Sua mera proximidade a deixava sem fôlego, com os sentidos girando descontroladamente. O simples toque de Nicholas era capaz de excitá-la, trazendo à tona lembranças da cativante paixão da noite de núpcias... a mesma incrível paixão que preencheria aquele diário.

Com uma blasfêmia, Aurora virou-se na cama, afastando a maior parte das cobertas. Seu quarto estava quente demais, apesar de as janelas estarem abertas. Ela estava em chamas.

“*Você sente o mesmo fogo que eu.*” Ela realmente sentia o fogo que a queimava tão facilmente. Fugiria da carruagem em pânico em razão disso, temendo não apenas a descoberta, mas o que Nicholas fazia com ela. Aurora o havia deixado à própria sorte.

Aurora de repente deu-se conta de que não tinha nem ao menos perguntado se ele tinha onde passar a noite. Como seu primo Wycliff estava fora do país, Nicholas não teria nenhuma garantia. Mas ele era um aventureiro, um viajante destemido. Já estava bastante acostumado a cuidar de si sem a ajuda dela. Ela não era responsável por Nicholas, ainda que ele fosse seu marido.

*Marido.* Aurora afundou o rosto no travesseiro. Teria ela algum direito de rejeitá-lo? Ela era legalmente ligada a ele.

Nossa Senhora, o que deveria fazer? Aurora estava exultante com o fato de Nicholas não ter sido enforcado, mas quase certamente não o queria como marido.

Era alarmante considerar essa perspectiva. Aurora tinha poucas dúvidas de que ele ia causar danos a sua vida agora estruturada, pacífica, acabando com a tranquilidade que ela finalmente havia conseguido. Naquela noite apenas ela já havia experimentado mais emoções violentas do que nos últimos meses juntos: choque, raiva, consternação, amolação, medo, alegria...

Aurora reprimiu abruptamente aquela reflexão. Sua alegria por ver Nicholas novamente não passava de alívio pelo fato de a vida de um homem corajoso ter sido poupada. Ela estava feliz por ele estar vivo. Ainda assim, Aurora deplorava a maneira como ele a fazia sentir-se. Nicholas a deixava com os nervos à flor da pele com sua presença dominante e sua intensa vitalidade. Ela não conseguia nem ao menos manter uma simples conversa com ele com um mínimo de tranquilidade.

Ela jamais deveria ser obrigada a se defrontar com tanta turbulência emocional em sua vida, ainda mais por nunca ter pedido para ser esposa dele. Logicamente, ela tinha o direito de seu lado. Viver juntos para sempre, como marido e mulher, não fazia parte do acordo entre eles.

Aurora não queria passar a vida com um homem a quem não amava, que não a amava, um homem que poderia morrer a qualquer momento. Nicholas não levava em conta o risco de ser descoberto, para sua consternação e exasperação, mas o perigo era muito real. Ele arriscava a própria vida ao ficar na Inglaterra.

Ela não queria viver aterrorizada com a possibilidade de ele ser levado para longe dela a qualquer momento. Aurora já tinha perdido Geoffrey. Na realidade, ela já havia perdido Nicholas uma vez. Não ia passar por aquele desespero todo de novo.

Não, ele não podia continuar sendo seu marido. Aurora precisava apenas fazer com que ele chegasse à razão.



Nicholas estudou o sono de sua esposa à fraca luz do luar, contemplando a visão de graciosidade por ela proporcionada.

Ele não devia estar ali, sozinho com Aurora, no quarto dela, mas não conseguia se afastar. Sua experiência com os cordames dos navios permitiu a ele escalar com facilidade o carvalho em frente à janela de Aurora.

Nicholas pousou os olhos na forma em repouso de Aurora, sorvendo sua beleza: a compleição de

marfim, as sobrancelhas delicadamente arqueadas, os lábios grossos levemente separados durante o sono. Seus vívidos olhos azuis estavam fechados naquele momento, mas seu cabelo brilhava como prata na escuridão desfeita pela lua.

*Minha esposa.* Era incrível pensar em Aurora daquela maneira.

No passado, Nicholas jamais havia considerado a possibilidade de se ajeitar com uma mulher. Sua vida sem raízes não deixava espaço para o estorvo causado por uma esposa. Ele sempre quis liberdade, sempre teve uma fome insaciável de aventura, de perigo e de excitação, que eram seus senhores. Jamais quisera mais do que isso, até conhecer Aurora.

Por que ela era tão especial? Nicholas tinha encontrado incontáveis beldades em suas viagens, dos suntuosos e licenciosos reinos da Europa, passando pelas terras exóticas da África e chegando aos misteriosos reinos do Oriente. Mas nenhuma jamais mexeu tanto com ele quanto essa mulher na noite em que se uniram em matrimônio. Meses haviam se passado e ela ainda assombrava os sonhos dele, tão cativante e encantadora como uma sereia.

Reclinando-se, ele ergueu um tesouro de cachos dourados, deixando-os reluzir em seus dedos. Aurora era bem-criada, recatada e emocionalmente reservada, mas Nicholas tivera um vislumbre tentador do fogo oculto sob aquelas camadas de recato, experiência que ele surpreendentemente queria repetir.

Devagar, decidido, Nicholas emaranhou sua mão no sedoso cabelo de Aurora. Lembrou-se do gosto dela, de cada centímetro de sua pele, de cada luxuriante curva e pedaço. Lembrou-se de quando afundou na chama sedosa de Aurora.

Um desejo, pesado e urgente, fez Nicholas retesar o corpo com alarmante intensidade. Um desejo que não poderia saciar naquele instante.

Nicholas relutou, mas se obrigou a soltar o cabelo de Aurora. Ele não podia refutá-la. Eram completamente errados um para o outro. E era realmente perigoso para ele permanecer na Inglaterra. Os dois talvez pudessem ser mais felizes se ele simplesmente desaparecesse da vida dela.

No entanto, apesar de Nicholas ter ouvido com toda a seriedade os argumentos lógicos de Aurora, nenhum deles fora capaz de convencê-lo de que o mais correto a fazer fosse romper os votos de casamento.

Para começar, Aurora não tinha noção da dificuldade em se romper uma união plenamente consumada. Em segundo lugar... em segundo lugar estava a única coisa que realmente contava: Nicholas sabia que sua promessa ao pai era de longe o motivo mais forte para que aquele casamento fosse adiante. Ele havia jurado que assumiria a responsabilidade que por tanto tempo negligenciara, o que significava ter uma esposa e iniciar uma família.

E, para ser honesto, se fosse para ficar acorrentado a alguém, Aurora era uma candidata muito mais aceitável do que a maioria. A atração física entre eles era um motivo mais forte do que muitos outros casais tinham para levar um relacionamento adiante. E o mero fato de ser casado não significava que ele teria de renegar completamente sua vida pregressa nem sua tão prezada liberdade.

Não, ele estava resignado ao casamento. Nicholas tivera quatro longos meses para se acostumar com a ideia, enquanto Aurora contara apenas com algumas poucas horas. Com tempo e persuasão suficientes, Aurora aceitaria o ponto de vista de Nicholas.

Com cuidado para não acordar a bela adormecida, Nicholas tirou os culotes e deitou-se na cama com Aurora, esticando-se ao lado dela.

Nicholas não sabia ao certo se os laços íntimos que criaram naquela noite eram a fantasia de um prisioneiro desesperado ou algo mais profundo. Mas não importava. Também não importava se ele teria

dificuldade para convencer Aurora a aceitá-lo como marido.

Ele tinha viajado para a Inglaterra para reclamar sua esposa, e não iria embora enquanto seu objetivo não fosse alcançado.

## 9



*As mãos dele na minha carne eram mágicas, carinhosas e decididas, fazendo crescer um profundo desejo dentro de mim.*

Se aquilo fosse um sonho, Aurora não queria acordar nunca mais. O prazer sensual era real demais... Nicholas atrás dela, suas nádegas aninhadas nas coxas dele... o calor e a dureza abrasadores queimando-a através do fino tecido de sua roupa de dormir. A mão dele entrincheirada em sua camisola acariciando seus seios nus enquanto ela sentia a própria carne retesando-se, inchando, movendo-se em busca do contato dele.

Aurora gemeu enquanto ele continuava acariciando-a sem parar, apertando suavemente, tocando com as mãos os montes sensíveis. Quando ela se arqueou instintivamente, jogando-se com entusiasmo lascivo contra a mão de Nicholas, os dedos dele se fecharam propositalmente ao redor de um mamilo, apertando o duro botão. Os seios latejantes retesaram-se em uma pressa ansiosa enquanto uma fagulha de prazer surgia entre suas coxas.

O desejo trêmulo crescia dentro de Aurora enquanto Nicholas investia contra o monte inchado e o corpo dela procurava sem descanso pelo dele, em um desejo ardente de ser libertado daquela crescente tensão.

Como se soubesse do que ela precisava, Nicholas tirou a mão de dentro da camisola e a moveu mais para baixo, alcançando as costelas, depois a barriga, com o hálito quente e úmido atingindo a lateral do rosto de Aurora enquanto ele sussurrava doces palavras de encorajamento nos ouvidos dela. Levantando a bainha da roupa de dormir de Aurora, Nicholas deslizou a mão forte e quente pela coxa dela, atentando contra sua pele nua.

Quando os dedos de Nicholas alcançaram os cachos emaranhados entre as pernas dela, ela suspirou, incrivelmente excitada por suas carícias eróticas. As pontas dos dedos de Nicholas moviam-se sobre o corpo de Aurora com uma intimidade chocante, despertando sua feminilidade. Seu corpo umedeceu quando os toques conhecedores de Nicholas alcançaram a carne mais sensível, encontrando os deliciosos pontos de pressão, alisando sua escorregadia fonte de prazer com irresistível habilidade. A febre dentro dela intensificou-se, e o som esganiçado que ela emitiu era a trilha de uma excitação selvagem.

Em um desejo desesperado de que ele mitigasse aquela pulsante ansiedade, ela jogou os quadris para trás, de encontro aos dele, encaixando-se em seu corpo musculoso.

Ela ouviu o sussurro rouco de Nicholas em seu ouvido, estimulando-a a ceder.

— Isso, sereia... Renda-se ao prazer.

À beira do êxtase, Aurora começou a se contorcer, a caminho de um frenesi crescente e abrasador. Quando os dedos dele lentamente a penetraram, seus músculos internos logo os envolveram. Ele apenas acelerou o ritmo. Desvairada, ela investiu contra a mão dele, estremecendo e gritando em um clímax poderoso e pulsante.

Aurora acordou com os próprios soluços. Tomada de uma sensação aterradora, permaneceu deitada, atordoada e imóvel, com a respiração curta e ofegante. Durante um momento de perplexidade, ela perdeu a noção de onde estava. Aquele era seu quarto, ela podia ver a luz acinzentada da manhã entrando pelas cortinas abertas. O calor em suas costas era muito real... e muito másculo, como se lábios quentes roçassem sua nuca...

*Nicholas.* Ela ficou dura. O braço forte e musculoso de Nicholas estava sobre seu corpo, as mãos dele eroticamente aninhadas entre as coxas dela enquanto sua rígida prova de excitação pressionava suas nádegas.

Pelos céus, ela não estava sonhando. Nicholas estava realmente na cama dela, como se tivesse o direito de estar ali. Ele havia entrado no quarto enquanto ela dormia e descaradamente a levado ao êxtase...

O rosto de Aurora enrubesceu de aflição enquanto ela tentava recobrar seus dispersos sentidos. Quase caindo da cama, virou-se para observá-lo, totalmente perturbada.

Nicholas estava deitado sobre os lençóis, vestindo nada além de seus culotes. Aurora viu a capa, a camisa e o sabre empilhados em cima de uma cadeira e as botas no chão. Os cabelos cor de ébano estavam desgrenhados e a sombra da barba por fazer em seu rosto o deixavam parecido com um pirata de má fama. Mais desconcertante ainda era o fato de os olhos negros dele estarem fixados no volume de seus seios, parcialmente expostos pela abertura da camisola.

Com uma blasfêmia contida, Aurora ajeitou a camisola e começou a fechar os botões, estarrecida não apenas com as liberdades proibidas que Nicholas havia tomado, mas por sua própria reação sensual e inconsciente.

— Como você entrou aqui? — questionou Aurora, sem saber ao certo se estava mais furiosa com ele pela sedução desonesta ou consigo mesma por sucumbir a ela. Havia planejado permanecer fria e indiferente quando voltassem a se encontrar, mantendo estrito controle de suas reações. E uma vez mais ele havia, conseguido abalar todo seu equilíbrio lançando suas emoções no caos.

Casualmente, Nicholas ergueu-se, apoiou-se sobre um dos cotovelos e fez um sinal com a cabeça na direção da janela aberta.

— Fui aprendiz nos navios do meu pai quando tinha uns dez anos e aprendi a usar os cordames. Então, para mim é fácil subir em uma árvore.

Aurora olhou brevemente para a janela e depois sacudiu a cabeça, claramente irritada.

— Bom, você pode então sair do mesmo jeito que entrou.

Como ele não fez menção de sair, ela pegou o robe caído ao pé da cama e o vestiu, abotoando-o até o alto.

— Não consigo acreditar na sua audácia de vir aqui e... — Aurora titubeou, sem querer pensar em como ele conseguiu despertar tamanha paixão durante seu sono, totalmente contra sua vontade. Aquilo era desonesto, tirar proveito de sua vulnerabilidade em um momento no qual estava incapacitada de se defender. Ela *odiava* ficar tão vulnerável.

Erguendo o queixo, Aurora fez um esforço supremo para manter a compostura.

— Você está criando — disse ela — o hábito irritante de me deixar morta de susto, aparecendo assim tão de repente e sem ser convidado.

Em resposta, Nicholas sentou-se na cama, ajustou os travesseiros contra a cabeceira e relaxou o corpo reclinado sobre eles.

— Você esqueceu sua máscara na carruagem quando saiu correndo, então achei que deveria devolver. Como o sapatinho da Cinderela.

Aurora não conseguia fazer outra coisa a não ser observá-lo, admirando com relutância a pele nua e bronzeada, os ombros musculosos. Ela cerrou os dentes, envergonhada com a forma como os atributos físicos de Nicholas a deixavam sem ar. O olhar dele de que sabia o que ela estava pensando a irritou ainda mais. Ele sabia muito bem o efeito que a proximidade de sua nudez exercia sobre ela.

Era tudo o que Aurora podia fazer para manter-se calma.

— Isso dificilmente pode servir de desculpa para sua audácia de entrar no meu quarto como se fosse um ladrão. Você parece decidido a provocar um escândalo.

— Estou apenas determinado a conversar com você, meu amor. Nós não terminamos a discussão sobre o futuro de nosso relacionamento.

— Bom, meu quarto não é o lugar adequado para isso!

— Não sei se concordo com isso — murmurou ele com sua voz aveludada, em um tom baixo e cheio de graça. — Na verdade, consigo imaginar poucos lugares melhores.

— Nicholas, você *tem* de sair. *Agora*, de uma vez! Antes que eu ponha você para fora.

Ele assumiu um ar pensativo.

— Devo confessar que esperava uma recepção mais cordial de minha esposa. Em nossa noite de núpcias você foi muito mais calorosa.

— Em nossa noite de núpcias eu achava que você estava prestes a morrer. Nós dois achávamos.

— Você não pode negar o fogo que nós dois sentimos naquela noite.

— Posso, sim! — respondeu Aurora, respirando um pouco mais fundo, lutando para se manter sob controle. — O que quer que tenhamos sentido naquela noite não passou de uma ilusão... causada pelo desespero do momento.

— Não — respondeu ele lentamente. — Foi tudo muito real, minha querida. Eu não imaginei aquilo. E você continua a mesma mulher sensual e receptiva daquela noite de que me lembro. Hoje tenho certeza disso.

Ela enrubesceu diante da lembrança do quão licenciosamente reagira às carícias eróticas de Nicholas apenas alguns momentos antes.

Ela poderia ter discutido mais com ele, mas ouviu uma leve batida na porta. Aurora congelou, observando aterrorizada enquanto a porta do seu quarto se abria.

Em três passos ela tinha atravessado o quarto, empurrando a porta de volta.

— Milady — chamou uma voz feminina vinda do outro lado da trabalhada porta de carvalho. — Trouxe seu chocolate matinal.

— Um momento — respondeu Aurora, ainda pensando no que poderia fazer. Se a criada encontrasse Nicholas ali, não restaria a ela mais nenhum vestígio de reputação.

Em um giro, Aurora passou velozmente por cima da cama e puxou as cortinas do dossel, escondendo

Nicholas atrás do brocado marfinizado. Aurora ouviu Nicholas rir baixinho enquanto voltava para abrir a porta e teve de segurar a raiva por causa da brincadeira fora de hora. Como poderia ele colocá-la em posição tão vulnerável e ainda por cima *rir* da situação?

Dando um passo atrás, Aurora permitiu a entrada da criada no quarto. Com o coração saltando no peito, tentou não olhar para as cortinas da cama enquanto a jovem colocava a bandeja do café da manhã sobre a mesinha de cabeceira.

— Obrigada, Molly, você pode ir agora.

— Sim, milady.

Com uma mesura, a criada deixou o quarto e Aurora trancou firmemente a porta atrás dela.

— Já é seguro sair? — perguntou Nicholas com a voz rouca e uma risada.

— Baixe o tom de voz — exigiu Aurora com um sussurro ameaçador. — As criadas vão ouvi-lo — prosseguiu enquanto abria as cortinas e se deparava com Nicholas espreguiçando-se com displicência na cama, com os olhos escuros dançando. A ousadia dele a estava deixando infinitamente irritada.

— Não há motivo para pânico, Aurora.

— Para você é fácil dizer. Não será a *sua* reputação que ficará em frangalhos se um homem desconhecido for encontrado na sua cama.

— Se um homem for encontrado na minha cama, suponho que minha reputação será bastante abalada. Mas são poucas as chances de isso acontecer, uma vez que sou excessivamente inclinado a preferir as mulheres.

— Nicholas, isso não tem nada de engraçado!

— Ah, mas eu acho. É fascinante ver você com as emoções à flor da pele. Dá trabalho fazer você perder aquele seu ar indiferente e majestoso.

Aurora ergueu os olhos para o teto, esforçando-se para manter a paciência.

— Você *vai* vestir suas roupas e ir embora?

— E para onde você espera que eu vá?

Aurora controlou sua impaciência por tempo suficiente para dirigir a Nicholas um olhar perplexo.

— Você não tem onde ficar?

— Se eu disser que não tenho você vai ficar com dó de mim e me convidar para morar aqui com você?

— Vou pedir ao meu mordomo que o ajude a encontrar acomodações — respondeu Aurora em tom repressivo.

— Você não precisa se incomodar comigo, meu amor.

— Estou falando sério... Você tem onde ficar?

— No momento, a bordo do navio. Mas as docas não são exatamente um lugar conveniente, então pretendo me acomodar em um hotel. Pensei em ficar com Wycliff — Brand o conhece um pouco —, mas Lucian está fora da cidade e a coincidência serviria apenas para levantar suspeitas.

— Acho que sim — disse Aurora entredentes, em um tom ácido. — Já é uma loucura você estar no país. Você vai acabar sendo morto.

Ignorando a previsão de Aurora, Nicholas olhou ao redor do quarto.

— É um quarto muito bonito. Imagino que a casa toda seja bonita. Você disse que comprou isso aqui graças ao acordo nupcial?

— Sim — respondeu ela com um olhar inquisidor. — Você não pretende voltar atrás e anular o acordo, pretende?

— De maneira alguma. Você mereceu isso por ajudar minha irmã.

— Mas você parece interessado em destruir todos os meus esforços por ela, e a me causar uma parada cardíaca nesse processo.

— Não, meu bem. Eu só quero conversar. Ainda falta resolver aquela pequena questão do nosso casamento. — Então ele bateu no colchão ao lado dele e disse: — Sente-se aqui ao meu lado.

Aurora olhou para Nicholas com cautela.

— Você realmente espera que eu confie em você depois do que acabou de fazer?

— Pensei que você não quisesse que as criadas ouvissem. Elas vão ouvir, sabe, se eu tiver de gritar para você do lado oposto do quarto.

O rosto descontraído de Nicholas sugeria uma inconsequente desconsideração pelos potenciais efeitos de uma eventual descoberta, e Aurora não queria arriscar-se a testá-lo. Com extrema relutância, ela sentou na ponta da cama e cruzou os braços sobre o peito, na defensiva.

— Muito bem, pode falar.

Nicholas contemplou Aurora por um momento.

— Você parece ansiosa para esquecer que ainda tem um marido.

— *Estou* ansiosa. Nunca esperei que uma complicação assim fosse acontecer em nosso relacionamento. Você precisa perceber isso.

— Eu percebo.

— Cumpri minha parte do nosso acordo, Nicholas. Você sabe muito bem que um compromisso de vida inteira não fazia parte dele. Nosso acordo foi uma noite apenas.

— Foi mesmo.

— Nosso casamento foi uma união de conveniência, simplesmente isso.

— E não é mais conveniente para você.

— Nem para você, tenho certeza. Você nunca me quis como esposa.

— Acho que posso ser persuadido a mudar de ideia.

Aurora olhou para Nicholas com perplexidade.

— Nós nunca tivemos a oportunidade de nos conhecer — disse Nicholas devagar. — Para saber se combinaríamos.

— A resposta para isso é bastante óbvia. Você sabe muito bem que nunca combinaríamos. Você nunca seria feliz comigo e eu não seria feliz ao seu lado. Eu jamais conseguiria entrar no seu mundo, de piratas e aventureiros, a bordo de um navio de combate. Eu nunca me sentiria confortável com uma existência desse tipo.

— Eu estava cogitando a possibilidade de me ajustar depois que a guerra acabar.

— Na América?

— Sim, minha casa fica na Virgínia. Minha mãe e minhas irmãs moram lá.

— O que você está querendo me dizer? Que quer que eu largue minha vida aqui e vá para lá como sua esposa?

— Eu esperaria que você fosse, uma vez que eu, obviamente, não posso continuar na Inglaterra.

Aurora lançou um olhar perturbado.

— Aqui é minha casa, Nicholas. Não tenho o menor desejo de deixar a única vida que conheço e morar na América entre um monte de estranhos. A guerra entre nossos países pode durar anos e quem vai saber quando eu poderia voltar para cá, ou então ver meus familiares e amigos.

— Não imaginei que você fosse tão afeiçoada a sua família.

— Não sou. Mas não é essa exatamente a questão. O que mais me assusta é a vida de violência que você vive, os riscos que você assume. Eu não aguentaria passar o tempo esperando você retornar de uma viagem a uma terra distante, sem saber se o veria novamente, sem saber se estaria vivo. Veja o perigo pelo qual você passa agora. Você é um homem condenado. Pode ser preso e executado a qualquer momento — argumentou Aurora. Balançou a cabeça.

— Eu já chorei sua morte uma vez. Não vou passar por isso de novo.

Nicholas permaneceu em silêncio, com os olhos negros a analisá-la.

— Deve haver outra solução — disse Aurora finalmente. — Uma solução que não envolva nós dois morando juntos, como marido e mulher.

— O único jeito que conheço de dissolver nossa união é por meio de divórcio.

Aurora sentiu a cor ir embora do seu rosto. O divórcio, mesmo que pudesse ser conseguido um — o que era extremamente difícil prever —, a levaria à ruína. — Um divórcio seria desastroso para mim. Faria de mim uma pária na sociedade. Eu jamais poderia aparecer em companhia qualificada novamente.

— Talvez não — disse ele pensativo. — Posso tentar fazer com que um tribunal americano declare nosso casamento inválido. Posso ter uma justificativa boa, já que fui forçado a me casar sob pressão.

— Nós não poderíamos simplesmente continuar como se você nunca tivesse reaparecido? — perguntou Aurora seriamente. — Qual seria o problema em levarmos vidas separadas?

Nicholas a estudou por um momento.

— Você entende que assim, pelo fato de sermos casados, nenhum de nós dois poderá voltar a se casar um dia?

— Eu nunca desejei me casar. Uma vez já é o bastante — disse Aurora, que viu Nicholas arquear a sobrancelha e morder o lábio. — Eu não quis dizer o que pareceu. Só quis dizer que fiquei muito desesperada quando pensei que você tivesse morrido e não quero enfrentar tudo isso mais uma vez. Eu prometi a mim mesma que esqueceria a perda e levaria uma nova vida. E é isso que tenho feito.

— Tenho uma pergunta a lhe fazer — disse ele vagarosamente. — Suponha que nós permaneçamos legalmente casados. O que vai acontecer se um de nós se apaixonar por outra pessoa? Você certamente vai querer estar livre para se casar novamente.

— Existem poucas chances de eu me apaixonar novamente. Eu amei Geoffrey durante a maior parte da minha vida e não creio que serei capaz de amar outro homem além dele. Mas, mesmo que pudesse, jamais daria novamente meu coração. Dói demais perder alguém de quem se gosta.

Nicholas rangeu os dentes por um instante, mas então sua boca relaxou em um vislumbre de sorriso.

— Você já olhou pelo meu lado? E se eu me apaixonar por alguém?

A possibilidade provocou um inexplicável tremor em Aurora, mas ela desconsiderou a sensação com um olhar cético. Era improvável que um libertino como Nicholas Sabine viesse a se apaixonar.

— Duvido que isso venha a acontecer, mas lhe faço uma promessa. Se você, por acaso, encontrar alguém que ame, eu o liberto de nosso casamento. Aceitarei anulação ou divórcio, o que for necessário para encerrar nossa união.

— Então por enquanto a gente não faz nada?

— Isso — respondeu Aurora, aliviada com a impressão de que ele pretendia ser razoável. — Em público podemos fingir que o outro não existe.

— Devo me comportar como seu primo por parte de marido. Pareceria estranho se nem ao menos nos falássemos quando nos víssemos em público.

— Bom, talvez possamos admitir em público que nos conhecemos.

— E em particular?

— Não existe motivo para que tenhamos nenhuma espécie de contato privado — disse Aurora com um olhar duro. — Ou qualquer espécie de contato. Na realidade, eu nem sei por que você está considerando a possibilidade de permanecer na Inglaterra. Seria melhor você ir embora logo. Se ficar, a única coisa que vai conseguir será ser morto. Eu não conseguiria suportar isso, Nicholas.

— Obrigado por sua preocupação, meu bem, mas não pretendo morrer tão cedo.

— Você também não pretendia ser preso nem condenado a enforcamento quatro meses atrás.

Nicholas inclinou a cabeça para se dirigir uma vez mais a Aurora:

— Existe outro aspecto que você não levou em consideração. Relações carnavais. Se eu e você ainda somos casados, não podemos ter amantes sem que estejamos cometendo adultério.

Aurora sentiu-se corar. Ele queria ter amantes? Aquilo a incomodava, mas não entendia por quê. Seria antinatural um homem com a natureza de Nicholas abrir mão dos prazeres da carne. E ela não teria direito de exigir fidelidade dele, não se quisesse ficar livre dos votos de casamento.

Ela forçou um sorriso, tentando parecer uma conhecedora do mundo.

— Sei que muitos homens têm casos. Eu não faria objeção nenhuma a você procurar outras mulheres ou ter uma amante, se assim desejar.

— E quanto a você? — perguntou Nicholas, com os olhos atentos fixando-se nos de Aurora.

— Você não precisa se preocupar comigo em relação a isso. Eu não pretendo ter nenhum amante.

— Uma vida inteira é tempo demais para se manter em celibato, especialmente para uma mulher tão ardente quanto sei que você é.

Aurora levantou-se bruscamente, desconfortável com o rumo íntimo da conversa.

— Isso me faz lembrar de uma coisa. Você confiou a mim outra missão...

Ela foi até o trocador e tirou o diário incrustado de joias cuidadosamente embrulhado em um corte de linho.

— A mãe de Raven deixou isto para você. É o livro que seu pai deu a ela.

Quando entregou o embrulho a Nicholas, ele o abriu com curiosidade.

— Um presente caro, obviamente — murmurou ele.

— Assim parece, e bem antigo.

— Do que se trata?

— É um diário escrito por uma francesa que foi mantida como escrava no harém de um paxá turco.

Depois de ler o título, Nicholas correu com os dedos algumas páginas e então olhou para Aurora:

— Você chegou a ler isso?

— Sim — respondeu ela, enrubescendo novamente. — Eu queria ver se era apropriado para Raven, e certamente não é.

— Eu diria que não — observou ele enquanto dirigia a Aurora um longo e vago sorriso indicando que se divertia com a situação. — Duvido que sua criação tenha preparado você para algo tão erótico também.

— É claro que não — respondeu Aurora. Ela havia ficado chocada com os detalhes explícitos e sensuais do diário... e ao mesmo tempo sentiu-se cativada. Contra seu próprio bom senso, sua criação e até mesmo sua vontade, sentiu-se atraída pelo belo e erótico relato do caso de amor da francesa com seu amo, um conto de paixão abrasadora contado com muita vivacidade. Tinha lido o diário mais de uma vez. Lembrava-se de cor de algumas passagens, mas não tinha a intenção de confessar aquilo a Nicholas.

— Agora que você está aqui — disse Aurora —, posso devolvê-lo. Você pode então decidir quando Raven terá idade suficiente para isso.

— Estou ansioso para ler. Mas em que ponto de nossa discussão nós estávamos?

— Nós tínhamos concluído nossa discussão.

— Não exatamente — disse ele. — Antes de você mudar de assunto, eu estava elogiando sua natureza ardente, você lembra. Eu dizia que não consigo imaginar você passando a vida inteira em celibato.

Aurora voltou a ficar extremamente desconfortável e irritada com Nicholas. Uma conversa sobre assuntos tão íntimos ia muito além dos limites, apesar de ele aparentemente acreditar ter o direito a tais intimidades.

Aurora olhou-o da maneira mais fria possível.

— Creio que esse seja um problema meu, Nicholas. Também acredito que tenha cumprido a promessa feita a você e também tenhamos dito tudo o que precisava ser dito. Agora é hora de você ir embora.

— Ainda não.

Ela se enervou.

— O que quer dizer com ainda não?

— Antes de fazer seu voto de celibato, você deveria considerar o que está rejeitando. Venha cá, Aurora.

Ela adotou um ar cuidadoso:

— Para quê?

— Porque eu quero beijá-la.

— Você deve estar de brincadeira.

— Não estou. Nós começamos a noite passada com o pé esquerdo, com minha repreensão por você ter se esquecido de sua viuvez. Eu gostaria de consertar isso.

Nervosamente, Aurora deu um passo para trás.

— Você não precisa fazer mais nada além de ir embora, Nicholas. Imediatamente. Não tem o direito de estar aqui.

— Na realidade, eu tenho, sim. Sou seu marido. A lei dá ao marido o direito de compartilhar a cama com a esposa.

— Você *não* é meu marido. Aos olhos do mundo, estou viúva faz quatro meses.

— Preciso lembrá-la de como suas criadas vão ficar curiosas se me encontrarem aqui? — perguntou Nicholas com um sorriso maroto que irritou Aurora tanto quanto a ameaça velada. — Só preciso chamá-las e elas virão correndo.

— Você não ousaria. Você jamais se arriscaria a expor assim sua identidade.

Nicholas arqueou a sobrelanceira como se fosse perguntar a Aurora se ela queria colocar à prova sua teoria.

Decidida a desafiar o blefe, Aurora colocou as mãos na cintura para provocá-lo.

— Agora que pensei nisso. Eu poderia denunciá-lo a qualquer autoridade do governo. Suspeito que a marinha esteja ansiosa por recapturar um pirata foragido.

Um brilho iluminou os olhos negros de Nicholas.

— Não acho que vá me entregar. Você não quer ver meu pescoço esmagado na forca.

A frustração de Aurora atingiu seu ponto de ebulição. O que ela queria era tirar aquele ar de conhecedor do belo rosto de Nicholas. Era completamente desleal usar a preocupação dela para com ele como arma para obrigá-la a agir como ele desejava.

Ela não podia pensar em expô-lo, porém. Não apenas por estar preocupada em evitar o escândalo que haveria se ele fosse encontrado em seu quarto, mas porque não conseguia tolerar a ideia de que algum mal fosse causado a Nicholas. Quase bateu o pé de aborrecimento.

— Você sabe muito bem que não posso denunciá-lo — murmurou finalmente. — Não quero ficar com o peso de sua morte em minha consciência.

— Eu sabia que você era uma mulher compassiva.

— Bom, pensei que você fosse um *cavalheiro* — retorquiu Aurora, enfurecida com o charme irresistível e inconstante de Nicholas.

— Eu sou um cavalheiro.

— Você certamente não é. Um cavalheiro honraria sua promessa.

— E qual foi essa promessa? — questionou Nicholas, com um fogo preguiçoso nos olhos. — Aquela referente à nossa união, quando prometi amar e respeitar minha noiva?

— Aquela em que concordamos que seria um casamento de uma noite só.

— Uma noite não foi suficiente — disse ele suavemente.

— Vai ter que ser. Não pretendo bancar a libertina a seu lado.

Nicholas segurou sua mão.

— Venha aqui e me beije, Aurora, antes que eu decida elevar minha voz.

Aurora cravou os olhos nele.

— Isso é chantagem!

— Que seja.

— Você é desprezível.

— E você é tão linda quanto eu me lembrava... mais até, já que hoje não há mais a tristeza em seus olhos. Venha aqui. Eu não vou reivindicar meus direitos como marido. Quero apenas um beijo.

O tom aveludado da voz dele não serviu para acalmá-la nem um pouco. Ele podia muito bem revelar sua presença às criadas se ela não fizesse o que ele queria.

— Um beijo e depois você vai embora?

— Se você insiste.

— Você promete?

— Inequivocamente.

Todos os músculos do corpo de Aurora ficaram tensos, mas ela aceitou, relutante. Quando se moveu

para ficar em pé ao lado da cama, porém, Nicholas não tentou beijá-la. Em vez disso, pegou a mão de Aurora.

Olhando para cima, em direção ao rosto dela, Nicholas colocou o dedo indicador dela inteiro na boca e o sugou. Um calor traiçoeiro repentinamente irradiou-se do fundo do estômago de Aurora e ela teve de segurar um suspiro.

— Você disse um *beijo* — disse ela entredentes.

— Não pode negar o prazer que sentiu — sussurrou. — Seu coração está batendo rápido demais para que possa alegar falta de interesse.

— Você poderia, por favor, simplesmente ir logo com isso?

— Como é impaciente — respondeu Nicholas suavemente.

Ele a puxou para baixo, encostou as costas dela na cama e reclinou o corpo sobre o dela. Aurora sentia apenas a força dele contra a dela — o poderoso granito de suas coxas, a barriga dura e plana, os músculos do peito e dos ombros.

Nicholas permaneceu daquele modo por um longo momento, olhando para baixo nos olhos dela, acariciando o rosto de Aurora com os dedos.

— Então? — cobrou Aurora, sem ar, tentando ignorar a tentação de sua bela boca.

— Guarde suas garras, sereia. Eu só quero que você se lembre do que está perdendo... do prazer de ficar em meus braços — disse ele antes de seus lábios descerem para cobrir os dela.



*A força do desejo dele me deixou assustada. Mas eu estava mais assustada era comigo mesma, pelo violento desejo que ele provocava em mim.*

A voracidade tomou conta de Nicholas enquanto ele bebia da boca trêmula de Aurora. Os lábios dela eram incrivelmente suaves, e seu calor alimentava os sentidos de Nicholas como uma chama.

Quando ela se mexeu inquieta sob Nicholas, as mãos dele fecharam-se nos cabelos sedosos de Aurora, mantendo-a parada para seu beijo, enquanto sua língua avançava profundamente, penetrando a boca de Aurora em uma imitação evidente do que ele desejava fazer entre suas coxas.

Apenas alguns momentos depois, ela estava colada ao corpo totalmente excitado de Nicholas, com os quadris erguidos contra os dele, procurando por seu membro. Ele experimentou uma sensação de triunfo diante da reação impotente de Aurora. Quando ela gemeu suavemente, Nicholas estremeceu, tão repleto de desejo que se sentia prestes a explodir.

Apesar disso, foi ele quem interrompeu o beijo. Em uma agonia de desejo, rolou para o lado e ficou com as costas no colchão, com a respiração ofegante. Percebeu então que havia superestimado amplamente seu autocontrole.

Colocando um braço sobre a testa, Nick inspirou profundamente. Ele ainda sentia desejo, com o membro ereto pressionando seus culotes. Mas não ousaria continuar beijando Aurora. Tinha sido um erro simplesmente tocá-la.

Ao lado dele, ela custou a se equilibrar sobre o cotovelo, com o cabelo solto sobre os ombros em uma incontrolável catarata dourada. Parecia abalada e indecisa enquanto o olhava com fascínio e preocupação em seus grandes olhos azuis. Nicholas sabia que ela sentia as mesmas forças poderosas que ele. Puro desejo carnal. A mesma necessidade crua e primitiva que ainda pulsava em seu corpo. A intensa sensação de intimidade e de aperto no coração que jamais tinha sentido com outra mulher.

Ah, sim, os laços entre eles eram bastante reais.

— Você não pode fingir — sussurrou Nicholas, com a voz cortada e rouca — que não existe nada entre nós.

— Isso foi... somente desejo.

— Quatro meses é realmente tempo demais para um homem ficar sem uma mulher — disse ele ironicamente. — Mas já enfrentei períodos maiores de abstinência. E minha luxúria não explica sua reação, querida. Vamos, admita. Você queria de mim mais do que apenas um beijo.

Aurora ergueu uma das mãos até a boca, ainda úmida e inchada pelo beijo, e uma nova pontada de desejo cresceu em Nicholas. A tentação de possuí-la era tamanha que Nicholas teve de engolir o desejo que evoluía dentro dele.

Era melhor ir embora, antes que sua resistência cedesse, antes que pegasse Aurora nos braços e a violasse até que os dois estivessem exaustos demais para se preocupar com coisas como escândalos e perigos mortais.

Desvencilhando-se, Nick se levantou e começou a se vestir, ciente de que ela o observava com cautela.

— Você vai mesmo embora? — perguntou finalmente Aurora no momento em que Nicholas vestia a túnica.

— Eu disse que iria.

Evidentemente, ela não confiava que ele manteria sua promessa de dar apenas um beijo. E ainda estava claramente perturbada com a situação entre eles.

— Mas e o nosso casamento, Nicholas? Você concorda que nós dois não deveríamos tentar seguir adiante como marido e mulher? Que vivamos vidas separadas?

Aquele estava longe de ser o melhor momento para admitir que ele pretendia tê-la como esposa.

— Essa parece ser a melhor opção no momento.

Ele quase podia sentir o alívio de Aurora. Sua resposta evidentemente a estimulou a ir mais além.

— Eu gostaria que você reconsiderasse sua ideia de ficar na Inglaterra e voltasse para casa.

— Meus assuntos aqui ainda não estão concluídos — respondeu Nicholas, o que não era exatamente mentira; Aurora *era* assunto dele. Começou a apertar o cinturão de sua fantasia, mas mudou de ideia. — Vou, no entanto, deixar meu cinturão e meu sabre com você. Um pirata vagando por aí pode despertar suspeitas.

— Vou guardar — respondeu Aurora, voltando a ficar azeda. — Você vai acabar sendo descoberto se insistir nessa personificação insana.

Nicholas dirigiu a Aurora um sorriso cínico e terminou de se vestir. Depois que ele colocou a capa sobre os ombros, atando o barbante frouxamente na altura do pescoço, ela ainda o olhava com ar de reprovação.

Nicholas hesitou. Aquela era a primeira vez de que se lembrava em que saía do quarto de uma mulher sem antes ter encontrado satisfação — ou ter oferecido plenamente. E aquela mulher era sua *esposa*. Com os cabelos desgrenhados e os lábios esfolados de paixão, Aurora era tão bonita que o tirava do sério.

Nicholas não conseguiu se conter. Voltando à cama, segurou o rosto de Aurora nas mãos e a beijou com força.

— Nicholas! — exclamou ela, sem ar, recuando. — Você prometeu que ia embora!

— Baixe a voz, meu amor, ou as criadas vão ouvir — advertiu.

— Foi apenas um beijo de despedida. Talvez fiquemos dias sem nos falar.

Nicholas pegou o diário e o colocou em um bolso do casaco. Dirigindo-se à janela, sentou-se no peitoril e balançou as pernas no lado de fora.

Com um último e demorado olhar, ele de repente desapareceu.

Aurora caiu de costas na cama novamente, aliviada, com o coração ainda batendo violentamente por causa do beijo, com o corpo pulsando pela agitação que Nicholas provocava nela.

Aquilo a assustava, o tumulto de emoções que Nicholas despertava nela sem o menor esforço: exasperação, raiva, alegria, desejo...

Ele não era o tipo de homem diante do qual uma mulher poderia ter a esperança de manter-se indiferente. Ele era imprevisível, ousado, ameaçador. O tipo de homem capaz de inundar uma mulher de paixão, de desejo, de necessidade. Um homem capaz de comandar o coração e o corpo de uma mulher.

*Ele exigiu minha rendição, de corpo e alma.*

Aurora estremeceu com a lembrança da passagem do diário que tão perfeitamente descrevia o perigo que a francesa tinha sido forçada a enfrentar. Desirée tornou-se cativa em termos mais do que físicos: contra o próprio desejo, ela havia perdido o coração para seu forte, vital e persuasivo príncipe.

Nicholas era tão persuasivo e tão perigoso quanto o príncipe do diário. Seu toque era igualmente sensual e mágico.

Aurora ergueu a mão até a altura dos seios, com a incandescente memória das carícias de Nicholas ainda viva na mente. Ela era tão vulnerável a ele. Como marido, Nicholas tinha direito àquelas intimidades, e a mais coisas ainda. No entanto, ela não ousaria dar-lhe nenhuma chance mais de se comportar com tanta ousadia como na noite anterior. Ela não era capaz de lidar nem ao menos com a proximidade dele. Aurora não podia mais confiar em Nicholas. E o pior de tudo: não podia mais confiar nem em si mesma.

Quando se casaram, Aurora pensou que Nicholas fosse um homem honrado, mas ele não tinha o menor pudor em utilizar subterfúgios e trapaças, o que era evidenciado pela fraude anterior, na qual fabricou o próprio enterro, ou pela fraude em andamento, assumindo a identidade do primo. E ele tinha ainda invadido o quarto dela e realizado um ataque íntimo e sensual enquanto ela dormia.

Um calor traidor tomou conta do corpo de Aurora diante da lembrança, assim como aumentou sua raiva pela audácia de Nicholas.

Aurora dispunha de incontáveis razões para estar nervosa com ele. Não apenas por sua falta de escrúpulos, não apenas pela maneira inconsequente com que arriscava a vida e ameaçava causar um escândalo, mas por agir como se fosse o dono dela, e por usar de chantagem e extorsão para abrir caminho.

Depois de ter vivido por tanto tempo com o temperamento exaltado do pai, Aurora *deplorava* emoções violentas como a raiva, mas no caso de Nicholas, ela preferia assim. Na verdade, até mesmo desejava cultivar aquele sentimento. Se conseguisse conservar aquela raiva por perto, seria capaz de manter longe quaisquer sentimentos mais ternos por Nicholas.

Pelo menos ela o havia convencido a desistir de querê-la como esposa. Ela não conseguia, porém, se sentir bem com aquilo. Apesar de ele ter concordado em que levassem vidas separadas, ela tinha certeza de que não se tratava do último ato de Nicholas Sabine.



Ainda era cedo quando Nicholas chegou aos estábulos próximos da casa de lady Dalrymple, onde estava a nata dos cavalos de passeio e de carruagens de Mayfair. O pátio de paralelepípedos dos cavaliços estava agitado, com rapazes treinando, cavalos encilhados e trotes em círculos antes do passeio matinal.

Nick havia combinado de se encontrar ali com a irmã, mas não viu nenhum sinal de Raven. Em contrapartida, identificou o montador irlandês que a acompanhou desde o Caribe. O'Malley estava

conduzindo um puro-sangue negro e outro sólido animal, ambos encilhados para uma cavalgada.

Na tentativa de testar seu disfarce, Nicholas parou ao lado do irlandês.

— Gostaria de alugar alguns equipamentos por algumas semanas — disse em tom casual — e talvez também um cavalo. Você poderia me levar até o proprietário?

O'Malley, um homem robusto, grande e grisalho, olhou apressadamente para Nicholas. Obviamente enxergando nele um cavalheiro, fez uma medida com o chapéu.

— Deve procurar então pelo senhor Dobbs, senhor. Você vai encontrá-lo no escritório no fim do próximo corredor.

— Obrigado — Nicholas hesitou, estudando o cavalo negro. — Animal magnífico. Sua senhora sempre soube identificar um bom cavalo.

Levantando a cabeça, O'Malley olhou fixamente.

— Acho que estou vendo fantasmas — disse ele lentamente.

Nick esboçou um sorriso torto.

— Não sou fantasma, O'Malley. Tenho alguma semelhança com certo pirata americano que no fim não foi enforcado.

O olhar de espanto no rosto rude de O'Malley foi substituído por uma cara de felicidade.

— Bom, eu... — ele parou de falar com um sorriso constrangido. — Desculpe, chefe. Não consegui reconhecê-lo com esse cabelo tão escuro.

— É justamente essa a minha intenção — disse Nicholas. — Estou na Inglaterra como um primo de Sabine oriundo de Boston, senhor Brandon Deverill. Calculo que, se consegui escapar do seu olhar aguçado, devo conseguir enganar qualquer pessoa que me conheça.

— Ah..., entendi. Se o senhor diz. A senhorita Raven já sabe da boa notícia?

— Eu a surpreendi ontem à noite no baile da tia dela, mas ficamos pouco tempo juntos. Ela vai me encontrar aqui dentro em pouco para que possamos conversar a sós.

Sempre astuto, O'Malley entendeu imediatamente que precisava ser discreto.

— Vou levar o Satã de volta para a baía dele então, se o senhor preferir. Vocês podem conversar lá, como se estivesse interessado em comprar o cavalo.

Nicholas ergueu uma sobrancelha e olhou para o animal, que docilmente mastigava o arreo.

— Satã?

— Ele é bravo, sim, senhor, mas com a senhorita Raven fica manso. Pertence à lady Aurora — relatou O'Malley. Diante do olhar cético de Nicholas, o irlandês sorriu. — Verdade. A senhora gosta de um cavalo endiabrado também. E, pelo que vi, ela monta muito bem.

Nicholas recebeu aquele comentário com surpresa: aquele elogio era muito valioso vindo de um homem como O'Malley, que praticamente havia nascido no lombo de um cavalo.

— Lady Aurora — acrescentou O'Malley — escolheu esse amiguinho aqui para a senhorita Raven depois que a tia dela tentou fazê-la montar um burro de carga. O Satã soltou fogo pelas ventas quando ela montou nele a primeira vez, mas você a conhece. Não existe cavalo que a senhorita Raven não dome. Com os cavalheiros de Londres é a mesma coisa.

— Entendo — respondeu Nicholas com um riso irônico.

— Está tudo saindo do jeito que ela queria, e do jeito que o guardião dela, o senhor Sabine, também queria.

— Obrigado por tomar conta dela tão bem, O'Malley. Tenho certeza de que o senhor Sabine lhe será grato pelo resto da vida.

O irlandês deu uma gargalhada alta.

— É, o senhor deve saber, sendo primo dele e tal. Se o senhor quiser vir comigo... — disse O'Malley, batendo novamente na aba do chapéu e levando os cavalos de volta para as baías.

O'Malley foi um valoroso protetor de Raven, refletiu Nicholas enquanto o seguia. Seus temores em relação ao bem-estar dela diminuíram consideravelmente depois de ter testemunhado como Aurora e o irlandês haviam cuidado dela.

Raven apareceu depois de apenas alguns instantes. Um pouco ofegante, ela entrou na baía e, sem se deter, lançou seus braços ao redor do pescoço de Nick em um abraço estrangulador.

— Não precisa me sufocar, pequena — disse ele rindo enquanto se desvencilhava das garras dela.

— É isso ou te dar um tiro — retorquiu Raven. Quando ela recuou, porém, seus olhos azuis estavam pegando fogo. — Você *merecia* tomar um tiro, Nicholas. Você não tem noção do que chorei por você, e Aurora também. Eu vivi com tanta culpa, achando que você tivesse sido morto. Por que nunca nos avisou de nada?

— Eu estava um pouco ocupado, tentando corrigir o que a marinha britânica planejava para mim e depois me preparando para vir atrás de vocês. E achei que fossem receber a notícia por alguém das ilhas.

— Nenhuma notícia chegou a nós, Nicholas.

Ele sacudiu a cabeça em alerta.

— Agradeço se você treinasse me chamar de senhor Deverill mesmo em particular, querida, para que não se esqueça quando estivermos em público. Como Sabine era seu guardião, seu primo possui apenas uma conexão distante com você.

— Ah, sim, preciso me lembrar disso.

— Na verdade, também não deveríamos ser vistos em conversas privadas.

Franzindo o cenho, Raven olhou para trás cautelosamente. O'Malley havia tomado posição em frente ao portãozinho da baía com seu cavalo, em alerta para poupar Nicholas e Raven dos olhares dos curiosos.

— Acabei de mandar minha criada para casa — disse Raven com um tom preocupado. — Assim ela não vai me ver conversando com você, mas não levei em consideração como isso lhe é perigoso. Para você é perigoso até mesmo permanecer na Inglaterra, não é mesmo?

— Sim, existe uma possibilidade de eu vir a ser preso como prisioneiro foragido.

— Então por que veio para cá?

— Eu queria ver como minha tempestuosa irmã estava se saindo, é claro — disse Nicholas com ar de provocação. Ele olhou atentamente para o estiloso traje de montaria de veludo verde. Com sua vivacidade e beleza jovial, não parecia que Raven tinha acordado absurdamente cedo depois de ter dançado até tarde na noite anterior. — Aparentemente, você está se saindo bem.

Ela sorriu ironicamente:

— Mais do que bem. Você ficaria orgulhoso de mim, Nick... quero dizer, senhor Deverill. Lembro-me de certa vez você ter comentado que ensinar como me comportar com decoro seria como tentar transformar uma égua selvagem no cavalo de uma dama. Bom, acho que estou bem adestrada agora. É claro que uma grande parte do crédito deve ser dada a Aurora.

— É mesmo?

— Na verdade, não sei o que teria conseguido sem a ajuda dela. Aurora é extremamente talentosa e muito estimada... Você não poderia ter escolhido ninguém melhor do que ela para me aconselhar. Sob a orientação dela, pude enfrentar os leões da sociedade sem ser devorada viva. Ficarei muito desapontada se até o fim da estação não estiver noiva de um conde, no mínimo.

A expressão de divertimento de Nicholas ficou então mais séria.

— Você tem certeza de que vai ser feliz em um casamento arranjado com um conde?

Os olhos azuis de Raven também ganharam um ar mais sério.

— Minha felicidade está fora de questão. Mamãe queria que eu conseguisse uma união vantajosa e me casasse com um nobre. Não vou decepcioná-la, Nicholas. Com relação ao casamento arranjado, você sabe que não quero saber de amor. Não vou cometer o mesmo erro da mamãe e deixar que a paixão destrua minha vida, esperando por um homem até o leito de morte. Além disso, ser a senhora de minha própria casa será melhor do que viver embaixo do teto da tia Dalrymple, onde não consigo pronunciar duas palavras sem ser repreendida.

O ar de teimosia de Raven deu então lugar a um sorriso.

— Agradeço aos céus por Aurora. Ela é tão genuinamente gentil e compartilha meu amor por cavalos. Vou encontrá-la para um galope no parque daqui a pouco... Mas já chega de falar sobre mim, Nicholas. Conte-me. Como Aurora recebeu a notícia de sua reencarnação?

— Ela não ficou tão contente como você — respondeu ele secamente.

— É só porque ela ainda não conhece você suficientemente bem — disse Raven arregalando os olhos.

— Mas então você pretende levá-la para a América como sua esposa?

Nicholas hesitou.

— Ainda não decidimos nosso futuro. Imagino que Aurora precise de tempo para superar o choque com meu reaparecimento.

— Mas você pretende levá-la como esposa?

— Isso ainda não está definido — admitiu Nicholas, sem querer mostrar-se muito confiante em relação a seu poder de persuasão.

— Seu casamento tem amparo legal, não tem?

— Totalmente. Mas a questão é muito mais complexa do que a legalidade. Nosso casamento deveria ter sido apenas temporário. Não tenho certeza de que Aurora me queira para a vida inteira, e nem que ache que eu seria um bom marido. Sou muito mais conhecido por minhas loucas aventuras do que por minha estável respeitabilidade.

— Sim, mas eu me lembro de ter ouvido você dizer que já estava chegando a hora de se estabelecer, como seu pai desejava. E acho que qualquer mulher teria muita sorte em tê-lo como marido — declarou Raven com lealdade.

— Mas você é parcial para sair em minha defesa, minha gatinha.

— Acho que sim — admitiu ela franzindo o cenho. — Bom, você precisa simplesmente persuadi-la. Não deve ser impossível. Aurora tem ideias próprias, mas ninguém possui um charme mais implacável que o seu. Você conseguiu me convencer a perdoar meus parentes ingleses pelo modo terrível como trataram a mamãe, e essa era a última coisa que eu queria na vida.

— Vamos ver então — disse Nicholas de modo evasivo.

— Espero que dê certo... Bom, quero ver Aurora feliz. Tenho certeza de que ela está solitária, ficando confinada em sua casa por dias a fio em respeito ao luto. Sua presença aqui vai pelo menos

proporcionar a ela um pouco de diversão. Quanto tempo você pretende ficar?

— Não decidi ainda. Algumas semanas, talvez. A notícia da minha fuga vai chegar à Inglaterra mais cedo ou mais tarde e, com minha cabeça a prêmio, o risco da descoberta será maior — ponderou. A expressão da irmã era cada vez mais preocupada, mas Nicholas se antecipou a ela. — Aproveite ao máximo seu passeio, senhorita Kendrick, antes que comecemos a ser alvo de comentários.

Raven aceitou com relutância.

— Onde poderei encontrá-lo se precisar falar com você?

— Pretendo me hospedar no Clarendon.

Raven beijou Nicholas no rosto e depois deu um sorriso insolente enquanto pegava as rédeas do puro-sangue e o tirava da baía.

— Talvez eu o veja qualquer manhã dessas no parque, senhor *Deverill*.

Nicholas flagrou-se sorrindo afetuosamente enquanto ela saía. Quando ficou sozinho, porém, seu sorriso se desfez. Como era de seu feitio, Raven fora direto ao âmago da questão: se ele e Aurora pretendiam reconhecer o casamento.

Por um instante, questionou-se se deveria reconsiderar seu plano de tomá-la como esposa. Ele desejava Aurora fisicamente; não existia mais a menor dúvida em sua cabeça. Beijá-la naquela manhã fora tão impressionantemente sensual como quatro meses antes, quando ele possuiu seu corpo saboroso e virginal no leito de núpcias. A voracidade que sentiu por ela na ocasião não havia diminuído nem um pouco; se alguma coisa havia mudado, é que o desejo agora era mais forte.

Era mais do que desejo, porém. Era quase como um incêndio contido, queimando lentamente, esperando para arder com sua fúria incontável. E apesar de ela ter tentado resistir a isso, Aurora reagiu a ele com um incêndio nas mesmas proporções.

Sentiu o membro enrijecer apenas por lembrar-se dela.

Ele levou uma mão aos cabelos agora negros. Foi necessário um esforço quase sobre-humano para interromper seu abraço com Aurora naquela manhã. Mas não confiou em si mesmo para continuar tocando Aurora sem fazer amor com ela. E aquilo, para ele, consolidaria o casamento deles.

Se acabassem por realmente dissolver a união, ele teria agido muito bem por não ter encostado as mãos nela. Não seria nada justo nem honrado saciar seu desejo para depois abandoná-la. E se fosse indiscreto o bastante para ser descoberto na cama dela — ou, pior ainda, fazer um filho nela —, o escândalo seria inevitável. Ele certamente não queria afundá-la em um escândalo, e nem sua irmã.

Franziu o cenho. Se tivesse um pouco de juízo, provavelmente desistiria de tentar fazer o casamento deles funcionar. Aurora era decididamente contrária ao casamento. E havia eximido Nicholas de qualquer responsabilidade por ela. Ele não precisava sentir nenhuma culpa por esquivar-se de sua obrigação para com ela, não precisava permitir que sua consciência o fustigasse, como ela insistia em fazer.

A determinada resistência de Aurora a seus avanços, no entanto, o havia deixado perplexo. Ela havia se entregado com tanta avidez na noite de núpcias! Desde então, no entanto, ela tinha mudado subitamente em relação à jovem inocente com quem tinha se casado. Parecia mais forte, mais rígida e autocontrolada, extremamente determinada a se blindar contra qualquer emoção que se assemelhasse à paixão.

Nicholas precisava se lembrar, porém, que Aurora já havia sofrido antes. Perdeu o homem que amava e a experiência deixou nela uma profunda cicatriz. Nick sentia-se tenso pelo ciúme que sentia toda vez que ela mencionava o noivo, apesar de o ciúme ser estranho a ele. Mas o homem estava morto. E ele deveria compreender o sofrimento dela.

Além disso, achava que poderia fazer com que Aurora esquecesse a perda caso se dedicasse a isso. Nicholas jamais havia conhecido uma mulher que não fosse suscetível a seu charme quando ele resolvia exercê-lo. Ele era capaz de superar as objeções de Aurora ao casamento se o desejasse verdadeiramente.

Mas ele desejava realmente isso?

Era louco o suficiente para ir atrás de uma mulher tão claramente relutante em ser sua esposa? Certamente seria mais seguro ir embora da Inglaterra de uma vez. Mas Nicholas também nunca havia achado muita graça na segurança. Desde quando ainda engatinhava, assumia riscos apenas pela emoção que sentia. Preferia viver no extremo, provavelmente porque o perigo o fazia sentir a vida com muita intensidade. Aceitar os desafios do destino era uma emoção muito mais inebriante do que qualquer opiáceo.

E conquistar Aurora seria um desafio dos grandes.

Nicholas, contudo, estava mais convencido do que nunca de que a elegância indiferente de Aurora escondia um fogo interior. Com o passar dos anos ele aprendeu a confiar em seus instintos, pois eles já o haviam salvado mais de uma vez. E todos os instintos de Nicholas indicavam a ele que Aurora valia o esforço.

E também havia a questão de sua obrigação. Nicholas prometera ao pai que assumiria suas responsabilidades.

Lentamente fez um gesto de aceitação com a cabeça. Não abandonaria seu plano de reivindicar Aurora como esposa. Permaneceria na Inglaterra pelo tempo que fosse necessário, até conseguir convencê-la a tornar real o casamento deles.

Diante de uma tomada de decisão tão importante, Nicholas virou-se para deixar a baia. Sentindo algo duro pressionando sua cintura, percebeu que havia se esquecido do livro que Aurora havia entregado a ele, que estava no bolso do casaco.

Curioso, ele pegou o diário incrustado de joias. *Uma paixão do coração.*

Sua boca torceu-se em um sorriso perverso. Era difícil imaginar sua esposa régia, bem-criada e elegante lendo aquela história erótica, embora evidentemente houvesse facetas ocultas na mulher com quem tinha se casado. Facetas essas que ele estava ansioso por descobrir.

Pelo momento, no entanto, ele precisava encontrar o proprietário da estrebaria, para alugar cavalos e uma carruagem para o período que passaria em Londres.



*Ele desafiou meu coração, me provocando para que eu me entregasse à paixão.*

Aurora sentiu um arrepio de satisfação enquanto o chão balançava sob os cascos barulhentos da montaria. Ela se curvou sobre o pescoço do cavalo cinzento, encorajando-o enquanto ele lutava para vencer o puro-sangue preto que corria a seu lado.

O vento fresco chicoteou o véu de viúva contra sua face, fazendo arder seus olhos, mas ela estava tão relutante em perder a corrida quanto seu cavalo. Quando os dois competidores finalmente se aproximaram do fim do trecho de relva arenoso, o Cronos de Aurora já estava um corpo à frente do Satã de Raven.

Aurora parou, rindo, enquanto Raven fez o mesmo.

— Bom trabalho! — a jovem exclamou, um pouco sem fôlego. — Tinha certeza de que ganharíamos dessa vez.

Ao recuarem, Cronos ainda bufava e se movimentava, agitado, quase se gabando da vitória, enquanto Satã balançava a cabeça sob a pegada firme de Raven, querendo começar novamente.

Murmurando elogios, Aurora deu palmadinhas no pescoço com manchas prata e cinza do seu cavalo.

— Com certeza ele está animado hoje.

— Acho que isso explica por que perdemos. Mas tenho de admitir que você é a melhor amazona.

— Se eu fosse você não desistiria — disse Aurora sorrindo. — Você esteve emparelhada até quase o finalzinho.

— Ah, mas não tenho intenção de desistir — Raven respondeu com um leve sorriso. — Um dia vamos conseguir ultrapassar você.

— Talvez.

Embora tivessem adotado um ritmo muito mais calmo ao voltar pela avenida arenosa chamada Rotten Row, Aurora compartilhava da animação de sua montaria. Ela amava desafiar o vento em um cavalo tão veloz — a liberdade emocionante, a aventura de competir e vencer um oponente de valor, a sensação de poder ao controlar o animal poderoso sob ela, como se fossem um só. A felicidade pura e total proporcionada fazia seu sangue cantar.

O silêncio da manhã em Hyde Park era, com certeza, a melhor parte do seu dia. Naquela hora, as trilhas eram compartilhadas por cavaleiros e Amazonas sérios, sem a presença de dândis ou senhoras

estilosas com seus equipamentos chiques que mais tarde, no tradicional horário das cinco, congestionariam o parque.

Uma névoa fina encobriu o lago Serpentine, a umidade refletindo nas largas trilhas de grama e gotejando das árvores que ladeavam o caminho. No meio da manhã, com a névoa praticamente dissipada, o parque ficaria repleto de babás supervisionando crianças ou garotos desordeiros brincando com seus cachorros, mas, àquela hora, só havia cavaleiros dedicados por perto.

Aurora estava entretida com seus pensamentos quando viu um cavaleiro de vestes azuis cavalgando na direção delas. Reconhecendo os ombros largos mesmo de longe, ela prontamente se empertigou na sela, ao passo que seu coração acelerou estranhamente. Dois dias haviam se passado desde que Nicholas havia deixado a privacidade do quarto dela após sua escandalosa invasão. Dois dias durante os quais ela se preocupou com seu destino e atormentou-se com os planos dele em relação ao casamento. Estava aborrecida por não ter recebido nenhuma notícia dele — e mais ainda pelo fato de ele ter ocupado seus pensamentos de maneira tão intensa.

Quando as alcançou, Nicholas reduziu a marcha e cumprimentou-as educadamente. Ele estava lindo em um casaco azul feito sob medida, todo requintado, com calças de camurça e botas de couro reluzentes — a imagem perfeita de um cavalheiro. Seus olhos, contudo, brilhavam com um ar perverso.

— Bom dia, senhoras. Posso elogiá-las pela ótima corrida?

Aurora sentiu o rosto corar. Estava envergonhada de ter sido flagrada cavalgando feito uma garota selvagem, especialmente por aquele homem. Não só havia falhado em garantir que a irmã dele tivesse boas maneiras como também demonstrara a mesma imprudência que dizia abominar em Nicholas.

Raven, porém, não tinha esses escrúpulos sobre sua conduta.

— *Foi esplêndido, não foi?* Aurora tem os melhores cavalos, e ela é um anjo por me deixar usá-los também.

— Um anjo, sem dúvida. — Nicholas concordou, seu olhar intimamente conectado ao de Aurora.

Ela sentiu o rubor em sua face aumentar ainda mais ao perceber o interesse masculino nos olhos de Nicholas quando estes caíram sobre sua roupa de cavalgar amora-escura. Ficou agradecida quando o cavaliço de Raven chegou trotando rapidamente, acompanhado do dela.

Nem por um segundo o desajeitado irlandês O'Malley aparentou reconhecer Nicholas. Mas então Raven comentou que eles já tinham se encontrado antes e resolvido a melhor forma de continuar com a farsa quanto à identidade de Nicholas.

Juntos, eles continuaram cavalgando pela Row, os dois cavaliços mantendo certa distância atrás deles. Para continuar com a farsa, Raven perguntou ao senhor “Deverill” o que ele estava achando de Londres. Ele esquivou-se com uma resposta totalmente impessoal sobre como a bagagem errada havia sido entregue em seu hotel e que havia sido obrigado a reclamar para a gerência que as vestes não eram do seu tamanho.

Aurora sentia-se grata pelo fato de os irmãos poderem rir e conversar tão facilmente, já que isso abafava o fato de ela estar totalmente sem reação.

Um momento depois, contudo, outros montadores chamaram a atenção de Raven. Um pouco mais além, duas jovens senhoritas cavalgavam pela grama em direção a um caminho mais estreito.

— Lá estão Sarah e Jane — disse Raven bruscamente. — Desculpe-me, Aurora, mas tenho de falar com elas. — Ela olhou para Nicholas de forma suspeita. — Foi bom vê-lo novamente, senhor Deverill!

Nicholas saudou-a com seu chapéu alto de pelo de castor:

— Igualmente, senhorita Kendrick.

Ela partiu com seu cavalo, e O'Malley automaticamente a seguiu como uma sombra. Aurora não conseguia pensar em uma objeção imediata à sua partida; não havia nada de mais em Raven querer falar com suas amigas. Ainda assim, Aurora sentiu-se desconcertada em ficar sozinha com Nicholas. Percebeu, espiando por cima do ombro, que seu próprio cavaleiro estava muitos metros atrás.

— Ela está determinada a nos dar uma chance de ficarmos sozinhos — Nicholas comentou secamente, como se lesse seus pensamentos.

— Não consigo entender o porquê.

— Não consegue? Raven acha romântico nosso amor frustrado e quer que consertemos a situação.

Aurora olhou para ele como se tentasse entender.

— Raven não é nem um pouco romântica.

— Não tenho certeza disso. Mas, de qualquer forma, ela tem medo de que você fique sozinha. Acha que deveríamos continuar casados.

— Acho que vou ter de falar com ela — Aurora balbuciou.

— Eu também deveria falar com ela sobre sua conduta imprudente. Imagine minha surpresa vendo as duas cavalgando como índios selvagens. — Ele balançou a cabeça desaprovando, ainda que um tom jocoso pudesse ser percebido em sua voz. — Eu esperaria isso de Raven, mas você, amor...

— Não é culpa da Raven — Aurora admitiu relutantemente. — A culpa é toda minha; eu instiguei a corrida.

— Instigou? — Suas sobrancelhas arquearam. — Você quer dizer que anda corrompendo minha irmã, em vez de ser o contrário?

— Eu não deveria ter feito isso, eu sei, mas os cavalos estavam descansados e havia tão pouca gente olhando... E, bem, os cavalos precisavam se exercitar, afinal.

Nicholas fitou-a impressionado.

— Por acaso descobri um vício secreto, meu amor?

Ela mordeu o lábio. Equitação *era* sua paixão e seu vício. Era sua única liberdade, a chance de escapar de sua criação limitadora e das convenções muito restritivas em relação à viuvez.

— Sendo viúva, não tenho direito a muitas liberdades — disse Aurora na defensiva.

— Então, quando vem ao parque, você se permite ser selvagem.

— Não é tão ruim assim!

— Ah, não acho que seja nem um pouco ruim. O exercício conferiu cor às suas bochechas e iluminou seus olhos... Incrivelmente sensual. — O comentário de Nicholas afetou-a extremamente, enquanto seu tom de voz se tornou mais baixo e vibrante. — Parece que você acabou de se levantar da cama depois de uma noite de amor.

Aurora ruborizou-se, sem saber ao certo como responder.

— Isso só confirma o que tenho suscitado há muito tempo — ele disse.

— Do que você suspeita? — perguntou ela cautelosamente.

— Que há um fogo escondido ardendo embaixo desse seu ar tranquilo.

Ela ficou constrangida com a intimidade, ainda que não conseguisse desviar o olhar.

— Seus olhos são de um tom incrível de azul — disse Nicholas com a voz um pouco rouca.

Perguntando-se como ele poderia estar vendo seus olhos, Aurora colocou a mão na borda do chapéu e

percebeu de repente que havia esquecido do véu de viúva. De alguma forma, o vento o havia levantado, deixando o rosto exposto. Consternada, ela colocou a película de laço cor de ameixa no lugar, escondendo os traços daquele olhar penetrante.

— Que falta de generosidade de sua parte esconder-se dessa forma — disse Nicholas, com o riso voltando a sua voz. — Eu estava apreciando a vista.

— O que você fez nos últimos dois dias? — ela perguntou, determinada a mudar de assunto.

— Você sentiu minha falta, então?

Ela lançou-lhe um olhar arqueado, mas logo percebeu que ele não poderia mais perceber, agora que estava com o véu.

— Eu só estava preocupada que você pudesse ter se enfiado em algum tipo de problema.

O sorriso dele era puro, demonstrando um charme autêntico. — O que faria com que você pensasse nisso?

— O quê, obviamente? — Aurora respondeu ironicamente e com relutante entusiasmo, tentando resistir ao seu charme inegável.

— Na verdade, tenho tentado estabelecer minhas credenciais. Está difícil, agora que Wycliff está fora da cidade. Seus compatriotas tendem a desdenhar de americanos, não importa o quão leais eles sejam à Coroa.

— Ajudaria, talvez, se você fosse leal à Coroa.

— Ou se eu tivesse mais sangue azul. Acho que preciso de um patrocinador para me dar crédito, especialmente se pretender circular pelo seu elevado grupo social. Talvez eu devesse contar com você para me apresentar a seus conhecidos intelectuais.

Ela já estava exasperada pelo jeito descuidado com que ele se portava.

— Acho que você deveria se mostrar pelo menos um pouco preocupado com o perigo de se exibir assim.

— Ah, não vou alardear minha existência intencionalmente, mas também não vou me esconder nas sombras.

— Eu ainda não consigo entender por que você não volta para sua casa na América.

— Porque não quero abandonar minha adorável esposa.

Preocupada com sua declaração e com o fato de que alguém pudesse ouvir o que ele dizia, Aurora espiou por cima do ombro e sentiu-se aliviada pelo fato de seu cavaliariço ainda se encontrar a uma discreta distância. — Você não precisa alardear nosso relacionamento para o mundo inteiro!

— Não sou eu que estou parecendo uma mulher rabugenta em público, meu amor.

— Eu *não* sou rabugenta.

— Não?

Havia um suave tom de prazer em sua voz e Aurora lamentou ser bem-educada demais para tampar os ouvidos e ter tamanha aversão à violência física. Em vez disso, respirou fundo e mordeu a língua, prometendo não se deixar mais provocar.

Mas foi difícil quando Nicholas pareceu determinado a causar problema.

— Falando sobre seus conhecidos... — disse, pensativo. — Se não me engano, há um ali agora.

Espiando mais além, Aurora reconheceu o cavaleiro que se aproximava como sendo o conde de Clune. Seu coração pareceu vacilar.

— Ah, meu Deus... Clune! Ele é um dos *seus* conhecidos também. Ele contou que você já foi membro da Liga Fogo do Inferno.

— Fui por pouco tempo, durante minha visita a Londres três anos atrás. O que tem isso?

— Ele com certeza vai reconhecê-lo. Você deveria ir embora logo, Nicholas, antes que ele o veja.

— Eu já lhe disse que não tenho a mínima intenção de me esconder.

— Não é possível que você queira que ele o reconheça!

— É só lembrar que sou Brandon Deverill, seu primo por casamento. Não deveria haver problema algum. Sorria, amor, e finja que está apreciando minha companhia.

Aurora percebeu que era tarde demais para fazer qualquer outra coisa, já que Clune estava quase alcançando os dois. Ele abriu seu sorriso libertino, enquanto levava seu cavalo a uma parada diante dela.

— Ah, a mais bela viúva de Londres — disse, fazendo uma reverência graciosa. — E a melhor amazona também. A combinação é extasiante.

— Lorde Clune — Aurora murmurou, mostrando apreço ao conhecido com um movimento da cabeça.

— Não acho que tenha de perguntar o resultado da corrida desta manhã, já que você sempre vence.

Ela se segurou para não olhar para Nicholas enquanto tentava ignorar a corrida. — Bem, meus cavalos gostam de exercício.

— Mas poderia competir ainda mais. Talvez um dia desses você prefira um oponente que não seja sua tutelada. Eu ficaria feliz em oferecer meus serviços quando desejar!

Ao perceber seu tom malicioso e sugestivo, Aurora contorceu-se na sela. Ele estava, obviamente, flertando com ela. — Obrigada, milorde, mas estou contente cavalgando com minha tutelada.

Ela tinha esperança de que ele continuasse sem perceber Nicholas, mas o olhar de Clune se dirigiu a ele logo depois.

— Nós já nos conhecemos? Você lembra muito alguém que conheço. O ex-marido dessa senhora, creio eu.

Aurora segurou a respiração enquanto Nicholas sorria calmamente.

— Não é surpreendente, já que sou primo de Sabine. Brandon Deverill, às suas ordens, senhor.

— A semelhança é impressionante.

Nicholas sustentou o olhar fixo dele.

— É o que sempre dizem.

Aurora estava irritada com a maneira como Clune o estudava minuciosamente. Mas ele se limitou a fazer uma saudação e oferecer condolências.

— Um ótimo esportista e camarada, seu primo Nick. Senti muito saber de sua morte, já que desenvolvi apreço por ele durante o pouco tempo que nos conhecemos. Você é americano, senhor Deverill?

— De nascimento, sim. Mas já que minhas inclinações políticas não coincidem exatamente com as do meu governo, achei justo refugiar-me na Inglaterra até que a guerra acabe.

— Pode ser que sua aceitação aqui seja um tanto quanto difícil, já que seu primo foi enforcado por pirataria.

— Acredito que lorde Wycliff vá testemunhar sobre meu caráter, se você tiver dúvidas quanto à minha lealdade.

— Não, sem preocupações desse tipo — a boca de Clune se curvou em um sorriso sarcástico. — Tenho pouquíssimas inclinações políticas. Mas se você achar que precisa de mais apoio que o de

Wycliff, ficarei feliz em reconhecê-lo, em lembrança do meu velho amigo Nick.

A resposta de Nicholas foi mais calma do que Aurora esperava.

— É muito generoso de sua parte, senhor. Eu me lembrarei da oferta.

Clune virou-se e sorriu para Aurora.

— Bom, vou deixá-los continuar a cavalgada. Você não vai querer que seu cavalo continue parado por mais tempo. Mas espero que se lembre de minha oferta, milady. Se você se interessar por correr qualquer dia desses, ficarei feliz em acompanhá-la.

Aurora murmurou uma resposta não comprometedor e sentiu-se aliviada quando Clune pegou o cavalo e avançou.

Ela e Nicholas retomaram a cavalgada pela Row. Aurora estava enfurecida e estarecida com a insolente desconsideração de Nicholas pela sua própria vida, mas se forçou a esperar até que estivessem fora do alcance dos ouvidos do conde.

— Precisa alardear sua existência dessa maneira? O que pretende? — perguntou, sua preocupação fazendo-a soar mais ácida do que o normal.

— Pretendo cristalizar meu disfarce. Clune me conhece melhor que ninguém na Inglaterra. Se ele não me reconheceu, duvido que alguém mais o fará.

— Isso foi de uma desfaçatez deslavada. Você o olhou nos olhos e *mentiu*.

— Você preferiria que eu tivesse dito a verdade?

Irritada, ela ficou em silêncio.

— Ele parece demasiadamente atencioso com você, meu amor. Talvez eu deva lembrá-la novamente de que não é viúva... e nunca foi.

Ela estava muito aborrecida para perceber que o bom humor de Nicholas havia desaparecido.

— Não preciso de lembretes.

— Acho que precisa. Clune é um dos maiores libertinos da Inglaterra, e ele a vê como uma presa perfeita.

Aurora levantou o queixo.

— Não vou permitir que me dê ordens, Nicholas. Casei-me com você justamente para não ter de aguentar um marido que ditasse cada movimento meu, como Halford. Você está se parecendo com ele... ou com meu pai.

O maxilar de Nicholas pareceu suavizar-se.

— Eu não queria começar uma briga, Aurora.

— Não? Você está fazendo uma ótima imitação disso, então.

— Não é insensato um homem se sentir possessivo em relação à sua esposa.

— Será que você está com ciúme?

— Talvez eu esteja. Mas aconselho a manter distância do Clune.

— Não tenho nenhuma intenção de deixar você escolher meus amigos, Nicholas.

Ele fez seu cavalo parar.

— Então é melhor eu mesmo falar com o Clune.

Ela parecia surpresa.

— Por quê?

— Para lembrá-lo de se manter longe de minha esposa.

Aurora ficou olhando para ele. Visões alarmantes passaram por sua cabeça. Ela havia se esquecido de que Nicholas Sabine era um homem perigoso. Por vontade própria, ele já havia matado antes. Teria intenção de ameaçar Clune? Ameaçar um nobre do reino era uma maneira infalível de colocar em perigo sua vida. Ele poderia ser encontrado e enforcado...

— Você *não pode* machucá-lo, Nicholas.

— Sua preocupação por ele é tocante, amor — Nicholas disse, calmamente.

Com um cumprimento educado, ele deu-lhe as costas com seu cavalo, deixando Aurora a observá-lo com uma blasfêmia nada elegante nos lábios.



Aurora continuou no parque por mais tempo que o normal, ansiosamente esperando pelo retorno de Nicholas, mas nem sinal dele ou de Clune. Quando finalmente desistiu e foi para casa, viu-se andando a passos largos, de um lado para outro, de maneira inquieta.

Ela se surpreendeu quando, à tarde, seu mordomo trouxe um cartão de visitas gravado com o nome de Brandon Deverill e informou-lhe que o senhor Deverill estava encantado em aceitar seu convite para o chá.

Foi com alívio e receio que ela desceu as escadas ao encontro de Nicholas. Ela o encontrou em sua sala de visitas, inspecionando uma coleção de retratos em miniatura em uma mesinha. Ele a fitou quando ela entrou, os olhos escuros deixando-a abalada como sempre acontecia quando ele tão somente lhe dirigia um olhar.

— Olá, prima — disse ternamente —, muito generoso de sua parte convidar-me para o chá.

Forçando um sorriso, ela suspeitou que seu cumprimento amigável se deu em razão da presença do criado. Acreditava-se que ele fosse primo de seu falecido marido. Tomar chá com ele no meio da tarde não estaria então totalmente fora das regras. Foi sua audácia que a deixou nervosa.

— Que descuido de minha parte, senhor Deverill. Eu me esqueci totalmente de dizer aos meus criados que o esperava. — Ela se virou para o mordomo, que esperava à porta por suas instruções. — Danby, tomaremos chá aqui, por favor.

— Como desejar, milady.

Quando ficaram sozinhos, Aurora lançou um olhar triste para Nicholas.

— Achei que tivéssemos concordado em não nos encontrarmos em particular — declarou, mantendo a voz baixa para que os empregados não ouvissem.

— Não me lembro de ter feito esse acordo, querida.

Antes mesmo que ela pudesse argumentar, ele pegou um dos retratos e mostrou a ela. Via-se um cavalheiro muito bonito, com cachos louros escuros e olhos azuis.

— Seu falecido noivo?

Atravessando a sala, Aurora pegou o retrato de suas mãos e colocou-o de lado com cuidado.

— Sim, esse é Geoffrey, lorde March — disse, passando os dedos gentilmente sobre a imagem tão querida.

— Posso ver por que a faço lembrar dele. — Aurora lançou-lhe um olhar inquisitivo e percebeu que Nicholas a observava. — Quando nos conhecemos, você disse que eu lembrava alguém que lhe foi muito

querido. Consigo ver certa semelhança entre nós.

Ela havia se esquecido de ter dito tal coisa algum dia, ou que houvesse visto qualquer semelhança entre os dois homens. Eles eram tão diferentes como o Sol e a Lua: um atrevido e cheio de vida, ardente e intenso, e o outro quieto, calmo e gentil.

— Eu estava terrivelmente enganada. Vocês não são parecidos em nenhum aspecto. Certamente não agora que você mudou a cor do cabelo.

— E você ainda está apaixonada pelo seu fantasma?

— Não quero falar sobre ele, Nicholas. — Doía muito lembrar. Ela olhou para ele, desafiando-o. — Você poderia se dar ao trabalho de explicar o que está fazendo aqui? Sabe que não é muito inteligente estarmos juntos.

Ele a estudou por um momento.

— Talvez, mas achei que você pudesse aproveitar a companhia. Você disse que não podia sair muito porque as convenções da viuvez restringem todos os seus movimentos. E, já que tenho muito a ver com a sua viuvez, sinto-me responsável por fazer reparações.

— Já disse a você: está livre de qualquer responsabilidade ou obrigação em relação a mim.

— Não estou certo de que queira estar livre. Jurei amá-la até que a morte nos separasse.

— Nicholas... achei que já tivéssemos combinado isso. A morte *já* nos separou, você lembra? Você morreu e foi enterrado em São Cristóvão. — Ela fez cara de deboche.

— Ah, sim, esqueci. Foi tudo um embuste, como o que estamos vivendo agora.

Os lábios de Nicholas se abriram em um sorriso discreto, mas não houve resposta. Em vez disso, ele a contemplou com um olhar fascinado e perturbador.

— O quê? — Aurora perguntou. — Por que está olhando para mim desse jeito?

— Estou tentando decidir se gosto desse seu lado rabugento.

Aurora respirou fundo. Ela *estava* sendo rabugenta, mesmo depois de ter prometido a si mesma não se deixar levar pelas provocações que isso acontecesse de Nicholas. Não era comum para ela deixar que isso acontecesse. Havia passado a vida mantendo controle estrito sobre suas emoções, mas Nicholas Sabine era provocador. E ele havia concordado em esquecer que o casamento deles tinha ocorrido. Então por que ainda agia como se fosse seu marido, com o direito de lhe dar ordens? Ele estava faltando com sua palavra?

Ele a observava agora, abalando-a com seu sorriso preguiçoso. Aurora queria amaldiçoá-lo por seu charme irresistível; e ele sabia muito bem o impacto de seu charme nela.

— Acredito que esteja sendo relapsa como anfitriã, pequena rabugenta. Você não vai me convidar para sentar?

Aurora olhou para o teto, mas se forçou para responder serenamente.

— Muito bem, senhor Deverill. Quer, por favor, se sentar?

— Ah, excelente. Se você conseguisse evitar olhar para mim com tanto ódio, eu terminaria acreditando que sou bem-vindo.

Com o que ela considerou um controle admirável, Aurora esperou até que ele tivesse se acomodado no sofá para puxar uma cadeira para perto, do outro lado da mesa de chá.

— E então, vamos conversar sobre o quê? — perguntou, apertando as mãos no colo.

Nicholas somente a observou. Após um momento, seu olhar caiu sobre os seios dela. O calor tomou

conta de Aurora, e ela sentiu um leve formigamento nos mamilos que não podia controlar.

— Eu a deixo nervosa, Aurora? — perguntou intencionalmente.

— Sim — ela respondeu. — O jeito que você me olha é vergonhoso.

— Que jeito é esse?

— Como se estivesse me despindo. Isso me deixa muito desconfortável.

Ele abriu um sorriso sedutor.

— Ótimo. Não quero nunca que você se sinta confortável demais perto de mim.

Aurora balançou a cabeça, dividida entre fúria e desespero.

— Você realmente merece ser preso, sabe? Antes que promova um escândalo ou provoque uma perturbação mental em mim.

— Você realmente ficaria feliz se eu fosse preso? Clune diz que você ficou desolada com minha suposta morte.

Ela se alarmou novamente quando se lembrou de Clune.

— Certamente você não foi louco o suficiente para realmente falar com ele...

— Temo que sim. Decidi que uma aproximação verdadeira seria mais vantajosa, então me revelei e contei a ele toda a história sobre minha prisão e quase enforcamento.

— E como ele reagiu? — Aurora perguntou preocupada.

— Uma vez que jurei não ter cometido traição contra seu país, ele se mostrou totalmente disposto a ajudar a manter minha pequena mentira. Disse-lhe que estava aqui somente para ver minha esposa, o que é verdade.

Aurora o observou com desânimo.

— Como você pode arriscar-se tanto?

— Na verdade, foi um risco *calculado*. Clune está sempre aberto a brincadeiras, como ele mesmo diz. Também acredita na lealdade entre amigos — e ele me considera um deles. Ele gosta de você também. Gosta muito, em minha opinião. Até admitiu que quase caiu em sua sedução.

Aurora sentiu que Nicholas a estudava.

— Não fiz nada para encorajar lorde Clune a acreditar que ele pudesse ter chances.

— É isso que ele diz. Quando o alertei sobre ficar longe de você, ele disse que não havia obtido nenhum progresso porque você ainda estava loucamente apaixonada por seu falecido marido.

Ela sentiu-se enrubescer.

— Eu tinha de ter alguma história para explicar meu casamento repentino. Achei que fosse melhor deixar as pessoas acreditarem que havia me apaixonado à primeira vista.

O sorriso dele tinha um charme inexorável.

— Prefiro gostar dessa versão da história.

— Mas você e eu sabemos a verdade. Nossa união nunca foi uma combinação amorosa, nem era para ter durado mais que uma noite.

Nicholas deixou seu comentário passar.

— Você pode não ter encorajado Clune intencionalmente, mas, como bela viúva que é, você é um alvo para homens como ele. E sua resistência só aumenta seu charme. Para um libertino como Clune, é o desafio da conquista que é estimulante.

Suas sobranceiras se arquearam curiosamente. Ela suspeitou que, ainda que Nicholas não fosse tão libertino quanto seu amigo, ele sabia o que estimulava um devasso.

— Você parece falar por experiência própria. É por isso que ainda tenta me conquistar? Porque minha relutância em ser sua esposa representa um desafio?

Ele inclinou a cabeça, analisando-a minuciosamente com o olhar.

— Em parte, sim. Mas vai além disso. Ainda que pareça implausível, sou motivado pela minha preocupação por você.

— Por mim?

— Sim, você. Perturba-me vê-la tão limitada pelas severas restrições da viuvez. Que seja obrigada a trancar-se fora do mundo. Aqui não é a Índia, onde as viúvas são queimadas vivas com os restos dos maridos.

A bandeja de chá chegou então, trazida pelo mordomo de Aurora. Ela ficou receosa ao perceber que sua conversa poderia ter sido ouvida. Tentando ser mais discreta, ficou em silêncio até que Danby se curvou e foi embora.

Após oferecer a Nicholas bolinhos, geleia e pequenos sanduíche, ela hesitou, fitando-o indecisa. Aquele homem era seu marido; eles haviam estado juntos da forma mais íntima possível. E, mesmo assim, ela não fazia ideia de como ele gostava do chá.

— Você prefere leite ou açúcar?

— Açúcar, sem leite. Eu sei — Nicholas disse sarcasticamente, lendo seus pensamentos — que para marido e mulher, somos praticamente estranhos. Talvez devêssemos consertar isso.

— Não vejo razão pela qual devêssemos nos aproximar mais.

Ele estudou Aurora enquanto ela despejava chá da chaleira de prata em xícaras de porcelana. Ela desempenhou a tarefa como fazia com qualquer outra coisa, com uma elegância produto de uma vida de treinamento. A dama perfeita. E como a maioria das senhoras criadas com a melhor educação, havia sido educada para honrar os códigos repressores da sociedade.

E, mesmo assim, ela continuava a impressioná-lo. Aurora não era muito parecida com suas contemporâneas — vazia, vã, egoísta, arrogante —, ainda que com sua educação e sua beleza pudesse ter facilmente se transformado em uma delas. Ela tinha características inesperadas e facetas intrigantes que ele considerava encantadoras e sensuais. Ele tinha sido fisgado naquela manhã pela visão rápida de seu espírito livre quando ela galopava pelo parque. E havia experimentado o fogo escondido do seu abraço mais de uma vez...

Havia uma mulher extremamente ardente debaixo da fachada de dama, e ele estava determinado a encontrá-la, desbastando suas inibições. Ela era jovem demais para se enterrar em um túmulo vivo de celibato.

Não seria nada fácil conquistar suas defesas. Não quando Aurora mantinha tanta aversão aos riscos, quando estava tão determinada a negar-se a qualquer vestígio de desejo. Como agora. Quando ele pegou a xícara de chá que ela oferecia, seus dedos se tocaram, criando certo calor. Ela recuou como se estivesse sendo queimada. Desviando o olhar, ela pegou sua própria xícara, tentando ignorar a atração entre eles.

Nicholas sentiu sua resolução mais fortalecida. Ela precisava ser sacudida, ainda que não soubesse disso.

— Então — ele disse finalmente — você planeja viver o resto de sua vida se escondendo atrás das

vestes de viúva?

Seus olhos azuis encontraram os dele.

— O que você quer dizer?

— Você se fechou em uma prisão. Não propositalmente, mas é uma espécie de prisão mesmo assim. Você é prisioneira da convenção e dos bons hábitos, deixando a sociedade ditar todos os seus atos.

— Não há nada errado em seguir os comandos da sociedade.

— Há, sim, se você permite que a sociedade tome conta de sua vida.

Aurora apertou os lábios em uma careta.

— Não sou como você, Nicholas. Quero uma vida calma, organizada.

— Eu não acho que queira, ou você nunca teria me resgatado e concordado em casar-se com um estranho.

— Aquelas foram circunstâncias totalmente diferentes. Eu estou perfeitamente contente com minha situação.

— Está?

— Sim. Desfruto de uma vida completa, apesar das minhas limitações atuais. Minha residência pode ser bem menor do que a que eu administrava para meu pai, mas ainda requer esforço. Escrevo cartas com frequência — aliás, tenho uma grande correspondência. Amigos me procuram frequentemente. Leio bastante. Cavalgo diariamente...

— Ah, sim. Seu vício secreto. Que outros desejos escondidos você tem, Aurora?

Ela ignorou a pergunta.

— Tenho o que sempre quis: independência.

— Não acho que você possa chamar isso de independência. Você vive com medo do que os outros pensarão. Não pode sair em público sem esconder o rosto ou após o anoitecer. Sente-se aprisionada aqui, intimidada demais.

— Talvez. Mas só porque estou determinada a evitar escândalos. O que é um comportamento aceitável para um homem não é tolerável de modo algum em uma mulher, muito menos em uma viúva.

Determinado, Nicholas a observou.

— Ou você está se enganando ou não se conhece muito bem. Acredito que haja dois lados em você. A mulher que se curva para as convenções, venerando-as como se fossem ícones. E a mulher que ama galopar selvagememente pelo parque, pelo puro prazer que isso lhe dá. A mesma que se entregou a um estranho em uma noite abrasadora de paixão.

Ele pôde ver, pelo escurecimento de seus olhos expressivos, que havia tocado em uma ferida.

— Acho que você quer escapar dessa sua prisão puritana — ele pressionou, dizendo em voz baixa — para poder ser uma mulher sensual, mas tem medo de assumir o risco.

Quando ela não respondeu, ele retirou o diário do bolso e o colocou na mesa em frente a ela. Aurora observou o livro com os olhos muito azuis.

— Pensei em você durante todo o tempo em que lia isso. Você é muito parecida com a senhora anônima que o escreveu.

— Não vejo muita semelhança — respondeu defensivamente, como se constrangida pelo pensamento. — Nossas circunstâncias não poderiam ser mais diferentes. Ela era francesa, escravizada por corsários e aprisionada em um harém turco. Foi forçada a se tornar uma concubina e fazer coisas que uma dama

nunca toleraria voluntariamente.

— Ela era inocente e não tinha conhecimento dos prazeres carnavais até conhecer um homem que fez seu sangue ferver.

— Com certeza. E sua... sua luxúria tomou conta dela.

Nicholas estreitou os olhos.

— Você já se perguntou como seria experimentar uma paixão assim? Querer alguém desesperadamente?

Seus lábios se mexeram, mas nenhum som ecoou. Nicholas suspeitou que tivesse chegado perto da verdade.

— Já me perguntei — ele admitiu. — Uma vez meu pai tentou explicar-me como se sentia em relação à mãe de Raven. Ele disse que, se eu lesse o diário, seria possível que entendesse.

Aurora baixou o olhar, sua pele de marfim ruborizando.

— Foi uma história muito persuasiva — ela disse finalmente —, mas o amor deles estava amaldiçoado a dar errado. Desirée entregou seu coração a seu senhor e foi aprisionada pela sua obsessão.

— Mas ela nunca se arrependeu de ter amado.

— Não foi essa a lição que tirei do diário — Aurora murmurou, já não tão convicta como antes. — Acho que ela foi tola ao permitir que um homem controlasse seu coração daquela forma.

— Meu pai acreditava que era melhor ter pelo menos um momento de paixão verdadeira do que nunca chegar a conhecê-la.

Ela hesitou e depois disse: — E veja só o que ele ganhou com isso: uma vida de infelicidade, buscando uma mulher que não poderia ter. — Aurora balançou a cabeça, como quem tenta se convencer. — É muito melhor nunca entregar o coração do que se arriscar a tê-lo despedaçado.

O olhar de Nick caiu sobre sua boca tentadora, que tinha se endurecido com determinação. O desejo de transformar sua teimosa convicção em entrega tomou-o por completo.

Nicholas suspirou com a imagem erótica.

— Eu acho que você é uma mulher como Desirée, Aurora. Você tem o mesmo espírito selvagem.

Ela colocou a xícara sobre a mesa, trêmula.

— Você está enganado.

Ele olhava para ela sem titubear.

— O que a assusta tanto nessa ideia? Que você possa sentir uma paixão tão intensamente? Ou que possa ser retirada do casulo que criou a sua volta?

Ela se levantou rapidamente.

— Acho que você deveria ir, Nicholas.

Após um momento de hesitação, ele colocou sua xícara na mesa e se levantou. Quando se aproximou dela, ela não se afastou, obviamente determinada a não se deixar intimidar.

Deliberadamente, ele pegou a mão dela e colocou-a em seus lábios, beijando a carne do pulso. Ela permaneceu parada, imóvel, ainda que suas faces ruborizassem, traindo sua luta pelo autocontrole. Ele podia ver a ânsia de desejos reprimidos nos olhos dela.

Ela estava pronta para a paixão e para a vida, e Nicholas sabia disso. Precisava desesperadamente ser libertada das algemas que a prendiam, e ele era o único homem que poderia fazê-lo. Mas ele não

começaria a luta agora. A batalha havia apenas começado, e ele poderia ser paciente.

— Não estou enganado, sereia — disse suavemente. — Já experimentei todo o doce fogo escondido debaixo da sua reserva de frieza. Há uma mulher sensual e ardente esperando para ser libertada. E tenho intenção de encontrá-la.

Com um cumprimento rápido, ele deu-lhe as costas e se foi.

Aurora permaneceu imóvel, observando Nicholas sair. Quando ele se foi, ela suspirou trêmula. Seu coração ainda martelava no peito por sua proximidade, por seu puro magnetismo.

Como ele sempre conseguia deixá-la dessa forma? Como conseguia fazer seu sangue correr com um simples toque, fazendo seus joelhos virarem água e sua força de vontade, geleia? Como conseguia causar tanto tumulto? Ele trouxe à tona o pior que existia nela — emoções escuras que não queria sentir. Dessa vez, contudo, suas sondagens a haviam atormentado tanto quanto sua presença física e seu comportamento provocante. Fraca, afundou na cadeira. Estaria Nicholas certo? Ela seria mesmo como Desirée? Teria um espírito selvagem esperando apenas uma oportunidade de se libertar?

Sem dúvida, ela era uma mulher diferente após ter conhecido Nicholas Sabine... levada por desejos que nunca havia conhecido antes. Lutava contra a poderosa atração que sentia por ele, assim como o incontrolável desejo que ele havia acendido nela sem o mínimo esforço, e que estava lá, fervendo debaixo de sua pele.

Um tanto indecisa, Aurora pegou o diário que Nicholas havia deixado. Ela havia ficado chocada pela sensualidade explícita que encontrou ali, mas a história de amor capturou sua imaginação. Vulnerável à sedução gentil e às tentações exóticas de seu homem, Desirée havia sido arrebatada por uma tempestade de paixão que nunca antes havia imaginado.

Como seria experimentar essa incrível paixão? Ser soterrada pela loucura do amor, a cegueira do desejo? Experimentar sentimentos tão poderosos que fossem capazes de eliminar qualquer vestígio de sabedoria e razão?

Ela havia tido uma prova dessa paixão na noite de seu casamento, lembrou-se relutante.

O livro se abriu em uma página já gasta:

*Eu amo todas as suas partes. Eu amo sua carne dura dentro de mim. Eu amo seu peso e sua força, tão poderosos contra minha suavidade. Eu amo sua fome febril, seu desejo que tanto me faz sentir mulher.*

Aurora fechou os olhos. *Nicholas*. Ele se parecia muito com o amor da mulher francesa — forte, viril, sensual. Como o príncipe do diário, ele havia despertado nela desejos profundos.

Contra sua vontade, sua mente se voltou para o dia do casamento, a cama, os dois juntos... Nicholas fazendo amor com ela com uma ternura selvagem, se movendo dentro dela, preenchendo-a com o prazer de que ela precisava. E queria.

O mesmo prazer que seus olhos negros haviam prometido há apenas alguns instantes atrás.

Ela estremeceu. Não se permitiria render-se à promessa nos olhos dele. Ela desafiou-se a não se entregar a ele, não importa o quanto seu sangue fizesse o dela ferver.

Ainda assim, não podia negar que sua ânsia voluptuosa estava lá.



*Minha resistência parecia inútil. Como poderia defender-me da ânsia sem fim que ele provocava em mim?*

Com o passar dos dias, Aurora viu-se amaldiçoando Nicholas Sabine cada vez mais. Aquele homem oferecia perigo à sua paz de espírito. À noite, ele assombrava seus sonhos. De dia, a ansiedade de vê-lo inundava-a com uma inquietação dolorosa que não a deixava por um segundo.

Quando o encontrava, fosse em suas cavalgadas matinais no parque ou em algum outro local, ela sempre sentia a mesma excitação, o mesmo sentimento que a fazia tremer, como da primeira vez em que se viram no cais de São Cristóvão. Agora, porém, quando percebia seu olhar intenso, o calor em seus olhos escuros e a mensagem escancarada que eles traziam a queimavam como carvão em brasa.

Ela não podia evitar vê-lo seja lá onde fosse, possivelmente porque Nicholas tinha sua irmã como aliada; Raven evidentemente era sua aliada, convidando Nicholas para todos os passeios. Ele fazia com que seus encontros parecessem acidentais e inofensivos, mas Aurora sabia bem que seu esforço havia sido cuidadosamente planejado, com a precisão de um general militar.

Ela não fazia ideia de como se defender contra táticas desse tipo. Nunca em sua vida havia sido objeto de uma obstinação tão determinada. Nicholas era como uma tempestade poderosa varrendo tudo que encontrava pelo caminho, destruindo sua tranquilidade. Não importando quanto ela tentasse lutar para continuar serena e indiferente e desconsiderar seu charme cruel, ela não conseguia. Ele era forte, atrevido, provocador... irresistível!

Mas a maior ameaça de todas era o sentimento ainda mais profundo que ele despertava nela. Bastava sentir a respiração de Nicholas para que emoções violentas e dolorosas se apoderassem dela.

Ela chegou a pensar em fugir de Londres por um tempo, só para escapar. No dia anterior, havia recebido uma carta da mãe de Geoffrey, lady March, convidando-a para uma visita. Harry, irmãozinho de dez anos de Geoffrey, estava se revelando muito rebelde, e lady March argumentou que Aurora era a única pessoa que poderia controlá-lo.

Mas Aurora sabia que não poderia sair de Londres. Não agiria como uma covarde. Tinha a obrigação moral de apoiar Raven. Além disso, seu pai estava em Sussex — as propriedades dos Eversley e dos March eram vizinhas — e ela não queria encontrar o duque, mesmo que fosse para escapar de Nicholas.

Ela achou que havia entendido o que o fazia persegui-la. Parecia que ele a cortejava, mas Aurora tinha certeza de que tão incessante atração vinha do desafio que ela representava. Ganhá-la era um *jogo*

para Nicholas. Ele estava instigado pela emoção da *caça*.

Começou a perguntar-se se resistir era a coisa certa a fazer. Se ela se rendesse — se permitisse que vencesse —, talvez ele desistisse da caçada e voltasse para casa, poupando os dois de um sofrimento sem fim. Ela não *queria* que Nicholas dominasse sua vida, ditando como deveria portar-se, o que deveria sentir. Era o cúmulo da arrogância ele presumir que conhecesse sua mente melhor que ela mesma. Ele a havia comparado com a senhora francesa do diário, e talvez *houvesse* semelhanças — Aurora sabia disso. Mas não havia espaço em sua vida para paixões descontroladas, muito menos nenhuma vontade de sentir a dor que uma paixão poderia trazer.

Obviamente, ela teria de criar um novo plano para lidar com Nicholas. Devia existir alguma outra forma de virar o jogo e assumir o controle de sua vida novamente ou ela nunca iria conseguir persuadi-lo a deixá-la em paz — pelo bem dele e o dela também.

O risco que ele estava assumindo preocupava Aurora intensamente. Ela vivia amedrontada pela exposição de Nicholas. Lorde Clune havia, aparentemente, assumido uma espécie de responsabilidade em relação a ele e mostrava a cidade a Nicholas, levando-o a clubes de jogos e induzindo-o a outras diversões devassas. Ela tinha certeza de que ele acabaria morto se continuasse com essas atitudes tão imprudentes.

Aurora achava que ele era mais conhecido na Inglaterra do que imaginava. Mas foi justamente uma imigrante francesa que quase o reconheceu.

Nicholas havia acompanhado Raven e Aurora até uma chapelaria na avenida Oxford. A proprietária, ao vê-lo, juntou as mãos e exclamou: *Mon Dieu!* baixinho. Nicholas então tirou o chapéu alto de pelo de castor, mostrando o cabelo negro, e a senhora francesa pareceu confusa.

Ela parecia lembrar-se dele e aproximou-se para cumprimentar sua clientela, mas enquanto Raven contemplava as elegantes boinas da loja, a proprietária observava Nicholas, confusa.

— *Pardon, monsieur* — disse finalmente com um sotaque muito forte. — Não era minha intenção encará-lo, mas o senhor se parece muito com um homem que conheci.

Aurora ficou subitamente tensa, ainda que sorrisse educadamente. Nicholas, porém, manteve a expressão intacta.

— Talvez a senhora esteja me confundindo com meu primo, madame. Acontece com frequência.

— Seu primo é o senhor Nicholas Sabine da América?

— Sim.

A mulher avançou, apertando a mão de Nicholas fervorosamente.

— Oh, *monsieur*, seu primo era um verdadeiro anjo. Ele salvou a vida de minha família inteira. Não somente a minha, mas outras dezenas de famílias também. Nunca poderei esquecer-lo, ou esquecer a dívida que tenho com ele.

Ela era uma senhora mais velha, com cabelos grisalhos, mas ainda muito bonita, de corpo delgado e pele de porcelana como a de uma aristocrata, Nicholas sorriu-lhe sensualmente, como se ela fosse vinte anos mais nova.

— Meu primo é um homem de sorte por ser lembrado por uma senhora tão amável.

A proprietária enrubesceu e soltou a mão, quase constrangida. Alguns minutos depois, quando terminaram as compras, ela se negou a deixá-los pagar as três boinas que Raven havia escolhido.

Assim que saíram da loja, Raven fez a pergunta que já estava queimando nos lábios de Aurora.

— Como assim, você salvou a família dela? Você era jovem demais para ter feito parte da sangrenta

revolução deles, não?

— Sim, mas calhou de eu estar na França logo depois, durante um daqueles horríveis expurgos governamentais.

— E simplesmente *calhou* de resgatar meia dúzia de famílias da guilhotina? — Aurora perguntou, secamente.

Ele encolheu os ombros.

— Na verdade, foram somente quatro. E foi de um pelotão de fuzilamento. A guilhotina já não era mais utilizada nessa época por ser considerada bárbara demais.

Raven segurou o riso ante o sarcasmo de Nicholas, mas Aurora perturbou-se por saber de mais uma situação em que Nicholas poderia ter sido morto. Ela fez uma cara feia para ele, por cima da cabeça da irmã.

— Suponho que você esteja tentando dizer que não gostou de bancar o herói, cortejando o perigo e arriscando sua vida?

Nicholas balançou a cabeça.

— O perigo não me incomoda, mas não procurei a honra conscientemente. Parece que sempre acabo envolvido em resgates, mesmo quando não tenho nenhuma intenção de fazê-lo.

— Mesmo assim, o problema agora — Aurora disse lentamente, tentando encontrar alguma sobra de paciência — é que seus feitos o fizeram famoso o suficiente para não conseguir ter a mínima esperança de escapar do reconhecimento.

— Há pouquíssimas pessoas que sabem dos meus *feitos*, como você os chama.

— Mas se alguém que você conheceu *anos* atrás o reconheceu, outros também irão.

— Então irei simplesmente negar que nos conhecemos, assim como acabei de fazer — disse calmamente. — Pare de preocupar-se comigo, querida. Isso só lhe trará cabelos brancos.

Sua resposta a deixou consternada. Ele parecia ter esquecido o perigo que corria.

Olhando-o com frustração, Aurora foi em direção à sua carruagem, deixando que ele a seguisse com a irmã.

— Você não deveria provocá-la tanto, Nicholas — disse Raven asperamente. — Ela está preocupada que você acabe se machucando e só quer protegê-lo.

Nick fitou-a com ar de deboche, surpreso em ouvir o tom de raiva em sua voz.

— Eu a estava provocando?

— Você sabe que estava. Mas, se entendesse o que Aurora tem passado, não seria tão malvado.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— O que ela tem passado?

— Ela pode ser filha de um duque rico, mas o pai fez de sua vida um infortúnio. Deve ter sido muito ruim para ela viver sob o controle de um tirano, tendo de suportar sua ira.

— Você quer explicar melhor o que está me dizendo?

Raven olhou para a carruagem onde Aurora a esperava.

— Não há tempo para discutir isso agora. Encontre-me amanhã à tarde na livraria Tobley e lhe contarei.

Na tarde seguinte, a preocupação de Nick só aumentava enquanto esperava impaciente o encontro com Raven. Quando ela finalmente chegou com a criada, ele a seguiu até um canto nos fundos da loja. Os dois

fingiram buscar algo nas prateleiras de romance, enquanto Raven explicava o que ela quis dizer sobre os ataques de raiva raiva do duque de Eversley.

— Ele tem um temperamento muito severo — ela murmurou com a voz abafada — que tive o desprazer de presenciar assim que chegamos a Londres. Eu estava morando com minha tia Dalrympe, mas Aurora passou os primeiros dias na casa de sua família em Londres. Naturalmente, ela escreveu ao pai contando sobre seu casamento com você. Ela tinha medo da reação dele, eu sabia, mas nunca sonhei que ele fosse tão violento. O duque veio a Londres em fúria, descontrolado por ela ter manchado o nome da família casando-se com um criminoso condenado. Eu vi a briga entre eles com meus próprios olhos.

Raven estremeceu.

— Aurora tinha prometido que me levaria para fazer compras. O mordomo tinha acabado de me deixar entrar na casa quando ouvi alguém gritando. Encontrei Aurora no escritório com o pai. Ele apontava o dedo para ela e gritava. Eu mal podia acreditar em como ele estava lívido. Quando Aurora tentou acalmá-lo, ele pegou um vaso pesado e atirou na direção dela! Graças a Deus, o vaso não acertou, indo se despedaçar contra a parede. Poderia tê-la matado.

Nicholas sentiu um nó na garganta de raiva e repulsa pela cena que a irmã havia descrito.

— Para minha vergonha — Raven continuou em voz baixa —, eu estava assustada demais para reagir, mas o mordomo tentou intervir. O pobre homem é praticamente uma relíquia de tão velho, mas, muito embora não fosse páreo para o duque fisicamente, meteu-se no meio deles. Eversley o jogou no chão e foi atrás de Aurora com o punho levantado. Honestamente, acho que ele a teria matado se não tivesse me visto. Ele parou somente porque não queria cometer um ato tão indiscreto na frente de uma estranha.

— O que aconteceu então? — Nick perguntou com a voz apertada.

— Bem, o duque parecia pasmo, tentando se controlar. Ele advertiu Aurora para que se mantivesse longe de sua vista e que saísse de sua casa, dizendo que ela já não era mais sua filha; depois partiu irado.

Raven suspirou.

— Aurora tremia, mas estava mais preocupada com o pobre Danby, que tinha batido a cabeça em uma mesa ao ser empurrado. Foi somente mais tarde, depois de ter cuidado do mordomo, que ela confessou que esse tipo de violência não era incomum por parte do pai. Acho que Aurora ficou aliviada pelo pai ter lavado as mãos em relação a ela. Não disse mais nada contra ele, mas, mais tarde, O'Malley conseguiu mais informações de seus criados do que ela me contaria. As histórias somente confirmaram o que eu vi: que o duque é um tirano terrível.

— *Tirano* é, obviamente, uma palavra muito dócil para ele — Nick disse sarcasticamente.

Raven concordou.

— Pelo que entendi, Aurora teve de proteger muita gente de sua ira por anos, sem pensar em si mesma. Aquela não foi a primeira vez que ele ameaçou espancá-la.

Nick franziu as sobrancelhas como que incrédulo.

— Eversley batia nela? Em sua própria filha?

— É monstruoso, eu sei. Mas seus criados pagavam ainda mais caro por seu temperamento. Há relatos de que uma vez ele descontou sua raiva em um cavaliariço, quase cegando o pobre homem.

Nick sentiu-se enojado com o pensamento de que qualquer homem pudesse descontar sua raiva em criados sem defesa. E a ideia de Aurora estar à mercê de Eversley o indignou profundamente.

— Todos os criados — Raven continuou — dizem que Aurora fez o melhor que pôde para protegê-los dos atos de violência do pai. Mais de uma vez ela teve de intervir fisicamente. E quando ele os colocava

na rua sem o menor motivo, ela encontrava outro emprego para eles. Ela também nunca os esqueceu. Quando estabeleceu sua própria moradia alguns meses atrás, foi atrás dos que haviam sofrido nas mãos do pai e lhes ofereceu emprego. Pelo menos dois deles haviam se tornado indigentes e ficaram muito agradecidos. Não causa surpresa o fato de acharem que Aurora é uma santa.

— É verdade — ele respondeu nervoso, lutando contra a raiva que o consumia. Quando ele a pedira em casamento, Aurora havia dito que seu pai ficaria muito bravo, mas ele nunca imaginou que ela estaria em tamanho perigo.

— No que está pensando? — Raven perguntou, observando seu semblante inquieto.

Nick abriu um sorriso seco.

— Estou pensando em como eu gostaria de passar dez minutos sozinho com o duque.

— Eu sei — disse Raven, compreensiva. — Ele merece aprender o que é estar à mercê de uma pessoa mais forte e mais poderosa. Mas você não pode revelar-se a ele, Nicholas. Você tem de manter o disfarce.

Sua mandíbula endureceu com o lembrete, mas a tensão logo se dissipou. Como Nicholas Sabine, ele estava limitado pela necessidade de sigilo, mas como Brandon Deverill, não tinha essas restrições. Ele poderia fazer o duque pagar por toda a dor que o ilustre bastardo havia causado à filha.

— E agora, no que está pensando? — Raven perguntou, franzindo o cenho.

— Que vai chegar o dia em que o duque receberá o que merece — Nick respondeu enigmaticamente.

Aparentemente satisfeita, Raven guardou o livro que fingia ler e então continuou, pensativamente.

— Estou certa de que o pai é a principal razão pela qual Aurora se preocupa tanto com boas maneiras. Não é que ela tenha medo de fugir das convenções por si, mas porque o duque sempre a ameaçou. Ele jurou que, se ela causasse outro escândalo, ele a chicotearia como a um cavaliço e a trancaria em um lugar em que ela não poderia mais sujar seu nome. É por isso que ela se empenha tanto em manter a viuvez, por isso quase não é vista circulando na sociedade. Não quer dar ao pai nenhum motivo para usar contra ela, porque sabe do que ele é capaz.

Raven virou-se novamente para Nicholas.

— Espero que agora você entenda que a preocupação dela com a sua segurança não é irracional. Tornou-se parte da natureza preocupar-se com os outros, tentar protegê-los do perigo.

Nick concordou vagorosamente. Isso explicava muito sobre Aurora. Por que dizia querer uma vida calma e serena. Por que parecia ter tanto medo da paixão. Por que havia escolhido alguém tão tímido e submisso como March para amar. Após ter sido submetida às alterações de temperamento do pai toda a vida, provavelmente abominava qualquer emoção intensa demais.

Nick percebeu que isso também explicava a maneira como ela havia reagido feito uma mãe tigresa ao vê-lo apanhar no cais de São Cristóvão; por que interferira para salvar um completo estranho. E por que havia se casado com ele — um pirata acusado de assassinato — apesar de todas as sérias desvantagens. Ela queria fugir do pai e de sua ira.

Sua viuvez propiciou-lhe o refúgio seguro pelo qual ansiava, mas, na realidade, ela o havia transformado em uma prisão na qual emoções, desejo e paixão não tinham espaço.

Franzindo as sobrancelhas, Nick fitou as prateleiras de livros com capas de couro. Ele começava a entender os motivos de Aurora. Sua reserva era muito mais complexa do que ele havia imaginado, mas agora, ao menos, começava a ver contra o que lutava e por que ela resistia tão firmemente. Ele havia colocado seu refúgio em perigo, ameaçando sua existência desapaixonada.

Sua determinação mais do que se fortaleceu. Nicholas estava determinado. A tarefa de ensinar Aurora a confiar nele, de se abrir para ele, seria mais difícil do que havia imaginado. Mas, de alguma forma, ele havia de encontrar uma maneira de livrá-la da triste prisão que ela, deliberadamente, havia criado para si.



*Ele fazia com que eu me sentisse intensamente viva. Ele fazia meu coração cantar e meu sangue arder.*

Duas noites depois, Aurora teve uma prova do propósito renovado de Nicholas. Já tinha ido deitar-se quando ouviu um tinido contra a cortina da janela, seguido de outro. Sua surpresa rapidamente transformou-se em medo quando percebeu que havia alguém atirando pedrinhas e tentando chamar sua atenção.

Sabendo que só poderia tratar-se de Nicholas, ela abriu a janela e espiou embaixo. Ele estava parado na sombra prateada do velho carvalho, olhando para ela.

Seu coração deu a costumeira cambalhota. Ela não o vira o dia todo; de fato, ela não havia saído de casa. Uma tempestade impedira sua cavalgada matinal no parque, e Raven havia passado a tarde com a tia. Mas o céu já clareara e a luz da lua brilhava iluminando a noite.

— O que você está fazendo andando debaixo da minha janela? — Aurora perguntou em um sussurro.

— Vim resgatá-la e levá-la para um passeio — respondeu ele calmamente.

— Na calada da noite?

— Não é nem meia-noite ainda. E você ficou presa aí dentro o dia todo.

— Eu já me deitei.

— Isso é um convite para eu subir?

— É claro que não.

— Então é melhor você descer aqui.

— Nicholas, já estou em roupa de dormir.

— Eu não me importo — disse ele com um tom perverso e divertido na voz. — Vista-se e desça, Aurora. Estou certo de que você não me quer batendo na sua porta e acordando os criados.

Sua ameaça implícita a exasperou.

— Não tenho nenhuma intenção de ficar sozinha com você no meio da noite.

— Eu sabia que isso poderia ser motivo de preocupação, então trouxe um mancebo comigo. Ele está tomando conta dos meus cavalos enquanto conversamos. E tenho uma carruagem.

Ao ver que ela hesitava, ele retomou suavemente:

— Medrosa! Que perigo há em dar uma volta? Não há como violentar alguém em uma carruagem

aberta.

“Que perigo, imagine!”, Aurora pensou sarcasticamente. Ela seria louca de se colocar à mercê de um intruso tão charmoso e sem escrúpulos.

Mas, como sempre, Nicholas não aceitava não como resposta.

— Desça, amor, antes que eu suba aí para pegá-la. Vamos nos encontrar na entrada dos fundos.

Ele virou-se e desapareceu nas sombras, tirando-lhe qualquer chance de protestar. Impotente para gritar atrás dele, ela já não tinha esperança de fazê-lo ter bom senso.

Com um suspiro exasperado, Aurora afastou-se da janela. Mal podia acreditar que estava de fato considerando sair para dar uma volta à meia-noite com Nicholas Sabine. Ainda assim, não conseguia negar o apelo proibido daquilo tudo. Em nome de Deus, o que estava acontecendo com ela? Antes de conhecer Nicholas, sempre havia sido calma e conveniente, um modelo de bom comportamento. Mas e agora? Agora vinha se comportando como uma devassa.

*E o que há de tão errado nisso?*, uma voz dentro dela contestou. *Você foi sensata e conveniente a vida toda. Por que não se arriscar uma vez?*

Sentindo-se como a mulher francesa do diário que fora levada ao pecado pelo príncipe, Aurora vestiu-se rapidamente e pegou a capa com capuz. A casa encontrava-se escura e silenciosa quando desceu as escadas tentando fazer o mínimo de barulho possível e saindo pela entrada dos criados.

Nicholas esperava por ela do lado de fora, como prometera. Quando a viu, seu sorriso iluminou-se. Aurora suspirou, sentindo um prazer inebriante por estar ao lado dele.

Um cabriolé os esperava no fim da estrada e, como havia dito, um jovem mancebo os esperava segurando um par de cavalos. Nicholas ajudou-a a subir e subiu também logo depois.

— Espere aqui, por favor — disse ao rapaz. — Voltaremos em breve. — Com um estalo das rédeas, ele partiu trotando.

Segurando-se firme no braço do assento, Aurora lançou-lhe um olhar incrédulo, mal acreditando em sua audácia.

— Eu não deveria ter confiado em você — disse friamente, quando já se encontravam fora de alcance. — Você me fez acreditar que o rapaz nos acompanharia.

— Só porque eu sabia que você nunca teria vindo comigo se não fosse assim.

— Para onde está me levando?

— Não muito longe. Observe ao seu redor, sereia. Não é melhor que ficar presa em seus aposentos?

Era uma noite sublime, Aurora pensou relutante. A brisa fresca de junho em seu rosto era revigorante, a luz da lua banhando as ruas silenciosas. Mesmo assim, seu aborrecimento com Nicholas a impedia de aproveitar o momento completamente.

— Você não me convence de que estava pensando só em mim quando me tentou a vir aqui.

— Talvez não estivesse, mas você não pode me culpar por querer estar sozinho com uma bela mulher em uma noite como esta.

— Então você não nega que gosta de seduzir.

— Não há nenhuma lei contra seduzir minha própria esposa.

Ela ergueu os olhos para o céu.

— Você não tem nada melhor para fazer do que tentar me distrair?

— Não consigo pensar em nada melhor do que fazer amor com você.

— Nicholas!

— Na verdade — continuou, antes que ela pudesse terminar —, esta noite Clune convidou-me para encontrar-me com seus colegas da Liga Fogo do Inferno para um passeio pelo submundo, mas não aceitei.

Aurora permaneceu quieta, desconcertada com a imagem de Nicholas divertindo-se com cortesãs em um bordel londrino. A ideia dele fazendo amor com qualquer outra mulher era particularmente avassaladora — o que era absurdo, já que ela havia lhe dito para encontrar prazeres em outro lugar.

Ela o observou, sua imagem acinzentada pela luz da lua. Ele não teria dificuldade alguma em encontrar uma companhia feminina. Era incrivelmente atraente, mais sensual do que qualquer homem que ela já conheceria. Também era mulherengo e aventureiro, acostumado a viver perigosamente e a destruir corações. Deveria ter sido esperta e evitado deixar-se vulnerável dessa forma, ficando sozinha com ele.

— Por que você não aceitou? — ela murmurou, sem querer realmente saber a resposta.

— Porque a única mulher que eu queria era a minha esposa.

Ela não ia engrandecer o comentário provocativo com uma resposta.

— O quê? — ele provocou diante de seu silêncio. — Nenhuma resposta sagaz desta vez?

Ela olhou para ele com o semblante grave.

— Não consigo acreditar que você me preferiria a uma prostituta lasciva.

— Ah, mas eu prefiro, minha sereia.

— Basicamente porque, assim como Clune, você só quer o que não pode ter.

— Não é por isso que eu a desejo tanto.

— Então por quê? — Aurora indagou, curiosa.

— Eu queria ter a resposta — Nicholas respondeu com surpreendente seriedade. — Nunca me senti tão atraído por uma mulher antes.

— O que você sente é só...

Nicholas forneceu a palavra que ela procurava.

— Luxúria? Luxúria masculina? — Ele sorriu sarcasticamente. — É bem *simples*, querida. E é bem mais que luxúria. É mais como um violento desejo.

— Bom, então você terá de controlá-lo.

— Estou fazendo o meu melhor, mas não posso controlar minha imaginação. Frequentemente tenho fantasias de você nua nos meus braços. Sabia disso?

— *Nicholas!*

— Por favor — pediu —, lembre-se de que meu nome é Brandon.

— Se você não se comportar — disse em tom firme —, vou pedir para você dar a volta com essa carruagem e me levar para casa.

Sua expressão divertida tornou-se um pouco mais sóbria.

— Acredite ou não, tenho, *sim*, a intenção de comportar-me esta noite. Dou-lhe minha palavra que meus motivos são completamente altruístas desta vez. Só quero que você tenha um momento de liberdade.

Ela não sabia se poderia confiar nele, mas quando se virou para olhá-la, seu olhar estava muito sério.

— Raven está preocupada com você. Ela acha que está solitária e precisa de companhia.

— Raven está enganada. E, mesmo que eu precisasse de companhia, dificilmente escolheria você, um impostor atrevido disposto a provocar escândalo.

— Eu pensaria que sendo filha de um duque você acharia o atrevimento atraente, depois de ter tido de obedecer toda a sua vida. Obviamente você não quer que eu a bajule ou a trate como um cristal frágil, não é?

— Eu gostaria que você respeitasse minha vontade — disse calmamente — em vez de tentar me manipular. Você disse que eu salvei sua vida. Por isso acho que mereço um pouco de consideração.

— Estou tendo, amor. Estou pensando em seu bem-estar. Admita, você se sente mais viva quando briga comigo. Minha presença faz o seu sangue ferver.

— Não *quero* que meu sangue ferva, Nicholas.

— Ah, por Deus! Você consegue dizer honestamente que não gosta de estar comigo? Ou que preferiria estar segura na sua cama do que aqui comigo, em uma noite como esta?

A noite estava realmente mágica. Aurora ergueu o rosto para a lua, sentindo-se calma com seu encanto sereno.

Como se tivessem combinado, os dois continuaram calados por algum tempo — o único som que havia ali era o dos cascos e das rodas passando pelas pedras. Quando chegaram aos portões de Hyde Park, Nicholas trocou a rua pela trilha de carroças.

— Imagino que você tenha uma razão para me trazer aqui — Aurora disse incredulamente.

— Você verá — ele respondeu.

Continuaram por uma pequena distância até que o Serpentine pôde ser avistado. Aurora segurou a respiração diante da beleza maravilhosa do lago, que lembrava um espelho muito brilhante.

Sem palavras, Nicholas desviou até o caminho de grama, entrando em um bosque de castanheiras. Puxou as rédeas com força até que o cabriolé parasse.

Aurora ficou parada e durante algum tempo não disse nada.

— Nunca tinha visto o parque tão calmo e adorável — comentou por fim.

— Você nunca viu muitas coisas. Podemos nos sentar perto da água?

Ela concordou com a cabeça. Ele desceu da carroça, amarrou as rédeas no tronco de uma árvore e então voltou à carroça e segurou-a pelo quadril. Enquanto ele a colocava no chão, Aurora sentiu seu toque como uma ferradura quente enquanto Nicholas subitamente congelou, como se queimado pelo mesmo calor que dela irradiava.

— Você não está usando espartilho — ele murmurou, sua voz levemente rouca.

— Não tive tempo de colocar um — respondeu enrubescendo.

— Vou fingir que nunca soube disso.

Tirando uma manta do maleiro, ele a tomou pela mão e caminharam juntos por um bosque de salgueiros até a margem da água. Abriu a manta sobre a ribanceira e sentou-se ao lado dela.

Por um momento, ela permaneceu sentada lá, observando maravilhada o lago que reluzia sob a lua.

— É lindo.

— Sim.

Ele não estava olhando para a água, e sim para ela, que sentiu seu olhar como uma carícia.

Ela abraçou os joelhos, olhando para a lua. Um anel prateado de névoa cercava a margem. Aurora respirou fundo, apreciando a beleza tão serena daquela noite. O ar noturno cheirava a terra úmida e grama doce.

— Obrigada por me trazer aqui.

— É um prazer. — Ele parou por um instante. — Tive, sim, um motivo maior. Eu queria mostrar o quanto você está perdendo ao trancar-se em sua prisão.

— É? — murmurou, menos aborrecida que o normal pela presunção de Nicholas.

— Eu apostaria metade da minha fortuna que, uma vez que tenha experimentado a liberdade, achará difícil retornar à sua existência conveniente.

Ela não pôde evitar rir de sua persistência.

— Você ainda tem a impressão equivocada de que eu estou descontente com a minha vida.

— Não acho que seja um equívoco. Acredito que você seja mais solitária do que um dia se permitirá acreditar.

Aurora estremeceu por dentro diante da verdade de suas declarações. Não importara o quanto ela tentasse se convencer do contrário, não poderia negar que a dor profunda da solidão vivia dentro dela.

Nicholas ainda a observava. Ela podia sentir seu olhar penetrante, provando seus segredos.

— Você seria mais feliz caso corresse mais riscos de vez em quando — disse gentilmente. — Se ousasse aproveitar as oportunidades e não ligasse para as consequências.

Aurora agitou-se desconfortavelmente, desejando poder mudar de assunto.

— Assim como você faz? Arriscando sua vida só para estar no país?

— Até isso.

— Eu não acredito exatamente que brincar com o perigo seja a chave para a felicidade.

Nicholas encolheu os ombros.

— Para mim, é. O perigo nos faz sentir vivos, faz apreciarmos a vida. Você deveria aproveitá-lo, não temê-lo.

Ela encostou o queixo nos joelhos e o observou. Já estava correndo riscos por simplesmente deixá-lo se aproximar. Nicholas *era* perigo. E aventura. Ele emanava vitalidade. Era isso que o diferenciava de outros homens, ela notara: seu desejo ardente pela vida.

— Você sempre foi assim? Tão imprudente e atrevido?

— Receio que sim. Fui motivo de muita irritação na vida de meu pai.

— Imagino.

— Fui bastante impulsivo durante a juventude — ele admitiu.

— E além da juventude, se as histórias que ouvi são verdadeiras. Raven diz que você era a ovelha negra da sua família até alguns poucos anos atrás.

— Vocês andaram conversando sobre mim?

Aurora sentiu o rubor cobrir seu rosto.

— Eu pedi a ela para me contar mais sobre o estranho com quem me casei. Foi uma forma de honrar sua morte, creio.

O sorriso de Nicholas era de um charme muito sensual.

— Fico agradecido.

— Então, o que fez com que mudasse?

— A morte de meu pai.

Nicholas estirou-se de lado, encarando-a, e apoiou-se com o cotovelo. Os belos traços de seu rosto pareciam pensativos à luz da lua.

— Eu sempre soube que herdaria o império de navios dos Sabine um dia. Praticamente desde o berço, meu pai criou-me para assumir seu lugar e passei grande parte da juventude fazendo parte da tripulação de seus navios e aprendendo a navegar qualquer coisa que boiasse. Eu adorava aquela parte dos negócios, mas me ressentia por ser controlado e já ter meu futuro planejado nos mínimos detalhes. Quando completei vinte anos, finalmente me revoltei e fui procurar meu próprio destino.

Aurora não teve dificuldade em imaginar um jovem e incansável Nicholas, lutando para ver-se livre das vontades do pai. Acorrentá-lo daquele jeito teria sido como tentar aprisionar um tigre.

Nicholas fez uma pausa, olhando para além das águas cintilantes.

— Raramente vi meu pai após esse episódio, até o dia em que se encontrava em seu leito de morte. Foi apenas nesse momento que percebi o quanto eu o havia machucado ao deixá-lo.

Ela ouviu o arrependimento em sua voz, a tristeza, e quis oferecer consolo.

— Deve ter sido um sacrifício para você retornar para casa e assumir o negócio da família.

— De certa forma, mas eu devia isso ao meu pai. Nunca apreciei totalmente o sacrifício feito por ele para manter a família intacta. Ele amava perdidamente a mãe de Raven, e poderia ter deixado sua mulher e os filhos, mas não o fez. Além disso, já era hora de eu assumir minhas responsabilidades. Jurei para ele que tomaria conta de minha mãe e irmãs, e que manteria seu legado intacto. Tudo ia bem sob meu comando... até o começo da guerra. E ainda assim, conseguimos um melhor desempenho do que outras companhias mercantes concorrentes.

Aurora não estava certa se queria ver aquele admirável e atraente lado de Nicholas — o homem quieto e pensativo que naquele momento revelava seus sentimentos mais íntimos, se abrindo para ela. Ainda assim, a situação a ajudava a entender o que o movia.

— É por isso que você estava tão determinado a ver Raven segura, a ponto de se casar com uma estranha.

— Sim. — Ele sorriu. — Nada mais poderia ter me forçado a ficar de frente para o altar.

Ela, por outro lado, soube durante toda sua vida que o altar a esperava. Aurora calou-se, contemplando quão diferentes suas vidas haviam sido. Nicholas havia se rebelado e partido para uma vida de aventuras selvagens, enquanto ela manteve-se dedicadamente complacente, obedecendo a cada desejo de seu pai — exceto o último. Até seu casamento com Nicholas, sempre se comportou como era esperado dela. E até agora, nunca se permitira admitir o quanto se ressentia por isso.

— Em que está pensando? — Nicholas perguntou, observando-a.

— Que casar com você foi a primeira vez em minha vida em que desafiei meu pai.

— Não foi isso que Raven me disse — disse ele calmamente. — Ela contou que você era forçada a confrontá-lo constantemente para proteger seus empregados.

Aurora desviou o olhar. Ela não gostava de lembrar os ataques de violência do pai. Era perturbador demais. Humilhante demais.

— Raven viu seu pai a ameaçando, Aurora. Imagino que ele batia em você com frequência.

— Não sempre — disse relutante, querendo ser justa. — E era um pequeno preço a pagar, eu era a única que poderia confrontá-lo, então ele... — Ela fechou os olhos, lembrando os ataques do pai contra os criados indefesos. — Ele não era sempre ruim — disse finalmente. — Minha mãe conseguia lidar com ele, mas, após sua morte, ele começou a beber mais. Seus humores eram muito... imprevisíveis. Um dia ele era amigável, no outro iria à loucura com a menor provocação. Geralmente eu conseguia acalmá-lo se não o confrontasse, se o apaziguasse. Mas com o tempo comecei a sentir medo até de chegar perto dele...

— Sua voz virou um suspiro. — É horrível admitir, mas acho que eu o odiava.

— Não.

— É vergonhoso odiar seu próprio pai.

— Não se ele merece. Qualquer homem que bata em uma... — Nicholas engoliu o comentário. — Gostaria muito de conhecer seu pai.

Aurora estremeceu ao simples pensamento de mais confrontos.

— Acho que ele a afetou mais do que você consegue perceber — Nicholas observou após um momento.

Ele estava certo, e ela sabia disso.

— Talvez. Minha vida inteira vivi em constante medo de sua fúria. Ela me deixava doente fisicamente. Era sempre muito fraca. Aprendi a odiar agitações emocionais. — Estremeceu involuntariamente.

Aurora sentiu Nicholas tocar suas costas, oferecendo conforto, e suspirou. Seu pai não poderia machucá-la agora — por causa de Nicholas.

— Nos últimos dois meses, conheci o que a paz significa. Não mais acordo pela manhã com medo de encarar meu pai. Sou grata a você por isso. Casar com você permitiu-me escapar dele.

— Por que você não me contou?

— Conteí o quê?

— Sobre os riscos que você enfrentava ao casar-se comigo.

— Do que adiantaria? Você não estava em posição de aceitar um não.

— Eu não tinha noção do perigo a que estava submetendo você.

— Foi escolha minha, Nicholas. E além disso... — Ela sorriu tímida. — Você também permitiu que eu escapasse de Halford. Eu teria de aguentar aquele casamento. — Contorceu-se novamente. — Honestamente, ser viúva permitiu-me mais liberdade do que jamais havia conhecido antes e aprecio isso.

Nicholas considerou sua afirmação por um bom tempo. Quando falou, seu tom estava calmo e pensativo.

— O pouco de liberdade que você cavou não arranhou nem a superfície, Aurora.

Ela lançou-lhe um olhar questionador.

— O que você está sugerindo que eu faça? Já passei dos limites de compostura tendo a minha própria casa e vivendo sozinha.

— Você poderia ousar ter muito mais. Ainda se está deixando ser sufocada, tentando seguir as regras rígidas da sociedade, as expectativas do seu pai.

Ele estava certo novamente, Aurora admitiu enquanto observava o lago prateado. Ela sentia-se sufocada. Havia sentido isso a vida toda. Talvez fosse por esse motivo que o diário atingiu um nervo dentro dela. Essa bela, ainda que terrível, história de paixão a fascinava mais do que ela acreditava ser possível — uma mulher protegida encontrando liberdade nas algemas da escravidão que a aprisionavam.

Aurora apertou os lábios, rejeitando isso. Ela certamente não desejava essa libertação. Mas talvez *devesse* se arriscar mais, como Nicholas sugerira. Talvez ela *devesse* ousar ser mais corajosa.

— Você tem fome de viver, Aurora, debaixo de todas essas inibições convenientes. — O tom de Nicholas era baixo e vibrante. — Você quer se sentir viva. Mas não sabe como.

Ela sentiu seu olhar desafiando-a, como se ele pudesse ver dentro dela e descobrir todos os seus segredos. De alguma forma, Nicholas entendia a ânsia que ela levava escondida em sua parte mais

profunda, a parte selvagem, incansável e inquisitiva. A ânsia por algum preenchimento desconhecido. Alguma coisa ilusória que só ela mesma poderia imaginar.

— E imagino que você esteja se oferecendo para me ensinar? — disse, finalmente.

— Eu quero, muito. — Sua voz aveludada soou em seus ouvidos. — Eu poderia mostrar-lhe um mundo que você nunca viu antes, um mundo brilhante e colorido. Você não está feliz agora em seu mundo cinza e enfadonho, sozinha na sua cama fria e solitária.

Ante a insinuação de Nicholas de que esquentaria sua cama, ela suspirou:

— Você não é responsável pela minha felicidade, Nicholas.

— Talvez não, mas você precisa se libertar. E eu pretendo ser a pessoa que fará isso.

— Como? Destruindo minha resistência?

— Tornando-me seu amante.

No silêncio da noite, ela podia sentir o batimento de seu coração.

— Não tenho nenhuma intenção de ser sua na intimidade novamente. E se eu engravidar? Nunca poderei desfazer o escândalo.

— Você leu o diário. Existem milhares de formas de experimentar relações carnavais que não resultam em gravidez. Temos milhares de métodos de excitação ainda para serem explorados. Tocar, acariciar e desfrutar um ao outro.

Era verdade. O diário descrevia em ricos detalhes várias formas de prazer sensual. Aurora olhou para Nicholas. Ele a observava atentamente.

Sua voz diminuiu, se transformando em um murmúrio sufocado:

— Seu coração não acelera com a ideia de fazermos amor? Você consegue negar que meu toque a excita?

Não, ela realmente não conseguia negar. Esse homem era seu marido. Ele havia sido seu primeiro amante. Seu único amante. Ela o queria.

Subitamente, sua consciência despertou. Percebeu a noite, o formigamento nas veias. Percebeu Nicholas e a rica e inquieta promessa de sua boca.

O ar entre eles parecia vibrar com pulsos de antecipação e alarme enquanto ela o observava. Havia algo selvagem cantando em seu sangue e um sussurro persuadindo-a a entregar-se ao abandono, a entregar-se à luxuriante sensação que ele prometia.

Entretanto, outra voz conflitante a fazia manter as defesas em alerta. Nicholas a desejava porque ele queria o que não poderia ter.

Mas... e se ela lhe desse o que ele queria? Se ela se entregasse, ele logo se cansaria da conquista, e a emoção desapareceria. Obviamente ele encerraria sua louca perseguição então.

Deveria ainda haver alguma forma de acelerar sua decisão. Ela mesma poderia tomar a iniciativa. Estava cansada de ser sua vítima e defender-se, de ter de proteger-se infinitamente.

Ele a lembrava do pai nesse aspecto. Fosse intencionalmente ou não, Nicholas estava tentando intimidá-la, fazê-la concordar com suas exigências, controlá-la. Depois de enfrentar seu pai por muitos anos, ela deveria também ser capaz de enfrentar Nicholas.

Seria gratificante virar a mesa e fazer *dele* a caça dessa vez. Se ela o perseguisse, ele poderia muito bem escapar e correr. Fugir de volta para a América. E se ela conseguisse aliviar suas poderosas necessidades carnavais, ele não mais seria levado por sua luxúria feroz.

— Talvez você esteja certo — Aurora disse lentamente, esperando não estar cometendo um erro irreparável. — Talvez devêssemos nos tornar amantes. — Ao não obter resposta, ela percebeu que o havia surpreendido. Ele obviamente não esperava sua concordância.

Ele também não esperava que ela desse o primeiro passo.

Aurora pausou um instante, perguntando-se se teria coragem de seguir com o plano, mas que escolha ele havia deixado? Ela não poderia permitir que as coisas continuassem dessa forma, com Nicholas conduzindo-a lentamente à loucura. Ele não pararia até que ela se entregasse, então, quanto mais rápido ela o fizesse, mais rápido o bizarro relacionamento terminaria.

Ela não tinha muita experiência em assuntos carnis, mas o diário oferecera algum conhecimento, ensinando-lhe o segredo do corpo de um homem, como acender seu desejo — uma lição incalculável, ela sabia disso. Uma mulher poderia ter muito poder se controlasse o desejo de um homem.

Sua noite de núpcias também a havia ajudado a perder a ignorância virginal assim como suas inibições. O próprio Nicholas lhe havia ensinado sobre desejo.

Mantendo o olhar, Aurora reuniu coragem e se inclinou para tocar os lábios dele.

Nicholas permaneceu congelado, como se o susto o imobilizasse.

— Você está falando sério?

Ela respondeu com falsa calma:

— Muito sério. Você disse que eu deveria me arriscar mais. Bom, eu pretendo. Começando agora. Deite-se.

Quando ela se esticou para tocá-lo, ele segurou sua mão, afastando-a de seu corpo.

Rindo nervosa, Aurora recompôs-se. — Você não está com medo de mim, Nicholas, está? — ela murmurou em um tom leve e propositalmente desafiador.

Ele estreitou os olhos.

— Só me diga o que você está planejando fazer.

— Diminuir sua ânsia. — Sua mão deslizou novamente pelo seu peito. — E talvez desfrutar do gosto da vingança. Você se sente feliz me atormentando. Bem, é minha vez de fazer o mesmo. Afinal, virar o jogo faz parte das regras. Agora se deite.

Ele fez como ela ordenou, mas sua voz abafada trazia um aviso:

— Aurora, não sou santo. Se você não quiser fazer amor, então sugiro que encerre esse jogo agora mesmo.

Ela sorriu e abriu lentamente os botões de seu casaco, ainda que se sentisse desajeitada de nervoso.

— Um *santo* é a última coisa que eu diria sobre você, Nicholas. E eu quero jogar esse jogo... Só que eu dito as regras.

Ela abriu devagar o colete dele e puxou a lapela para fora. Podia sentir o coração batendo sob a fina camada de sua camisa; calor e vida jaziam abaixo de seus dedos, tranquilizantes e enlouquecedores.

— A primeira regra é que você não pode me tocar.

— E se eu não quiser jogar com as suas regras?

— Ah, eu acho que você vai querer.

Sua mão desceu até o abdome rígido. Ela hesitou por um momento. Depois, abrindo a camisa, soltou a bainha do cóis da calça e levantou-a até que a barriga estivesse completamente à mostra.

Quando Nicholas, intranquilo, tentou mudar de posição, Aurora advertiu:

— Fique quieto.

Ele cedeu enquanto ela tocava sua barriga retesada, a pele quente contra a palma de sua mão. Mas quando ela colocou a mão dentro da calça, todo o corpo dele ficou tenso. E a coragem de Aurora aumentou.

— Dói? — perguntou sarcasticamente.

— Você sabe que não, feiticeira — respondeu.

Ela retirou a mão, mas podia perceber que ele já estava excitado; podia sentir a grande saliência em suas calças enquanto seus dedos mexiam nos botões.

— Se você espera que eu fique parado enquanto você me toca assim — ele disse, roucamente —, não deveria ter tanta certeza disso.

— Se você se mexer, eu vou parar — Aurora respondeu serenamente.

Ele cerrou os dentes enquanto ela tocava o cós da calça e partia para os botões. Quando, instantes depois, ela separou os dois lados do tecido, seu volume pulsante podia ser notado saltando dos caracóis dourado-escuros de sua virilha. Aurora perdeu o fôlego. Ele estava maravilhoso, com a luz da lua fazendo brilhar os músculos do corpo.

Ela podia ter pouca experiência, mas sabia o que aconteceria se ela o tocasse. Como uma leve carícia faria seus músculos ficarem tensos. Como o mais leve toque de seus dedos contra sua barriga o faria tremer. Como a pele dele se inundaria de calor e seu membro enrijeceria...

*Acaricieie o crescente inchaço de sua ereção e não me acanhei. Você me ensinou os desejos da carne, despertou meu corpo para o prazer, levando embora todas as inibições.*

Ela sabia.

Manteve o olhar fixo em seu membro, agora já grosso, ainda que não estivesse tão tranquila quanto pretendia. Seu coração acelerava enquanto passava a mão pelo seu torso, seguindo o suave caminho de cabelos que cobriam a barriga, acariciando-o da maneira que ele lhe ensinara na noite de núpcias.

Aquilo a fascinava, os contrastes abaixo de seus dedos — a dureza de seu estômago, de seu membro... a haste aveludada de sua virilidade... a suavidade do escroto logo abaixo. Ele chegou a estremecer levemente quando ela o tocou naquela parte, e os pesados testículos se contraíram assim que ela os apertou de leve.

— Aurora... — ele sussurrou.

Compelida pela resposta dele, expandiu sua exploração. Com dedos tremulantes, moveu-se para cima, rodeando o cume inchado de sua ereção, provocando a ponta sensível. Quando ele tremeu em resposta ao seu toque, ela ficou ainda mais audaciosa, traçando suaves contornos, acariciando o membro pulsante, inchado e quente.

Por fim os dedos dela se fecharam completamente ao redor do membro de Nicholas, aprisionando-o e apertando-o gentilmente. A grossa protuberância crescia em sua mão, inchando para caber entre seus dedos. Sentindo-se mais confiante a cada momento, ela deslizou lentamente a mão para baixo, depois para cima novamente, criando um prazeroso atrito.

— Onde você aprendeu isso? — Nicholas perguntou com uma voz abafada alguns momentos depois.

— Eu tive um excelente professor — Aurora murmurou.

— Não me lembro de ter lhe ensinado isso.

— Não exatamente isso, talvez. Mas você me ensinou a não temer o corpo de um homem. Você me

ensinou sobre prazer e excitação. O diário sugeriu o resto.

Ele estava tão excitado por baixo da pele quente e sedosa, tão magnificamente ereto. Mas o que realmente a surpreendia era como o simples ato de tocá-lo podia afetá-la tão intensamente, como acariciá-lo poderia acariciar o próprio desejo dela. Ela se sentia plenamente envolvida pelo calor; seus nervos, sua pele, seu pulso, tudo nela incrivelmente vivo, enquanto uma doce dor começava a pulsar em sua virilha.

Seus olhares cruzaram-se, o clamor do coração dela ecoando as perguntas que ele não fez.

Com calafrios de expectativa, ela tirou o capuz e baixou a cabeça para saborear aquele mastro que poderia lhe dar tanto prazer. Era sem-vergonha, descarado, mas emocionante ter aquele homem forte e vibrante a sua mercê.

Quando a boca dela tocou a ponta do membro, ele pareceu parar de respirar por um instante, e seu senso de poder cresceu. Ela lançou um olhar para cima, apenas para ver Nicholas de olhos fechados. Segurando a base rígida do membro, ela passou a língua gentilmente ao redor da cabeça pulsante. E sentiu o corpo dele se contrair.

— Estou fazendo direito? — ela sussurrou.

A resposta dele foi um gemido abafado.

— Admiravelmente direito. Não pare.

Ela não tinha intenção de parar. Explorar os prazeres proibidos do corpo dele era algo demasiadamente sensual e excitante.

Aurora sabia que ele sentia a mesma excitação, apesar da falta de experiência dela. Sentia a mão dele tocando seus cabelos, guiando-a levemente enquanto a língua dela circulava seu mastro brilhante e macio, mas o corpo dele, vigoroso, havia se enrijecido, o quadril se contendo para não se mover enquanto ela o explorava com a boca e a língua.

Deixando os instintos femininos tomarem conta dela, ela o engoliu por completo, envolvendo a ponta grossa com os lábios. O inebriante prazer deixou-a fraca. Ele estava quente, pulsando intensamente, e a gentil sucção o fazia ficar cada vez mais e mais avolumado.

Ela o ouviu gemer e dirigiu seu olhar para cima, para ver seu rosto viril, tenso e absorto em êxtase. Aurora sentiu um frêmito de prazer. Ela queria fazê-lo gemer, ela queria que ele se contorcesse de desejo.

Em um ímpeto de ansiedade, ela se curvou novamente na direção dele, o cabelo se espalhando ao redor, sobre o estômago e a virilha, enquanto renovava seu ataque sexual. O corpo dele se enrijeceu ainda mais e se arqueou contra a manta enquanto suas mãos se moviam para agarrar o cabelo dela.

Ele estava tremendo, Aurora notou. Ela sentiu-se coberta de excitação, intensificada pelo desejo ardente em suas partes. O próprio desejo dela florescia, suas partes secretas molhadas e pulsando.

Com fogo lacerando seus sentidos, ela intensificou a manobra, com os dedos acariciando os testículos enquanto ela o atormentava com sua boca.

A respiração de Nicholas tornara-se intensa e irregular. Ele estava se aproximando do clímax, ela sabia. Podia senti-lo estremecendo dentro de sua garganta.

O autocontrole dele esvaiu-se momentos depois. Com um gemido gutural sufocado, Nicholas recuou abruptamente. Virando de lado e afastando-se dela, ele gozou, o corpo convulsionando na explosão de desejo, o membro pulsando descontroladamente enquanto seu líquido jorrava quente e leitoso na grama.

Aurora observava o violento e poderoso orgasmo admirada, ébria pelo simples fato de fazer tão vulnerável um homem tão forte.

Esgotado e mole, ele lentamente deitou de costas. Após uma longa pausa, abriu os olhos.

— Parece que devo ser grato ao diário.

Aurora sentiu o rosto enrubescer com a intensidade do olhar dele — e com sua ousadia. Ele nada fez para cobrir a nudez. De repente, ela se viu inexplicavelmente envergonhada de seu comportamento devasso. Então desviou o olhar.

— Você realmente não pretende ficar tímida agora, não é, sereia? — Nicholas sussurrou. — Não agora, que é a minha vez de lhe dar prazer.

Ele pegou a mão dela e levou-a na direção dos lábios, beijando a palma. Aurora sentiu-se estremecer com o intenso calor que aquele simples gesto provocou nela. Relutando, puxou a mão.

— Penso que já fui ousada o suficiente por esta noite.

— Há apenas um problema. Provar de você apenas me faz querer mais. Quero passar o resto da noite fazendo amor com você.

A respiração dela vacilou.

— Você não ousaria.

— Por que não? — Ele estendeu a mão por debaixo da capa dela, para acariciar seu seio. Ela estremeceu quando ele encontrou o mamilo sensível por baixo da fina musselina do vestido dela. — Você está demasiadamente excitada, Aurora. Você me quer. Seu corpo anseia por prazer.

Ela não conseguia responder. Sua cautela instintiva havia retornado com uma vingança, e com uma voz incriminadora clamando em sua cabeça, ordenando que ela se acautelasse diante das carícias sexuais dele.

Quando ela não respondeu, Nicholas se sentou. Levando os dedos aos lábios dela, ele os acariciou levemente. Aurora fechou os olhos enquanto uma onda de desejo passou por todo seu corpo. Seu desejo por ele era uma dor física, pulsante e urgente.

Ela temia a força daquele desejo, mas a verdade é que não conseguia negar a si mesma o prazer do toque dele.

Quando ele a puxou para seus braços, ela o fez parar pressionando uma mão contra o peito dele. Olhando ao redor, percebeu a exposição da escuridão iluminada pela lua. Apesar de amplamente escondidos pelos salgueiros, eles ainda estavam visíveis demais para o gosto de Aurora.

— Aqui não, Nicholas...

— Você tem razão. Deveríamos arranjar uma cama. Aonde você gostaria de ir?

Ela respirou profundamente, jogando a prudência e a cautela no lixo.

— Leve-me para casa.

— Imediatamente.

Com um sorriso débil, ele arrumou as roupas e abotoou os vários botões de suas vestimentas. Levantando-se, estendeu uma mão para ajudá-la a se levantar. Ela aceitou o gesto com dedos trêmulos.

Recolhendo a manta, Nicholas a levou até o cabriolé e a ajudou a subir. Quando se assentou ao lado dela e pegou as rédeas, olhou uma última vez para a margem do brilhante lago.

— Depois desta noite — murmurou, sem nenhum tom divertido —, nunca mais verei este lugar da mesma forma.

E nem eu, Aurora pensou. Daquele momento em diante, quando visitasse o parque, ela sempre se lembraria desse momento com Nicholas.

Eles ficaram quietos na maioria do trajeto de volta para casa. Aurora sentiu o coração martelando em conflito ao questionar se sua decisão havia sido inteligente. Convidar Nicholas para sua cama era como soltar um tigre enjaulado: era bem provável que ela fosse se machucar.

Suas emoções já estavam em risco. E tornar-se mais íntima dele somente colocaria em perigo a serenidade pela qual ela havia lutado tanto.

Mas já havia enveredado por esse caminho e iria até o fim. Só esperava que seus cálculos estivessem certos. Que, uma vez que ele a considerasse conquistada, abandonaria a perseguição. E que ele se cansaria de sua perseguição antes que ela estivesse irremediavelmente machucada.

Contudo, quando se aproximava de casa, as preocupações sobre seu plano foram esquecidas. Podiam notar luzes acesas em vários cômodos da casa.

— Alguma coisa aconteceu — Aurora murmurou, tentando se acalmar.

Assim que Nicholas fez o cabriolé parar, Aurora desceu depressa. O cavaliariço de Nicholas, que já os esperava impaciente há algum tempo, aproximou-se para segurar os cavalos, deixando que Nicholas a seguisse para dentro de casa.

Ela encontrou o mordomo na entrada, que parecia ter acordado às pressas. Danby vestia um roupão por cima da roupa de dormir e um capuz caía sobre os cabelos grisalhos enquanto seu rosto ancião parecia preocupado.

— Milady, aconteceu algo de errado? Estávamos preocupados com a senhora porque não a encontramos em lugar nenhum da casa.

Aurora levantou o queixo, determinada a assumir suas ações. Ela não tinha razão para sentir vergonha diante dos criados.

— Fui dar uma volta. O que houve, Danby? Por que a casa inteira está acordada?

— O conde de March chegou, milady.

Por um momento, o coração de Aurora pareceu parar. Geoffrey não podia estar ali, já que havia morrido no mar um ano atrás. Então se lembrou que o irmão de dez anos, Harry, havia herdado o título.

— Harry está aqui? Em Londres?

— Sim, milady. Ele está na cozinha. Estava... com fome depois de suas viagens.

— Suas viagens? Como assim? Sua mãe o trouxe aqui?

— Não, minha senhora. Somente o jovem lorde March.

Nesse instante, um menino loiro aproximou-se do hall, vindo das escadarias que levavam até a cozinha. Ele vestia calças e uma jaqueta, mas seu cabelo estava bagunçado e seu rosto, que se parecia muito com o de Geoffrey, estava totalmente sujo.

— Rory, estou muito contente de vê-la. — Quando espiou Nicholas, o garoto parou. Para sua grande surpresa, suas mãos se fecharam e ele ficou parado, fulminando Nicholas com o olhar. — Quem é você? — perguntou irritado.

— Harry — Aurora disse asperamente —, onde estão seus bons modos?

— Eu sou o primo de lady Aurora por parte de casamento, Brandon Deverill — disse Nicholas calmamente.

— Você não tem o direito de estar aqui! — o menino praticamente rosou.

— Harry, este cavalheiro é meu convidado. Cuidado com o que fala!

Ainda franzindo as sobrancelhas, ele lançou a Aurora um olhar acusador.

— Você não pode ter esquecido o meu irmão! Passou-se somente um ano desde sua morte. Um ano exatamente hoje.

Aurora estremeceu. Não tinha lembrado que era o dia de aniversário do trágico naufrágio.

— Não — disse, sentindo-se culpada. — A data pode ter fugido da minha cabeça, mas nunca poderia esquecer Geoffrey.

— Então o que *ele* está fazendo aqui a esta hora da noite?

Ela respirou fundo.

— Você não tem autoridade para fazer essas perguntas, meu jovem lorde. Além disso, Nic... o senhor Deverill tem todo o direito de estar aqui. Agora é sua vez de dar-me algumas respostas. O que faz aqui em Londres? Especialmente a esta hora da noite?

Pela primeira vez, a expressão de Harry transformou-se em incerteza.

— Fugi de casa, Rory. Minha mãe tornou-se insuportável. Por favor, permita que eu fique aqui com você.



*Ele me tocava com assustadora ternura, como se até mesmo meu coração pertencesse a ele.*

— Então me diga, Harry, como você conseguiu chegar a Londres? — Aurora perguntou pouco depois, enquanto ela e Nicholas sentavam-se com o menino à mesa dos criados na cozinha. Para sua irritação, Nicholas havia permanecido lá sem ter sido convidado e simplesmente sentia-se em casa, mas ela não queria discutir com ele na frente do inesperado jovem convidado.

Harry parou de mastigar ruidosamente seu prato de frango frio com bolinhos e maçãs e os observou.

— Vim com a diligência. Foi muito divertido. Eu vim no assento do cocheiro primeiro, depois no banco dos passageiros. Foi espetacular. O cocheiro deixou-me tomar conta das rédeas, mas só por um breve momento, pois alguns dos passageiros reclamaram da minha condução.

— Você viajou de Sussex até aqui sozinho? — Aurora disse, consternada. — Não percebe como isso foi perigoso? Poderia ter sido roubado ou...

— Ah, a diligência não era nem um pouco perigosa. Só quando cheguei à hospedaria é que quase acabei tendo de dormir nos arbustos. Estava bem lotado, e tive de me informar sobre a rota; havia três rapazes que pareciam ladrões, mas quando eles tentaram me deter, mostrei quem mandava e fugi.

Aurora estremeceu ao pensar no que poderia ter acontecido com uma criança sozinha à noite nas ruas londrinas.

— Eu não sou nenhum tolo, Rory — ele disse quando percebeu sua expressão. — Sei me cuidar. Mas eles roubaram minhas trouxas. — Harry pareceu subitamente melancólico. — Meu barco preferido estava lá.

— Barco? — Nicholas perguntou curioso.

O menino lançou-lhe um olhar desconfiado, como se decidindo se deveria confiar nele.

— O navio do almirante Nelson, o *Vitória*. Era feito de lata. Meu irmão me deu de presente. — Como se lembrasse de Geoffrey, o menino repentinamente olhou para Aurora de forma acusadora. — Danby não queria me deixar entrar. Ele não acreditou que eu era o lorde March, já que eu mal sabia andar da última vez que me viu. E você não estava aqui para confirmar que era eu.

Ela segurou a vontade de se espreguiçar, sabendo que provavelmente estava parecendo uma devassa. Havia tirado a capa e seu cabelo estava desarrumado, caindo nas costas.

— Sua mãe sabe que você fugiu? — perguntou, mudando deliberadamente de assunto.

Harry sorriu endiabrado.

— A esta hora já deve saber, mas deixei um recado dizendo que tinha intenções de morar com você.

— Harry, sua mãe ficará louca de preocupação!

— Eu sei, por isso fugi. Ela tem tremeliques o tempo todo. Estava me *sufocando*, Rory. E na última semana foi pior que o normal, porque fez um ano que Geoffrey morreu.

— É compreensível que ela esteja perturbada — Aurora disse pacientemente. — Você é seu único filho agora, Harry.

— Eu *sei*. Minha mãe é um saco quando se trata de Geof. Mas ela faz um escândalo até se eu saio de casa! Ela pretende manter-me sob controle até que eu fique adulto, Rory. É uma droga!

Aurora franziu a testa.

— Onde você aprendeu essas gírias tão vulgares?

— Com Tom, o jardineiro. Você vai me dar broncas agora, Rory? Se sim, vá em frente, mas não voltarei para casa novamente, então não há motivo para tentar me convencer. Se você não me deixar viver com você, só terei de achar algum outro lugar que me aceitará.

Aurora hesitou em responder. Ela queria ajudar Harry, não só porque lhe tinha infinito apreço, mas porque desejava diminuir sua culpa. Ela havia abandonado o menino totalmente no ano anterior. Ele perdera um irmão que idolatrava e então foi obrigado a aguentar a proteção sufocante da mãe. Lady March não costumava ser do tipo descuidado, mas havia ficado devastada com a morte do filho mais velho e estava determinada a não deixar nada acontecer com o mais novo. Aurora podia entender bem por que Harry havia se rebelado e procurado refúgio com alguém que considerava uma amiga. Mas, ao mesmo tempo, ela não queria encorajar ou ajudar sua rebelião.

Antes de poder expressar seu ponto de vista, contudo, Harry falou novamente.

— Não vai ser por muito tempo, pois pretendo entrar para a marinha e lutar contra os franceses, como Geoffrey fez.

— O *que* você planeja fazer?

— Vou fugir para o mar. Quero viver aventuras *reais*, mas mamãe nunca me permitirá. Ela não me permite nem mesmo pescar nos meus próprios riachos. Não posso chegar perto da água porque ela tem medo de que me afogarei como Geoffrey.

— Sei alguma coisa sobre fugir para o mar — Nicholas interveio calmamente.

— Sabe? — Harry pareceu interessar-se. — Você parece um colonizado.

— Sou americano. Mas já tive algumas experiências com a marinha britânica. Há inúmeros marinheiros em meus barcos que foram recrutados ilegalmente pelo seu país e forçados a servir.

— Você é capitão de um barco? — perguntou Harry, com um brilho no olhar.

— Não o capitão. O dono. Tenho uma frota de navios de comércio.

— Uma *frota*? Isso é maravilhoso!

Nicholas sorriu.

— Se você soubesse das dificuldades que encontraria na marinha, não ia querer fazer parte dela, acredite. A vida de um marujo é incrivelmente ruim comparada com a vida a que você está acostumado. Seria muito melhor que você fosse um aprendiz na marinha comercial.

Aurora lançou a Nicholas um olhar irritado por vê-lo encorajando o menino a tão selvagens fantasias.

— Harry não vai fazer parte de nenhuma delas.

Harry mordeu a coxa de galinha de maneira rebelde.

— *Vou sim, Rory!*

Nicholas balançou a cabeça.

— Bom, não é assim que as coisas funcionam. Você não só deixaria sua mãe nervosa como também não está bem preparado para começar sua aventura. Aposto que nem tem uma carta de apresentação.

— Preciso de uma carta?

— Se quiser ser mais que um copeiro, sim. Precisa de alguém em posição de autoridade para certificar seu caráter; precisará também de dinheiro para equipar seu baú de marinheiro.

— Eu tenho dinheiro. Sou bastante rico.

— Então, em vez de tornar-se um marujo, você poderia pensar em comprar seu próprio barco e tornar-se o empregador. Acredite em mim, seria muito mais agradável que esfregar o convés do nascer ao pôr do sol.

Harry sorriu, pois obviamente havia gostado de sua ideia.

Nicholas devolveu o sorriso. Vendo-o sorrir irresistivelmente, Aurora sentiu uma pontada de desejo dentro de si. Ela deveria ter imaginado que Nicholas saberia como lidar com um menino rebelde. O encontro deu-lhe uma ideia de como Nicholas deveria ter sido naquela idade. E, mesmo assim, sentia-se consternada em vê-lo usando seu charme para convencer o garoto.

Balançando a coxa de galinha mordida, Harry continuou com outra fantasia.

— Se eu tivesse meu próprio barco, poderia ir até a França e espionar os franceses, como Geoffrey.

— Como assim, como Geoffrey? — Aurora perguntou.

— Ele havia partido em uma missão secreta quando o navio afundou. — Harry observou ao seu redor furtivamente. — Ah, não deveria ter dito isso. Geoffrey me fez prometer que não contaria a ninguém.

Aurora não deu muito crédito ao comentário de Harry. Ela não podia conceber que o estudioso Geoffrey pudesse ter ido até a França para espionar. Harry havia, obviamente, criado aquela história para dar crédito à morte sem sentido do irmão no meio do mar. Evidentemente, ele precisava mais de um amigo do que ela suspeitava.

Não havia dúvida de que ela seria essa amiga. Sentia grande responsabilidade em relação ao garoto. Harry havia sido negligenciado a maior parte do tempo enquanto estava crescendo, até mesmo quando Geoffrey ainda lhe fazia a corte oficialmente. O menino adorava cavalos e inventava qualquer desculpa para visitar os estábulos de Eversley. E confiava nos ensinamentos de Aurora sobre cavalos mais do que nos do próprio irmão. Ela, e não Geoffrey, havia escolhido seu primeiro cavalo.

Ela sempre havia considerado Harry como um irmãozinho, e ele *teria* sido seu irmão por parte de casamento se o destino não tivesse intervindo tão cruelmente. Além do mais, ela sabia muito bem como era querer fugir e escapar de um pai dominador. Então, apesar de não querer apoiar sua rebelião, permitiria que Harry ficasse com ela por enquanto. Ao menos até que pudesse convencê-lo a desistir de sua ideia louca de fugir para o mar em busca de aventura.

Quando ele começou a bocejar, Aurora percebeu que estava exausto.

— Você já deveria estar na cama — disse gentilmente. — Tenho certeza de que podemos decidir tudo isso amanhã de manhã.

— Você não vai me mandar de volta para casa?

— Não imediatamente; vou escrever para sua mãe assim que acordar e avisá-la que você chegou aqui são e salvo, além de pedir permissão para que você possa permanecer aqui comigo por algum tempo

como visita.

— Você é maravilhosa, Rory! — Levantando-se depressa da mesa, correu em sua direção e a abraçou com força.

Aurora não conseguiu evitar sorrir.

— Você disse que havia perdido suas roupas? Teremos de achar algum traje de dormir que sirva em você.

Danby, que rondava discretamente do outro lado da porta, apareceu como se tivesse sido chamado. Aurora desviou-se do abraço do menino após algum tempo.

— Você poderia colocar o jovem lorde March no quarto verde, Danby?

— Como desejar, minha senhora.

Quando Harry começou a seguir o mordomo, Aurora o parou.

— Um momento, meu jovem lorde. Acredito que você deva desculpar-se com o senhor Deverill.

Harry virou-se para Nicholas, relutante.

— Sinto muito se fui rude, senhor. Pode perdoar-me?

— Está perdoado — Nicholas disse calmamente.

— E se eu prometer me comportar, você pode me contar mais sobre seus navios?

Nicholas sorriu.

— Ficarei feliz em fazê-lo.

— Obrigado. — Harry olhou para Aurora. — Ele não é tão ruim quanto temi, Rory.

Quando o menino partiu, Aurora sentiu o olhar de Nicholas cair sobre ela.

— Ele a chama de Rory?

— Quando era mais novo, Harry não conseguia pronunciar meu nome; então, para ele sempre fui “Rory”. Peço desculpas pela sua explosão inicial. Ele é um garoto incrível.

— Pude perceber isso. — Nicholas fez uma pausa. — Você lidou bem com ele. Seria uma boa mãe.

Seus olhos encontraram-se, e ela se perguntou se ele estaria pensando a mesma coisa que ela. Como seus filhos teriam sido se seu casamento tivesse sido real e duradouro?

Aurora puniu-se mentalmente. Ela era tola de permitir-se sonhar com uma união verdadeira com Nicholas. Ele não era o tipo de homem que daria o coração a uma única mulher. O amor era um jogo para ele, uma aventura. Ele satisfaria os desejos carnis de uma mulher além de sua imaginação mais selvagem, disso ela não tinha dúvida. Mas ele não poderia sentir nada mais profundo.

E sem nenhum sentimento para amarrá-lo, quanto tempo precisaria até que sua louca necessidade de se aventurar tomasse conta dele? Até que o alerta de perigo o tirasse do seu lado? Até que ele a deixasse sozinha e com o coração partido?

Não, Aurora lembrou-se disso enquanto uma grande tristeza apertava seu coração. Não havia nenhuma chance de ter filhos com Nicholas...

Ela recuperou o fôlego de súbito, lembrando-se da questão inacabada entre eles. Nicholas estava lá, em sua cozinha, porque ela o havia convidado para dividir a cama. Oh, céus!

De repente, a atmosfera foi preenchida com uma nova tensão. Quando seus olhos a acariciaram, Aurora mexeu-se em sua cadeira, perturbada com sua leitura sombria.

Sua decisão de mantê-lo afastado havia destruído a noite. Subitamente, ficou feliz que Harry houvesse chegado naquele momento. Ainda que representasse um problema — e fosse outro homem inesperado em

sua vida —, ele a havia salvado de cometer outro erro irremediável.

— Acho que você deveria ir — murmurou, sua voz subitamente rouca.

— Você não achava isso uma hora atrás.

— Uma hora atrás eu sofria do impacto da lua cheia. E não sabia que Harry fugiria de casa e procuraria abrigo aqui.

— Então você está tentando esconder-se atrás dele. — Não foi uma pergunta. — Usá-lo como uma desculpa conveniente para negar o desejo que sente por mim.

— Não, Nicholas.

— Sim, você está se enganando, Aurora. Enganando-se sobre o que realmente quer.

— Isso não é verdade. Fui imperdoavelmente imprudente esta noite. — Aurora balançou a cabeça. — Tenho de pensar em minhas responsabilidades. Tenho um dever em relação a Harry. Seu irmão está morto e Geoffrey ia querer que eu tomasse conta do menino.

Quando Nicholas a observou firmemente, ela continuou, na defensiva; — Seria desleal à memória de Geoffrey ter qualquer intimidade com você esta noite. Nunca deveria ter esquecido o aniversário de sua morte. É imperdoável de minha parte.

A boca de Nicholas comprimiu-se.

— O que é imperdoável de sua parte é você se enterrar no passado dessa forma. Você deve esquecer seu ex-noivo, Aurora, e continuar com a sua vida.

Ela desviou os olhos.

— Não é fácil se esquecer da morte de alguém que você ama. — Sua voz diminuiu, tornando-se um murmúrio. — Você não poderia conceber o quanto sofri ao perder Geoffrey. Ele era mais do que meu noivo. Ele era um amigo querido, alguém que eu tinha amado desde o berço. E após perder minha mãe... — ela engoliu a frase abruptamente, a garganta apertada com a memória. Nicholas jamais entenderia a fúria da perda, a sensação de desolação e impotência, a insuportável solidão que ela sentira ao perder Geoffrey.

Tinha ficado devastada quando sua amada mãe sucumbiu a uma epidemia de gripe. Geoffrey fora seu consolo, ele a confortara e ajudara a aliviar a angústia. E depois ele também morreu. Foi tão injusto vê-lo sucumbir tão jovem. Mas, então... ela aprendeu a futilidade que era lutar contra o destino.

Forçando-se a ignorar a dor, como sempre fazia, Aurora levantou-se subitamente.

— Não pretendo discutir isso com você, Nicholas. Acredito que você saiba onde fica a saída.

Ela se virou para sair, mas a suave voz dele a deteve.

— Aurora.

Ela não ia olhar para ele. Ela ouviu-o arrastar a cadeira e sentiu sua proximidade assim que ele ficou atrás dela. Seus braços a cercaram, apertando-a levemente.

— Não me afaste — disse ele, com o rosto no cabelo dela.

Sua garganta se apertou. Um calor pulsava nela, enquanto o desejo aumentava como a ânsia de chorar.

Enquanto ele a puxava para mais perto de seu corpo musculoso, ela lembrou-se novamente de como poderia ser perigoso ter qualquer relação com Nicholas. O violento desejo que sentia por ele era uma dor ardente dentro dela. Não queria que ele soubesse, não queria afastá-lo, e, ainda assim, um desesperado impulso de autopreservação dentro dela clamava, avisando-a para que se salvasse.

— Eu me enganei ao convidá-lo para vir aqui — ela suspirou. — Não quero mais essa intimidade

com você. Eu não posso.

— Por que não? — Levantou sua mão a fim de segurar o seio dela, a forma preenchendo sua mão. — Nós somos marido e mulher. Não precisamos de permissão para nos tornarmos amantes.

— Com que finalidade? — A voz dela estava rouca. — Prazer momentâneo?

Ele hesitou por um longo momento.

— O que há de errado com prazer momentâneo?

Ela fechou os olhos. Podia sentir a respiração quente em sua face, a mão segurando sensualmente seu seio, e teve de segurar um gemido.

— Você, Nicholas — ela disse asperamente. — O que há de errado é você. Você é o último homem que eu voluntariamente escolheria como amante. Eu não poderia aguentar o surgimento de qualquer afeto por um homem que arrisca a própria vida por pura diversão. Eu já tive minha cota de mortes. Primeiro minha mãe, depois Geoffrey... Eu não posso me deixar machucar por esse tipo de dor novamente.

— Eu não estou pedindo que você faça isso.

— Você *está*. Você me acusou de esconder meus sentimentos. Talvez eu o faça, mas é menos doloroso dessa forma.

— Menos doloroso, sim, mas infinitamente menos satisfatório. — A voz dele era um rouco sussurro. — Você realmente quer passar a vida sem experimentar os prazeres, os triunfos? Qual é o sentido de viver se você se isola de tudo que dá sentido à vida? Isola-se da aventura, do desejo, da paixão?

Quando ela não respondeu, ele pressionou a boca contra o cabelo dela.

— Será que você consegue manter-se tão firme, Aurora? Será que você consegue negar seus próprios desejos? Será que você é tão forte assim?

Ele falava de cada desejo proibido que ela já sentiu. Desesperada, Aurora sacudiu a cabeça. Ela tinha de resistir, de lutar contra aquele desejo traiçoeiro de tê-lo. Render-se a esse desejo seria loucura, e apenas provocaria sofrimento. Ela já nutria sentimento demais por ele. Nicholas já a havia aprisionado com seu feitiço.

Tinha de acabar com isso agora, antes que fosse tarde demais.

— Você está errado — disse ela, quase implorando. — Eu não quero paixão. Só quero ficar sozinha.

— Não acredito nisso. Eu me lembro da mulher cativante que você foi em nossa noite de núpcias. Não vou deixar que esqueça a amante insaciável que você foi naquela noite.

— Nicholas, por favor... apenas... saia.

Em resposta, ele a girou lentamente para encará-la, os braços gentilmente colocados em sua cintura, mantendo-a refém, os olhos atentos, sérios e decididos. Ela o fitou impotente, perdendo-se em seu olhar.

— Aurora... — A palavra era um esboço sensual de um suspiro.

Então ele abaixou a cabeça.

Aurora gemeu baixo em protesto enquanto empurrava o peito dele com as mãos. Ela não queria seus beijos... não queria a sensação de seus lábios quentes se movendo nos dela, render-se a ele e sentir sua respiração em sua boca. Não queria levantar os braços e passar os dedos pelo seu cabelo, sentir aquela fome intensa que só ele conseguia provocar nela...

O beijo intensificou-se, tornando-se mais passional e urgente, enquanto seus braços apertavam-na mais. Aurora gemia baixo, sentindo prazer. Ela estava sutilmente ciente do corpo dele, da rígida evidência de seu crescente desejo pressionando-a. Ouvia sua respiração tornando-se mais irregular e

intensa enquanto a boca dele invadia a sua.

A excitação tomava conta dela diante da promessa de prazer que ele oferecia. Ele a queria. E, que os céus a ajudassem, ela também...

Naquele momento, ela ouviu passos na escada que levava à cozinha. Uma sensação de urgência percorreu Aurora, dando-lhe forças para escapar do abraço proibido.

Ela estava do outro lado do cômodo, com o coração batendo erratically, o corpo ainda vibrando com as turbulentas sensações, quando Danby apareceu.

— O jovem lorde March está recebendo os devidos cuidados, minha senhora — o mordomo a informou. — Há mais alguma coisa que a senhora deseja?

Aurora debateu-se contra seus sentidos amortecidos pela paixão.

— Sim, Danby — ela falou com a voz trêmula. — Você poderia acompanhar o senhor... Deverill até a porta? Ele já estava saindo.

Sem olhar uma segunda vez para Nicholas, ela fugiu.

Observando-a, Nick rangeu os dentes, controlando-se para não segui-la. Ele realmente não desejava deixá-la ir. Mas talvez tenha sido um feliz acaso que tivessem sido interrompidos, pois ele talvez não tivesse parado de beijar Aurora até estar dentro dela. Ele estivera tão cego de desejo que a teria possuído ali mesmo, na cozinha.

Foi só quando estava em seu cabriolé retornando para o hotel que ele teve tempo para refletir sobre seus desejos vorazes.

Teve dificuldade para explicar o poder que Aurora tinha sobre ele. Nunca havia encontrado outra mulher cujo toque produzisse tão intenso desejo nele. O que ela tinha que a fazia tão sedutora?

Ela era bela, isso era verdade. Possuía uma sedutora combinação de beleza e perspicácia, inteligência e graça, que ele raramente achava em uma mulher. A resistência dela à sua corte também a tornava única.

Sem dúvida, ele era motivado pelo desafio que ela representava. Não apenas a natureza competitiva dele o compelia a tentar vencer a batalha de ego entre os dois, mas tê-la por perto, ainda que sem poder tocá-la, era um prazeroso inferno sexual que atiçava cada instinto masculino dele.

Mas o que ele sentia ia além de qualquer competitividade ou desejo. Sem perceber, ele se tornara escravo de seu desejo. Do desejo de tê-la por completo.

Ele estava brincando com fogo, sabia bem, mas nunca antes estivera tão disposto a queimar-se.

Na boca de Nick formou um sorriso irônico. Seus amigos e familiares ficariam surpresos ao descobrir o quanto ele estava apaixonado por uma mulher — justo sua própria esposa. Mas se ele desejava Aurora tão intensamente porque ela o havia enfeitiçado ou porque continuava a negar-se, mais do que nunca ele não estava disposto a simplesmente ir embora.

O que começou como uma solução prática para cumprir um dever imposto pelo pai e poder aproveitar da melhor forma possível um casamento indesejado tornou-se uma necessidade vital. Quanto mais conhecia Aurora, mais a queria como esposa.

Não estava errado sobre ela. Aurora possuía um espírito selvagem aprisionado que desejava a liberdade. Suas requintadas demonstrações daquela noite no parque haviam provado isso. Sua ousadia momentânea o surpreendeu e encantou, dando-lhe um selvagem alívio que o deixara temporariamente saciado.

Seu triunfo durou pouco, no entanto.

Lembrando-se, Nicholas revoltou-se. Vê-la envolta em sua crisálida de autoproteção logo após o

enfureceu. Ele queria fazê-la compreender. E quando ela falara tão docemente do amor que sentia por seu falecido noivo, ele teve vontade de quebrar alguma coisa.

Ao lembrar-se disso, um intenso ciúme tomou conta de Nicholas. *Ele tinha ciúme de um homem morto.* O fato de ela enaltecer o falecido, grande Geoffrey, lorde March, era revoltante. Mas, até que ela superasse as memórias de March, nunca conseguiria seguir com a própria vida... ou entregar-se a qualquer outra pessoa. Para ele.

Nick apertou os dentes severamente. Estava acostumado a resgatar donzelas em perigo, mas normalmente o perigo era tangível. Dessa vez, porém, teria de salvar Aurora de si mesma.

Ele a teria como mulher... e a faria esquecer que já havia amado outro homem.



*Ele deixou suas intenções claras; estava determinado a me possuir — de corpo e alma.*

Contrariamente às esperanças de Aurora, a chegada do jovem Harry a Londres não a ajudou muito com relação ao seu dilema: como evitar seu persistente e indesejado marido. Em vez disso, a visita de Harry só deu a Nicholas uma desculpa para tentar mais intimidade. Ele aparecia em sua casa com frequência, na maioria das vezes com o pretexto de entreter Harry e levá-lo para conhecer as atrações de Londres.

A camaradagem quase instantânea entre os dois era motivo de desalento para Aurora. Nicholas havia conquistado totalmente o garoto com suas histórias sobre o mar e a vida de marinheiro, e também com suas doses liberais de charme. Dessa forma, ela sentia-se relutante em desapontar Harry ao proibir a entrada de Nicholas em sua casa.

Frequentemente, ela até se sentia grata por sua intervenção. Não era tarefa fácil manter um menino de dez anos cheio de energia ocupado o tempo todo. Ela levava Harry consigo em suas cavalgadas matinais no parque, mas isso não aliviava em nada sua sede por aventura. Ele queria ver o mundo, começando com cada polegada de Londres.

Felizmente — ou infelizmente, pelo bem da convenção —, Raven tornou-se sua amiga, e os dois podiam ser facilmente vistos cavalgando pelo parque como índios selvagens. Aurora mal podia ralar, já que ela mesma havia instigado as cavalgadas matinais.

Mesmo os galopes selvagens não podiam ser comparados ao entretenimento que Nicholas proporcionava ao garoto. Harry tinha voltado para casa uma vez de olhos arregalados e extremamente animado após visitar o Exeter Exchange (para ver os tigres) e o Egyptian Hall (em Piccadilly), que atiçou ainda mais sua curiosidade sobre a África e as Américas. Três dias depois, ele teve dores no estômago por comer muito pão de gengibre em uma feira local que haviam visitado, com mágicos, acrobatas e contorcionistas.

Ao ouvir as acusações de Aurora sobre estar induzindo o menino a péssimos caminhos, Nicholas recomendou que não se preocupasse.

— Obviamente eu me preocupo — respondeu. — Sou responsável por ele.

— Não permitirei que ele se machuque. Prometo.

Ela teve de se conformar com aquilo, mas não havia dúvidas de que Nicholas andava encorajando Harry a testar suas asas, ou que o garoto agora o via como um herói. Raven acompanhou-os ao Anfiteatro

Real de Astley, em um espetáculo de acrobacias em cima do cavalo. No dia seguinte, Harry tentou uma façanha similar com o cavalo e caiu de sua montaria, terminando com o joelho ralado e o queixo machucado.

Aurora demonstrou preocupação, mas Nicholas lembrou-lhe que joelhos ralados eram normais na infância. Quando ela ia continuar a protestar, ele a advertiu a não tentar colocar freios demais no menino, ou ele se sentiria sufocado como ocorria quando estava com sua mãe.

Mesmo assim, ela não gostava do fato de Nicholas estar incentivando a rebeldia do garoto.

A gota d'água foi a visita ao Burford's Panorama, na avenida Castle, que oferecia murais, entre outras coisas, das vitórias do almirante Nelson no Nilo. Tudo que Harry conseguia falar, depois do episódio, era sobre ir para o mar.

— Acho que talvez seja melhor você parar de levá-lo para ver essas atrações — Aurora disse a Nicholas durante sua cavalgada matinal no dia seguinte.

— Por quê?

— Porque Harry é um garoto impressionável. Tenho medo de pensar em que tipo de lições selvagens ele está aprendendo com você.

— Eu dificilmente chamaria uma exposição de hieróglifos egípcios de “selvagem”.

— Não são as atrações, mas a sua companhia o que me preocupa. Você não é nem de longe a melhor influência, Nicholas.

— *Brandon*, por favor, querida.

Aurora ergueu os olhos aos céus.

— Incomoda-me o fato de Harry estar tão ligado a você. Não gosto de pensar em como ele ficará desapontado quando você partir. — *Ou como ela mesma se sentiria.* — Ele o tem como um herói em razão de todas as suas aventuras.

— Pelo que entendi, não me comparo em nada ao seu irmão em termos de aventura. De acordo com Harry, seu Geoffrey era um espião.

Aurora balançou a cabeça.

— Harry está muito enganado. Geoffrey era o último homem que se envolveria com espionagem.

— Por que você diz isso?

— Ele era intelectual demais. Sempre estava com o nariz metido dentro de algum livro.

— Ele me parece ter sido bem entediante.

A acusação a aborreceu, e ela desviou o olhar com desgosto. Mal havia pensado em Geoffrey desde a chegada de Nicholas à Inglaterra.

Uma dor profunda tomou conta dela por perceber isso, assim como um grande sentimento de culpa. Como ela pôde ter sido tão desleal à lembrança de Geoffrey? Ela o havia conhecido a vida toda, mas mal podia se lembrar dele agora; sua imagem estava encoberta pela presença vital de Nicholas.

Comparado a Nicholas, ele era apenas uma sombra.

Aurora mordeu os lábios, determinada a compensar sua deslealdade.

— Geoffrey era um ótimo homem, sim — respondeu —, e *bondoso*. Ele nunca deixaria a casa ou a família para arriscar a vida pela simples emoção que isso traria. Diferentemente de outras pessoas que conheço — acrescentou com um tom grave na voz.

— Como eu disse... bem *entediante*.

Aurora estremeceu e Nicholas apenas sorriu e acenou com a cabeça em direção a um canteiro de árvores perto do Serpentine.

— Aposto que seu querido Geoffrey nunca teria pensado em trazê-la aqui ou que você o teria servido tão maravilhosamente se ele tivesse.

Ela percebeu que estavam passando pelo ponto a que Nicholas a trouxera na outra noite e enrubesceu. Quando o olhou, porém, a luz endiabrada em seu olhar havia desaparecido, assim como o resto do mundo.

Aurora congelou, enredada pela intensidade silenciosa do olhar dele. A tensão crua que havia tomado conta de sua pele havia retornado em um segundo com a força de um sopro... junto com outra perigosa emoção.

*Desejo.* Ele fervia dentro dela, lenta e incontrolavelmente, com um simples olhar.

Nas duas últimas semanas ela havia feito o possível para fingir indiferença e ignorar o forte desejo que Nicholas despertava nela. Mas as sensações ainda estavam intensamente vivas, ardendo em chama entre eles.

Aurora percebeu que em algum momento ela teria de encará-lo. Todavia, não estando disposta a lidar com o assunto naquele momento, ela desviou o olhar.

Mas sabia que aquela situação entre os dois não poderia continuar por muito tempo.



Mesmo com Harry para protegê-la, a perseguição de Nicholas não dava sinais de diminuir, e isso deixava Aurora em um estado de eterno conflito. Ele estava virando sua vida de cabeça para baixo, como ela temia, destruindo o equilíbrio que lhe havia custado tanto. Ela ficava consternada só de pensar em como era vulnerável a ele.

Mais consternador ainda era lembrar o perigo a que estava exposto. Na tarde seguinte, Aurora foi rudemente lembrada de como a situação de Nicholas era precária: ela recebeu uma carta do primo Percy, de São Cristóvão, perguntando se havia tido notícias de Nicholas.

Aurora devorou o conteúdo da carta fervorosamente, que dava a entender que pelo menos uma de suas correspondências anteriores havia sido extraviada.

*Como escrevi da última vez, concluí que os rumores sobre Nicholas ainda estar vivo são verdadeiros. Não somente existem testemunhos de que ele foi visto no Caribe depois de seu suposto afogamento, mas também ontem fui interrogado por oficiais navais que procuravam o capitão Sabre.*

*Se Nicholas estiver mesmo vivo, minha querida, você deve se preparar para um escândalo, porque oficialmente ainda será sua esposa. Agora lamento profundamente ter lhe arranjado esse casamento...*

Percy também se desculpou por enganá-la sobre o enforcamento.

*Nick pensou que seria melhor poupá-la do trauma de assisti-lo morrer. E, ciente da dor que você havia sentido recentemente com a morte de seu noivo, concordei.*

Não era a mentira de Percy que a alarmava, contudo. Era saber que em pouco tempo o mundo saberia que o condenado com quem ela havia se casado ainda era um fugitivo da justiça naval britânica. Seus dedos apertaram a carta. Ela não podia deixar aquela situação continuar. Aterrorizava-a o risco que Nicholas corria de ser capturado e morto por persegui-la. Ela tinha de lhe mostrar o bom senso, convencendo-o a deixar a Inglaterra.



Ela fez uma tentativa cuidadosa no dia seguinte, durante a cavalgada matinal. Havia começado mais tarde que o normal porque o cavalo de Harry machucara a pata e teve de ser substituído. Quando Aurora e Harry finalmente chegaram, o parque já estava lotado de governantas e crianças pequenas. Aurora juntou-se a Nicholas e Raven para uma tranquila cavalgada pela Rotten Row, enquanto Harry acelerava com seu cavalo e cavalariaço logo atrás. Raven, dessa vez, preferiu os bons modos à aventura, fazendo Aurora segurar sua língua e esperar o momento certo para uma conversa particular com Nicholas.

Pouco tempo depois, eles encontraram uma carruagem aberta, da qual saía um casal elegante com uma criancinha. Aurora desesperou-se ao reconhecer o barão e a baronesa Sinclair. Damien Sinclair, antes conhecido como “lorde Sin”, tinha sido um dos maiores libertinos da Inglaterra, presidente da Liga Fogo do Inferno antes de seu casamento. Havia toda a chance de que ele pudesse reconhecer Nicholas.

Aurora tinha esperança de passar por eles sem ser percebida. Admirava muito a esposa de lorde Sinclair, Vanessa, já que haviam feito amizade durante a apresentação de Aurora à sociedade alguns anos atrás, mas ela não queria ser vista no momento.

Ao passarem pela carruagem, contudo, Vanessa Sinclair a observou e cumprimentou calorosamente. Incapaz de fingir que não reconhecia a amiga, Aurora apertou as rédeas do cavalo.

Lorde e lady Sinclair eram um casal notável. Sua filhinha, Catherine, tinha cerca de dezoito meses e já chamava a atenção tanto quanto eles, tendo herdado o cabelo negro do pai e os olhos escuros da mãe.

Com grande relutância, Aurora apresentou seus acompanhantes e ficou apreensiva quando Sinclair olhou para Nicholas curiosamente. Ela sentiu-se aliviada quando a criança agitou-se nos braços do pai, apontando em direção ao lago e gritando:

— Pato! Pato!

— Nós estamos ensinando Catherine a alimentar os patos — disse Vanessa, rindo.

— Se vocês puderem nos dar licença — Sinclair disse, com o sorriso sensual que já havia partido metade dos corações femininos da Inglaterra. — Aprendi que é melhor nunca deixar uma dama impaciente esperando.

Antes de Vanessa virar-se, desculpou-se com Aurora por não ter mandado notícias recentemente.

— Nas últimas duas semanas estivemos no interior, mas, se você estiver livre alguma tarde desta semana, ficarei feliz em visitá-la.

— Eu ficaria muito contente; espero que traga Catherine.

Vanessa sorriu pelo interesse em sua filha.

— Com certeza. Foi um prazer conhecê-lo, senhor Deverill.

— Igualmente, minha senhora — Nicholas respondeu, tirando o chapéu de castor.

Aurora conseguiu respirar melhor depois que eles partiram, mas lançou a Nicholas um olhar acusador.

— Sinclair pareceu reconhecer você.

— Não é de surpreender. Eu o vi várias vezes, muitos anos antes de seu casamento, durante uma semana de caça no campo.

— Ouvi dizer que ele era um devasso completo — disse Raven, pensativa.

— Ele era — Nicholas reconheceu. — Mas, de acordo com Clune, Sinclair está totalmente apaixonado por sua esposa agora.

— Dá para ver pelo jeito que ele a olha — Raven respondeu suavemente.

Aurora percebeu o tom melancólico na voz dela, assim como Nicholas, aparentemente.

— Nunca é tarde demais para reconsiderar suas aspirações matrimoniais, querida. Você não tem de se casar por dinheiro. Pode se dar ao luxo de ter quem você ama — ele disse.

Raven balançou a cabeça inflexivelmente.

— Eu ficaria contente com um título. Falando nisso, aí vem Halford.

Raven abriu um sorriso brilhante e avançou com seu cavalo para alcançar o ex-pretendente de Aurora, o duque de Halford.

Aurora ficou tensa com sua aparição e observou como ele ficou surpreso com o cumprimento caloroso de Raven. Então olhou para Aurora e seu olhar tornou-se frio.

Involuntariamente, Aurora estremeceu, encolhendo os ombros ao pensar em como escapou por pouco. Se não fosse pelo seu casamento com Nicholas, a essas horas ela estaria planejando sua noite de núpcias com Halford.

Seu olhar passou por ela e se deteve em Nicholas, que recebeu o olhar inflexível com certa diversão.

— Estou honrado — Nicholas murmurou para Aurora — que você escolheu a mim em vez dele.

Antes que ela conseguisse pensar em alguma resposta, Halford voltou sua atenção novamente para Raven. Seu semblante ficou mais leve, e ele pareceu dizer algo que a fez rir.

Aurora franziu o cenho ao ouvir a risada charmosa de sua amiga. Ela não gostava de ver Raven dando-se tão bem com o duque, visto que ele ainda procurava por uma esposa.

— Ela sabe o que faz — Nicholas disse, como se lesse seus pensamentos.

Aurora balançou a cabeça. A maioria das moças em idade de casamento consideraria Halford material de primeira qualidade, mas ela nem queria pensar no que a frieza dele causaria em alguém com um espírito tão jovial quanto Raven.

— Eles não seriam nem um pouco compatíveis.

— Mas você pode não ser a pessoa mais qualificada para julgar pretendentes, considerando o estado de seu próprio casamento.

Nicholas observava-a. Aurora percebeu que o entusiasmo dele havia desaparecido.

Sua seriedade fez com que ela lembrasse da gravidade de sua situação e do que precisava dizer urgentemente a ele.

— Tive notícias de Percy ontem — comentou. — O Caribe inteiro já sabe que você escapou do enforcamento.

— Eu já esperava isso.

— Nicholas... — Ela respirou fundo, buscando paciência. — É só uma questão de tempo até que alguma autoridade descubra sua verdadeira identidade. Por favor, você pode parar de arriscar sua vida e voltar para a América, onde estará a salvo?

— Eu consideraria a possibilidade, certamente.

— Consideraria? — Seus olhos buscaram os dele.

— Sim — Nicholas respondeu lentamente. — Eu partiria amanhã mesmo, dadas certas condições.

— E quais seriam?

— Que você viesse comigo. Como minha esposa.

Ela o observou por algum tempo. Agora ele estava sério. O trapaceiro charmoso havia sumido. Em seu lugar emanava toda a intensidade que ela havia percebido nele quando se conheceram, quando sua

vida estava em jogo.

— Achei que havíamos chegado a uma conclusão sobre esse assunto.

— Não, nunca concluímos nada. Havíamos concordado em viver separados por enquanto. Mas, desde então, venho reconsiderando o acordo.

Era exatamente o que ela havia temido.

— Não tenho a mínima vontade de discutir nosso casamento — murmurou, desejando nunca ter começado aquela conversa.

— Ignorar não o fará desaparecer — ele disse.

Aurora fechou os olhos, sabendo que era inútil tentar argumentar com Nicholas em público.

— Muito bem, discutiremos o assunto então.

— Quando?

Ela evitou seu olhar.

— Esta noite. Venha até a minha casa.

— No seu quarto?

Ela concordou com a cabeça, relutante.

— É o único lugar em que podemos ter privacidade. Deixarei a janela aberta.

Querendo escapar, Aurora avançou com o cavalo com a intenção de intervir no flerte sem sentido de Raven, mas seus pensamentos continuaram com Nicholas e sua revelação catastrófica.



Aurora caminhava pelos seus aposentos, cada nervo que possuía em alerta. Mais um olhar no relógio indicou que a meia-noite já se aproximava e Nicholas ainda não havia aparecido.

Ela já havia tentado ler, primeiro uma revista e depois o diário, mas estava agitada demais para se concentrar. Sua mente estava confusa, preparando argumentos para usar na disputa que se aproximava. Tinha de convencer Nicholas de que não queria ser sua esposa, de que abominava o simples pensamento de viver sob o comando de um marido feito ele. Fazia pouco tempo que tinha conseguido assumir o controle de sua vida, de seu próprio destino. E agora ele ameaçava tirá-lo dela.

Não aceitaria fracassar. Colocaria um fim nesse constante estado de tumulto que a afligia desde a chegada de Nicholas à Inglaterra.

Ela não tinha ilusões de que seria fácil; nada relacionado a Nicholas era fácil. Precisaria de toda a força de vontade para resistir à sua influência e persuadi-lo a voltar para a América sem ela.

E se seus argumentos falhassem?

Aurora observou sua imagem no espelho de corpo inteiro.

*Então ela daria a ele o que ele queria. Seu corpo.*

Preocupada, continuou a observar-se no espelho. Sob a luz fraca, a mulher que surgia era quase uma estranha, de aparência corada e o cabelo loiro caindo sobre os ombros em total desalinho, mas eram suas vestes que pareciam estranhas. Ela vestia um robe feito de brocado azul profundo e nada mais.

Ela podia sentir o tecido tocando seus seios nus, criando um atrito erótico. Talvez tudo aquilo fosse um erro.

Aurora assustou-se quando ouviu um ruído atrás de si. Seus nervos tiniam, e lá estava Nicholas, do

lado de dentro de sua janela, a observá-la com o semblante impenetrável.

Quando seu olhar caiu sobre a camisola dela, demorando-se em seus seios, ela juntou as lapelas tentando cobrir-se.

— Não estou certa de que essa discussão faça sentido, Nicholas — Aurora começou, reunindo coragem. — Disse-lhe semanas atrás que não tenho vontade de ter um casamento permanente.

Ele avançou pelo quarto e apoiou o ombro na cabeceira da cama.

— Semanas atrás você ainda estava em choque por eu estar vivo. Eu não a pressionei então, porque pensei que você precisasse de mais tempo para pensar.

— Bem, eu pensei. E meus sentimentos não mudaram.

— Mas os meus mudaram — ele disse suavemente.

— Não consigo imaginar por quê.

— Porque eu a conheci melhor.

Ela se afastou do olhar sensual e começou a andar pelo quarto novamente, de um lado para o outro.

— Acho que nosso casamento poderia dar certo — Nicholas disse finalmente, observando sua agitação.

— Não vejo como.

— Aurora... por que você se opõe tanto a aceitar ser minha esposa?

— Há tantas razões que eu não sei bem por onde começar.

— Diga uma.

— Muito bem. Pela primeira vez em minha vida, estou livre para viver como quiser. Por que eu iria desistir disso?

— Porque você pode encontrar algo melhor.

Ela o observou.

— Melhor? O que poderia ser melhor do que ter independência?

A boca dele se abriu em um sorriso sarcástico. Uma vez ele já havia se sentido da mesma forma.

— Se você realmente quisesse independência, meu amor, não hesitaria em ir comigo para a América. Você terá bem mais independência lá do que aqui em sua sociedade rígida e refinada.

— Não como sua esposa, Nicholas. Uma esposa não tem direitos, nem aqui nem na América. Eu vivi sob o domínio de meu pai toda a minha vida. Não vou passar por isso novamente.

Ele franziu o cenho ao ouvir aquilo, sentindo-se desgostoso com a comparação.

— Não creio ser nada parecido com o seu pai.

— Não? Você é tão dominador quanto ele. E acho que você também pode ser tão desumano. Você faria qualquer coisa para conseguir o que quer.

— Não tenho nenhuma intenção de dominá-la. Se tivesse, teria obrigado você a retornar comigo de uma vez. Nunca teria lhe dado a escolha com relação ao nosso casamento.

— Não parece estar me dando nenhuma opção agora.

— Lógico que estou. Não a obrigarei a ser minha esposa.

Ela suspirou aliviada.

Nick hesitou, sem saber como tranquilizá-la.

— Acho que você tem uma visão muito obscura de como as coisas seriam entre nós. Seu medo é quase

irracional.

O comentário a fez parar.

— Não é nem um pouco irracional. Se eu acompanhá-lo até a América, só poderia contar com você. Ficaria completamente dependente de você. O que aconteceria quando você achasse a vida comigo calma demais? Quando fosse dominado pela ânsia de se aventurar? Eu ficaria sozinha em um país estrangeiro.

— Eu já disse que pretendo constituir família.

— E por quanto tempo suas boas intenções vão durar? Quanto tempo antes de você ser seduzido pela promessa de aventura e perigo? O que vou fazer então? — Ela virou-se para encará-lo diretamente, o olhar suplicante. — Está me pedindo para pôr em risco *tudo que tenho* para ir com você, Nicholas. Como posso confiar tanto assim em você?

A pergunta fez Nicholas titubear, e ele só conseguiu olhá-la. Os olhos dela eram azuis e profundos como o oceano.

— Você está se concentrando apenas nas possíveis desvantagens — disse ele finalmente. — Talvez devesse considerar as vantagens.

— Eu as *considerarei*, e não há dúvidas. Minha vida aqui pode ser sem graça, mas ao menos sei o que esperar. — Aurora balançou a cabeça. — Além disso, mesmo que quisesse ir com você, tenho responsabilidades. Raven... Harry...

— Tenho duas irmãs que poderiam se beneficiar de seus conselhos.

— E a sua mãe? Ela pode não aceitar outra mulher na casa dela.

Aquela preocupação não tinha fundamentos, Nick sabia.

— Minha mãe não seria um problema. Em primeiro lugar, tenho minha própria casa, que construí para ser independente de minha família. E em segundo, ela ficaria feliz em ter uma nova filha, já que sempre sonhou em me ver casado.

Quando Aurora não respondeu, ele adicionou com sinceridade:

— Se você está preocupada em deixar seus cavalos, temos excelentes cavalos na Virgínia. Você pode comprar um estábulo inteiro para você. E tenho centenas de acres onde você pode cavalgar até se cansar.

Erguendo a mão, Aurora massageou a têmpora como se estivesse com a cabeça doendo.

— Isso não é sobre mim na verdade. É sobre você. Sobre o tipo de homem que você é. Não percebe o que está fazendo? Está tentando me salvar daquilo que, na sua visão, me atormenta. Você quer me salvar porque é parte da sua natureza. Não consegue evitar.

— Há mais coisas em jogo do que minha natureza — Nick respondeu.

— Há? Acho que sua essência é a raiz desse problema. — Ela hesitou. — Você pretende ser fiel a mim, Nicholas?

Ele não respondeu imediatamente.

Ela sorriu debilmente.

— Essa é uma pergunta razoável. Como vou saber que não encontrará outra mulher que despertará seu interesse? Você me deseja agora, mas como posso garantir que me desejará daqui a dois anos, ou até mesmo dois dias?

Desviando o olhar, Nicholas ponderou sobre as perguntas. Ela estava pedindo mais que fidelidade no casamento, ele sabia; estava pedindo que ele ficasse ao lado dela para sempre.

Estaria disposto a se comprometer tanto com Aurora? Dar-lhe sua vida?

— Você não me ama — ela disse calmamente no silêncio. — Eu nem tenho certeza se você sabe o que a palavra significa.

— E você sabe?

— Sim, eu sei. O amor é gentil, delicado e caridoso. É rir juntos, se sentir confortável e íntimo. Compartilhar pensamentos, interesses comuns. É uma sensação cálida no coração... Você não pode dizer que sentiu isso por mim.

— Você se esquece da paixão.

— Talvez, mas a paixão é uma fundação muito fraca em que basear um casamento. Não duvido que você sinta desejo por mim, mas é puramente carnal. Amor não é desejo.

Ele a olhou nos olhos diretamente.

— Você está dizendo que nunca poderia se importar comigo?

Ela hesitou.

— Estou dizendo que seria tola se me importasse. Eu não quero chorar novamente, lamentar quando você morrer. E é certo que um dia serei forçada a fazê-lo, que você sairá para uma de suas aventuras e nunca voltará para casa.

— Não posso prometer que não morrerei, Aurora. Ninguém pode prometer isso.

— Não. Mas pode tentar manter-se vivo. Você insiste em arriscar sua vida e não me ouve quando imploro para que deixe a Inglaterra. — Ela procurou o rosto dele. — Você partirá, Nicholas?

O silêncio tornou clara para ela a resposta dele.

Aurora respirou profundamente.

— Pois bem, então. Eu darei o que você deseja.

Os dedos dela se moveram na direção da faixa ao redor da cintura. Quando ela hesitou, os olhares se encontraram. Afrouxando o nó, ela deixou o robe cair dos ombros.

Ela ouviu a inspiração súbita de Nicholas enquanto revelava sua nudez sob a fraca luz da lamparina.

— O que você está fazendo, Aurora? — ele perguntou com a voz falhando.

— Deixando você vencer. Se eu lhe der meu corpo, então talvez você me deixe em paz.

Ele cerrou os dentes, como se estivesse sofrendo.

— Eu não vim aqui para isso.

— Não? Não era isso que você queria por semanas? Um prazer momentâneo?

— O que eu quero é você como minha esposa. — Ele deu um sorriso débil que não alcançou seus olhos. — Se eu quisesse apenas sexo, poderia consegui-lo de inúmeras outras formas.

O olhar dele permaneceu solene enquanto se movia na direção dela.

— Eu quero de você mais do que sexo, Aurora. Eu quero você me desejando, faminta por mim. Quero que você me dê seu corpo porque não consegue resistir a isso. Não porque você acha que deve me agradar ou me subornar.

A respiração dela vacilou quando o encarou.

— Eu... não desejo você, Nicholas — ela mentiu.

— Não?

Levantando a mão, ele tocou sua garganta, deslizando um dedo na direção dos seios. O coração dela bateu intensamente quando ele roçou um dos mamilos enrijecidos.

— Você não é tão indiferente quanto clama — ele murmurou calmamente.

Ele se virou e se dirigiu para a janela. Sem outra palavra, desapareceu na noite, deixando-a lá, atônita.

Nicholas tinha conseguido confundi-la mais uma vez.

Tremendo, Aurora se abaixou para pegar o robe e cobrir sua nudez, e então se dirigiu até a cama, sentando-se. Ela havia perdido outra vez.

Nicholas estava certo. Ela não conseguia ser indiferente a ele. Nem um pouco. As intensas emoções que ele provocava nela eram assustadoras. A inquietação selvagem que ela sentia era alarmante. Foi só tocá-la para provar o poder que ele exercia sobre ela.

Aurora tremeu. Nicholas havia perguntado se ela seria capaz de se importar com ele. Ela se importava demais, esse era o problema.

Essa razão sozinha era motivo de seu receio de tê-lo como marido, mesmo ignorando a questão do controle ou as grandes diferenças entre eles. Seria uma infantilidade imperdoável se ela se permitisse amar um homem que corria o risco de morrer a qualquer momento.

A tristeza quando ela imaginou Nicholas morto havia sido profunda e cortante — e ele era praticamente um estranho para ela. Quanto ela ficaria devastada caso aprendesse a se importar com ele? Caso ela aprendesse a desejar o toque dele?

E se ele a deixasse? Ele não havia conseguido jurar fidelidade até agora; não havia respondido às perguntas dela.

Nicholas era um homem passional. Era possível que desenvolvesse algum desejo por outra mulher, como seu pai fizera. Ele a deixaria para seguir seu coração — ou, se realmente honrasse os votos de casamento, ficaria amargurado por ela aprisioná-lo? Ele seria tal como o pai, preso ao mesmo sofrimento?

Aurora estremeceu com esse pensamento. Não poderia fazer isso com Nicholas, ou com ela mesma. Não, seu medo não era de todo irracional.

Seu olhar encontrou o diário, que havia deixado na mesa de cabeceira. Ao vê-lo, Aurora sentiu sua decisão se fortificar. Mais enfaticamente, ela não queria sofrer o destino da mulher francesa, o tipo de dor que parte o coração quando se perde o homem amado. Ela sempre chorava ao ler as páginas finais do diário, pois a história não tinha um final feliz.

Nem o caso entre a mãe de Raven e o pai de Nicholas. Aurora conseguia entender agora o que tinha levado Elizabeth Kendrick a ler o diário até que as páginas ficassem gastas; ela havia se identificado profundamente com os desafortunados amantes. A paixão deles era tão poderosa, a tristeza deles foi tão devastadora ao serem violentamente separados...

Aurora mordeu o lábio com força. Seria mais forte do que essas duas trágicas mulheres foram, ela jurou. O diário era um aviso involuntário sobre a loucura do desejo, e ela sabia que deveria acatá-lo. Ela deveria evitar a todo custo entregar seu coração a Nicholas, ou o resultado seria desastroso.



*Lutei desesperadamente contra o inquietante turbilhão de emoções que ele despertava em mim, mas estava lutando contra ele ou contra mim mesma?*

Aurora ocupava totalmente os pensamentos de Nick naquela noite quando, a convite de lorde Clune, compareceu a uma apresentação privada de uma trupe de dançarinos de ópera. A beleza do grupo manteve a audiência masculina fascinada, mas Nicholas permaneceu indiferente e pediu licença para sair mais cedo.

O que o surpreendeu, no entanto, foi o fato de Clune o ter seguido até o lado de fora.

— Você não precisa interromper seu divertimento por minha causa, Dare — disse Nicholas enquanto desciam os degraus da despreziosa casa no bairro dos teatros.

— Temo que a apresentação não tenha me agradado muito — Clune respondeu. — Para falar a verdade, há anos que qualquer tipo de divertimento falha em me agradar. — Ele acenou com a cabeça na direção de sua carruagem, que o aguardava a alguns metros na rua escura. — Talvez eu possa lhe oferecer uma carona de volta ao hotel? Ou para algum outro destino? Uma casa de jogos, talvez?

— Eu realmente retornarei ao hotel, mas planejava ir andando. Você é bem-vindo a vir comigo, se assim quiser.

— Caminhar? — Clune disse achando graça. — A pé? Que ideia original.

Batendo na barriga, Nicholas forçou um sorriso.

— Essa vida indolente de cavalheiro privilegiado está me deixando desajeitado e preguiçoso.

— E inquieto, pelo visto.

— Ah, mas isso não é algo novo.

— Você percebe, é claro, que está correndo risco ao andar sozinho tão próximo de Covent Garden.

Nicholas levantou a bengala, que escondia um florete mortal.

— Um pouco de aventura seria bom para animar a noite.

Clune inclinou a cabeça de forma pensativa.

— Compartilho seu tédio, além de sua inquietude. Irei com você.

— Será mais que bem-vindo, mas já vou avisá-lo: talvez eu não seja a melhor das companhias agora.

— Então estamos bem acompanhados.

Nicholas lançou-lhe um olhar penetrante.

— Alguma razão em particular para tal?

— Nada de importante — Clune respondeu. — Talvez eu esteja ficando cada vez mais entediado com o passar dos anos. Pelo visto, até mesmo um dedicado libertino pode começar a cansar da sua vida de pecado e devassidão.

Nicholas sabiamente segurou um comentário. A idade de Clune não era um problema — ele tinha por volta de 30 anos no máximo —, mas, sem dúvida, os anos vivendo desmedidamente o estavam desgastando.

O conde dispensou a carruagem e começou a acompanhar Nicholas. Após um momento de silêncio, Clune falou, soando surpreendentemente sério.

— Para ser sincero, meu mau humor deve-se ao meu avô.

— Eu soube que Wolverton está mal.

— Deveras. Não se espera que viva outro mês.

— Vocês são próximos?

— Nem um pouco. Ele é um maldito tirano. Não nos falamos há anos, mesmo sendo eu seu herdeiro.

— Clune contraiu a mandíbula. — Eu não vou chorar quando o maldito velho der seu último suspiro.

— Você será um marquês então?

— Sim, lamentavelmente.

Nick esperou uma explicação.

— Eu não anseio assumir as responsabilidades advindas do título — Clune soltou a respiração com um suspiro —, mas suponho que todos nós devamos abandonar a juventude em algum momento.

— Verdade — Nicholas concordou, compreendendo aquele lamento muito bem.

Por um momento, cada homem ocupou-se com os próprios pensamentos. Por fim, Clune interrompeu o silêncio novamente.

— Devo presumir que a situação com sua esposa chegou a um impasse?

A boca de Nicholas torceu-se tristemente.

— O que lhe deu essa impressão?

Clune sorriu com a resposta sardônica.

— Alguma coisa em você lembra um gato selvagem aprisionado. Perdoe minha intromissão, mas parece que há a necessidade de medidas drásticas.

— Quão drásticas?

— Você já considerou sequestro?

Nicholas levantou uma sobrancelha.

— Você não está sugerindo que eu siga *seu* exemplo, eu creio. Se bem me lembro, Dare, o último sequestro no qual você tomou parte resultou em um duelo, onde você teve de atirar em um grande amigo.

Com uma risada triste, Clune balançou a cabeça.

— Aquilo foi claramente um erro, um erro pelo qual lamentarei eternamente. Mas não estou propondo nada ilegal, ou mesmo imoral. Levar sua mulher para um interlúdio apaixonado não só é legal como também um direito seu como marido.

— Você despertou minha curiosidade — Nicholas respondeu cautelosamente. — O que sugere?

— Um lugar reservado onde você pode convencer sua esposa de seus pontos de vista. No mínimo,

lady Aurora acharia a experiência... estimulante.

— E suponho que você tenha um lugar específico em mente.

— Na verdade, eu tenho. Tenho uma casa em Berkshire que seria ideal para os seus propósitos. Completamente isolada e bem servida, com serviçais discretos. Eu ainda não encontrei uma mulher que não tenha sido cativada por seus exóticos... ah... encantos.

Quando Nicholas não respondeu imediatamente, Clune apresentou outro ponto.

— Minha proposta ainda traz o benefício de proporcionar a você uma maneira de fugir de Londres por um tempo. Talvez um tempo afastado te faça bem, meu amigo. Damien Sinclair perguntou sobre você esta tarde. Ele notou a semelhança entre você e o americano que foi nosso convidado em nosso encontro na Liga Fogo do Inferno três anos atrás.

— Pensei mesmo que talvez ele tivesse me reconhecido.

— Você está correndo um risco muito grande ficando aqui, Nick.

— Eu sei — ele respondeu pensativo.

E de fato era perigoso arriscar ser descoberto ficando em Londres para estar perto de Aurora, especialmente quando estava progredindo tão pouco. Nicholas fez uma careta. Aquela irresponsável vontade que ele tinha de desafiar o destino era uma das principais reclamações de Aurora, e havia sido a principal fonte de discórdia com seu pai também. Brigaram por causa disso até o último momento, quando ele estava em seu leito de morte. Nicholas nunca superou o sentimento de culpa por ter sido um desapontamento para seu pai. Tinha prometido que ia assumir seu devido lugar e cumprir suas responsabilidades — no entanto, ali estava ele, negligenciando seus negócios mercantes e arriscando a vida por uma causa que talvez não tivesse futuro.

Aurora ainda resistia fortemente a ser conquistada, em parte porque lastimava a imprudência de Nicholas. Ela ficaria feliz se ele simplesmente deixasse a Inglaterra...

Franzindo a testa, Nicholas afastou aquele pensamento de sua mente. Talvez pudesse argumentar com ela que seria mais seguro para ele deixar a cidade...

— Eu ficaria extremamente satisfeito se minha casa pudesse ser de alguma serventia — Clune ofereceu, interrompendo os pensamentos de Nicholas.

— É uma oferta extremamente generosa da sua parte — Nick respondeu. — Pensarei nela.

Ele realmente alimentou a ideia. Ter um tempo sozinho com Aurora, sem as estritas restrições da sociedade ditando cada ação, seria realmente uma trégua para o impasse entre eles, como também criaria oportunidade para maior intimidade, que levaria a sentimentos mais fortes...

Haveria também menos risco de ser descoberto, Nicholas se lembrou. E seus instintos treinados para o perigo o avisavam que seu tempo estava se esgotando.

Ele teria de fazer algo a respeito de Aurora, e logo.



O impasse terminou no dia seguinte, de uma maneira que nenhum dos dois esperava.

Raven estava experimentando pela última vez os vestidos que usaria ao visitar o avô durante o verão, e ela queria a ajuda de Aurora. Sabendo que Harry não ficaria confortável na casa de lady Dalrymple e que a tia de Raven não gostaria de cuidar de um indisciplinado menino de dez anos, Aurora deixou Harry aos cuidados do mordomo. Nicholas pensou em usar aquela manhã para manter Harry entretido com um

jogo de xadrez.

Já era quase noite quando Aurora chegou em casa. Quando ouviu os estranhos sons que vinham da sala de estar, olhou curiosa para Danby.

— Acredito que o senhor Deverill e o jovem estejam praticando algum tipo de luta — o mordomo informou-lhe enquanto ela removia o capuz.

Com o coração na garganta, Aurora passou rapidamente por ele. Quando chegou perto da porta da sala de estar, não acreditou no que viu. Alguns dos móveis tinham sido arrastados para os lados, para criar um espaço no centro da sala, e Nicholas e Harry estavam sem camisa, com os punhos levantados.

— Assim — Nicholas falava. — Mantenha as mãos para cima, mesmo quando atacar. Desse jeito... — Ele demonstrou, atacando um oponente imaginário com uma sucessão de socos.

O sangue de Aurora gelou. Medo apertou seu coração, além de uma grande fúria.

— O que em nome de Deus vocês estão fazendo? — perguntou rouca e sem necessidade, pois era óbvio que ele estava ensinando Harry a lutar.

Nicholas se aprumou e virou para encará-la, Harry fez o mesmo. O rosto do jovem estava iluminado de entusiasmo.

— Rory, venha ver o que aprendi — Harry começou.

O olhar irado dela permaneceu cravado em Nicholas.

— Eu perguntei o que você estava fazendo.

— Eu ouvi da primeira vez — ele respondeu suavemente. — Estou ensinando a Harry o básico da defesa pessoal, embora ele pudesse aprender mais com um instrutor qualificado.

— Como você se atreve? — falou com os dentes cerrados.

— Não há motivo para ficar preocupada. Não há perigo...

— Claro que há motivo para eu me preocupar. Ele pode se *machucar*. Harry é apenas uma criança, e você está ensinando a ele sobre a violência!

— Ele já é grande o suficiente para aprender a se defender.

O rosto dela endureceu com raiva.

— Retire-se, Nicholas — ela disse irritada. — Você não é bemvindo aqui. Eu não quero que você veja Harry de novo.

Ela ignorou o olhar assustado e confuso do menino. Havia chamado Nicholas pelo nome verdadeiro, mas estava irritada demais para se importar.

— De agora em diante, você vai se manter longe dele, você me entendeu? Eu o proíbo de falar com ele.

— Mas, Rory — o menino começou queixosamente —, eu perguntei ao senhor Deverill...

— Harry, vá para o seu quarto, por favor.

— Rory...

— Agora!

O garoto a olhou irritado, enquanto seu lábio inferior tremia. Surpreendentemente, ele não continuou a argumentar. Em vez disso, endureceu os ombros magros e olhou para Nicholas; depois passou por Aurora em direção à porta e saiu batendo os pés.

— Você lidou bem com a situação — Nicholas comentou sarcasticamente, pegando o casaco.

Ela levantou o queixo, altiva.

— A forma como lido com Harry não lhe diz respeito.

— Perdão se eu não a consultei antes, Aurora. Mas não pensei que você seria tão fortemente contra.

— Claro que eu seria. Você estava ensinando a ele como atacar pessoas!

— Não é a mesma coisa. Você não acha que está exagerando um pouco?

— De maneira alguma. Apenas o estou protegendo de sua influência. Você vai acabar machucando Harry ou até mesmo o matando.

O músculo em sua mandíbula endureceu.

— Não é porque você vive com medo que Harry deva ser forçado a viver também.

Aurora o encarou.

— Retire-se, Nicholas! Retire-se desta casa antes que eu tenha de forçá-lo a sair.

Os olhos dele se estreitaram.

— Um dia você vai ter de encarar seu medo, querida. Você teme a vida, teme tanto que se enterrou viva. Mas não pode deixar de viver simplesmente por achar que pode se machucar.

Ela já estava irritada demais para perceber a verdade contida na acusação dele.

— Eu já falei para você sair! — Palpitando de fúria, ela apontou para a porta.

Nicholas passou por ela, mas, em vez de sair, fechou a porta. Quando se virou, ela achou que ia derreter com o calor escaldante dos olhos dele.

— Escute-me — caminhando até ela, ele a segurou pelos ombros.

Ela recuou, lutando.

— Não me toque... — Ela tentou se livrar, mas ele não a soltava. Enfurecida, esticou o braço e atingiu o rosto dele com a mão aberta.

A cabeça de Nicholas foi para trás, e sua face ficou tão escura que Aurora instintivamente se afastou.

Aurora observou, aterrorizada, o que havia feito. Nunca havia batido em ninguém em toda a vida. Deus, ela não era melhor que o pai... E Nicholas... Parecia que ele ia revidar.

— Eu... Eu sinto muito... — ela gaguejou, o coração acelerado enquanto aguardava a explosão dele.

Mas a explosão não aconteceu.

— Você sente muito? — ele perguntou calmamente. A expressão dele havia mudado de repente.

Movendo-se lentamente em direção a ela, ele a encurralou contra a parede, imobilizando-a com o corpo. Os olhos dele estavam em chamas, surpreendentemente não de raiva, mas com uma feroz ternura.

— Não se sinta culpada, Aurora — ele incitou. Sua pegada era uma algema de veludo contra o punho dela. — Prefiro que você descarregue a sua fúria em mim em vez de mantê-la guardada. Bata outra vez, se quiser.

O coração dela batia violentamente contra o peito enquanto ela o olhava. As coxas dele queimavam entre as dela; a respiração dele queimava os lábios de Aurora.

A expressão dele era dura e sensual; os olhos estavam escuros de excitação. Ele ia beijá-la, ela sabia.

— Não... — ela protestou em voz baixa. — Não quero que você me toque.

— Não? Então por que está tremendo? Por que sua pulsação está tão agitada?

Descendo a mão suavemente, ele levantou a saia dela e enfiou a mão por baixo, subindo pela coxa, a palma de sua mão dura e quente acariciando a pele nua dela. Ela ficou rígida e depois arfou quando os dedos dele encontraram sua fenda feminina.

Ele riu baixo e meio debochado, instigando-a deliberadamente.

— Seu corpo diz outra coisa, Aurora. Você é muito sensível, basta tocá-la e você fica completamente molhada. — Ele a acariciava lentamente, fazendo-a latejar.

Ela ergueu as mãos em direção ao pescoço dele, num ato entre segurar-se e empurrá-lo, como se lutasse para libertar-se.

— Pare...! — Suspirou, enquanto os dedos dele deslizavam cada vez mais para dentro de seu calor macio.

— Você me deseja, querida. Deseja-me deslizando entre suas pernas, preenchendo você toda.

— Eu não quero. — Ela negou, mas seus protestos não eram verdadeiros. Seu corpo inteiro pedia por ele, seu sangue ardia.

Nicholas sentia o mesmo fogo. Somente o fato de tocá-la o havia feito enrijecer-se em um piscar de olhos. Ele a desejava a ponto de explodir. Cerrou os dentes, enlouquecido para capturar, possuir e consumir.

Podia sentir a resistência de Aurora, mas não havia medo ali. Se tivesse percebido qualquer sinal disso, teria parado de vez, mas ela já não o temia. E ele não recuaria dessa vez. *Queria* briga da parte de Aurora, queria sua fúria. A fúria estava apenas a um passo da paixão, e ele queria a paixão dela mais do que qualquer coisa que já tivesse desejado na vida. Queria destruir seu rígido controle, liberar sua raiva, mostrar-lhe que emoções intensas não eram algo tenebroso.

Ele olhou dentro de seus olhos completamente azuis. A cada toque, ela respondia como uma mulher desesperada para viver, desesperada para amar, mas que não o faria a menos que ele a conduzisse.

Ele inclinou a cabeça propositalmente.

O beijo firme roubou seu fôlego. Habilidade, impiedoso, ele comprimia a boca dela na sua, até que um pulsar apressado e cego tomou conta dela. Sentindo-a estremecer em resposta, Nicholas recuou, com os olhos rígidos e cheios de uma chama baixa e perigosa.

Aurora congelou, tremendo, ao entender suas intenções. Antes que pudesse impedi-lo, ele havia aberto as calças. Uma luxúria escancarada queimava nos olhos estreitos dele quando suas pernas abriram as dela, pressionando-a contra a parede. A emoção de tudo aquilo a fazia tremer. Ela suspirou.

— Por Deus, Nicholas. Não aqui.

— Sim, *aqui*.

Agarrando-a pela cintura, ele a levantou e a baixou em sua ereção, penetrando-a com uma só estocada suave e poderosa. Os olhos dela abriram-se em choque quando sentiu a penetração quente; sua respiração fugiu com a sensação de estar sendo alargada, preenchida pela carne inchada de Nick.

A respiração dele intensificou-se enquanto ficava lá parado, alojado firmemente dentro dela. Um momento depois, ele saiu, mas somente para penetrá-la fundo mais uma vez. Grande, quente e urgente, ele abriu as pernas dela e mergulhou todo o seu membro dentro dela.

Ela gemeu impotente. Subitamente, seu corpo não conseguia mais ficar parado. Arqueou os quadris contra ele, segurando-se enquanto ele a possuía com um ritmo selvagem. Ela nunca havia imaginado que o desejo poderia ser algo tão primitivo, tão cru e agressivo. Tão violento. Era loucura.

Ela sentiu o fogo em suas veias, em cada nervo. Seu corpo ardia. Nunca havia se sentido tão viva na vida. Viva com paixão, com fome, com necessidade.

Ele movia-se incansavelmente dentro dela, esaldando-a, tornando-a selvagem. Ela soluçava a cada solavanco, cada sensação desordenada até que, sem aviso, seu êxtase jorrou sobre ela e ela gozou em

uma explosão selvagem.

Ele capturou seu grito com a boca, enquanto o corpo dela se agitava em espasmos, fazendo-a estremecer. Algum tempo depois, ele soltou um gemido baixo e áspero e explodiu em seu próprio clímax, o corpo poderoso retesado pelas convulsões do gozo violento.

Após o momento avassalador, Aurora apoiou-se nele, já quase esgotada para sentir as ondas de prazer colidindo dentro dela. Por longos minutos permaneceu em silêncio, sendo que o único som que se ouvia era a mistura de suas respirações. Ela não podia falar. Sua garganta estava seca; sua carne ainda pulsava docemente, doendo eroticamente entre suas coxas.

Finalmente, Nicholas praguejou; um som baixo e perigoso.

Atordoada, Aurora abriu os olhos e percebeu que ele a observava; seu olhar era intenso e examinador. Nesse momento, então, a realidade pareceu retornar com toda a força. Deus, o que ela havia feito?

— Deixe-me ir — suspirou.

— Aurora... — Nicholas começou, mas ela o interrompeu.

— Deixe-me ir! — exigiu, dessa vez com a voz mais firme.

Carinhosamente, ele se separou dela e a colocou de volta ao chão, mas ela mal conseguia ficar em pé — seus membros estavam fracos. A expressão dele era enigmática, remota, enquanto recuava para fechar o zíper da calça.

Aurora fechou os olhos, desesperada, surpreendida por seu ato de libertinagem. Eles haviam acasalado como animais. Ela havia permitido que Nicholas a possuísse em sua sala de estar, onde qualquer um de seus criados poderia tê-los visto. Onde Harry poderia ter voltado e encontrado os dois.

— Como ousa? — murmurou asperamente. — Como ousa me tratar como uma vagabunda qualquer?

Nicholas permaneceu calado.

— Você está errada, querida. Tratei-a como uma mulher. Uma mulher apaixonada que não tem medo de sentir o fogo em seu sangue.

Ele havia tocado em uma ferida. Era perceptível pela expressão dela, pelo seu sussurro furioso quando, finalmente, respondeu.

— Saia daqui. Não quero vê-lo nunca mais.

A mandíbula de Nicholas se enrijeceu.

— Ainda sou seu marido, Aurora — disse suavemente. — Posso levá-la a qualquer momento, a qualquer lugar que eu desejar.

Ela fitou-o severamente.

— Eu já disse para ir embora.

Nicholas contemplou seus olhos frios e desafiadores; sua boca ainda úmida e avermelhada do beijo. Mesmo após seu gozo, ele ainda a queria. Ele podia contar cada pulsação de seu coração na carne dura de sua nova ereção. Mas não ousaria tocá-la de novo. Não tinha certeza de que conseguiria controlar sua luxúria e raiva, se o fizesse.

— Está mentindo para si mesma — respondeu, sua voz ligeiramente controlada. — Você me deseja. Tem uma fome que não consegue preencher.

Ele viu a dor crua nos olhos azuis dela, mas, quando tentou aproximar-se, ela afastou-se.

— Não me toque.

Ele virou-se, mas, ao alcançar a porta, hesitou. Sua risada foi curta, áspera, quase imperceptível.

—Você pode acreditar nisso? Quando nos vimos pela primeira vez, achei que fosse uma das mulheres mais corajosas que já havia conhecido. Eu estava enganado. Você é uma covarde. É preciso coragem para encarar-se, para admitir seus próprios medos e lidar com eles. — Ele fez uma pausa. — Quando achar que é mulher suficiente para fazer isso, avise-me.

Sem olhar de volta, ele deixou a casa.

Aurora fechou os olhos. Tremia de fúria, de alívio, de medo.

A dor no fundo do seu estômago era medo. Nicholas estava certo, ela sabia disso. Ela era uma covarde. Tinha medo dele. Das intensas sensações que ele a fazia sentir. Da estranha que ela se tornava ao simples toque dele.

Por que o toque dele a fazia esquecer tudo, exceto o quanto o desejava? Suas carícias a fizeram arder, transformando-a em uma criatura cheia de luxúria, frenética e selvagem. Nos braços dele, ela tornava-se alguém que não conhecia.

Balançando a cabeça em negação, Aurora agitou-se fracamente, e então gemeu consternada. Suas costas ainda estavam pressionadas contra a parede, e, mesmo quando se endireitou, ainda sentia o sêmen úmido dele escorrendo pelas pernas.

Sua mão tocou o abdome. Céus, como ela pôde permitir que fizessem amor daquela forma? Como poderia esquecê-lo agora? Ainda conseguia sentir as estocadas de Nicholas dentro de si, o fogo que ele havia inflamado nela.

Ela respirou fundo, ainda estremecendo. Havia de destruir seus sentimentos por ele. Não poderia deixá-lo aproximar-se novamente. Não poderia.

Uma dor profunda e solitária retorceu-se dentro dela com a ideia de nunca ver Nicholas novamente, nunca mais sentir seu toque sensual. Mas não havia escolha.

Ela considerava seu pai dominador e controlador, mas Nicholas era mil vezes pior. Ele a possuiria. Se ela se rendesse a ele, sua alma já não lhe pertenceria. Ele estaria no comando, consumindo-a totalmente em sua paixão. E todo esse fogo faria o coração dela virar cinzas.



*Seus braços envolviam-me; seus lábios, tão suaves em minha pele, secavam minhas lágrimas.*

Nick permaneceu observando o teto minimamente iluminado do quarto de hotel, culpando-se pelo tratamento que havia dado a Aurora naquela tarde. A maneira como a havia tratado fora imperdoável.

Ele não havia planejado que sua discussão fosse tão longe, que eclodisse naquela onda de desejo cru e descontrolado. Mas a fúria dela havia incendiado suas intenções, ao passo que beijá-la o havia levado a algum lugar além da razão. Bastou tocá-la para que sentisse uma vontade louca de estar dentro dela.

Fechou os olhos, lembrando-se da aparência atordoada de Aurora enquanto a penetrava; sua face enrubescida enquanto deixavam-se levar pela chama da paixão delirante. Ele a havia possuído contra uma parede, sem preliminares, sem preocupar-se com onde estavam ou quem poderia vê-los. Como uma vagabunda. E ela havia amado isso, respondendo com todo o fogo que ele sabia que havia dentro dela.

Ele não se arrependia de ter quebrado seu gélido autocontrole. Arrependia-se somente da raiva obscura que agora pairava entre eles. Após semanas cortejando-a cuidadosamente, ansiando por ela, ele havia destruído o frágil equilíbrio entre confiança e desejo crescente em um segundo de calor cego.

Rangendo os dentes, passou os dedos pelos cabelos negros. Já não tinha certeza de como poderia salvar os laços desse relacionamento — nem mesmo se realmente queria salvá-los. Não conseguia compreender a violência de seus sentimentos por ela. Diabos, ele estava indo longe demais. Nunca sentira uma necessidade tão desesperadora por ninguém antes dela. Percebendo sua vulnerabilidade, cambaleou. Com somente um olhar, Aurora conseguia fazer seu sangue queimar mais rápido que qualquer outra mulher que já tivesse conhecido. Ele suspirava por ela como um garotinho pervertido e rejeitado.

Praguejou novamente, feroz. Talvez devesse afastar-se antes de parecer mais tolo ainda. Nunca deveria ter ficado tanto tempo na Inglaterra como ficou.

Ele estava, obviamente, inclinado a torturar-se. A cada instante parecia mais e mais que ela nunca o aceitaria como marido nem libertaria a mulher apaixonada que havia aprisionado no gelo.

Nesse instante, ele ouviu uma batida suave na porta. Confuso, Nicholas sentou-se, perguntando-se quem poderia estar procurando por ele àquelas horas.

Ainda não eram dez horas e ele havia rejeitado o convite de Clune para uma noite de orgias pela cidade.

O barulho ecoou novamente, mais insistente dessa vez. Levantando-se da cama, ele foi até a porta.

Seu coração sacudiu de felicidade quando avistou a mulher que lá estava. Ela usava um véu e uma

capa que a encobriam, mas ele poderia reconhecer Aurora com qualquer disfarce.

Ele franziu as sobrancelhas. Ela havia ido ao seu encontro no hotel à noite, sozinha, arriscando ser vítima de escândalos, após jurar não querer vê-lo novamente. Mas então ele percebeu que ela nunca daria esse passo sem algum motivo.

— O que houve? — perguntou, sua expressão suavizando-se.

— Harry... — Aurora respondeu com a voz trêmula. — Ele se foi.

— Como assim, se foi?

— Ele fugiu. Por favor, Nicholas, você precisa ajudar-me a encontrá-lo.

Ele não comentou o tamanho da incongruência de seu apelo aparecendo tão rápido depois de pedir-lhe que se afastasse. Em vez disso, conduziu-a do corredor até a privacidade de seu quarto.

— Faz quanto tempo que ele se foi? — perguntou, fechando a porta.

— Não tenho certeza. Horas. — Ela levantou o véu, seus olhos azuis imploravam. — Encontrei um recado dele quando percebi que estava atrasado para o jantar. Ele o deixou sobre o travesseiro. — Ela esticou a mão com um pedaço de papel que havia, obviamente, sido bem examinado.

*Rory, fui atrás do meu destino. Por favor, não se preocupe comigo.*

Nicholas franziu o cenho, pensativo.

— Você tem alguma ideia de onde ele possa estar?

— Não. Meus criados procuraram por toda parte. Por favor — Aurora repetiu preocupada —, você me ajudará?

Ele a observou.

— Como você pode ter alguma dúvida quanto a isso? — Virando-se, começou a tirar a camisa fina de cambraia.

— O que está fazendo? — perguntou, momentaneamente esquecida de seu desalento.

— Trocando de roupa. Não quero chamar atenção desnecessária para mim. Não faria sentido um cavalheiro finamente vestido vasculhando os lugares onde é provável que Harry esteja. Sente-se. Não vou demorar.

Enquanto ele ia até o armário, ela avistou o confortável sofá do outro lado do quarto. Mas, aparentemente, ela estava distraída demais para obedecer, visto que continuou a andar sem rumo pelo aposento.

— É tudo culpa minha — disse, com voz agoniada. — Eu afastei Harry. Se não tivesse perdido a cabeça, ele nunca teria se comportado tão tolamente.

Nicholas balançou a cabeça enquanto alcançava um velho casaco marrom.

— Seu temperamento teve pouco a ver com isso. Harry planejava há tempos começar suas aventuras. A única surpresa é o fato de você o ter convencido a esperar tanto.

Uma onda de proteção tomou conta dele ao vê-la tão dolorosamente calada.

— Não se desespere, Aurora. Vou encontrá-lo.

Ela respirou fundo, fazendo uma tentativa visível de controlar-se.

— Por onde você começará as buscas?

— Pelas docas. É o lugar mais óbvio aonde ele iria para procurar um emprego de marinheiro. Ele nunca desistiu de sua ideia de velejar até a França.

Nick trocou as botas brilhantes por um par usado e caçou um chapéu qualquer. Quando enfiou duas

pistolas no cinto e uma faca na bota, os olhos azuis de Aurora encheram-se de aflição. Assemelhava-se ao pirata violento que ela abominava, ele sabia. Mas ela não protestou. Limitou-se a observá-lo, e sua preocupação com Harry era evidente.

Nicholas não podia culpá-la. Ele a havia acusado de ser covarde demais, mas, dessa vez, seu medo fazia sentido. Um jovem da idade de Harry e de tão boa criação seria presa fácil para todos os bandidos e pessoas mal-intencionadas de Londres. Nick não gostava de pensar no perigo que o menino corria.

Carrancudo, colocou um par de socos ingleses no bolso do casaco e pegou uma bengala que virava uma espada. Ele pretendia estar preparado para qualquer tipo de problema. Quando ficou pronto, pegou Aurora pelo cotovelo e levou-a em direção à porta.

— Como você veio até aqui? — perguntou, enquanto saíam do quarto.

— Minha carruagem. Danby está esperando lá embaixo por mim.

— Faça-o levá-la para casa.

Ela hesitou, olhando para Nicholas suplicante.

— Mas quero ir com você.

— Não, querida. Não quero ter de me preocupar com o seu bem-estar além do de Harry.

Aurora apertou os dedos, obviamente desconcertada. Conduzindo-a levemente pelos ombros, Nicholas encostou os lábios suavemente em sua testa em um beijo suave.

— Vá para casa, Aurora. Eu o encontrarei. Prometo.

Ao ver que ela ainda hesitava, aproximou-se para acariciar sua face.

— Eu sou bom em resgates, você se lembra? Confie um pouco em mim.

Ela esboçou um sorriso trêmulo.

— Eu confio em você, Nicholas — sussurrou.

Aquele sorriso corajoso despedaçou seu coração.

Enquanto avançavam em direção às escadas, Nicholas esperava ser capaz de cumprir sua promessa. Se algum mal realmente acontecesse ao menino, Nick sabia instintivamente que não teria mais nenhuma esperança de libertar Aurora de seu medo de perder todos com quem se importava.



Nicholas foi antes até seu barco ancorado no cais. Tinha deixado alguns homens esperando por ele em uma escuna, caso precisasse fugir de repente.

Com alguns de seus mais bravos marinheiros, ele vasculhou a beira-mar, procurando o garoto desaparecido.

A noite estava repleta de gente, marinheiros e cafetinas, enquanto o barulho dos bêbados ecoava das tavernas e estalagens. Perto do cais, espirais de neblina surgiam do rio Tâmisa, trazendo à tona o cheiro úmido de alcatrão e peixe podre e ocultando as centenas de barcos que estavam ancorados no cais.

A neblina dificultava a busca, encobrindo os paralelepípedos e criando imagens fantasmagóricas dos engradados e barris que ocupavam cada milímetro à beira-mar.

Ainda assim, a névoa era a última das preocupações de Nicholas. Ele conhecia suficientemente bem o submundo londrino para ter criado algum respeito por ele. Os refúgios dos bandidos, os bordéis, os covis de ópio de lá estavam entre os mais perigosos do mundo. Nicholas adotou a linguagem baixa da beira-mar, fingindo ser um marinheiro em busca de alguém da tripulação que havia fugido e até alegou oferecer

alguma pequena recompensa por ele. Mas ninguém tinha visto o menino fugitivo de cabelos loiros.

A preocupação aumentava em seu peito com o passar da noite. Harry poderia estar em qualquer lugar — sequestrado e forçado a trabalhar em algum barco. Ou preso como gatuno ou limpador de chaminés. Ou levado a alguma casa de perdição, onde a clientela ansiava pela carne terna de garotinhos. Ou jogado em algum beco escuro, esperando para ser usado como isca de peixe.

Ou poderia também estar a quilômetros de distância, fazendo alguma coisa totalmente diferente. Nicholas havia contado somente com seu instinto quando iniciou a busca ali. Ainda que sua intuição raramente estivesse errada, ele poderia ter cometido um engano. Nesse caso, Harry poderia pagar um preço alto.

Ele cerrou os dentes e continuou procurando. De nenhuma forma voltaria a encarar Aurora sem ter encontrado o menino.

As horas mais escuras da noite já se aproximavam quando Nicholas encontrou dois de seus ajudantes saindo de uma taverna.

— Sem sorte, senhor — um deles disse. — Não há absolutamente nenhum sinal do garoto.

— Continue procurando — Nick ordenou. — Quando chegar ao fim do cais, comece a procurar nos navios e perguntar às tripulações. Não desistiremos até encontrá-lo.

Ele estava acabando de se virar quando ouviu um barulho que arrepiou os cabelos de sua nuca.

— De-ve-rill... — O sussurro áspero veio de trás de uma pilha de caixas.

Gritando para alertar seus homens, ele correu em direção a um labirinto de caixas. Seu coração congelou quando viu um corpo pálido derrubado no chão.

— Harry? — Nicholas disse, desesperado, ajoelhando-se ao seu lado.

O menino grunhiu e levantou a cabeça. No escuro, Nicholas só conseguia reconhecer o cabelo loiro.

Quase nu, ele apertava o estômago e tremia envolto no ar úmido da noite. Sem roupas, vestia somente as vestes de baixo, que cheiravam a urina — sem dúvida ele havia feito xixi de tanto medo.

— Onde você está machucado? — Nicholas perguntou, analisando o rosto e os membros do menino.

— Minha barriga... eles me bateram.

Nicholas não encontrou sangue, mas as costelas do menino estavam moles e ele estremecia. Nicholas suspeitou, porém, que elas estivessem apenas machucadas e não quebradas.

— Vai dar tudo certo — disse, escondendo sua compaixão. — Diga-me o que aconteceu.

Finalmente a história de Harry veio à tona: como havia chegado ao cais antes do anoitecer, como fora expulso de um bergantim no qual tentava embarcar e então abordado por uma gangue de gatunos. Ele parecia envergonhar-se de seu medo.

— Eu estava tão assustado... — murmurou, sua voz terminando em um sussurro.

Nicholas não mediu palavras.

— Mas era para estar mesmo. Por sorte, você só se machucou um pouco. Poderiam tê-lo estripado e abandonado aqui para morrer.

— Rezei para que você viesse.

— Considere-se com sorte de eu não torcer o seu pescoço. Você assustou muito lady Aurora.

— Eu... eu sinto muito. Você pode dizer isso a ela?

— Você mesmo o fará, de manhã. Agora vamos ver o que pode ser feito para limpá-lo.

Agachando-se, ele ergueu o menino cuidadosamente nos braços.

— Vamos ao meu barco antes — Nicholas continuou. — Não ouse apresentá-lo a ela nessas condições.



Entretanto, quando Harry já estava seguro dentro do *Talon*, Nicholas mudou de ideia sobre levar o menino para Aurora. Ele estava exausto e machucado, mas, mais do que descanso, ele precisava de uma lição sobre a dura realidade da vida para reforçar a que havia aprendido naquela noite sobre os perigos.

Quando o menino já se encontrava limpo e parecia dormir no beliche do suboficial, Nicholas voltou à sua própria cabine, onde escreveu uma mensagem para Aurora. A nota era curta, dizendo simplesmente que Harry estava a salvo e ileso, mas que haveria de permanecer no barco por algum tempo para aprender uma lição.

Aquilo sem dúvida atiçaria seus instintos protetores e a traria correndo. Mas, para o que ele queria dizer-lhe, precisava de uma privacidade que não poderia ser oferecida na casa dela com as dezenas de criados. Ele mandou a mensagem por três de seus mais fortes marinheiros, esperando que eles a pudessem proteger quando viesse ao cais.

Seu plano funcionou como havia esperado. Em menos de uma hora, antes do amanhecer do dia, Nicholas ouviu o ruído das rodas da carruagem nos paralelepípedos.

Parado no corrimão da proa, ele observou Aurora descer da carruagem e correr em direção à entrada do barco. Ele sentia seu coração bater forte, sabendo que os próximos minutos poderiam mudar sua vida para sempre.

Quando ela alcançou a entrada, ele ajudou-a a pisar dentro da proa, segurando seu cotovelo como apoio.

— O que você fez com Harry? — perguntou, preocupada, antes mesmo de estar a bordo. — Você o machucou?

— Não, lógico que não o machuquei. Ele parece estar dormindo.

Subitamente, ela escapou do alcance de Nicholas. O olhar dela sob a luz continha medo e raiva evidentes.

— O que você quis dizer com “ensinar-lhe uma lição”? Ele deveria estar a salvo em sua cama, em casa.

— Ele está a salvo, Aurora.

— Você disse que tem intenções de mantê-lo em seu barco...

— Não vamos discutir aqui — Nicholas advertiu, acenando com a cabeça em direção à sua tripulação, que subia as escadas depois dela.

Com uma visível tentativa de manter o controle sobre sua agitação, ela permitiu que ele a conduzisse. Pegando a lanterna, ele a escoltou até a cabine na qual Harry estava. Abriu a porta silenciosamente e deu passagem para que ela pudesse entrar.

Harry estava contorcido no beliche, adormecido. Aurora aproximou-se dele cautelosamente, com medo do que encontraria. A cena era ainda mais chocante do que ela tinha imaginado. Sob a luz baixa da lanterna, ela podia ver seu rosto machucado — a ferida formando-se abaixo de um olho, o lábio partido.

Um soluço sufocou sua garganta, enquanto a náusea tomou conta dela; teve de apertar a mão contra a boca para sufocá-la.

Então era isso que a violência havia causado a ele, pensou desesperadamente, lutando contra a tempestade de fúria e impotência que tomava conta dela. Mas Harry estava vivo, isso era o que importava. Ela não havia conseguido protegê-lo, mas ele estava vivo.

Precisando se certificar, ela abaixou-se para tocar seu rosto. O menino contorceu-se dormindo, mas não acordou. Ela respirou fundo.

— Venha — Nicholas murmurou suavemente atrás dela. — Ele precisa descansar depois de tudo o que passou.

Relutante, ela tirou uma mecha de cabelo da testa do garoto e, então, obrigou-se a sair. Após a onda de terror das últimas horas, sentia-se esgotada, vazia.

Aurora mal percebeu onde Nicholas a levava até encontrar-se em uma pequena cabine. Ela não resistiu quando ele a levou ao beliche e pediu que sentasse.

Ele foi até o armário, serviu uma dose de brandy e depois se voltou para ela.

— Aqui, beba — disse, levando o copo aos seus lábios. O líquido queimou como fogo. Aurora estremeceu ao engoli-lo e então colocou o copo longe. Abaixando a cabeça, cobriu o rosto com as mãos.

— Eu lhe disse que ele estava bem — Nicholas disse finalmente.

Os ombros dela tremeram involuntariamente.

— Eu sei. Mas eu estava com tanto medo...

— Você não pensou realmente que eu o machucaria, não é?

Muda, Aurora balançou a cabeça. Sabia que Nicholas não tocaria em uma mecha do cabelo loiro de Harry, mas ele era o pior tipo de influência possível para um menino que se impressionava tão facilmente.

— Você disse que ia ensinar-lhe uma lição... — Sua resposta era mais uma pergunta do que uma acusação.

— Sim. Amanhã cedo pretendo colocá-lo para trabalhar esfregando o chão e checando os cordames do navio.

— Por quê?

— Porque ele precisa aprender o quão difícil a vida no mar pode ser.

Levantando a cabeça, ela o fitou.

— Não há como Harry ser um marinheiro, Nicholas. É muito perigoso. Mantendo-o em seu barco, você só alimentará sua fantasia.

— É muito mais perigoso deixá-lo alimentar a fantasia sozinho. — Colocando o copo sobre a mesa, Nicholas sentou-se ao lado dela no beliche. — O garoto tem uma febre, Aurora. Um desejo ardente que não será aliviado. Acredite em mim, eu sei disso. Eu era como ele quando tinha sua idade. Talvez seja difícil para você entender isso, já que nunca teve nenhuma experiência como essa, mas Harry terá de ir atrás de sua ambição até que ela se reduza a cinzas ou seja saciada. De qualquer forma, você não pode curar sua febre protegendo-o da vida. Ele vai se magoar com você por isso, assim como está magoado com a mãe. Assim como eu me magoei com meu pai.

— Mas sou responsável por ele.

— E, obviamente, quer protegê-lo. Mas ele precisa da ajuda de um homem, Aurora. Eu posso oferecer isso a ele.

— Ele não precisa do tipo de auxílio que você oferece. Você somente lhe ensinará violência. Eu

abomino violência, Nicholas. Após ver todas as coisas que meu pai fez...

— Eu não tenho intenção alguma de ensinar violência a ele, querida — Nicholas disse gentilmente. — Só pretendo ensinar-lhe a levantar-se por si mesmo. — Quando ela ficou calada, Nicholas continuou: — Você não pode mantê-lo embrulhado em lã de algodão para sempre, Aurora. Principalmente mantendo o menino aprisionado no santuário de proteção que você criou para si mesma.

Aurora sentiu um nó de desespero na garganta e desviou o olhar.

— Mas ele é apenas um menino. Eu não aguentaria se algo acontecesse com ele e a culpa fosse minha.

— Então você deveria me permitir decidir a melhor forma para ele explorar sua ambição.

Quando ela não respondeu, Nicholas trouxe o rosto dela de volta em direção ao seu com um leve toque dos dedos.

— Você disse que confiava em mim.

Ela devolveu o olhar, impotente. Os olhos dele estavam profundos e quietos. Aurora engoliu seco enquanto a dor congelava em seu peito como uma ferida profunda.

— Confio em você — sussurrou.

A expressão dele suavizou, enquanto o dedo tocou o lábio dela com a pressão de uma pena. Ao perceber sua doçura, ela piscou e uma lágrima escorreu pela sua face.

Fechando os olhos, ela limpou o rosto com a palma da mão. Chorar nunca resolveria nada. Lágrimas eram inúteis para curar a dor.

Mas ela não conseguia evitar. Um soluço escapou, seguido por outro. E, subitamente, não conseguia mais parar.

Quando sentiu os braços de Nicholas ao seu redor, encostou o rosto em seu ombro e chorou enquanto toda a tensão do dia anterior — e com certeza todas as emoções obscuras do último ano: medo, dor, perda — saía dela.

Seu corpo estremecia enquanto soluçava. Nicholas envolveu-a em seus braços, protegendo seu corpo que tremia.

Quando as lágrimas finalmente pararam, Aurora percebeu que estava deitada no beliche com ele, a cabeça dela apoiada na curva do seu pescoço. Sua mão acariciava os cabelos dela gentilmente, e ela podia sentir a barba por fazer em seu rosto ralando contra a pele suave das faces dela.

Por fim, ainda trêmula, ela respirou fundo.

— Eu sinto muito — murmurou, com a voz rouca de tanto chorar.

— Não sinta. — Os lábios dele encostaram em suas têmporas. — Aqui. — Ele pegou um lenço do bolso e o usou para enxugar a umidade do rosto dela.

Aurora não reagiu aos seus movimentos, como uma criança. Ela não tinha força ou vontade de se mexer.

— Você estava certo — murmurou. — Eu sou uma covarde.

— Não — Nicholas respondeu calmamente. — Mas você tem deixado o medo tomar conta de você por muito tempo.

Ela suspirou enquanto os lábios mornos dele tocavam seus cílios. Queria ficar deitada ali para sempre, a salvo nos braços de Nicholas, pressionada contra seu calor, protegida e querida.

A intimidade do abraço, contudo, gerou um efeito diferente em Nicholas. Quando Aurora se aninhou em seu peito, ele ficou parado, o batimento cardíaco acelerado e profundo. Ao senti-la tão perto, uma

onda de desejo o atingiu, colidindo contra a respiração que ele tentava controlar.

Ele queria confortá-la. Queria acalmar seus medos, sua tristeza, apagar a agonia e o desespero de seu lindo rosto. Mas, mais que isso, ele *a* queria.

Quase involuntariamente, os lábios dele começaram a mover-se contra sua face rosada, experimentando a textura aveludada de sua pele suave. Quando ela se virou para ele, um anseio iniciou-se dentro de sua virilha, como uma faísca de fogo. Nicholas respirou fundo, tentando controlar a fome que estremecia seu corpo. Como isso poderia ter acontecido? Essa profunda e poderosa necessidade dela? Ele não podia mais negar...

Imediatamente direcionou os lábios dela para os seus, o desejo comandando os sentidos enquanto se apossava de sua boca. Ela murmurou algo em protesto, mas ele continuou com a investida e sentiu-se triunfar quando percebeu a boca dela quente e complacente se entregando à dele. Subitamente, ela recuou, as mãos empurrando o peito dele. Sua respiração acalmou-se enquanto ela o observava, os olhos azuis arregalados de consternação.

Nicholas tentou controlar sua necessidade selvagem. Ela o queria, ele sabia disso. Quando ele tocou a garganta dela, pôde sentir a pulsação acelerada.

— Quero fazer amor com você, Aurora — ele a alertou roucamente, a voz estrangulada pelo desejo. — Se você quiser que eu pare, é melhor dizer agora.

Ele ficou parado, esperando contraído. Suas vísceras estavam pesadas e ansiando por ela, seu batimento cardíaco como uma bigorna no peito. Mas dessa vez ela tinha de decidir.

Aurora olhou em seus olhos, afogando-se na intensidade de sua profundidade obscura. Não queria suas carícias, sua paixão, mas não conseguia lutar contra sua ternura, contra os beijos tão doces e firmes. Ela já não possuía defesas contra ele.

Silenciosamente, balançou a cabeça, sentindo o doce tormento da derrota. Um desejo desesperado tomou conta dela, a necessidade de tocá-lo, de senti-lo dentro dela.

— Eu não quero que você pare — sussurrou. Levantando-se, passou os dedos nas ondas do cabelo dele. — Por favor — respondeu, impotente. — Faça amor comigo, Nicholas.



*Ele oferecia a perturbadora promessa do paraíso, tivesse eu coragem de aceitá-la.*

Ele a despiu vagarosamente, desejando-a com tanta intensidade que estremecia. Ela ainda se envergonhava de seu corpo, e ele tentava de todas as formas ser gentil.

Quando Aurora ficou completamente nua diante dele, ele tirou os grampos de seu cabelo um por um e deixou as cascatas lustrosas caírem sobre os ombros dela. Seus mamilos estavam enrijecidos; sua pele, ouro-pálida sob a luz; suas pernas, longas e finas.

Ela parecia não ter ideia do quão bela ou incrivelmente sensual estava. Seus traços espelhavam o querer, o anseio, ele podia sentir. Seus olhos azuis estavam escuros de desejo.

— Aurora — murmurou rouco, enquanto se apossava de sua boca. A fome passava impientemente por ele enquanto a beijava; um beijo suave e exigente, separando seus lábios e empurrando sua língua para dentro dela, tentando descobrir seus segredos.

A felicidade o envolveu quando percebeu que uma chama de desejo se acendia nela. Ele a queria quente e selvagem, queimando por ele, mas ainda assim obrigou-se a conter a urgente necessidade. Era um momento para se saborear. Pretendia amá-la lenta e completamente. Queria fazer tudo durar.

Ele interrompeu o beijo para dar um passo atrás e despir-se.

Observando-o, Aurora respirou fundo com a magnificência do corpo nu de Nicholas. Ele era tão intensamente masculino, com sua forma esculpida e bronzeada sob a luz. Mas era seu olhar que a mantinha enfeitiçada.

Ela reconhecia o desejo extremo em seus olhos; via a necessidade crua e vital. Os dedos dele tocavam gentilmente seus ombros nus e desciam, sobre a curva da clavícula, para a cintura. Finalmente suas mãos alcançaram seu quadril, colocando-a contra ele. Ela podia sentir a masculinidade pulsante dele.

— Você vê o que faz comigo? — perguntou suavemente. — Você percebe o fogo ardendo em mim?

Não a deixando responder, inclinou-se até seus seios, e a frescura do ar noturno contra a pele despida dela deu lugar ao calor chamuscante de sua boca.

Ao menor toque de sua língua, ela já estremecia.

Seus gemidos somente o excitavam mais. Nicholas lembrou-se com desgosto da violência de quando a havia possuído no dia anterior. Sua necessidade não era mais tão descontrolada dessa vez. O desejo explosivo e frenético havia se acalmado. Em vez disso, ele queria compartilhar e expressar seu afeto.

Ajoelhou-se diante dela, esfregando o rosto em suas pernas. Aurora ficou rígida enquanto ele inalava seu perfume.

Ignorando seu suspiro de protesto, ele inclinou-se para provar de sua feminilidade delicada como pétala, deixando a língua examinar a maturidade dela.

Os joelhos dela curvavam-se, ela agarrou seu cabelo, mas ele não tinha intenção de parar. As mãos dele mantinham os quadris dela parados. Seus cabelos emaranhados caíam sobre eles enquanto ele continuava saboreando e explorando com longos e suaves movimentos. Aurora gemeu, inclinando-se contra sua boca. Era uma tortura: sua ternura infinita abrandando uma fome enquanto sua sensualidade criava outra.

— Nicholas, por favor... — ela implorou.

Obsequioso, seus lábios pressionaram intensamente, enquanto a língua investigava mais profundamente. Um calor intenso passou do corpo dele para o dela, enrijecendo-a.

O sussurro rouco de Nicholas parecia vir de longe.

— Sim, queime por mim...

Outro arrepio tomou conta dela; já não conseguia ficar parada. Tremendo, suas pernas abriram-se para lhe dar passagem, e ela teria caído se Nicholas não tivesse segurado seu corpo.

— Chega... — murmurou indefesa.

O desejo estava evidente nos olhos dele, assim como a intensidade obscura quando respondeu:

— Não, anjo. Só estamos começando.

Ele a beijou como se tivesse encontrado algo frágil, precioso, e então se virou com ela em direção à cama. Sua boca ainda cobria a dela enquanto a ajeitava no colchão.

Ele ajoelhou-se sobre ela e começou o ataque novamente. Seu toque era quente; sua boca, mágica enquanto deslizava pelo corpo dela, beijando-a em todas as partes. Ela entregou-se às sensações que o toque dele lhe proporcionava. Nunca havia sentido uma ternura tão doce, tão intimamente bela.

Ele era tão forte e tão terno, suas carícias tão suaves. Ele mantinha seu poder sob controle, os lábios habilidosos e leves. Ela podia sentir seu cuidado.

Ela se mexeu debaixo dele, sentindo uma forte e incansável necessidade feminina. Seu toque era possessivo e adorável, suave e excitante, oferecendo conforto e tormento ao mesmo tempo.

Um som febril escapou de sua garganta. Ela estava se afogando em desejo...

Ela implorou novamente, mas uma eternidade se passou até que ele parecesse finalmente ouvi-la.

Com os olhos ardendo de desejo, ele cobriu o corpo dela com o seu. Rapidamente, Aurora ergueu os braços para aproximá-lo dela, apreciando sentir o peso dele contra ela, sua masculinidade dura e ereta entre os dois. Ele se apoiou nos braços, olhando fixamente para ela.

— Você tem ideia de quantas vezes sonhei com isso? — sussurrou. — Tê-la em meus braços novamente, toda a beleza e o fogo...

Seus olhos estavam apaixonados, esperando.

— Eu sonhei com você também — ela sussurrou, tremendo.

Era a única resposta que Nicholas parecia precisar. Ele entrou lentamente nela, em sua gruta estreita. Aurora suspirou, aliviada em tê-lo finalmente como parte dela.

Ele parou por um momento, deixando-a se acostumar com seu membro inchado e rígido.

A segunda estocada em seus quadris o forçou tão profundamente para dentro dela que ela suspirou.

Sorrindo, Nicholas agachou-se, puxando o quadril dela mais para o alto, para que ela pudesse senti-lo mais intensamente. Foi a sensação mais maravilhosa que ela já havia experimentado — eles estavam se tornando um só.

A cabeça de Aurora caiu de novo sobre o travesseiro. Ela não conseguia pensar, somente sentir. O desejo que ele havia despertado nela com seu toque era vivo e vibrante, como uma chama queimando dentro dela.

Ele começou a se mexer, então, como se sentisse a mesma chama. As mãos dela passavam cegamente sobre os músculos enrijecidos dele enquanto ele aumentava o ritmo, enterrando-se cada vez mais em seu corpo. O prazer aumentou cada vez mais, crescendo a ponto de se tornar insuportável.

Nicholas encontrou-se cercado pela mesma urgência que ela; a mesma necessidade feroz e primitiva. Sua respiração acelerou contra a garganta dela, enquanto investia cada vez mais forte. Ele tentava lembrar-se de ser gentil, mas a ideia desaparecia junto com seu controle.

A explosão, quando veio, os arrastou. Ele sentiu na boca dela os gemidos de êxtase, enquanto espasmos latentes agitando seu corpo tomavam conta dela junto com seu sêmen.

Quando ele desabou contra ela, sentiu dentro de si uma ternura dolorida que o fez tremer. Um instante depois, rolou para o lado dela e a abraçou contra o peito.

Por muito tempo, Nick permaneceu lá tremendo, ainda pulsando após o choque, seus pensamentos confusos. Havia um nome para a ternura intensa que ele sentia. *Amor*. Ele amava Aurora. Meu Deus!

Nicholas estreitou os olhos, dividido entre a vontade de amaldiçoar e rezar.

Era um reconhecimento assombroso. Amor nunca havia feito parte de seus cálculos em qualquer outro relacionamento. Antes, ele sempre conseguira partir sem arrependimento, afastar-se com o coração intacto. Nunca correria o risco de sucumbir ao amor, nunca estivera nem remotamente tentado pela possibilidade. Considerava-se impenetrável a essa intensa sensação que seu pai tinha experimentado.

Mas tudo isso havia sido antes de conhecer Aurora. Sua graça e beleza o haviam conquistado desde o começo — mas seu encanto ia além da mera beleza ou da atração sexual. Desde o começo, sua bondade, sua força tranquila, sua natureza protetora haviam conquistado seu respeito, e o sentimento só havia crescido depois disso. Quanto mais a conhecia, mais a desejava. Ela havia dado provas irrefutáveis da mulher apaixonante que escondia do mundo. E foi essa mulher inesquecível que incendiou seu sangue e seu coração.

— Você está bem? — perguntou ele após algum tempo.

Sua resposta foi um suspiro de prazer murmurado.

Alcançando o cobertor no pé do beliche, Nicholas o estendeu para cobrir seus corpos nus. Distraído, beijou o cabelo de seda dela, trazendo-a para mais perto. Seus sentidos estavam entorpecidos pelo refrão maravilhoso, ainda que assustador, que ecoava em sua cabeça. *Eu a amo. Eu a amo.*

Ele revirou o pensamento assombroso de novo e de novo, até permitir-se outra reflexão. *E que diabos farei em relação a isso?* Como ele convenceria Aurora a ser sua esposa, quando ela se mostrava tão relutante em relação a isso?

Uma noite não seria suficiente para satisfazer a fome em sua alma. Queria Aurora como esposa. Ela pertencia à sua cama, à sua vida. Seu casamento improvável havia sido forjado por uma brincadeira do destino, mas ele queria que tudo fosse real. Desejava o direito de reconhecer a paixão que sentia por ela. Desejava perder-se na seda morna do corpo dela todas as noites e acordar ao seu lado todas as manhãs. Queria construir um futuro ao seu lado, ter filhos.

Nicholas ficou calado, pensando se sua semente poderia ter vingado. Em duas das vezes em que haviam se amado, ele não havia tomado nenhuma precaução para não engravidá-la. Se lhe desse um filho, Aurora não teria escolha a não ser aceitar o casamento — já que não suportaria o escândalo sozinha.

Mentalmente, Nicholas balançou a cabeça. A ideia de Aurora carregando um filho seu o enchia de prazer e felicidade, mas a escolha tinha de ser dela. Ele a desejava como esposa, mas a escolha deveria ser espontânea. Por amá-lo. Por querer passar o resto de seus dias com ele. Não por ser forçada a isso. Da próxima vez que fizessem amor, jurou, ele teria de tomar certas precauções.

Mas haveria uma próxima vez? Ele sabia bem o que queria, mas e Aurora?

Ela não correspondia a seus sentimentos, ele sabia bem disso. Ele era o contrário de tudo que ela considerava ideal em um marido. E ela ainda estava apaixonada por um maldito fantasma. Com o passar do tempo, talvez ele pudesse mudar seus sentimentos, mas seu tempo estava se esgotando.

Era disso que precisava — tempo. Tempo sozinho com Aurora. Tempo para romper suas defesas. Para convencê-la a dar uma chance ao seu casamento. Para mostrar-lhe que o desejo que sentiam podia se tornar algo real e duradouro. Para acender sua paixão até que seus sentimentos fossem tão intensos e avassaladores que ela não os poderia negar mais.

Era a única forma que ele conhecia para alcançá-la — intimidade física. A cada vez que se tocavam, suas defesas diminuía e a fome que ele criava nela crescia um pouco mais.

E a paixão física poderia levar ao amor. O mesmo havia acontecido no diário da senhora francesa. Poderia acontecer com Aurora. Não. *Iria* acontecer, Nicholas jurou.

Não tinha intenção de desistir sem fazer tudo que estivesse ao seu alcance para tentar conquistá-la. Seu pai havia perdido o amor de sua vida, e Nick negava-se a passar o resto de seus dias ansiando pelo que poderia ter sido.

Ergueu a mão para acariciar a face dela.

— Você está acordada?

Ela levantou o rosto para fitá-lo.

— Sim — murmurou, seus olhos azuis sonolentos e sensuais.

Ele tirou uma mecha de cabelo do rosto enrubescido. Ela era tão assustadoramente linda... Ele a queria de novo, mais intensamente do que antes, uma ânsia que ia além do físico.

Todavia, ele não podia deixar escapar seus sentimentos. Duvidava que Aurora acreditasse em qualquer confissão de amor — até ele tinha dificuldade em acreditar nisso. Sua insegurança o fez sentir-se extremamente vulnerável.

Ele ainda não podia contar-lhe. Teria de esperar pela hora perfeita, teria de *mostrar* a ela como se sentia, com mais do que meras palavras.

— Há algo que preciso discutir com você — disse, finalmente, lutando para manter o tom casual. — Estou pensando se devo ou não deixar Londres.

O corpo dela endureceu.

— Como assim? Partir?

— Achei que poderia ir para o campo por algum tempo. Você está certa. Após encontrar tantas pessoas que me conhecem, o risco de ser descoberto é muito grande. Clune disse que posso usar sua casa em Berkshire. — Nicholas fez uma pausa, respirando fundo. — Quero que venha comigo, Aurora.

Ela sentou-se lentamente, puxando o cobertor até o peito.

— Ir com você?

— Sim. Quero que estejamos juntos.

O olhar confuso estava de volta aos olhos dela.

— Nós estamos juntos agora.

— Não como deveríamos estar. Do jeito que as coisas estão, estou condenado a bancar o ladrão, roubando alguns momentos privados com você, tendo de mover-me sorrateiramente para ter alguma intimidade com a minha esposa. Quero poder beijá-la sem preocupar-me em provocar um escândalo. Abraçar, fazer amor com você e acordar com você nos meus braços.

— Nicholas, já falamos sobre isso. Eu não quero ser sua esposa.

Ele a observou fixamente.

— Você não pode negar que me quer, não depois da paixão que compartilhamos agora.

A aflição nos olhos dela era evidente.

— Isso não muda nada. Ainda somos completamente errados um para o outro.

— Como pode ter tanta certeza? Nunca realmente testamos a questão. Nosso casamento nunca teve uma chance real de dar certo. Eu quero essa chance, Aurora. E você a deve para si mesma, se não para mim.

Ao não obter resposta, ele continuou em tom baixo.

— Temos pouco tempo. Não posso permanecer na Inglaterra por muito tempo. Mas, antes de partir, tenho de ter certeza de que não somos certos um para o outro. Nós deveríamos provar isso a nós mesmos, de uma maneira ou de outra.

— O que você está propondo?

— Venha para Berkshire comigo. Como minha esposa. — Ele acariciou seu braço nu com os dedos.

— Dê-me quinze dias. Duas semanas para convencê-la de que pertencemos um ao outro. Se, depois desse prazo, você ainda quiser destruir nosso casamento e os votos que fizemos, concordarei. Partirei da Inglaterra e sairei da sua vida para sempre.

Ela o observou.

— Para sempre?

— Sim — concordou. — Retornarei à América sem você. Nunca me verá novamente. Poderá viver sua vida aqui, independente, como deseja.

Aurora colocou a mão na testa, esfregando-a.

— Não posso deixar Londres agora. O que será de Harry? E Raven?

Ele não podia condenar sua lealdade. Aurora era totalmente dedicada às pessoas com quem se importava; era uma das coisas de que ele mais gostava nela.

— Raven ficará bem sozinha — respondeu, sincero. — E lidarei com Harry. Após o encontro perigoso dessa noite, duvido que ele vá querer perambular sozinho novamente. E pretendo deixar claro que uma vida no mar não é a aventura glamurosa que ele fantasia. Não ficarei surpreso se ele decidir em breve voltar para a casa de sua mãe.

— Eu não posso deixá-lo aqui, Nicholas.

— Prometo que não será necessário. Que outras objeções você tem?

Ela tinha uma lista infinita delas. A maior delas dizia respeito ao próprio Nicholas. Ele era um risco maior do que qualquer coisa que ela já tinha imaginado. Ele ameaçava qualquer conceito que ela conhecia sobre segurança ou racionalidade. As emoções que havia despertado nela eram intensas e

assustadoras, assim como sua paixão feroz.

Mas e se recusasse ir com ele? Estaria deixando seu medo comandá-la. Estaria sendo covarde como ele havia acusado. Ela não queria viver sua vida coberta de medo.

Mas, pior ainda, se ele fosse descoberto em Londres, seria preso e enforcado. Céus, ela não aguentaria sua morte. Ao menos, longe de Londres estariam seguros...

Deveria aceitar o que ele lhe pedia? Tinha outra escolha?

Ela o observou de volta, presa no feitiço do seu olhar. Duas semanas. Alguns dias sozinha com Nicholas. Eles seriam amantes. Seria paraíso, seria tormento.

Conseguiria manter suas emoções intactas por tanto tempo? Duas semanas pareciam uma eternidade. E a intimidade reforçada só lhe traria mais dor quando tivessem de partir.

Mas, se ela conseguisse suportar isso, ele deixaria a Inglaterra e retornaria para a América de vez. Aurora engoliu o súbito nó em sua garganta. Não era isso que queria tão desesperadamente? Estar livre de Nicholas e de sua paixão sufocante?

Tentou livrar-se do sentimento de desolação que aquele pensamento gerava. Queria que ele partisse antes que destruísse seu coração.

— Você me dará essa chance, amor? — perguntou, sua voz suave como veludo. — Você virá comigo?

— Sim — Aurora sussurrou. — Eu irei.

Havia um fogo tão forte nos olhos dele que o coração dela parou. Incapaz de encarar aquele olhar, Aurora fechou os olhos, esperando com todas as forças não estar cometendo um erro fatal.

PARTE III  
UMA PAIXÃO DO CORAÇÃO





*Ele extraiu do meu coração os mais íntimos segredos.*

Quanto tempo falta para chegarmos? — Harry perguntou pela terceira vez, remexendo-se em seu assento para olhar pela janela da carruagem os campos de Sussex.

Aurora não conseguiu evitar rir da impaciência do garoto para voltar para casa. Eles estavam viajando há apenas algumas horas, mas Harry mal conseguia conter a impaciência.

— Não muito — ela respondeu.

— Você vai falar com a minha mãe, não vai, Rory? Você não vai deixar que ela me repreenda...

— Sim, com certeza. Eu prometi que o faria. Mas não acho que você deva se preocupar. Ela vai ficar aliviada demais com seu retorno para ficar passando sermão.

Harry espiou Nicholas, que cavalgava ao lado da carruagem.

— Queria ter podido cavalgar meu próprio cavalo como o senhor Deverill está fazendo, em vez de ficar preso aqui.

— Você disse que suas costelas ainda estavam sensíveis demais para aguentar uma viagem tão longa em cima de um cavalo, não se lembra?

O menino estremeceu, como que recordando o ocorrido — uma reação que Aurora notou com certa satisfação. Após ter sido machucado no cais, Harry havia jurado nunca mais fugir, mostrando tamanha sinceridade que ela acreditou. E, para o alívio dela, dois dias de suor, bolhas e músculos doloridos o haviam convencido de que a dura vida de um lobo do mar não era o que ele realmente desejava.

Aqueles dois dias pareceram uma eternidade para Aurora, mas ela havia prometido a Nicholas que não ia interferir em seus drásticos métodos. E, assim como Nicholas havia predito, Harry havia abandonado o sonho maluco de fazer parte da marinha mercante, ainda que não estivesse contente com isso.

Após lembrá-lo de que, ao alcançar a maioridade, poderia ser rico o suficiente para comprar sua própria frota de navios, ele se animou e decidiu que, no fim, preferia passar os anos até lá em Sussex com a mãe, que sentia sua falta, e que, talvez, o comportamento superprotetor dela não fosse assim tão insuportável.

Aurora levava o menino para casa agora, enquanto Nicholas fazia a escolta. Ela também queria ter podido cavalgar em um dia tão bonito de verão, evitando o calor excessivo e a poeira no interior da carruagem. Mas, além de precisar fazer companhia para Harry, era necessário manter a farsa de que

Nicholas era um amigo da família, sem anunciar o plano verdadeiro. Após devolver Harry a sua mãe, eles iniciariam o trajeto de volta a Londres, mas desviariam para Berkshire, onde passariam duas semanas, como Aurora havia concordado.

Até agora ela havia feito um bom trabalho reprimindo suas lembranças, mas, à medida que adentravam o interior do leste de Sussex, onde ela havia passado a infância, ficou feliz de ter Harry para distraí-la de sua apreensão e de seus sentimentos de tristeza. Era a primeira vez em mais de um ano que passava por lá. Após a morte de Geoffrey, havia preferido viver em Londres, já que lá era mais fácil evitar as dolorosas lembranças de sua perda. Havia se distanciado ainda mais quando viajou até o Caribe com o primo e a esposa.

Como sua vida mudara desde então, Aurora pensou. Ela havia se casado, enviuvado, para logo depois deixar de ser viúva. Havia se transformado em uma mulher completa, aprendendo sobre o desejo carnal nas mãos de um amante experiente que era totalmente o oposto do cavalheiro gentil pelo qual ansiava tanto tempo.

A jornada de volta para casa trouxe muitas lembranças tristes de Geoffrey, assim como de outras pessoas.

Aurora remexeu-se, sentindo-se desconfortável. Tentara não pensar no pai ou nos sentimentos obscuros que ele havia desenvolvido. As propriedades dos March e dos Eversley eram vizinhas, mas ela não tinha motivo para procurar o duque, já que ele havia lavado as mãos em relação a ela, banindo-a de suas propriedades.

Ela não podia esquecer, contudo, da ameaça que ele fizera de chicoteá-la caso ela ultrapassasse os limites de suas propriedades. E em breve ela estaria passando essas barreiras em represália. Seu pai ficaria ultrajado se soubesse de sua intenção de passar duas semanas sozinha com Nicholas. Mesmo agora ela estava ultrapassando o limite. Havia evitado trazer a criada com o pretexto frágil de que a viagem era de curta duração.

Ao menos uma de suas preocupações acabara; não estava grávida após suas imprudentes intimidades com Nicholas. Sua menstruação tinha chegado e partido na última semana. E, de agora em diante, quando estivessem juntos, eles tomariam os tipos de precaução mencionados no diário.

— Então — disse a Harry, fingindo entusiasmo enquanto tirava um jogo de cartas do colo. — O que vamos jogar?

Aproximadamente uma hora depois, a carruagem finalmente entrou na propriedade dos March. Harry já se contorcia no assento, inquieto. Sua mãe, lady March, veio cumprimentá-los assim que a carruagem parou diante da extraordinária mansão de pedra.

Ela abraçou o filho com força e depois cumprimentou Aurora com o mesmo calor. Lady March fora amiga de Aurora desde a morte de sua mãe, e então haviam compartilhado as dores da perda de Geoffrey também. Sob o olhar de Nicholas, porém, ela tentou ignorar a tristeza e começou as apresentações.

Lady March foi muito efusiva ao cumprimentar Nicholas também, apertando as mãos dele com as suas em gratidão.

— As cartas de Harry falavam muito sobre você, senhor Deverill. Não consigo agradecer-lhe o suficiente.

— Não foi nada, minha senhora — Nicholas respondeu calmamente.

— Ah, mas foi sim! Harry não tem tido a figura de um homem para orientá-lo desde que... — Ela engoliu as lágrimas súbitas e abriu um sorriso. — Vocês ficarão aqui esta noite? — perguntou a Aurora.

— Obrigada, mas temos de voltar.

— Ah, mas pelo menos vocês vão almoçar. Quero que me conte todas as fofocas de Londres. Ultimamente tenho ido para lá muito pouco, você sabe. Entrem. Harry, você irá nos acompanhar...

Entraram na sala de estar e esperaram até que o almoço fosse servido. Lady March manteve Harry ao seu lado, como se tivesse medo de que ele desaparecesse, mas, assim que a refeição acabou, ele pediu licença para ir aos estábulos visitar seus cavalos, mal esperando a permissão da mãe para sumir dali.

Lady March chamou a atenção de Harry para não correr até a porta, dizendo que não era o comportamento apropriado diante das visitas.

— Ah, mamãe! Rory não é uma visita — ele declarou.

— Mesmo assim você pedirá desculpas a ela e a o senhor Deverill.

— Desculpem-me — ele disse, com um sorrisinho impertinente.

— E ainda não o ouvi agradecer-lhe por sua generosa hospitalidade nas últimas semanas — lady March acrescentou.

— Obrigado, Rory. — Voltando à mesa, ele deu um abraço firme em Aurora, apertou a mão de Nicholas e desapareceu.

Balançando a cabeça em desalento, lady March suspirou.

— Às vezes acredito que ele esteja me desafiando. Ele é tão diferente do irmão Geoffrey... — ela virou-se para Nicholas. — Agora é a minha vez de desculpar-me, senhor Deverill. Não quero ser melancólica, mas é difícil para uma mãe perder um filho. Ou para uma mulher perder o noivo — ela disse, incluindo Aurora no comentário.

Nick acenou com a cabeça em compaixão. Não se sentia tão confiante como aparentava. Não estava nem um pouco feliz com a visita, visto que ela alimentava inúmeras memórias de seu rival na cabeça de Aurora. Ela havia colocado lorde March em um pedestal e seria muito difícil tirá-lo de lá.

Nicholas sabia que não poderia lutar contra o modelo que Geoffrey representava. Apenas poderia tentar fazê-la esquecer — o que ele tentaria com todas as forças se pudesse tirá-la de lá.

Entretanto, outro evento ocorreu para que mais memórias ruins fossem despertadas em Aurora, interferindo no prosseguimento da viagem. Estavam prestes a ir embora quando lady March perguntou a Aurora se ela havia tido notícias do pai ultimamente.

— Não — respondeu. — Temo que nossas relações não sejam as melhores desde meu casamento.

— Eu entendo que ele não esteja agindo muito bem — lady March admitiu. — Desde que você se foi, ele tem encontrado dificuldade em manter qualquer criado. Mas acredito que seja bem feito, já que ele afastou todos com seu temperamento vil.

Nicholas percebeu as emoções que passavam pelo lindo rosto de Aurora; ela ficou claramente perturbada com o que ouviu. Permaneceu calada, contudo, até Nicholas colocá-la dentro da carruagem. Então ela tocou o braço dele.

— Antes de partirmos — disse em voz baixa —, eu gostaria de visitar meu pai.

Nick fitou-a intensamente.

— O que espera conseguir? Você não pode querer vê-lo depois da maneira como ele a tratou.

— Eu não *quero* vê-lo. Mas ele ainda é meu pai

— E você tem um senso de dever desenvolvido demais — ele disse, desaprovando.

Aurora lançou-lhe um sorriso pesaroso.

— Acho que sim.

— Você não deve nada a ele, Aurora. Ele perdeu qualquer direito à sua lealdade.

— Talvez. Mas minha consciência vai sempre me condenar se eu partir sem assegurar-me de que ele está bem. Você não tem de vir comigo se não quiser.

— Ah, não! — Nicholas disse com um sorriso perigoso nos lábios. — Eu gostaria muito de ter a chance de conhecer o ilustre duque.

Algum tempo depois, eles chegaram à propriedade de Eversley. O grandioso parque havia sido muito negligenciado desde a última vez que Aurora estivera lá.

A avenida de cascalho estava esburacada e suja, e os gramados e arbustos tinham a aparência selvagem.

Seu estômago doía enquanto subia os degraus até a porta de entrada com Nicholas; mesmo assim, encarar o pai era algo que ela deveria fazer. Sabia que havia pouquíssimas chances de uma reconciliação entre eles, e ela também não queria isso. Mas, ainda que ele a tivesse renegado, era seu pai, sua carne e seu sangue. Independentemente de ele merecer compaixão ou não, ela nunca conseguiria virar as costas para ele. Não sem ao menos fazer um último esforço. Só assim, ela conseguiria encerrar aquele capítulo de sua vida. Estava contente, porém, de ter Nicholas ao seu lado nesse momento.

Quando bateu à porta, o ruído pareceu vazio, como se não houvesse ninguém em casa. Alguns minutos se passaram até que a porta fosse aberta por um laçao com a farda totalmente imunda. Sem reconhecê-lo, Aurora pediu para falar com o duque.

— O duque não se encontra — foi a resposta.

— Ele não está em casa ou não está recebendo visitas?

— Não está recebendo.

— Eu gostaria de vê-lo mesmo assim.

— E quem é você?

Aurora levantou o queixo, observando o homem da cabeça aos pés.

— Bom, sou a filha do duque e desejo falar com meu pai. Por favor, diga a ele que estou aqui.

Ele olhou para Nicholas, como se o medisse. Percebendo que o visitante era mais alto e forte, o laçao franziu as sobrancelhas e entrou.

Aurora observou ao seu redor, triste.

— Quando minha mãe era viva, esta casa era linda — murmurou.

Ela sentiu os dedos de Nicholas tocarem sua nuca, uma súbita demonstração de simpatia e apoio. Ele não disse nada, mas ela sentiu que ele lhe emprestava sua força e ficou grata por isso.

O criado retornou, finalmente. Tão carrancudo como antes, acenou com o polegar acima dos ombros.

— Vossa senhoria os espera.

— Conheço o caminho — Aurora disse calmamente, passando por ele. Seus passos diminuíram, contudo, quando ela se aproximou do estúdio do pai. Talvez a ideia de vir até aqui tivesse sido tola. Ela apertou a mão contra a barriga, relutante em encarar a dor que enfrentaria nos próximos instantes.

Esticando os ombros, ela entrou.

A visão que teve foi mais chocante do que esperava, mesmo após o aviso de lady March. O duque, que costumava ser tão nobre, encontrava-se derramado em uma cadeira, com as roupas desalinhadas como as do laçao, e tinha os olhos azuis turvos e avermelhados quando a encarou.

Ele obviamente tinha bebido, já que suas palavras saíram enroladas quando falou:

— Que diabos você está fazendo aqui? Eu disse que não queria mais colocar meus olhos em você novamente.

— Olá, pai — disse. — Lady March comentou que você não estava bem.

— Não é da sua conta como eu estou, sua ingrata infeliz. — Sombrio, levou o copo de vinho do Porto aos lábios e virou o resto do conteúdo. — Você não é minha filha. Você desafiou meus desejos, casando-se com um criminoso à beira da forca, envergonhando-me. Eu deveria ter lhe mostrado o chicote.

— Fique feliz por não tê-lo feito — Nicholas disse calmamente ao lado dela.

O olhar do duque deslocou-se para ele.

— Quem diabos é você?

O sorriso de Nicholas não alcançou seus olhos.

— O primo do criminoso, Brandon Deverill.

— Saia daqui! E leve-a com você! — Eversley levantou a mão e apontou em direção à porta. — Não quero essa vagabunda em minha casa.

Aurora recuou como se tivesse apanhado, mas, quando Nicholas deu um passo à frente, ela segurou seu braço. Em vez de feri-la, o ataque do pai somente a havia irritado e entristecido.

— *Eu envergonhei você, pai?* — Seus lábios abriram um sorriso irônico. — Que incrível. Quantas vezes você me humilhou? Por toda a minha vida tive de ver você destratando as pessoas. Você reinava pelo medo, batendo em inocentes e explodindo de raiva por nenhum outro motivo além de o seu mingau estar frio ou um nada de poeira ter sido deixado em suas botas. Bem, você deve estar bem feliz agora. Não tem mais de aguentar as transgressões dos criados. Afastou todos eles.

O rosto dele manchou-se de raiva. Eversley colocou o seu copo na mesa com tudo e ficou de pé.

Mas Aurora não se moveu.

— Sinto muito por você, pai, eu realmente sinto. Achei que fosse mais orgulhoso. Nunca pensei que afundasse a um nível tão patético.

— Como ousa? — disfarçando a embriaguez, Eversley a amaldiçoou e tentou atacá-la, a mão pronta para esmurrar.

Nicholas moveu-se como um relâmpago. Em um instante, ele pegou o duque pela gravata, girou-o, torceu seu braço por trás das costas e forçou-o a avançar até que seu rosto estivesse espremido contra a parede.

Eversley gritou de dor.

A voz de Nicholas estava baixa e dura.

— Tenho morrido de vontade de fazer isso desde que fiquei sabendo quão bruto você é.

— Tire suas... mãos... de mim — Eversley exclamou, urrando.

— O quê? Você não gosta de experimentar seu próprio remédio?

— Ao inferno você! Vou fazê-lo ser chicoteado! E preso... por atentado.

— Você pode tentar. Mas estou lhe dando um aviso. Se encostar um dedo nela, vou esfaquear sua garganta. Toque em um fio de cabelo dela que seja, e vou destruir a escória que você é. Você não viverá para ver o próximo nascer do sol. Fiz-me entender?

Fraco, o duque concordou com a cabeça, mas Nicholas ainda não estava satisfeito.

— Fique fora da vida dela, entendeu? Não quero ficar sabendo que você chegou minimamente perto dela.

— Sim, certo! — Ele quase ficou de joelhos quando Nicholas liberou a força selvagem de sua mão.

Aurora assistia a tudo com o coração batendo forte, obrigando-se a não intervir. Quando o malevolento olhar do pai a atingiu, ela levantou o queixo e devolveu o olhar friamente. Ela abominava violência, mas não conseguia sentir-se mal pelo ocorrido. O duque havia, finalmente, encontrado um páreo — alguém que não poderia ser amedrontado ou acovardado por sua raiva. Nicholas não estava nem um pouco intimidado por suas ameaças.

Nicholas virou-se e ofereceu a Aurora seu braço — que ela aceitou prontamente. Nenhum dos dois disse uma palavra enquanto saíam da casa e alcançavam a carruagem que os esperava.

Em vez de cavalgar, prendeu seu cavalo na parte traseira da carruagem e acompanhou-a na parte de dentro, ainda que Aurora mal o houvesse percebido. Enquanto avançavam, somente olhava, muda, a imagem de sua casa desaparecendo pela janela.

Ela ainda tremia, mas sua maior emoção era um incrível sentimento de alívio. Estava livre do pai, após anos vivendo sob seu controle. Havia rompido seu deplorável domínio sobre ela. Não o podia ajudar, percebeu finalmente. E não estaria mais constrangida pelo dever de filha; não precisava mais sentir nenhuma responsabilidade em relação a ele. Com o violento repúdio a ela, ele havia perdido qualquer direito, inclusive à sua compaixão.

Surpreendentemente, ela não se culpou, somente sentia uma grande tristeza de que as coisas tivessem de terminar assim, cortando laços tão fortes.

Então, percebeu, finalmente, que Nicholas a observava com o olhar sombrio.

— Você está totalmente livre dele — disse.

— Sim — ela balançou a cabeça, incrédula por ter aguentado a tirania por tanto tempo. — Durante minha vida inteira ele foi uma sombra pairando sobre mim, escura e ameaçadora. Fez de minha vida uma miséria. Sempre foi tão cheio de ódio, tão violento...

O olhar de Nicholas intensificou-se e ele disse:

— Sinto muito que você tenha tido de assistir àquilo, mas, às vezes, um tirano só consegue ser parado pela força.

— Talvez. — Seu olhar voltou-se para as mãos de Nicholas. Ele tinha mãos bonitas e fortes, capazes de violência, mas ainda assim... Nem todos os homens eram brutos como seu pai. Ela sorriu fragilmente. — Obrigada pelo que fez. Eu nunca teria encontrado coragem para me livrar dele se não fosse por você.

Nicholas sentiu o sorriso dela penetrar dentro dele e teve vontade de gritar de triunfo. Ela havia lidado com um relacionamento odioso do passado. O que restava, agora, era o fantasma de seu antigo amor.

A mandíbula de Nicholas enrijeceu-se com o pensamento. Seria mais difícil ainda livrar Aurora dessa influência. Mas ele estava determinado a conseguir. Faria Aurora sentir por ele o mesmo amor que ela sentia pelo falecido noivo. Ela seria sua esposa de todas as formas, em todos os sentidos.

O problema era que ele tinha somente duas semanas para fazê-lo.



Chegaram logo após o anoitecer a uma elegante mansão escondida em uma floresta densa de Chiltern Hills. Na escola, Aurora tinha ouvido rumores sobre as casas de perdição que nobres pervertidos frequentavam com fins libidinosos, mas ela nunca tinha visto algo tão decadente com os próprios olhos. A casa feita de pedras cor de mel lembrava mais um palácio em miniatura do que uma casa de campo

inglesa, ainda que os interiores tivessem uma decoração distintamente exótica, com tapeçarias e estátuas apresentando temas nus.

Foram recebidos por um pequeno grupo de empregados e separados em quartos distintos. Aurora encontrou-se em um quarto perfumado, pouco iluminado e cheio de sedas e pinturas brilhantes.

Uma cama baixa e grande encontrava-se encostada em uma parede, salpicada com almofadas no estilo oriental. Perto do divã, uma mesa estava colocada para um jantar tardio. Do outro lado, na parede oposta, arcos de marfim conduziam a um pátio pavimentado de azulejos coloridos.

Encantada com o barulho dos chafarizes, Aurora ficou parada debaixo de um dos arcos, observando a noite escura. Ela quase podia imaginar-se entrando no diário de Desirée, uma prisioneira no esplendor de um harém.

Mas ela não era nenhuma prisioneira, Aurora lembrou-se. Desirée tinha sido aprisionada e levada a um país estrangeiro como concubina, enquanto ela estava ali por livre e espontânea vontade. Mas, mesmo assim, temia que, como Desirée, estaria vulnerável às tentações exóticas de seu senhor e de sua doce sedução.

Ela sentiu que Nicholas se aproximava antes mesmo de ouvir seus passos. Sem palavras, ele passou os braços ao redor dela e puxou seu corpo contra o dele. Aurora suspirou de prazer com o calor e a rigidez de Nicholas. Ele já estava excitado, ainda que mal tivessem se tocado. Ela tremeu com os pensamentos sobre a noite que viria.

Por um momento, eles simplesmente ficaram parados juntos. Ela podia ouvir o batimento de seus corações.

— Arrependida? — ele murmurou contra o ouvido dela.

Não, ela não estava. Tinha escrúpulos, mas não arrependimentos. O perigo era real, Aurora sabia. Precisaria de toda sua força de vontade para proteger seu coração daquele homem tão poderoso e da tempestade emocional que ele provocava nela. Mas sua promessa de paraíso era algo que não poderia ser recusada por nenhuma mulher de carne e osso.

— Não, sem arrependimentos.

— Que bom — ele disse suavemente.

De algum lugar da escuridão veio o trinado de um rouxinol.

— Então eu tenho algo a lhe pedir, querida. Quero renovar o pacto que fizemos em nossa noite de núpcias. Nessas duas semanas viveremos somente o presente. Enquanto estivermos aqui, não temos passado, nem futuro, nem discórdias. Sem inibições. Somos amantes, somente isso. Será um tempo para esquecer, compartilhar, explorar. Podemos viver qualquer fantasia que desejarmos.

Aurora fechou os olhos com a visão do paraíso que ele oferecia. Nas duas semanas seguintes, ela poderia abandonar-se nos braços dele, ser tomada totalmente pela paixão. Talvez pudesse, assim, saciar a fome que doía constantemente dentro dela.

E então ele a deixaria, e sua vida ficaria, finalmente, em paz.

— Você faria isso por mim? — ele propôs, os lábios tocando os ouvidos dela.

— Sim. — Ela não podia negar nada que ele pedisse; não podia se negar. Precisava de seus beijos, de seu abraço, de sua paixão. Precisava daquilo tudo desesperadamente.

Murmurando o nome dele, Aurora buscou por sua boca. Nicholas estava errado. Não seria um tempo de esquecer, e sim de relembrar.

Ela precisava armazenar lembranças dele antes que ele se fosse. Memórias suficientes para uma vida

inteira.



*Ele me conduziu em uma odisseia, direto para o coração flamejante da paixão.*

A boca dele era mágica, o calor sensual criava uma tempestade de sensações dentro de Aurora. Ela sentia desejo e necessidade tomando seu corpo de assalto enquanto despiam um ao outro com uma urgência febril. Ela estava em chamas, subindo alto e ao mesmo tempo caindo.

Não, caindo não. Ele a levantou nos braços, a boca quente ainda sorvendo a dela. Ele a levou para dentro, deitando-a no sofá baixo, juntando-se a ela por entre as almofadas de seda. Ela o envolveu nos braços, lânguida e febril, desejando-o desesperadamente...

Ela quase não ouviu a batida suave e intrometida na porta, mas Nicholas tremeu subitamente, como se buscando controlar-se.

— Espere, meu anjo... — Ele respirou profundamente e tentou se desvencilhar dela. — É o jantar. Pedi que o servissem aqui.

Com certa relutância, Aurora o soltou, sentindo falta do calor dele. Ele se levantou em um único movimento, revelando o corpo nu em um movimento que era puramente sensual; com um último olhar de desejo, ele deixou a diáfana cortina da cama esconder o divã onde ela se encontrava.

Aurora cobriu-se com o lençol de seda para esconder sua nudez e aguardou impacientemente. Podia ouvir Nicholas chamando os serviçais e pedindo para que as travessas fossem colocadas sobre a mesa. Logo depois, Nicholas puxou a cortina para o lado.

Aurora sentiu o coração pulsar mais rápido no momento que avistou o magnífico corpo dele.

— Você está com fome? — ele murmurou.

— Não... sim... de você — ela respondeu, timidamente.

Os olhos negros dele encontraram os dela, escondidos pelas chamas.

— Você pode satisfazer seu apetite, minha querida, pelo tempo que desejar.

Surpreendentemente, no entanto, Nicholas se virou e dirigiu-se para a mesa baixa onde o jantar se encontrava. Aurora observou enquanto ele inspecionava uma garrafa de champanhe e despejava um pouco da bebida espumante em um prato.

Ele estava com as costas voltadas para ela, e então ela se viu admirando as poderosas e definidas linhas do seu corpo nu. Ele era tal como o sensual príncipe do diário de Desirée. Realmente, o cômodo inteiro lembrava o harém de sândalo e seda descrito no diário, Aurora pensou, seu olhar correndo pelo

exótico ambiente do quarto. Especialmente aquele divã com suas luxuriosas almofadas e finas cortinas. Quase podia se imaginar no lugar da francesa, esperando por seu amante. Nicholas era seu magnífico mestre, e ela sua refém, destinada apenas a saciar seus desejos impuros.

— A decoração aqui — Aurora notou curiosa, procurando manter-se calma — é muito parecida com a do harém descrito no diário.

— Mas isso não é uma completa coincidência — Nicholas respondeu. — Eu pedi que nos reservassem estes cômodos assim que soube do tema oriental. Você parece bem atraída por esse diário.

Ele voltou para perto dela e sentou ao seu lado no divã, com o prato para que ela inspecionasse. Havia pequenas esponjas encharcadas em champanhe.

— Você se lembra do que o diário dizia sobre prevenir a concepção?

— Sim — ela estava estranhamente desconcertada sobre o propósito delas, evitar a fecundação pela semente do homem, mesmo que não pudesse arriscar-se a conceber um filho de Nicholas.

— Posso continuar? — ele perguntou.

— Sim.

O clamor do coração dela ecoava no silêncio da sala, enquanto Nicholas baixou o lençol que cobria o corpo dela e a olhou intensamente. Quando ele alojou a esponja molhada entre as coxas dela, Aurora prendeu a respiração com a sensação gelada que a invadia.

Com um pedido de desculpas, ele gentilmente abriu as pernas dela e forçou a esponja contra a pulsante fenda, depois além, até que ela estivesse profundamente alojada no corpo dela. Aurora tremeu, mas então a boca dele tomou o lugar dos dedos, aquecendo a carne dela.

Aurora ofegou com o intenso lampejo de desejo que Nicholas criara e curvou-se contra ele. Era gelo e fogo, mas não era o suficiente.

— Nicholas — ela implorou, o desejo se intensificando —, possua-me. — Avidamente, ela esticou os braços para recebê-lo, desejando-o com toda a complacência de seu corpo feminino. Ela desejava a pele quente dele contra a dela, o calor, a intensidade. Queria que ele a penetrasse.

Ele compreendeu a ânsia dela e, sem hesitar, esticou-se para cobrir o corpo dela com o seu. O prazer escureceu seus olhos enquanto ele abria as pernas dela, suas coxas definidas e peludas roçando as dela.

— Sim — ele sussurrou roucamente. — Quero ser parte de você durante toda essa noite, Aurora. Quero dormir dentro de você e acordar com o seu gosto na minha boca...

Ele a beijou novamente, com pressa, e a penetrou em um longo e vagaroso movimento. Sem fôlego, Aurora fechou os olhos enquanto o prazer entorpecava sua mente.

Nicholas começou a se mover; então, repentinamente, seu ritmo acelerou. As coxas dele forçavam as dela, e ele a invadia em um furioso impulso, penetrando-a mais profundamente a cada estocada.

Em chamas, Aurora laçou o quadril dele com as pernas e curvou as costas em resposta. Ele não era gentil, mas ela não queria que fosse. Aquela fome incrível e dolorosa crescia, até que sua excitação ficou tão forte quanto a dele. Eles eram homem e mulher movidos por um desejo primitivo. Ela não conseguia estar suficientemente perto.

Ele mergulhou nela, levando-a para um lugar de devasso prazer, preenchido por prazer quente e intenso. Era tudo tão intenso e belo que ela queria chorar.

O coito deles se intensificou, tornando-se mais selvagem, até que o desejo ardente tornou-se insuportável. Eles se contorceram juntos, insaciáveis, em um acasalamento de pura paixão animalesca. Ele ordenava que ela se rendesse, que se entregasse, e ela assim o fez. Ela se contorceu embaixo dele. As

unhas dela esfolavam as costas dele enquanto ele a possuía, os gemidos dela o tornando cada vez mais selvagem.

O frenesi de Aurora finalmente arrancou a última resistência da parte de Nicholas. A intensa respiração dele bradou palavras contra a boca dela enquanto ele a penetrava. O pulsante desejo de satisfazê-la, de possuí-la, de marcá-la com toda sua paixão o fez tremer...

O inferno conjurou-se nos dois sob a forma de um caos que os fez gemer alto. Aurora soluçou enquanto um orgasmo fazia seu corpo entrar em erupção, enquanto Nicholas gemia de forma baixa e selvagem. Esmagando-a, ele irrompeu em uma escaldante explosão de emoção que tinha o nome dela no final.

E então ele caiu sobre ela. Por um longo momento manteve-se ali, tremendo com a intensidade de seu coração, os únicos movimentos eram os dos seus dedos apertando e soltando o cabelo dela.

Sua união tinha sido intensa e selvagem, como ele nunca havia experimentado antes. Ele queria levantar a cabeça e uivar em triunfo.

Ele havia vencido dessa vez. Havia conquistado o rígido controle de Aurora por enquanto, fazendo-a render-se à irresistível paixão. Mas agora vinha uma tarefa ainda mais difícil: fazê-la amá-lo de fato.

E ele tinha apenas duas breves semanas para ser bem-sucedido.



Aquela noite foi a primeira de muitas nas quais viveriam momentos apaixonados.

Apesar de sua insegurança, Aurora sentia que seus momentos com Nicholas eram incrivelmente doces, um interlúdio mágico na vida dela que nunca havia experimentado. Conforme ele havia pedido, eles não tinham passado, nem futuro, nem nacionalidade. Eram apenas homem e mulher, amantes em um paraíso do desejo.

A mansão discreta e opulenta oferecia encantos pecaminosos que Aurora jamais poderia ter imaginado, mas era Nicholas que fazia daqueles momentos passados juntos puro prazer.

Ele a apresentou a prazeres além dos sonhos dela, levando-a para o reino da carne e dos sentidos. Passaram longas horas explorando os limites do êxtase erótico. Ele a ensinou a satisfazê-lo e a falar abertamente o que lhe agradava. Ao estímulo dele, ela descartou toda a inibição e vergonha, descartando os rígidos códigos sociais com uma entrega selvagem, voluntariamente rendendo-se ao toque sedutor e ao desejo no olhar dele.

Nicholas a fez sentir-se incrivelmente querida e desejada. E ainda mais: ele desafiava a vontade e a mente dela, assim como seu corpo. A inteligência e a astúcia dele eram um prazer constante, enquanto seu charme afiado como um florete faziam picadinho da discrição dela.

Ele a fez rir e a fez sentir desejo. Ela nunca se sentira tão querida. Nunca se sentira tão livre. Ali podia ser selvagem e devassa o quanto quisesse.

No entanto, preocupava-a saber identificar o propósito dele. Nicholas não apenas estava imitando certos elementos carnais do diário; estava seduzindo-a tal como o príncipe turco havia seduzido Desiree.

Aurora deu uma desculpa para começar a discutir a corte deles em uma tarde quando ele a surpreendeu lendo o diário. Enquanto lia, sentada no jardim, Nicholas aproximou-se por trás sem que ela percebesse, abaixando-se para beijá-la delicadamente na nuca.

Aurora estremeceu com a sensação e olhou para cima.

— O que a mantém tão fascinada que você nem me percebe?

— Isto.

Ela enrubesceu quando ele pegou o livro da mão dela e estudou a página.

— Meu amor e eu somos um — ele murmurou, citando a passagem sensual. — Toda a nossa discrição e todos os nossos segredos estão expostos. — Nicholas a observou pensativamente. — Mas é exatamente isso que quero para nós, Aurora.

— Minha discrição está diminuindo — ela se defendeu. — Você providenciou para que isso ocorresse.

— Verdade, mas você ainda tem um longo caminho a percorrer. — Ele devolveu o diário para ela, mas continuou a olhá-la. — Você é tal como Desirée era no começo... temente do próprio desejo.

Mais do que gostaria de admitir, Aurora alimentou o pensamento. Desirée havia sido uma jovem inocente, protegida do mundo, que se perdeu em uma intensa paixão por um homem que se tornara uma obsessão...

— Ela tinha bons motivos para ter medo, Nicholas. Como um concubina, ela não tinha autonomia, estando totalmente à mercê de seu selvagem senhor.

— Ele provou não ser um selvagem. E logo ela conquistou um grande poder sobre ele. — Contornando o banco, Nicholas sentou-se ao lado dela. — Isso é outra coisa que vocês têm em comum. Você não tem noção do seu próprio poder. — Ele sorriu carinhosamente. — Acho que você poderia ter controle sobre mim sem muito esforço.

Quando ela não respondeu, Nicholas curvou-se na direção dela. Ele mordiscou o lóbulo da sua orelha, e ela tremeu de novo, violentamente.

— E outra semelhança — ele sussurrou no ouvido dela. — Desirée pensou que queria liberdade, mas descobriu algo mais caro a ela. Paixão. Ela preferiu isso a ser livre.

Desconfortavelmente, Aurora se afastou das carícias angustiantes.

— Você se esquece que a história terminou mal. Que a paixão dela resultou em sofrimento.

— Nossa história não vai terminar assim, Aurora. — Os lábios dele encontraram o pescoço dela novamente, movendo-se suavemente na pele dela, cada carícia aumentando a libido entre eles, envolvendo-os. — Você pode ter a incrível paixão que Desirée encontrou sem o trágico destino dela...

— Nicholas, por favor... — ela sacudiu a cabeça. — Você disse que não íamos pensar em nosso futuro.

— Deveras. — As pálpebras dele fecharam-se sensualmente enquanto a observava. — Então me beije, minha amada, e me faça esquecer...

Agradecida, Aurora jogou-se nos braços dele e colou a boca na dele, entregando-se completamente à paixão.



Para seu alívio, Nicholas não falou do diário novamente, permitindo que ela se entregasse a suas fantasias.

Caminhavam juntos por longos momentos, vagando pelos jardins, absortos um com o outro. Os jardins eram maravilhosos, com elegantes estátuas eróticas e um gigantesco labirinto de teixos, enquanto o bosque adjacente a intrigava. A densa e verdejante floresta de faia oferecia um mundo encantado próprio,

cheio de trilhas tranquilas e riachos com margens cobertas de musgos, manchados por raios de sol e largas sombras.

Também cavalgavam. No reservado esconderijo, Aurora podia satisfazer seu vício secreto. Um de seus maiores prazeres era galopar rapidamente pelo prado durante a manhã com o cabelo em seu rosto e Nicholas logo atrás dela.

Na maior parte do tempo, porém, eles faziam amor. Nada era proibido, não havia limitações de lugar e hora. Nicholas estava determinado a acabar com toda a discricção dela. Faziam amor na banheira, na mesa de jantar, ao lado do espelho-d'água, protegidos pelas altas paredes do pátio. Alimentavam um ao outro com bombons cobertos de mel e deliciosas frutas, e bebiam um no lábio do outro. Fizeram amor em uma cama coberta de pétalas, cujo perfume era vertiginoso, tal como no diário.

O diário também guiava Aurora em certos instrumentos de prazer. A novidade favorita dela era um par de bolas prateadas, destinadas a serem alojadas dentro da mulher e projetadas para excitá-la e estimulá-la.

A primeira vez que Aurora as usou, foi um choque; nunca tivera tanta consciência do próprio corpo ou do corpo de Nicholas. As deliciosas sensações preenchiam-na com tanta excitação que ela não conseguia soltá-lo.

Eles exploraram o labirinto durante uma quente tarde fustigada por um suave e dourado sol. Nicholas fez da empreitada um exercício de erotismo, cobrindo-a com lentos e quentes beijos, enquanto a levava cada vez mais fundo pelo tortuoso labirinto.

Quando alcançaram o centro do labirinto, Aurora não se surpreendeu ao encontrar uma estátua em tamanho real de dois amantes absortos em sua paixão, exibidos como um ídolo em um templo descoberto e gramado. Não teve dificuldade em adivinhar o que Nicholas queria quando ele estendeu uma colcha na grama e desfez a gravata. Mas quando ele a tocou, ela ficou tensa. A cerca de teixos oferecia toda a privacidade que poderia desejar, mas ela não se sentia à vontade ainda com tanta lascívia.

Ao vê-la hesitar, Nicholas a olhou como se a desafiasse.

— Ninguém pode nos ver, amor, mas se isso realmente a incomoda...

— Não — ela respondeu, lembrando-se de todos os maravilhosos prazeres que descobrira com a ânsia desenfreada dele. — Isso não me incomoda.

— Fico feliz. Quero você nua, amor, apenas com a pele quente entre nós. Venha cá.

Ele a puxou para um abraço, os lábios persuasivos e macios acariciando o rosto dela. Ela respondeu entregando-se, deixando-se levar pela força dele.

Ela derretia ao seu toque, enquanto ele a despia e expunha a pele dela ao sol e às suas mãos; podia sentir seu corpo amolecendo, tal como mel.

Quando ela finalmente ficou nua, os olhos de Nicholas a devoraram com uma audácia que foi o suficiente para excitá-la. A simples sensação de seus olhos vorazes nos seios expostos dela fez com que eles tremessem. Os mamilos saltavam por entre as mechas do cabelo dela, e o indicador dele brincava ao redor de um dos mamilos. Aurora prendeu a respiração assim que ele o apertou para deixá-lo duro.

Ouvindo o gemido baixo, ele cobriu os fartos seios dela com as mãos.

— Seus mamilos são muito sensíveis. Ao menor toque ficam duros.

Ele acariciava os bicos enrijecidos e logo viu que ela começava a tremer com o seu toque.

— Nicholas...

Ao ouvir o rouco suplício de Aurora, ele respondeu.

— Calma, querida.

Ele a beijou, não furioso, mas possessivo, como se quisesse tomá-la para si, e então lentamente a levou até a colcha. Aurora percebeu que ele ainda estava vestido, enquanto ela estava completamente nua.

Segura de si, ela o encarou. Ele a olhou intensamente enquanto se ajoelhava por cima dela, o olhar intenso percorrendo o corpo dela. Aurora sentia a respiração presa na garganta. Estava completamente exposta ao sol e ao cálido olhar dele, e quando ele a olhou com tanta voracidade, sentiu-se deliciosamente desejada.

Ela tentou agarrá-lo, mas ele balançou a cabeça negativamente.

— Não. Deixe-me apenas tocar você.

Ela fechou os olhos, sentindo aquele calor que nada tinha a ver com o sol percorrendo seu corpo. As mãos dele tateavam, criando uma sensação tão penetrante e doce, que ela se sentia fraca. Então ele abaixou a cabeça, os lábios gentilmente tocando os seios dela.

O calor se intensificou; cada sensação era vividamente ampliada enquanto a língua dele venerava os seios dela com movimentos lentos e lânguidos nos mamilos. Inquieta, Aurora apertava a colcha com os dedos. Quando ele assoprou o mamilo ainda brilhante com saliva, ela gemeu.

— Nicholas... — ela disse rouca. — Eu quero você.

Ele se afastou; os olhos dele acariciaram os seios dela.

— Sim, eu sei.

O charmoso meio-sorriso que tinha aparecido nos lábios dele prometia prazeres ainda maiores, enquanto sua mão movia-se em direção às coxas dela, para ali alojar-se, cobrindo a intimidade pulsante de Aurora. Ela arfou alto, e então arfou de novo ao sentir o polegar dele movendo-se contra a úmida e dolorida intimidade dela.

— Você já está molhada para mim — disse ele em um rouco tom de aprovação. — Talvez eu deva providenciar para que fique ainda mais molhada.

Acomodando-se entre as pernas trêmulas e ligeiramente abertas dela, ele abaixou-se para prová-la. A sensação penetrou Aurora como um relâmpago quando ela percebeu a descarada intenção dele.

Segurando os quadris dela com as mãos fortes, Nicholas roçou a fenda dela com um beijo. Aurora abafou um gemido ao sentir a carícia.

— Ahhh...

— Isso, amor, eu quero te ouvir... — Ele sorriu ao perceber o poder que tinha sobre ela, e então abaixou a cabeça novamente.

Um delicioso choque percorreu o corpo de Aurora enquanto ele explorava a intimidade dela com a boca. Tremendo incontrolavelmente, ela se rendeu ao prazer.

Ela jogou a cabeça para trás enquanto ele a saboreava com seus lábios e língua carinhosos. Quando ela se curvava contra ele, Nicholas apertava as nádegas dela, não lhe dando nenhuma chance de esquiva. Com extrema destreza, ele a lambia vagarosamente, por completo, com a língua áspera e quente acariciando-a em movimentos sensuais, apreciando os tremores e pulsações do botão que era o centro do prazer dela.

As mãos dela agarraram desesperadamente o cabelo dele. A boca dele e sua sucção preguiçosa estavam enlouquecendo Aurora.

— Por favor... Nicholas... por favor...

— Ah, sim — ele sussurrou por entre a carne dela. — Vou satisfazê-la de todas as maneiras possíveis.

Ele a segurou mais firmemente, com o rosto contra ela, a língua penetrando sua fenda mais profundamente.

Fogo saltou da boca dele para a carne dela, arrancando uma convulsão de Aurora. O corpo inteiro dela era uma massa quente gritando de desejo. Ela se contorcia embaixo dele, gemendo descontroladamente, até que finalmente gritou.

Ela gozou repetidas vezes, uma selvagem sensação, correndo por ela sem parar. Sem piedade, ele extraiu até a última gota de prazer da carne trêmula dela até que ela se encontrasse exausta.

Satisfeito, ele se deitou ao lado dela. Após um longo silêncio, ele a beijou na cabeça.

— Você não pode dormir ainda — ele sussurrou contra o ouvido dela. — Nós apenas começamos a destruir suas inibições.

Aurora estava deitada languidamente contra ele, não querendo se mexer. Era escandaloso o que ele havia feito, mas ela não conseguia se recriminar pelo próprio comportamento lascivo. Ao contrário, queria mais.

— Eu não estou prestes a dormir — ela respondeu com a voz fraca, mas carregada de paixão. — Estou simplesmente sendo paciente, esperando você se despir. Você tem roupas demais no corpo.

O sorriso dele era tão sensual que fez o coração dela pulsar mais forte.

— Seu desejo é uma ordem, anjo.

Ele começou a se despir, mas Aurora assumiu o comando. Era a vez dela de atormentá-lo.

Ajoelhando-se sobre ele, ela arrancou-lhe as roupas, uma por uma, prolongando o momento. Quando ele estava nu, ela sentou-se admirando toda a glória dos músculos de Nicholas. A pele dele tinha um tom dourado por causa do sol, exceto pela carne branca das coxas e virilha. Ele era um homem viril, musculoso e esbelto. E estava incrivelmente excitado.

— Agora, o que você pretende fazer comigo? — ele murmurou, provocando-a.

Ela respondeu com um sorriso provocativo. Fixando o olhar dele, segurou sua ereção dura e pulsante nas mãos.

O gemido dele era baixo e erótico na tarde tranquila.

Quando ele tentou puxá-la para ele, ela o soltou abruptamente e pressionou as palmas das mãos contra o peito dele. Ela queria seduzi-lo dessa vez.

— Não, Nicholas. Você não vai me tocar. Muito menos se mexer.

Relutante, ele obedeceu, colocando os braços de lado.

Aurora se inclinou sobre ele, sentindo a força de seus músculos em suas mãos, a pele quente contra as palmas dela.

— Você pensa que pode me queimar? — ele perguntou, em tom de desafio.

— Eu sei que posso — ela respondeu, sentindo-se muito poderosa.

Ela curvou-se para prová-lo, passando a língua sobre a carne macia e dura.

Ele curvou-se contra a boca dela, como se estivesse sofrendo.

— Aurora...

— Quietos.

Ela ajoelhou-se ali, na morna luz do sol, cuidando dele, excitando-o da forma que ele havia feito com ela. Era excitante, emocionante. Ela tinha total controle dessa vez, deixando Nicholas louco de desejo.

Em pouco tempo, a respiração dele tornou-se irregular. Ela sentia a mão dele segurando o cabelo dela enquanto se esforçava para ficar quieto.

— Basta! — ele balbuciou fracamente. — Tenha piedade, eu me rendo.

Ele a pegou pelos ombros e a puxou para que ela o cobrisse. Os peitos dela tocaram levemente o peito dele enquanto ela o olhava, os olhos dele turvos de prazer.

Aurora não protestou quando ele a ajeitou em cima dele. Era o que também queria. Ela respirou profundamente quando ele a desceu em seu membro grosso, lentamente a espetando, e então ela suspirou quando sentiu a quentura dele dentro de si.

— Você sabe o quanto eu te desejo? — ele perguntou, a voz um rouco sussurro, enquanto segurava os quadris dela, puxando-a mais para perto e penetrando-a mais profundamente. — Eu quero me enterrar por completo em você...

Aurora curvou as costas, totalmente excitada. Ele era grande, duro e quente, e a preenchia completamente. Indefesa, ela começou a se mover, descartando qualquer fragmento de controle. Ela montou devassamente, gemendo, tremendo contra ele, com seus quadris ondulando em um ritmo desenfreado.

Enquanto os gemidos dela preenchiam o ar, a tórrida excitação de Nicholas crescia para igualar-se ao delírio dela. Ele forçava o quadril contra ela, mergulhando nela. Aurora gozou, gritando sem controle, enquanto ele a acertava, estocada após estocada.

O calor explosivo dela removeu qualquer controle que ele possuía. Ele sussurrou o nome dela, forte e baixo, e então gozou, seu corpo se contorcendo abruptamente. Quando terminou, Nicholas deitou-se de costas, enquanto Aurora caiu sobre ele, totalmente esgotada.

Ela permaneceu ali satisfeita, um prazer entorpecente preenchendo sua mente. Nicholas estava certo, ela pensou lentamente. Ela realmente tinha um desejo ardente escondido dentro de si. E ele só havia estimulado essa chama desde que se conheceram.

Ela não havia notado a intensidade do próprio desejo até agora. Antes de conhecer Nicholas, ela apenas existira, pensando que podia escapar de seus desejos femininos. E agora não podia negá-los. Ele a preenchia com uma ânsia tão forte que ela sofria.

Um trecho do diário veio à sua mente: *Eu pertencia a ele, prisioneira de sua intensa e selvagem paixão*. Era assim que ela se sentia em relação a Nicholas. Era uma refém do desejo dele. Seu desejo por ele era como uma doença...

A felicidade de Aurora se esvaiu, com um nó na garganta. Nicholas estava fazendo tudo que podia para mantê-la prisioneira dele com correntes de amor, seduzindo-a com toda a sua sensibilidade e gentil, porém intenso, sexo. Ele a havia transformado em uma mulher e agora estava decidido a capturar o coração dela.

Deus, ela não queria amá-lo. Mas ele estava fazendo com que fosse mais e mais difícil resistir.

A sensação de nó na garganta aumentou.

Antes de Nicholas, ela desejava uma vida sem paixão. Ela queria a todo custo evitar a dor de amá-lo e perdê-lo.

Mas como ela poderia agora proteger-se emocionalmente dele, quando ele estava focado em possuir por completo seu coração? Como poderia se defender da força vital dele quando ele estava tão decidido a destruir todas as defesas dela com sua incrível paixão?

Como, ela pensou desesperada, poderia acalmar o próprio desejo, que pulsava dolorosamente dentro



O acordo de viver apenas o presente durou até a segunda semana. Durante uma das manhãs de cavalgada na floresta, no entanto, eles iniciaram uma discussão que Aurora preferia ter evitado.

Ela saltou um grande tronco com sua montaria, um obstáculo que até mesmo Nicholas evitava. Ela tinha superado o obstáculo com uma folga de várias polegadas, mas Nicholas apenas sacudiu a cabeça, atordoado pela audácia dela.

— Não fale sobre os riscos aos quais me exponho — disse ele secamente. — Eu nunca teria sido suicida a ponto de arriscar cruzar aquela cerca em uma sela para mulheres.

Ela riu, sentindo a satisfação de seu sucesso, e acariciou carinhosamente o pescoço do cavalo.

— Eu não acredito em você, Nicholas — ela retrucou enquanto retornava ao lado dele. — Pelo que percebi, você não se assusta com nada. Você nada teme.

— Ah, não — Nicholas disse com um sorriso irônico. — Eu tenho um grande medo.

— E qual seria esse medo?

— Eu temo perder você.

Aurora ficou muda, não querendo trilhar aquele perigoso caminho.

— Você disse que não falaríamos sobre isso.

— Perdão — disse ele sem remorsos —, mas você pediu. E nós teremos de abordar o assunto em algum momento antes que eu parta para a América.

Desconcertada, ela tentou se defender.

— Nicholas, nosso tempo juntos tem sido... maravilhoso. Mas nosso relacionamento é puro fingimento. Quaisquer sentimentos que tenhamos agora são apenas temporários. Eles não podem durar.

— Eu gostaria que eles fossem permanentes, Aurora.

Ela sabia que a consternação dela era nítida em seu rosto, mas ele não esboçou reação àquilo.

— Pois bem, não vou clamar pelo seu coração. Apenas pelo seu corpo.

O sorriso que ele deu possuía um charme tão desprendido que ela não sabia dizer se ele estava falando sério, mas sem perceber ela sentiu uma ponta de dor em relação ao desinteresse dele.

Aurora balançou a cabeça.

— Eu não sou o tipo de mulher que você quer como companheira para a vida.

— Eu discordo totalmente disso, amor. Você é o par perfeito para mim. Nunca teve problema algum se defendendo em qualquer uma de nossas disputas ou em outras ocasiões. Está mais do que qualificada para superar qualquer desafio que eu lhe lance.

Aurora franziu a sobrancelha.

— Você não compreende? Eu *não quero* que você lance desafios para que eu os vença. Não sou como você, Nicholas. As únicas coisas com as quais você se importa são o perigo, a aventura e a excitação. Eu não tenho esse interesse em um estilo de vida tão selvagem.

— Nem eu tenho mais. Pensei sobre as questões que você me mostrou, Aurora. Você perguntou se eu estava disposto a ser-lhe fiel. Bem, eu estou. Completamente.

Ela o encarou.

— Eu já cansei de me aventurar. Cansei de correr riscos desnecessários. Tudo o que quero é ficar com você... ser seu marido, talvez começar uma família.

— Você realmente desistiria de sua vida de aventuras para criar filhos? — ela perguntou, não acreditando no que ouvira.

Ele sacudiu os largos ombros.

— Sei que soa improvável. Mas descobri algo nos últimos anos... Você começa a se cansar de aventuras quando não tem com quem as compartilhar.

Ela olhou fundo naqueles olhos negros, procurando algo.

— Eu não sei se acredito em você — disse Aurora finalmente.

— Bem, não acredito que você seja tão tímida quanto finge — ele respondeu, o tom de voz tornando-se mais amigável outra vez. — Creio que você gosta de ser audaciosa, e gosta de como se sente quando o é. — Um brilho maldoso apareceu em seu olhar. — Aproxime-se e mostrarei como isso é verdade.

Eles estavam cavalgando lado a lado pela densa floresta de faia, o joelho dele quase encostando no cavalo dela.

— Não posso me aproximar mais — Aurora comentou, cautelosa.

A boca dele se abriu em um sorriso carregado de malícia.

— Sim, você pode.

Esticando-se, ele a pegou pela cintura e a puxou para o seu cavalo, colocando-a sentada de lado na frente dele.

Atônita, Aurora agarrou o braço de Nicholas para se equilibrar.

— O que diabos você está *fazendo*?

— Mostrando a você o quanto pode ser audaciosa. Agora vire-se, apoie suas costas contra mim. Passe sua perna por cima do pescoço do cavalo... Isso.

— Nicholas... isso é *loucura*...

O protesto dela foi interrompido por um arquejo enquanto ele afastava o corpete do vestido dela para expor os seios de Aurora. Um raio de calor a percorreu quando ele tomou em uma de suas mãos um dos fartos seios. Involuntariamente, Aurora se curvou contra ele, enquanto gemia uma objeção.

— Nicholas... alguém pode nos ver.

— Não há viva alma num raio de quilômetros.

Ela podia sentir os seios tremendo, se esforçando para preencher as mãos dele enquanto tremia nos braços dele.

— Maldito seja, por que está fazendo isso?

— Porque — ele murmurou roucamente no ouvido dela — quero que você se lembre de mim. Pelo resto de sua vida, sempre que cavalgar, quero que você pense em mim. Agora cale-se e aproveite...

Os mamilos dela se tornaram adagas de veludo contra as mãos dele, enquanto ele a seduzia com torturantes carícias. Deixando de oferecer resistência, Aurora mordeu o lábio e se inclinou contra ele, entregando-se aos estímulos eróticos de Nicholas.

Quando ela já havia cedido ao seu toque, a mão dele adentrou a saia dela sem cerimônia e encontrou as curvas das coxas. A carícia ousada fez com que ondas de prazer tomassem conta do corpo dela.

— Abra as pernas para mim, querida — ele murmurou. Mas Aurora não precisava mais de pedidos. Ela estava tão excitada que tremeu.

Ela gemeu quando a mão de Nicholas pressionou, lasciva, sua carne faminta. Havia uma audácia naquele ato que a excitava. A respiração dela tornou-se forte e desigual enquanto ele passava os dedos pela intimidade dela, acariciando, cutucando, provocando, criando um incansável ritmo em sincronia com o passo do cavalo.

— Deus, você está tão molhada... — ele sussurrou, encorajando-a. — Tão molhada e quente que me faz querer possuí-la aqui e agora.

Ela gemeu com o indescritível prazer que aquela mão possuindo sua pelve lhe dava. O desejo crescia dentro dela tal como um incêndio.

Quando gozou, Nicholas segurou o corpo trêmulo dela, enquanto o desejo varria o corpo dele. Era assim que ele a queria: faminta e ardendo de desejo por ele. Mas ainda havia algo muito importante faltando.

Ele pressionou os lábios contra os cabelos claros como sol dela, o próprio desejo dele o atormentando com algo que ele ansiava mais do que respirar. Deveria se sentir triunfante, vendo-a varrida pela tempestade de paixão que ele criara, fustigando-a. Ela não podia negar a necessidade do próprio corpo, assim como ele também não. Mas, embora pudesse demandar submissão sexual dela, era amor que ele queria. O que ele queria havia se tornado uma febril fome.

Ele havia mentido momentos atrás. Queria pedir o coração dela. Poderia clamar o corpo dela, mas não seria o suficiente.

Estava mais sábio agora. Desde que conhecera Aurora, começara a acreditar em uma verdade básica. Algo que seu pai tentou explicar-lhe uma vez, e que o diário dizia eloquentemente: que para cada homem há uma mulher destinada a ser sua companheira na vida.

Aurora era seu par, seu destino; Nicholas sabia disso no fundo de sua alma.

Mas ele precisava convencê-la. Maldição, não tinha falado com ela sobre seu amor. Talvez esse tenha sido o erro. Quando se conscientizou pela primeira vez de seus sentimentos, queria uma oportunidade para mostrar a Aurora como se sentia, dar a ela uma chance para que o amor dela também aumentasse. Ele esperava que a paixão levasse ao amor, e ainda era possível... mas o tempo estava se esgotando.

Nicholas respirou calmamente. Aquele não era o momento oportuno, mas ele teria de levantar a questão — e logo.



*Seu preço era alto demais: ele pedia meu coração.*

Aurora olhava sem de fato prestar atenção a uma página aberta do diário. Estava sentada em um banco de pedra dentro do pátio fechado, cercada por arbustos de flores vermelhas como o sangue, ainda que seus pensamentos estivessem longe, em outra hora e lugar. O barulho da água caindo na fonte misturava-se como serenata ao eco das palavras de Desirée escritas há quase um século.

*Como sofro com a luta em meu coração e a escolha irrevogável que ele me deu. Anseio por liberdade; tenho vontade de escapar desse mundo estranho e retornar à vida familiar e distinta que conheci uma vez. Todavia, as algemas da paixão prendem-me tão fortemente quanto minha ânsia.*

*O que devo fazer? Que futuro espera por mim aqui? Ele não poderá casar-se comigo nunca; não se pretende sobreviver às intrigas políticas da corte turca. Assumindo seu amor por uma mulher estrangeira, ainda por cima cristão, ele seria visto como alguém fatalmente fraco. Só me resta permanecer como sua concubina, uma das muitas que ele possui. As crianças nascidas do meu corpo pertenceriam a seu mundo selvagem, nunca ao meu. E o amor pode desaparecer tão facilmente, e mais rapidamente ainda a paixão. Ele deseja-me agora, mas o que acontecerá em cinco, dez, trinta anos? Ainda serei bonita perante seus olhos quando minha carne perder a firmeza, quando minha pele perder a suavidade, quando moças mais novas buscarem sua afeição? Ele diz que sim, mas devo acreditar em profecias feitas sob o calor mágico da paixão? Devo acreditar no amor que queima em seus olhos negros?*

*Ele disse que a escolha agora é minha. Vendo minha tristeza presa em cativeiro, ofereceu-me o poder de livrar-me dessas algemas. Poderá libertar-me, se for isso que eu desejar, porque deseja minha felicidade acima de sua própria. E assim luto para decidir o que realmente está em meu coração. Será que aproveito essa chance de conhecer a liberdade partindo sem nunca mais vê-lo, nunca mais sentindo seu toque? Conseguiria eu suportar viver sem ele? Ou permaneço com ele, uma escrava da paixão, abandonando todas as lembranças de minha vida anterior, minha família, meus amigos, tudo que fui, para ficar com ele enquanto ele me queira?*

*Céus, eu não sei.*

Aurora fechou os olhos, despedaçada pelas dúvidas, assim como tinha ocorrido com Desirée.

Como a francesa, ela tinha uma escolha irreversível em suas mãos a ser feita: manter seu coração a salvo e evitar a dor de um amor impossível ou arriscar um futuro incerto com um homem incrível.

*O que devo fazer?* Ela não podia mais lutar contra sua paixão por Nicholas ou negar que seus sentimentos por ele cresciam mais e mais a cada dia. Estremecia de alegria com o pensamento de estar em seus braços; sua presença trazia-lhe uma felicidade desesperadora. Mas perder Nicholas após amá-lo tanto seria devastador.

Mesmo agora seria difícil deixá-lo partir. Será que suportaria viver sem Nicholas quando ele fosse embora da Inglaterra?

Aurora balançou a cabeça, desesperada, sentindo-se tão perdida quanto Desirée.

— Aurora?

Voltando à realidade, ela levantou a cabeça e encontrou Nicholas parado ao seu lado.

Os músculos de seu estômago enrijeceram-se involuntariamente. Era seu último dia com ele naquele paraíso secreto. Até agora haviam tentado evitar a maior questão pendente entre eles — seu casamento. Mas ela podia ver claramente na profundidade de seus olhos que a hora havia chegado para encarar o que ela ainda não estava pronta para encarar.

Ele sentou-se ao seu lado no banco de pedra.

— Você veio aqui para escapar de mim?

— Não exatamente — ela murmurou, evitando que seus olhares se encontrassem. — Só estava pensando.

Ele segurou sua mão, entrelaçando seus dedos quentes com os dela.

— Pensando sobre a escolha que você tem de fazer?

— Sim.

— Se irá comigo quando eu deixar a Inglaterra.

— Sim.

— E você já chegou a alguma decisão?

— Não... ainda não. — Ela levantou o olhar. — Eu nunca estive na América, Nicholas. Não conheço ninguém lá.

— Você me conhece.

— E o que acontece quando você sair pelo mundo buscando aventuras?

— Já lhe disse, cansei de procurar aventuras. A vida com você já seria aventureira o suficiente. Cada dia com você parece novo e revigorado.

Ao não obter resposta, Nicholas sorriu.

— Haverá dias em que terei de viajar por conta de meus negócios, mas gostaria de levá-la comigo. Se você preferir ficar em casa, porém, terá novos amigos que poderão lhe fazer companhia. Acho que você gostará de conhecer minha mãe e minhas irmãs, e sei que elas vão adorar você. Podemos fazer dar certo, Aurora.

Ela buscou seus olhos negros.

— Ainda acho difícil acreditar que você queira dispensar sua liberdade.

Nicholas encolheu os ombros.

— A liberdade é superestimada, cheguei a essa conclusão. Nunca houve nada em minha vida com que eu me preocupasse tanto para fazer-me querer dispensá-la. Até você aparecer.

— Você vai dispensá-la até se cansar de mim.

— Isso nunca acontecerá.

— Como você pode saber?

Ele respirou fundo.

— Porque... estou apaixonado por você.

Confusa e incrédula, Aurora olhou para ele.

— É verdade — Nicholas disse com um sorriso torto e masculino. — Você capturou meu coração no cais de São Cristóvão. Só precisei de algum tempo para perceber isso.

— Você não me ama de verdade...

— Não? — Ela viu seus olhos negros tornarem-se profundos e suaves. — Como não poderia amá-la depois do que fez por mim? Você salvou minha vida, Aurora. Veio em meu resgate como um anjo vingativo, poupando-me do prazer brutal dos guardas. Você se casou comigo mesmo que com isso arriscasse sua vida, por causa da ira de seu pai. Tem se preocupado com Raven como se ela fosse sua própria irmã.

— Nicholas, você está confundindo amor com gratidão.

— Não, querida. Não estou. Desde o início senti uma conexão com você que não havia experimentado com nenhuma outra mulher. — Sua voz estava baixa, vibrante. — Em nossa noite de núpcias, pareceu-me que juntamos nossos espíritos além da carne. Na manhã seguinte, ao romper essa conexão... Separar-me de você foi a coisa mais difícil que já fiz. E, depois disso, quando percebi que sobreviveria, você começou a invadir meus sonhos. Você roubou meu coração e deixou-me sofrendo de desejo.

O coração de Aurora parecia retorcer-se com aquela confissão. Poderia acreditar no que Nicholas estava dizendo? Ele realmente a amava? Ou apenas estava dizendo o que achava que ela queria ouvir para fazê-la permanecer como sua esposa?

— Nicholas — disse finalmente —, um casamento precisa de mais do que desejo carnal para se sustentar pelos anos.

— Temos muito mais que isso, querida.

— Nós temos paixão, não posso negar. Mas quanto tempo isso vai durar? A paixão pode desaparecer muito facilmente.

Ele olhou em direção aos seus dedos entrelaçados.

— Ou pode virar amor.

Aurora seguiu seu olhar até suas mãos unidas, milhões de emoções lutando dentro dela — querer, esperança, necessidade, dúvida.

Ele apoiou a testa contra a dela.

— Seja minha esposa, Aurora — disse com a voz suave.

— Nicholas... — murmurou. Ela queria muito acreditar nele. — Eu preciso de mais tempo.

Após um instante, ele recuou.

— Entendo. Você ainda não está pronta para se comprometer. — Ele beijou-a gentilmente nos lábios e ficou parado, soltando sua mão. — Você não tem de decidir ainda. Voltaremos a Londres amanhã, mas ainda precisarei de alguns dias para preparar meu barco para velejar.

— Tão cedo? — perguntou ela suspirando profundamente.

O encantador rosto dele tornou-se cerimonioso ao olhá-la. — Temo que sim. — Ele hesitou. — Quero que venha comigo à América, Aurora, mas não vou forçá-la. Você só guardaria ressentimentos de mim. Tem de vir por espontânea vontade, porque quer ficar comigo. Com toda a minha alma, espero que sua resposta seja sim.

Ele virou-se, então, deixando-a sozinha. Aurora observou-o partir com o olhar embaçado e o coração partido.

Ela deveria acreditar nele? Ou estaria Nicholas ainda tentando resgatá-la de sua existência tediosa, embelezando os argumentos com frases tentadoras e promessas de amor somente para persuadi-la? Como ela poderia ter certeza de que o que ele sentia por ela era amor verdadeiro? Como poderia ter certeza do que ela mesma sentia?

Após um longo instante, fitou o diário em seu colo. Lágrimas preencheram seus olhos ao lembrar o destino da francesa. O príncipe de Desirée havia prometido momentos de amor mais preciosos que tesouro, mas, no fim, só lhe trouxe sofrimento. O conto de fadas havia terminado tragicamente com a morte de seu príncipe.

Desirée fizera sua escolha — permanecer com seu amante —, mas, ao fazê-lo, tornou-se sua maior vulnerabilidade. Traída pelas artimanhas de uma concubina enciumada, ela havia sido roubada de seu harém por seu mais forte inimigo e levada para uma fortaleza remota nas montanhas. O príncipe havia montado um grande cerco, determinado a resgatá-la, mas, ao matar seu sequestrador, também acabou ferindo-se mortalmente.

Desirée chorou lágrimas de agonia ao ver seu amado morrer em seus braços. Mas foi seu lamento posterior que ainda soava na cabeça de Aurora.

*O arrependimento tem um gosto de veneno muito amargo em minha boca. Por que... por que eu me permiti um dia amar você?*

Com as pontas dos dedos tremendo, Aurora enxugou as lágrimas dos olhos, perguntando-se, desesperada, se estava sucumbindo à mesma doença.



Um filete da luz da lua caía sobre a cama onde Nicholas estava deitado com Aurora. Ele nunca tivera um sentimento de tanta correção — a simples felicidade de observar uma mulher dormir em seus braços e saber que ele queria continuar dessa forma para sempre. Ele poderia estar abandonando sua vida de aventuras, mas amá-la seria uma aventura ainda maior. Seria suficiente.

Ela era a única mulher que tinha desejado dessa forma, feroz, desesperada e permanentemente. A única que preenchia os espaços vazios em sua alma. Toda vez que a tocava, ele era tomado por uma emoção tão intensa que ficava sem fôlego.

Ele a amava. *Amor*. Era como um fogo queimando profundamente em seu coração. Nicholas aproximou-se dela, encostando seu rosto contra a intoxicante suavidade da pele dela, querendo absorver sua essência.

Ela estava hesitando, ele sabia. Pela primeira vez, Aurora estava realmente considerando como seria viver na América como sua esposa. Pela primeira vez, ele podia permitir-se acreditar que um dia conquistaria seu amor.

Pela primeira vez, ele podia sentir um alívio nos tensos nós de medo que havia dentro dele.



No dia seguinte, enquanto retornavam a Londres, Aurora ainda não havia tomado uma decisão. Ficou feliz por Nicholas ter preferido ir cavalgando ao lado da carruagem em vez de ir dentro com ela, já que seus pensamentos estavam tão atordoados que precisava de um tempo sozinha — sem sua presença constrangedora para confundir seus sentidos e seu bom senso.

Quando a carruagem parou diante de sua casa, ela desceu lentamente, sentindo certa relutância em pôr um fim ao intervalo mágico que haviam vivido. Nicholas escoltou-a até os primeiros degraus, onde foram recebidos pelo mordomo.

Mas foi somente após entregar seu xale a Danby que ela percebeu a estranha expressão no rosto dele.

— Danby, o que houve? — perguntou. — Você não está bem?

— Estou bem, obrigado, milady. — O ancião pigarreou para continuar. — Mas, se posso ser direto, temo que a senhora deva preparar-se para alguns estranhos acontecimentos. — Ele fez uma pausa e esboçou um sorriso. — Lorde March voltou.

— Harry? — Aurora respondeu, dividida entre preocupação e irritação. — Ele fugiu de casa novamente?

— Não, minha senhora, não o jovem Harry. Seu irmão mais velho, lorde March.

Aurora sentiu um calafrio tomar conta de seu coração.

— Geoffrey? — sussurrou, subitamente rouca. — Não, isso é impossível.

Ela deve ter parecido desfalecer, visto que Nicholas levantou a mão para segurar seu braço. — Você deve estar enganado, Danby — forçou-se a dizer. — Geoffrey está morto há um ano. Ele morreu no mar.

— Era o que se acreditava — Danby disse astutamente. — Mas seu corpo nunca foi encontrado. Parece que sua senhoria sobreviveu ao naufrágio e alcançou as praias da França. Ele estava muito machucado, mas está, de fato, vivo, minha senhora.

Visivelmente atordoada, ela olhou para Nicholas.

Os olhos negros dele estavam encobertos; sua expressão, uma máscara de pedra.



*Eu sou a mais infeliz das criaturas, uma mulher atormentada pela dor no coração.*

Ainda abalada pela chocante revelação, Aurora pisou nos primeiros degraus da elegante mansão londrina que pertencia ao conde de March. Um nó de ansiedade apertou seu estômago com a simples ideia de rever seu ex-noivo depois de supor que ele estivesse morto há mais de um ano.

Pelo menos não precisava preocupar-se se visitá-lo seria adequado. De acordo com Danby, lady March encontrava-se em casa, tendo acompanhado seu filho pródigo até Londres três dias atrás, juntamente com o jovem Harry.

Aurora lamentou muito não estar na cidade quando Geoffrey retornou. Ela deveria ter estado lá para recebê-lo. Além disso, ter de inventar uma desculpa pela ausência de duas semanas aumentava seu sentimento de culpa. Ela havia inventado que estivera visitando um amigo de escola que estava doente em Berkshire quando, na verdade, estava passando uma quinzena de prazer erótico com Nicholas.

Fechou os olhos, lembrando-se da face de Nicholas quando soube das notícias. O rosto fechado havia deixado claro que ele não estava contente com a volta de March.

Ela mesma mal podia acreditar no golpe do destino. Era inacreditável que o segundo de seus amores tivesse retornado do túmulo.

Nicholas havia se oferecido para acompanhá-la, mas ela precisava ver Geoffrey sozinha, em particular. Ainda não tinha ideia do que diria a ele, se contaria sobre seu casamento e sua paixão crescente por outro homem, mas sabia que seu primeiro encontro seria pessoal demais, emocional demais para ter espectadores.

Aurora conhecia o lacaio que a recebeu, e quando pediu para falar com seu senhor, ele logo a conduziu até o salão. Ela preocupava-se com o que encontraria, mas ficou surpresa quando lady March levantou-se para cumprimentá-la.

A condessa estivera claramente chorando, mas enxugou os olhos com um lençinho antes de apertar as mãos de Aurora.

— Eu tinha esperança de conseguir falar com você antes que visse Geoffrey. Eu... temo que você deva preparar-se, Aurora. Ele não é mais o mesmo homem que você conheceu.

— Danby me disse que ele foi terrivelmente ferido.

— Sim, é verdade. Ele... ele perdeu um braço. — Lágrimas jorravam de seus olhos.

— Venha, sente-se — disse Aurora. Conduzindo a condessa de volta ao sofá, sentou-se ao seu lado e

passou o braço pelos ombros dela. — Não sei o que aconteceu — disse Aurora, querendo distrair lady March de sua dor. — Como ele conseguiu sobreviver?

A mulher suspirou, tentando manter a compostura.

— Quando seu barco afundou na costa da França, Geoffrey conseguiu chegar à praia terrivelmente machucado e sem nenhuma memória do seu passado, nem ao menos de sua identidade. Uma família francesa o ajudou e ele permaneceu escondido do exército de Napoleão, recuperando-se. Mas seu braço apodreceu e teve de ser... — Ela franziu o cenho. — É um milagre que ele esteja vivo, e estou muito grata, de verdade, mas... meu pobre filho... — Sua voz dissolveu-se em um soluço, enquanto enterrava o rosto nas mãos.

Por um longo momento, ficou sentada choramingando baixo, enquanto Aurora tentava consolá-la. Finalmente, as lágrimas da condessa cessaram, e ela recuperou-se o suficiente para usar seu lençinho e secar os olhos.

— Ah, Aurora. Estou tão feliz que tenha vindo — disse com a voz sufocada. — Você é exatamente o que Geoffrey precisa. Eu sei que ficará ao seu lado... — parando de repente, a condessa ergueu o rosto encharcado de lágrimas. — Você não se afastaria por causa de um braço a menos, não é? Isso não mudaria seus sentimentos por ele, não é?

— Não — Aurora disse. — Obviamente não. Meus sentimentos por Geoffrey nunca mudarão.

Lady March balançou a cabeça, agradecida.

— Ele parece desanimado, Aurora. Sua memória ainda não foi totalmente recuperada e ele está magro demais. Mas, agora que você está aqui... — Ela forçou um sorriso. — Tudo poderá ser como antes. Vocês podem se casar neste verão e você se tornará minha filha também.

O coração de Aurora retorceu-se, tanto pela esperança que via nos olhos de sua amiga quanto pela dor que sabia que traria quando confessasse que não poderia se casar com Geoffrey. Ela começou a responder, mas então percebeu que seria melhor contar a Geoffrey primeiro.

— Eu gostaria de vê-lo, se puder — disse serenamente.

— Sim, com certeza. Creio que ele está na biblioteca. Farei Starks acompanhá-la.

Aurora conhecia o caminho, visto que já havia passado horas muito prazerosas na biblioteca dos March. Mas era melhor que fosse anunciada, para dar uma chance a Geoffrey de preparar-se — e tempo a si mesma para dominar as emoções.

Alguns minutos passaram até encontrar-se junto às portas do aposento, o coração batendo dolorosamente. Geoffrey estava perto da janela, de costas para ela. A manga direita de sua jaqueta estava pregada no ombro.

— Geoffrey? — chamou.

Ele virou-se lentamente para vê-la. Sua primeira reação foi de choque ao se olharem através do salão. Seu rosto amável estava tomado pela dor e ele estava bem mais magro. Mas ele deu-lhe o mesmo sorriso gentil.

Era tudo que Aurora poderia fazer para segurar a dor das lágrimas presas em sua garganta. Forçou um sorriso, contudo, enquanto se aproximava dele. Precisando tocá-lo, sentir que estava vivo de fato, ela colocou os braços ao redor dele.

— Seja bem-vindo ao lar — disse, pressionando o rosto contra o ombro dele.

Permaneceram abraçados de uma forma mais confortante do que carnal. Hesitantemente, seu braço bom tocou o ombro dela, para aproximá-la.

Após um momento, Geoffrey riu.

— Eu deveria ter previsto que você saberia a coisa certa a se dizer.

Aurora recuou, procurando seu rosto.

— Estou muito feliz de vê-lo. Senti muito sua falta.

Os lábios dele abriram um sorriso amargo.

— Temo que não possa retribuir o sentimento. Quero dizer, sobre sentir sua falta. Até semanas atrás, não tinha memória alguma de minha vida passada. Somente imagens... — ele estendeu o braço para tocar as faces dela. — Via seu belo rosto, Aurora, mas nunca entendia por quê. Foi somente quando Wycliff encontrou-me que as imagens tornaram-se mais fortes. Acho que ele deve ter feito algo para estimular minha mente, visto que venho restabelecendo minha memória desde então.

— Wycliff? O conde de Wycliff encontrou-o na França?

— Sim, Lucian resgatou-me. Na verdade, devo a vocês dois minha eterna gratidão. Foi por sua causa que ele passou os dois últimos meses tentando encontrar-me no interior da França.

Aurora franziu o cenho, perguntando-se o que o conde estaria fazendo na França quando os dois países haviam estado em guerra por anos.

— Como isso é possível? Como Wycliff poderia ter evitado ser capturado pelas tropas de Napoleão por tanto tempo?

— Na verdade, ele estava disfarçado.

— Disfarçado?

Geoffrey pareceu incomodado.

— Aurora, vou contar-lhe algo em segredo. Wycliff é, na verdade, um espião. Muito bom, pelo que sei.

— Espião? — Ela o observou, subitamente lembrando-se das histórias loucas que Harry havia contado sobre Geoffrey. — Harry disse que você andava envolvido com espionagem — disse —, mas achei que ele estivesse somente fantasiando.

Geoffrey hesitou por um momento.

— Eu estava em uma missão para a Inglaterra quando meu navio afundou.

— Eu nunca entendi por que você estava navegando tão perto da costa francesa. Você estava *espionando*?

— Não exatamente. Nada como os agentes de Wycliff fazem. Eu só tinha de decifrar os códigos secretos de vários despachos. Sempre fui bom com cifras e quebra-cabeças, você sabe.

— Por que nunca me contou?

— Eu não queria preocupá-la. Harry só ficou sabendo porque ouviu uma conversa acidentalmente. — Geoffrey franziu o cenho. — Ele não deveria nunca ter mencionado isso, visto que jurou segredo.

— É óbvio que teria me preocupado. — Aurora balançou a cabeça, ainda não acreditando no que ouvia. — Não consigo entender por que você se envolveria em algo tão perigoso.

— Por quê? — Seu sorriso era envolvente. — Porque finalmente tinha uma chance de fazer uma contribuição digna, Aurora. Fui estudioso minha vida inteira, mas isso não significa que nunca tivesse uma ânsia secreta por matar dragões, ir além dos limites da minha posição social. Eu queria de alguma forma ajudar na luta contra Napoleão, salvar o mundo de sua tirania. Mesmo agora, eu faria tudo novamente.

— Mesmo arriscando a vida?

— O risco não era para ser muito grande. Só encontraria um oficial na França e pegaria seus despachos, mas então meu navio foi de encontro a uma tempestade. A próxima lembrança que tenho é a de ter acordado em algum celeiro, sem a mínima ideia de quem eu era. Passei a maior parte do ano passado sendo um homem sem nome e passado.

Ela aproximou-se para tirar um cacho de cabelo do seu rosto dolorido.

— Mas sua memória voltou completamente agora?

— Não completamente. A cada dia, novas coisas vêm à minha mente. Aurora, eu não sou o mesmo homem que você conheceu. Ainda sofro de terríveis dores de cabeça e ando mancando, além de ter perdido um braço.

Seu coração doía por ele.

— Geoffrey, eu sinto muitíssimo.

— Eu não quero a sua pena, Aurora. Eu sobrevivi, enquanto muitos homens bons pereceram no mar — incluindo minha tripulação.

— Então não terei pena de você. Mas posso oferecer minha solidariedade, não posso?

Ele sorriu.

— Acredito que sim. — Então, seu sorriso desapareceu ao perceber seus trajes pretos pela primeira vez. — Eu sei que você se casou enquanto eu não estava. Com o notável primo americano de Wycliff.

Ela sentiu a garganta apertar, subitamente.

— Geoffrey, eu não sei ao certo o que dizer. Minha única desculpa é que meu pai... ele fazia pressão para que eu me casasse e... bem, sinto muito. Se eu tivesse a mínima ideia de que você pudesse ainda estar vivo, nunca teria deixado a Inglaterra com Percy e Jane.

— Minha mãe disse que você contou que seu casamento ocorreu sob ameaça.

— É verdade. Eu queria evitar casar-me com Halford de qualquer maneira, mas meu pai estava irreduzível.

— Entendo, Aurora. Era difícil para você desafiar os desejos de seu pai. Então você se casou com um criminoso condenado para escapar da escolha dele?

— Sim. O esperado era que o casamento durasse apenas um dia ou dois, no máximo.

— Sei que você ficou viúva imediatamente depois.

Aurora hesitou. Aquele era o momento que temia. Como poderia dizer a Geoffrey que seu marido ainda estava vivo? Que ela ainda estava legalmente casada com outro homem? Que ela havia acabado de passar as duas semanas mais incríveis da sua existência vivendo as fantasias mais apaixonadas com seu amante? Que ela havia pensado em partir da Inglaterra para ser a esposa de outra pessoa?

Olhou para Geoffrey enquanto a culpa se apossava dela com garras de navalha bem afiada. Amara aquele homem a maior parte de sua vida. Ele era um amigo muito, muito querido, e quase havia quase morrido. Ele estava machucado, ainda sofria. Ela não poderia provocar outro trauma ao contar a verdade tão rapidamente após ele ter recuperado sua vida.

E em relação a Nicholas? Como poderia divulgar sua existência sem colocá-lo em perigo? Ela não tinha certeza de como Geoffrey reagiria. Se ele amava seu país tanto a ponto de virar um espião, o que faria ao saber que um pirata condenado encontrava-se em solo inglês, metendo o nariz no governo britânico? Em especial, um pirata que havia se casado com a mulher com que ele próprio pretendia se casar?

Expôr Nicholas agora poderia significar sua morte. Ela havia de protegê-lo pelo maior tempo possível, até que ele sáisse com segurança do país. Ela esconderia o fato de que ele estava lá agora, de que ela o havia visto e estado com ele.

— Geoffrey, há algo que preciso lhe dizer — disse, lentamente, sabendo que deveria traçar uma linha tênue entre verdade e mentira. — Recentemente, recebi notícias. Percy escreveu-me para dizer que meu marido havia escapado do enforcamento. Nicholas Sabine ainda está vivo.

Ele a olhou por um longo momento antes de compreender a situação.

— Você ainda está casada com um *pirata*?

— É o que parece.

— Não pode ser — respondeu com um vigor imprevisível. Quando não obteve resposta, ele franziu o cenho. — O casamento não pode ser anulado? Deve haver um fundamento adequado.

Aurora observou Geoffrey, confusa.

— Talvez, mas duvido que seja fácil.

— Temos que fazer isso acontecer. — Uma expressão carrancuda havia tomado conta de seus traços. — Esse casamento não pode continuar. Você não pode continuar casada com um criminoso.

A reação dele não foi exatamente a que Aurora havia esperado, mas ela deveria ter previsto que Geoffrey ia querer protegê-la.

— Você pode estar certa de que ficarei ao seu lado, Aurora — Geoffrey jurou. — É certeza que haverá um escândalo quando a verdade vier à tona, mas não permitirei que você enfrente tudo isso sozinha.

Ela não tinha dúvidas de que um escândalo era provável.

Ao vê-la sem reação, Geoffrey buscou seu rosto.

— Minha mãe espera que nosso casamento aconteça em breve, mas isso complica a situação. Mas, uma vez que uma anulação seja garantida... eu quero que saiba, Aurora, se você quiser que nosso casamento aconteça, eu... eu ficaria honrado em ser seu marido.

Ela sentiu uma pontada de tristeza.

— Geoffrey, você não tem de fazer tamanho sacrifício pelo meu bem.

A expressão dele tranquilizou-se.

— Talvez fosse um sacrifício para você, mais do que para mim. Seria compreensível se você não quisesse casar-se com um aleijado.

— Geoffrey, não... não diga isso, por favor. Você não é um aleijado.

— Mas também não sou um homem inteiro.

— É claro que você é. Perder um braço não o faz menos querido para mim do que sempre foi.

A expressão dele continuou estranhamente solene.

Então, subitamente, ele fechou os olhos e ergueu a mão até a têmpora, como se sentisse uma dor lancinante.

— Essas dores de cabeça...

— Talvez você deva sentar-se — disse, passando o braço pela cintura dele.

— Sim — disse, permitindo que ela o ajudasse com uma cadeira; sentou-se pesadamente. — Se você não se importa, eu gostaria de descansar um pouco. — Ele parecia sem ar. — Minha energia acaba depois de pouco tempo e deixa-me fraco como um rato.

— Sim, lógico. Vou deixá-lo sozinho. Posso trazer-lhe algo antes de ir embora? Uma compressa gelada? Um pouco de vinho? Láudano?

— Obrigado, mas não. Láudano somente enevoa mais a minha cabeça.

— Muito bem, então...

Antes que ela se virasse, porém, ele segurou sua mão, olhando em seus olhos azuis.

— Não vou abandoná-la, Aurora.

— Obrigada, Geoffrey. — Ela mal suspirou. — Mas, por favor, não se preocupe com isso. Somente concentre-se em melhorar. Podemos decidir nosso futuro quando você estiver melhor.

Concordando com a cabeça, ele encostou a cabeça na cadeira novamente e fechou os olhos. Com todo seu coração, Aurora desejava que houvesse algo mais que ela pudesse fazer para confortá-lo.

Ao sair da biblioteca, caminhou lentamente pelo hall, consciente de seu estado de desolação. Ela não poderia abandonar Geoffrey agora. Seria uma traição fatal. Não importava que tipo de sentimentos tivesse por Nicholas, ela não poderia simplesmente afastar-se de seu amigo de infância para começar uma nova vida na América com outro homem. Não poderia machucar Geoffrey dessa forma. Teria de permanecer na Inglaterra. Teria de pedir a Nicholas que procurasse uma anulação.

Estava tão desesperada com seus pensamentos que nem percebeu Harry descer as escadas correndo até que estivesse na sua frente.

— Rory! Rory! — Ignorando sua reação, ele parou e passou seu braço ao redor dela. — Você consegue acreditar nas novidades? Geoffrey está vivo! Agora você será minha irmã e viverá conosco, e poderemos cavalgar juntos todos os dias.

Aurora forçou um sorriso, mas, por dentro, ela sofria. Havia achado sua escolha difícil no começo, mas, agora, não importava que decisão tomasse, acabaria machucando um dos dois homens que diziam amá-la.



— Você tem uma sorte dos diabos, Nick! — Lucian Tremayne, conde de Wycliff, disse, animado. — Quando voltei a Londres três dias atrás e li sua mensagem, dizendo que ainda estava vivo e tinha assumido a identidade de Brandon, bom, não me lembro de, em minha vida, ter tido um choque mais prazeroso. Ainda mal posso crer em meus olhos. Pensar que nem mesmo a marinha britânica conseguiu matá-lo.

— Mas foi por pouco — Nicholas respondeu sobriamente, enquanto olhava para seu copo de brandy.

— Arrependo-me de ter estado fora do país quando você chegou à Inglaterra.

Nick franziu o cenho.

— Vou perdoar você, Luce, se você perdoar-me por comandar um de seus barcos.

— Não pense nisso. Você teria feito o mesmo por mim, se eu tivesse de encarar um carrasco. Nós fizemos um funeral em sua honra, você sabe disso? Convidei meio mundo e fiz até meus parentes comparecerem. Pelo bem das aparências, você sabe. Uma demonstração pública de apoio à sua viúva. Agora, sinto muito ter gastado tanto por nada.

Entendendo a afeição do gesto do primo, Nicholas olhou para cima. Lucian era alto e definido, com cabelos negros e ondulados e traços aristocráticos que mal eram salvos da arrogância por um meio-sorriso. Nicholas geralmente gostava de sua camaradagem masculina. Nesse caso, contudo, ele não

estava com humor para lidar com Lucian ou aguentar as condutas do primo.

Colocando o copo de brandy na mesa, levantou-se e parou diante da janela francesa, olhando para fora. A essa hora, Aurora já deveria ter falado com seu ex. Será que chegara a alguma conclusão? Era possível — até provável — que ver March novamente poderia balançá-la.

Nicholas cerrou os punhos, enquanto a tensão tomava conta de suas veias como fogo. Ele precisava de todo autocontrole possível para dominar o turbilhão de emoções dentro de si: ciúme, raiva, medo. Agitado, começou a andar sem rumo pelos aposentos do primo novamente.

— O que o deixa tão nervoso? — Lucian perguntou finalmente. — Você está agindo como um tigre aprisionado. Se eu tivesse que adivinhar, diria que você está tendo problemas com alguma mulher.

— Pode-se dizer que sim — respondeu secamente.

— Sua esposa, eu presumo?

Ele parou o tempo suficiente para ajeitar o cabelo.

— Aurora nunca quis nosso casamento, mas agora que estamos casados... pedi que fosse à América comigo. Ela estava quase concordando quando soube que March havia voltado da tumba. — Ele fitou Lucian com um olhar obscuro. — Não posso acreditar que foi você quem encontrou March. O que o fez procurá-lo, em primeiro lugar? Ele trabalhava para você?

— Não diretamente. Ele estava decodificando despachos inimigos para o serviço de relações exteriores, mas nossos caminhos nunca se cruzaram profissionalmente. Só fiquei sabendo de seu desaparecimento após começar a ajudar lady Aurora a estabelecer-se como sua viúva. Então, em minha última viagem à França, ouvi um rumor. Dizia-se que um senhor inglês de cabelos loiros havia sido terrivelmente ferido em um naufrágio e escondia-se perto da costa. Pareceu-me lógico pensar que tal homem poderia ser March, já que seu corpo nunca fora encontrado — ainda que não pudesse imaginar o porquê de ele não ter regressado. Meu melhor palpite foi que sua memória havia sido prejudicada, e eu estava certo. Sinto muito que o retorno dele tenha lhe causado tamanha inconveniência.

Nicholas deu de ombros.

— Não posso dizer que preferia que você nunca o tivesse encontrado. Não desejo a morte do homem.

— Mas você preferia que ele tivesse permanecido afastado por mais tempo?

Nicholas sorriu sombriamente.

— Alguns dias a mais teria sido suficiente. Uma semana, no máximo.

Lucian tomou um gole de brandy enquanto contemplava o amigo.

— Ela é sua esposa, Nick. Você tem o direito de ordenar que parta com você.

— Não é tão simples assim.

— Não? Por que não?

— Porque não quero uma esposa que não me queira. Que alegria encontraria na união se Aurora fosse infeliz? Ela salvou minha vida, Luce. Como posso retribuir sua bondade obrigando-a a viver comigo? Não, a decisão tem de ser dela.

— Suas habilidades persuasivas são melhores do que quaisquer outras que já vi, incluindo as minhas. Se você a quer, por que não a convence de que ela o deseja como marido?

— Que diabos você acha que venho tentando fazer há um mês?

— Sequestro é sempre uma opção — Lucian sugeriu levemente. — Isso lhe daria mais tempo, pelo menos.

— Essa não é uma opção, eu seria um idiota em apelar para a força física. Isso só traria lembranças ruins para Aurora; ela se lembraria do bastardo do pai.

Lucian balançou a cabeça, atônito.

— O que aconteceu com você, primo? Sua quase morte afetou sua cabeça? O Nicholas Sabine que conheço nunca teria evitado mesmo as mais drásticas ações para conseguir o que desejasse.

— Não é um jogo para ser vencido, com Aurora como prêmio. Uma vez eu pensei dessa forma, mas isso foi antes de conhecê-la.

— Suponho que você se apaixonou por ela.

— Sim, apaixonei-me — Nicholas respondeu. *Por uma mulher cujo coração já estava ocupado.* Sua frustração manifestou-se novamente, e ele foi observar o lado de fora da janela novamente.

Um longo silêncio estabeleceu-se enquanto Lucian digeriria a teoria.

— Então agora você vai deixá-la partir?

— Posso ter de fazer isso — Nicholas respondeu sombriamente. — Se ela ama March e quer estar ao seu lado...

— Não consigo imaginar que você simplesmente permitiria que ela escolhesse outro homem em vez de você.

— Ria se quiser, Luce, mas a felicidade dela significa mais para mim do que a minha própria. Sei que é difícil para você compreender, já que nunca se apaixonou...

— Não estou rindo, juro — Lucian respondeu com surpreendente sobriedade. — Nunca tive o azar de experimentar essa doença, mas consigo entender seus efeitos. Para dizer a verdade, já pensei em tomar parte no clube do amor. Tenho pensando em conseguir uma esposa.

— Você? O esquivo lorde Wycliff? — Olhando por cima do ombro, Nicholas fitou o primo com ceticismo. Lucian era o solteiro mais desejado do país, com o tipo de fortuna e títulos que faziam debutantes enlouquecer. Casamenteiras haviam apostado nele por anos — e ele havia evitado todas.

— Eu conheço a senhora?

— Não. Ainda não a escolhi.

— Mas você está preparado para prender-se a uma noiva?

— Não é a noiva que me interessa. Só achei que fosse hora de ter um herdeiro.

Dessa vez, Nicholas realmente o olhou fixamente.

Lucian sorriu.

— Não olhe para mim como se houvessem brotado chifres em mim. Eu não gosto muito de meus familiares, com exceção de você e Brandon. Se eu morrer, gostaria de deixar algum tipo de legado para trás. A ideia de ter um filho, minha própria carne e sangue, vem me interessando nos últimos tempos.

— Se você morrer, Luce? Há algo que não me contou?

Os olhos de Lucian se tornaram sombrios.

— Tive uma experiência fatídica recentemente. Uma prova de minha mortalidade. É surpreendente como um incidente como esse o faz rever suas prioridades na vida.

— Não é nem um pouco surpreendente. Na verdade, é bem comum. O que houve?

Lucian permaneceu absorto em seus pensamentos por um instante, como se lembrasse de algo tenebroso. Nick não tinha certeza do que o primo teria respondido, já que o mordomo do conde adentrou o aposento para anunciar um visitante.

— Lorde Clune deseja ver o senhor Deverill, meu senhor.

Lucian olhou para Nicholas, que concordou.

— Mostre-lhe o caminho, por favor.

Lorde Clune cumprimentou os dois homens com um sorriso afável.

— Não é um pouco cedo para embebedarem-se?

— Estamos brindando o retorno de Nicholas do reino dos mortos — Lucian respondeu calmamente.

— Ficarei feliz em beber por isso. — Clune olhou para a taça de cristal na mão de Lucian. — Da sua melhor reserva, suponho?

— Seguramente — Lucian gesticulou em direção à garrafa ornamental na mesinha. — Sirva-se. Então, o que o traz aqui, Dare?

— Um encontro interessante em meu clube — disse, servindo-se de uma taça. — Com um inimigo seu, Nick.

Afastando-se da janela, Nicholas encostou-se no parapeito, dando atenção total ao amigo.

— Qual?

Clune sorriu.

— Você tem tantos que precisa perguntar? Capitão Richard Gerrod da marinha de Sua Majestade.

Nicholas franziu a testa.

— Gerrod? — Lucian repetiu pensativo. — Pareço lembrar-me de alguém chamado Gerrod que deixou um cartão aqui ontem enquanto eu estava fora. Eu o conheço?

— Ele é o patriota ávido que capturou Nicholas e o sentenciou ao enforcamento por pirataria. Gerrod está em Londres, claramente atrás de sangue. Mais precisamente o seu sangue, Nick. Falam que, quando soube de sua fuga da forca, ficou lívido.

— Que mal-educado de minha parte desapontá-lo — Nicholas respondeu sarcasticamente.

— Esse não é o melhor momento para brincadeiras — Clune comentou. — Gerrod o considera uma isca para a forca e está bem ansioso para remediar o erro que cometeu deixando-o escapar. Na verdade, ele estava fazendo perguntas sobre seu primo americano Deverill. Não me impressionaria se ele suspeitasse de sua farsa.

— E daí se ele suspeitar?

— Aí sua situação torna-se precária. Eu tomaria um pouco de cuidado, se fosse você. Na verdade, essa pode ser uma excelente hora para você voltar às Colônias.

— Ou pode ser uma excelente hora para visitar o capitão zeloso.

— Você não pode estar falando sério — disse Clune com preocupação.

Nick apertou um músculo da mandíbula enquanto um sorriso sinistro curvava seus lábios.

— Deus sabe como conheço esse olhar — Lucian observou. — Você está se coçando por uma briga, Nick. E eu não posso culpá-lo. Mas, nesse caso, concordo com Dare. As chances estão contra você. Seria mais inteligente controlar seu desejo de vingança e fugir em segurança. Virá o dia em que você poderá confrontar Gerrod, mas em seu próprio solo.

— Talvez. — Nicholas virou-se para a janela, a tensão em seus músculos gritando para ser liberada. Ele seguramente saborearia o resultado de uma luta física e a chance de confrontar Gerrod novamente. Mas seu primo estava certo. Seria suicida agir agora com a marinha britânica inteira contra ele. Havia maneiras mais inteligentes de lutar sua batalha contra Gerrod.

Era a batalha pelo coração de Aurora que ele não ousava perder.

Nicholas trancou a mandíbula diante da onda fria de medo que se apossava dele. Obviamente, ele deveria estar alarmado com a notícia da busca de sangue por Gerrod. Mas o capitão não era a causa do medo em seu peito.

O que o atemorizava era Aurora, e a escolha que ela faria.



*A ideia de nunca mais sentir seu toque, sua carícia, é mais do que posso suportar.*

Com o pensamento sombrio, Aurora encontrou as luzes diminuídas ao entrar em seus aposentos. *Nicholas*. Ela parou repentinamente, o coração pulando como se tivesse sentido sua presença.

— Minha senhora, está muito escuro aqui — a criada disse atrás dela.

— Tudo bem, Nell. Mudei de ideia. Não vou deitar-me agora. Acho que prefiro sentar-me quieta por um momento.

— Muito bem, minha senhora. Devo acender a lamparina?

— Não, obrigada. Por favor, vá para a sua cama. Não precisarei mais de você esta noite.

A criada fez uma reverência e saiu. Encostando cuidadosamente a porta, Aurora examinou ao seu redor. *Nicholas* estava sentado nas sombras, em um canto do aposento, observando-a.

Ela tampou a boca com a mão, perguntando-se pela centésima vez como lhe comunicaria sua decisão.

— Então você falou com ele — disse finalmente, quebrando o silêncio.

Ela concordou com a cabeça, lutando contra o aperto que tomava conta de sua garganta.

— Sim. *Geoffrey* ainda me quer como sua esposa.

*Nicholas* não respondeu. Ele simplesmente a observou, seus olhos escuros e intensos.

— Eu não posso deixá-lo, *Nicholas*. Ele foi machucado o suficiente.

A voz dele estava baixa e fria quando se aventurou a falar.

— Você quer terminar nosso casamento.

— Eu... eu não tenho escolha. Não posso machucá-lo mais do que ele já foi machucado. Ele perdeu um braço, *Nicholas*. Você pode imaginar como seria sofrer com tal destino? *Geoffrey* precisa de mim ao seu lado.

O tempo pulsava entre eles, escuro e infinito.

— E as suas necessidades, Aurora? — *Nicholas* perguntou finalmente. — E as minhas?

Aurora balançou a cabeça.

— Não posso me importar com as minhas necessidades. E as suas... Você é mais forte que *Geoffrey*.

*Nicholas* gargalhou sem alegria.

— Eu conheço *Geoffrey* desde sempre, *Nicholas* — disse suplicante, tentando fazê-lo entender. — Ele

é parte do meu passado, parte de mim.

— E você o ama. — Suas palavras eram duras e sombrias.

Ela baixou o olhar.

— Eu não posso abandoná-lo. Você não consegue entender isso?

— Eu entendo que você está tentando protegê-lo. Você se preocupa em proteger todo mundo, menos a si mesma.

Ouvindo a súbita aspereza de seu tom, Aurora abraçou-se, como se tentasse defender-se das recriminações. Após um momento, ele respirou fundo.

— O que você quer que eu faça?

— Eu quero que você tente conseguir uma anulação.

Ele permaneceu quieto e parado. Ela aproximou-se, buscando sua expressão nas sombras. Ele devolveu-lhe o olhar, o rosto destruído por uma emoção crua e agonizante que refletia a dela.

— Muito bem — disse finalmente.

— Tentarei.

— Você tentará o quê?

— Anular nosso casamento. Então você ficará livre para casar-se com o seu verdadeiro amor.

Ela havia esperado forte resistência, não tamanha resignação. Talvez ele não a amasse tanto quanto havia dito. O desespero tomava conta de Aurora com a ideia.

— Você vai se esquecer de mim em breve, Nicholas — disse. — Encontrará alguém que poderá ser a esposa que você quer.

— Você acha?

Ele levantou-se subitamente, não mais resignado como antes. Cobrindo a curta distância entre os dois, ele a alcançou, as mãos tocando os ombros dela. Era impossível espacar seu olhar aveludado.

— Você acha mesmo que eu poderei esquecê-la, querida? Que poderei esquecer o que nós dividimos?

— Era só paixão...

— Não. Era muito mais. — Seus olhos acenderam-se. — Eu amo você, Aurora. Entenda isso. Experimente, respire isso.

Sem aviso, sua boca foi de encontro à dela. Seu beijo era forte, áspero, como se quisesse puni-la. Ela já lutava por ar quando ele finalmente terminou.

Quando ele se afastou, a fome escura em seus olhos sustentava tal força e dureza que a assustava e compelia.

Ela leu a intenção lá, mesmo antes que ele tivesse a chance de pegá-la em seus braços e levá-la para a cama.

Aurora tentou levantar-se, mas se viu presa por seu corpo forte.

— Nicholas, não podemos fazer isso.

— Podemos. — Seu sussurro era selvagem. — Você precisa lembrar-se do que está desistindo.

Observou-a. Seus olhos estavam flamejantes, um fogo raivoso. A gentileza que ela conhecia nele havia desaparecido.

— Seu precioso Geoffrey faz você se sentir como eu faço? — perguntou. Deliberadamente, ele alcançou a saia dela e passou a mão pelas pernas nuas. — Ele consegue fazer seu sangue queimar com um

toque? Ele consegue fazer seus seios enrijecerem, sua pele enrubescer? Ele consegue deixá-la molhada... assim?

Ele havia encontrado o foco do desejo dela, quente e pulsante. Quando deslizou os dedos para dentro dela, ela suspirou, apertando-se contra ele.

Era todo o convite de que Nicholas precisava. Seus olhos estavam ferozes, nus em intenção, enquanto abria os botões de sua calça.

— Nicholas...

Ele a beijou novamente, para abafar seu protesto. Havia de fazê-la sentir o desejo deslizando pelo corpo dele, sua violenta necessidade.

Nicholas não imaginava a explosão de paixão que desencadearia nela. Ela agarrou sua cabeça, as mãos dela puxando seu cabelo enquanto tentava aproximar suas bocas.

Quando percebeu que ela apreciava seu beijo devorador, ele levantou sua saia até os quadris e subiu nela. Podia sentir o fogo em suas veias enquanto mergulhava nela profundamente, com força, exigindo-a em um gesto selvagem de fome.

Era como deslizar no fogo. Ela arqueava o corpo debaixo dele e gemia em sua boca, um som angustiante de necessidade. Um som que o assombraria para sempre.

Tremendo, ele a penetrava, febril e com intensidade. Ela gozou de uma vez, convulsionando em seus braços com um gemido feroz. Aurora soluçava o nome dele enquanto, com um último mergulho profundo, ele explodia em gozo, impotente e selvagem.

Nos momentos que se seguiram, os sons torturados de suas respirações preencheram o vazio do quarto. Nicholas permaneceu enterrado nela, perguntando-se se ela conseguiria sentir o desespero pulsando em ondas quentes pelo seu corpo. Encostou o rosto no ombro dela, lutando contra a ferocidade dentro de si.

Finalmente, levantou a cabeça.

— Não faça isso, Aurora. — Ele suspirou, a voz rouca e baixa.

Ela abriu os olhos e fitou-o agoniada.

— Eu não tenho escolha.

Ele podia ver o tormento nos olhos dela. Ela realmente acreditava estar tomando a decisão certa. E talvez estivesse.

Ele a olhou, sofrido e vazio. Ele havia perdido.

Nicholas fechou os olhos com a angústia e a impotência tomando conta de si. Um homem não poderia forçar o amor. Ele não podia conseguir a rendição de um coração com pura força de vontade.

Não confiando em si mesmo para falar, levantou-se da cama e arrumou as roupas.

Sofrendo, Aurora permaneceu imóvel. A vulnerabilidade de Nicholas era infinitamente maior que sua raiva. Havia tamanha tristeza em sua face que ela tinha vontade de chorar.

Ela sentou-se lentamente, abaixando a saia nas pernas nuas. Estava tremendo.

— Nicholas... Sinto muito — sussurrou.

Os olhos escuros dele encontraram-se com os dela.

— Eu sei.

Buscando-a, tocou o rosto dela com as mãos. Ficou parado fitando-a por um bom tempo, até inclinar-se em sua direção. Quando os lábios se tocaram, a angústia a dominou.

Então ele recuou e respirou fundo, como se lutasse por controle. Sua voz não tinha inflexão quando falou.

— Pretendo zarpar com a maré amanhã à noite. Se você mudar de ideia, sabe onde me encontrar.

Ele virou-se e foi até a janela. Um momento depois, as sombras o cobriam e o silêncio havia tomado conta de tudo.

Aurora pressionou os nós dos dedos contra a boca e mordeu forte. A dor era tão intensa que ela sentia como se uma faca tivesse sido fincada em seu coração.

Ele realmente havia ido embora. Ela o havia mandado embora.

Aurora cobriu o rosto com as mãos e chorou.



*É verdade que a paixão da carne pode fazer surgir a paixão do coração. Eu sou a prova viva.*

Aurora contemplou sem ver o convite para o jantar de lady March. A condessa implorou-lhe comparecesse ao reservado encontro de família naquela noite, embora isso envolvesse ignorar temporariamente as estritas regras do luto. Ela escreveu dizendo que promoveria um ato de misericórdia cristã para ajudar na reinserção de Geoffrey à sociedade.

O ato permitiria também a eles demonstrar apoio a Aurora durante aquele difícil momento da vida dela, até que a farsa de seu casamento fosse desfeita. Aparentemente, a condessa ainda queria ter Aurora como filha.

Aturdida, Aurora colocou de lado o convite e olhou o relógio de ouro na cornija. Sete horas em ponto. O evento ocorreria às oito. Ela deveria começar a se arrumar, mas não sabia se ia suportar ver Geoffrey e sua mãe aquela noite. Onde encontraria força de vontade para fingir ânimo e sorrisos quando o coração dela estava em pedaços? Em algumas horas, Nicholas zarparia sem ela.

Uma nova onda de tristeza a varreu, deixando-a fria e vazia.

Desesperada, pegou o diário e abriu em uma página bem gasta — a morte do príncipe de Desirée.

*Minhas lágrimas caem em sua pálida face enquanto o sangue se esvai desse corpo que uma vez foi tão forte. Em desespero, beijo seus lábios de cera ansiando por te devolver a vida. Mas meus esforços são em vão. Inúteis. Você abre os olhos, seu olhar escuro tão cheio de dor e carinho. “Não chore”, você suspira roucamente. “Suas lágrimas são tormento.”*

*Mas e quanto ao meu tormento? Meu coração está sendo arrancado de meu peito. Meu Deus amado, não posso suportar isso.*

*Sua mão trêmula, tão fraca agora, ergue-se para acariciar meu rosto. “Seja livre, minha bela Desirée.”*

*Com seu último suspiro, você me deu a liberdade que eu tanto desejava. Mas, céus, o preço a ser pago é muito, muito alto...*

Aurora engoliu a dor escaldante das próprias lágrimas. Desirée percebeu tarde demais que a liberdade não era nada comparada ao amor.

Uma discreta batida na porta de seu quarto interrompeu os pensamentos sombrios de Aurora.

— Miss Kendrick esteve aqui novamente — Danby informou-lhe pela porta.

— Por favor, diga-lhe que estou indisposta — Aurora respondeu, fechando o diário. Ela não poderia encarar Raven agora.

Alguns momentos depois, outra batida na porta, mas dessa vez muito mais forte.

— Aurora? — Raven chamou-a com urgência. — Preciso falar com você.

Com um suspiro conformado, Aurora a convidou para entrar. Seria necessário mais do que a fibra que ela possuía agora para lutar contra o ataque determinado de Raven.

Adentrando o cômodo, a mulher mais jovem fechou a porta e permaneceu ali por um momento. Aurora estava sentada diante da lareira vazia, sentindo frio tal como em um dia de inverno, mesmo que a noite de julho fosse bastante agradável.

— Você está realmente mal — Raven perguntou — ou está apenas me evitando porque sabe o que tenho para falar?

— Minha cabeça dói — Aurora respondeu, sem de fato mentir. — Mas sim — ela esboçou um sorriso débil. — Gostaria de evitar essa conversa.

Implacável, Raven cruzou o quarto até ficar em frente a Aurora.

— Você está ciente de que Nicholas parte hoje à noite?

— Sim, eu estou.

— E você pretende deixá-lo ir?

— Raven... é a coisa certa a ser feita. A Inglaterra é meu lar. Eu pertenço a esta terra. E preciso ficar por causa de Geoffrey.

— Meu irmão disse que você pretende anular seu casamento para que possa então se casar com lorde March. Isso é verdade?

— Sim.

Os olhos azuis de Raven se estreitaram de tristeza.

— Você está cometendo um grave erro, Aurora. Você deveria ir com Nicholas. Ele a ama. — Eu... eu não tenho certeza se o que Nicholas sente é amor.

— Eu acredito que sim. — Raven procurou por algo em sua bolsa e puxou um pedaço dobrado de velino. — Ele me pediu que entregasse isto.

Abrindo a carta, Aurora leu febrilmente.

*Aurora, percebi que você deve honrar sua obrigação com March, mas não posso renunciar a você sem ter certeza de que você entende meus verdadeiros sentimentos. Na noite passada, você disse que eu a esqueceria com o tempo. Eu não me esquecerei. É curioso. Eu nunca entendi meu pai, pensando em como um homem poderia ficar tão obcecado por uma mulher, deixando o coração triunfar sobre a razão. Certamente, nunca acreditei que isso pudesse acontecer comigo. Eu jamais quis encontrar um amor assim — uma paixão intensa. O tipo que o domina e faz perder o controle. Mas não tive escolha. Não depois que encontrei você. Agora sei que a crença de meu pai era verdadeira. Quando você encontra seu verdadeiro par, o segundo melhor não basta.*

*Você é meu coração, Aurora. Sempre será.*

Aurora sentiu o coração se contorcer. Nicholas realmente a amava, ela não podia mais duvidar. Ele jamais faria uma declaração tão íntima e carinhosa apenas para uma conquista.

— Nicholas ama você, Aurora — disse Raven com firmeza. — Ele arriscou a *vida* para ficar com você. Ainda precisa de outra prova?

Era verdade; Nicholas arriscara ser capturado e morto para estar com ela.

Reunindo forças, Aurora juntou as mãos.

— Não posso deixar Geoffrey, Raven. Ele precisa de mim a seu lado. Ele está muito debilitado para encarar o futuro sozinho.

— Ele não está sozinho. Ele tem a família, os amigos, para não falar riqueza e título. Ah, como eu gostaria que você parasse de se preocupar com todo mundo para se preocupar consigo! — Raven lançou-

lhe a ela um olhar suplicante. — Eu não posso acreditar que você vai jogar fora esse amor verdadeiro.

Aurora vacilou diante da intensidade do olhar da amiga.

— Pensei que você não acreditasse no amor.

— Eu acredito. Só não quero isso para mim. Mas você e Nicholas são diferentes. Vocês foram feitos um para o outro, até mesmo eu posso perceber isso.

— Geoffrey não é a única razão que me fez ficar, Raven. Eu tenho outras responsabilidades: você é uma delas, por exemplo. Fiz uma promessa de garantir que você estivesse bem estabelecida.

— Promessa que você cumpriu admiravelmente — Raven insistiu. Respirando fundo, ela se sentou em outra cadeira diante da lareira. — Você não precisa se preocupar comigo, Aurora. Eu não queria contar isso agora, mas... recebi uma proposta de casamento muito interessante.

Aurora a olhou.

— De quem?

— Do duque de Halford. Estou pensando em aceitá-la.

— Você *não pode* estar falando sério!

— Eu sabia que você não aprovaria. Mas essa é minha decisão, Aurora. Sou eu que viverei as consequências.

Aurora sentiu-se tremer.

— Raven, você não pode se casar com Halford. Ele é controlador, um ditador frio...

— Ele não é tão mau-caráter quanto você pensa, não quando você o conhece melhor. Ele é reservado, é verdade, e é de fato um pouco arrogante. E gosta das coisas do jeito dele. Mas que lorde não gosta? Creio que posso lidar com ele.

Aurora inclinou-se para pegar uma das mãos de Raven.

— Raven, eu entendo sua vontade de se casar com um título. Você sente que deve realizar a vontade da sua mãe. Mas eu acredito que você seria muito mais feliz se casasse por amor.

Raven se inclinou para a frente.

— Você ama lorde March?

— Sim, claro que o amo. Eu o amei por toda minha vida.

— E seu amor por Nicholas?

Aurora desviou o olhar, não querendo responder àquela pergunta. O amor dela por Geoffrey era doce e gentil, não um desejo agonizante. O que ela sentia por Nicholas era tão complexo, tão perturbador, tão doloroso...

— Eu sei que não tenho experiência nos assuntos do coração — disse Raven —, mas não posso acreditar que você seja tão indiferente ao meu irmão. Eu reparei no jeito como você olha para ele. Se não é amor, o que é então?

*Paixão*, Aurora queria responder — mas, ao pensar na resposta, o comentário de Desirée no diário aflorou em sua mente com uma força pungente. *A paixão da carne pode fazer surgir a paixão do coração. Eu sou a prova viva...*

A paixão poderia levar ao amor, Aurora reconheceu. Tinha acontecido com Desirée. Tinha acontecido com ela.

A dor em seu coração transformou-se em nó na garganta. Ela teve dificuldade ao responder.

— O que quer que seja que eu sinta por Nicholas, não posso deixar que isso me afete.

Impaciente, Raven levantou-se da cadeira e começou a andar pelo cômodo.

— O que lorde March pensa de tudo isso? O homem não tem coração? Como ele pode pedir que você se sacrifique desse jeito?

— Ele não sabe do meu relacionamento com Nicholas. Ontem eu disse a ele que soube que meu marido ainda estava vivo.

Virando-se, Raven a encarou.

— Ele não sabe que Nick está aqui na Inglaterra?

— Eu... Eu não podia falar para ele. Eu não poderia chocá-lo dessa forma. E tive medo de expor Nicholas. Pensei que seria melhor esperar até que ele estivesse seguro.

— Perdoe-me minha falta de delicadeza, Aurora, mas o conde de March pode não querer uma esposa cujo casamento foi anulado. Ele pode não querer manchar o nome da família.

— Geoffrey não está preocupado com a reação de sua família. Ele está determinado apenas a me proteger do escândalo. Foi ele que se prontificou a me ajudar a anular o casamento. Ele quer que eu tenha a proteção do seu nome quando terminar meu casamento com um criminoso.

— Mas se você falar para ele o que sente, que Nicholas não é um criminoso...

Aurora fechou os olhos, lutando contra a angústia que crescia dentro dela. Não poderia dizer a Geoffrey que ela tinha amado outro homem. Não podia machucá-lo de tal forma. Se ele desejava tê-la como esposa, então ela não tinha outra escolha senão honrar os desejos dele. Ela lhe devia total lealdade.

— Ele não deveria ter o direito de decidir por si próprio? — Raven perguntou. — Você deveria contar-lhe a verdade, Aurora. Ao menos sobre seu relacionamento com Nicholas. Seria injusto não fazê-lo. E poderia fazer toda a diferença.

— Eu não posso contar nada a ele — Aurora murmurou. — Não até Nicholas partir.

— Mas, então, pode ser tarde demais! Aurora, você não percebe...

Outra batida discreta na porta forçou Raven a interromper sua fervorosa súplica.

Quando Aurora ordenou que entrassem, a porta abriu-se o suficiente para revelar a séria face de Danby.

— Há um cavalheiro que quer vê-la, senhora. Capitão Richard Gerrod. Ele diz que é de extrema urgência que fale com a senhora sobre seu marido.

Aurora ficou pálida. Deus amado! O capitão Gerrod era o oficial da marinha que prendeu Nicholas no Caribe. Nesse exato momento, ele sabia que seu antigo prisioneiro estava vivo. Saberá ele que Nicholas estava na Inglaterra? Mas por qual outro motivo Gerrod a procuraria, senão para procurar por Nicholas?

Durante alguns minutos, Aurora não emitiu nenhum som. Ela deixou Raven responder a Danby.

— Por favor, diga ao capitão que a senhora o atenderá em breve.

— Como desejar — o velho mordomo respondeu antes de se retirar.

Ainda em choque, Aurora virou-se para encarar Raven. A jovem parecia pálida e ligeiramente mais segura de si do que Aurora se sentia.

— Você precisa falar com ele, Aurora. Finja surpresa ao saber que seu marido ainda está vivo.

— Como você sabe quem é Gerrod? — Aurora perguntou desnorteada.

— Nicholas me avisou esta manhã, quando veio se despedir.

— *Nicholas* avisou você?

— Ele sabia que Gerrod o procurava. Por qual outra razão você pensa que ele considerou

imprescindível zarpar hoje à noite?

Aurora levou a mão à têmpora. Na noite passada, quando Nicholas fez amor com ela, ele sabia que estava em perigo mortal e ainda assim não mostrou nenhuma preocupação. Maldito seja ele...

— Ele não me disse uma palavra sobre isso — ela murmurou, dividida entre medo e fúria por ele ter guardado o fato.

— Provavelmente assim o fez para não preocupá-la — Raven disse rapidamente. — Suspeito que ele queria que você tomasse a decisão de acompanhá-lo sem que se sentisse coagida por outro motivo.

Com o medo vencendo a raiva, Aurora levantou-se de uma vez.

— Preciso avisar Nicholas!

— Não! — Raven se opôs. — Eu lhe digo, ele já sabe que está sendo procurado. Se você quer protegê-lo, pode fazê-lo despistando Gerrod. Vamos conceber um plano, Aurora.

Aurora respirou trêmula, tentando controlar o pânico que aflorava nela. Raven estava certa. Se ela queria ajudar Nicholas, teria de fazer o capitão acreditar que ela não sabia do paradeiro do marido.

Seu sangue congelou quando desceu as escadas e adentrou a sala onde Gerrod a esperava.

— Capitão — ela disse friamente, parando perto da porta —, estou impressionada que o senhor tenha a audácia de me procurar após o que fez. Presumo que o senhor tenha uma boa razão para estar aqui. — A expressão que ele mantinha era séria a ponto de ser austera, enquanto a olhava.

— Procuo seu marido, senhora.

— Meu marido está morto, senhor — Aurora respondeu friamente —, como o senhor bem sabe. Foi o *senhor* que o fez encontrar a morte.

— Então você não soube das notícias? — Gerrod perguntou cético.

— Que notícias?

— Nicholas Sabine está vivo.

Aurora o olhou, para então fingir escárnio.

— Essa é uma brincadeira de muito mau-gosto.

— Não é uma brincadeira, senhora. O pirata, capitão Sabre, escapou enquanto era transportado para Barbados para ser executado.

— Por que eu acreditaria em tal conto tão fantasioso? O senhor espera que eu simplesmente aceite sua palavra? O homem que prendeu meu marido e ordenou sua execução?

— Não pensei que a senhora pediria provas, milady — disse o capitão secamente. — Eu tinha certeza de que Sabine a tinha visitado.

— Eu asseguro que ele não o fez.

Gerrod franziu a testa.

— Tenho bons motivos para acreditar que ele está fingindo ser o primo, o senhor Brandon Deverill. E dizem que você se encontrou com Deverill.

— Não nego que conheço o senhor Deverill, capitão, mas acredito que eu reconheceria meu próprio marido — Aurora disse com sarcasmo.

— Talvez ele a tenha enganado.

— E talvez o senhor tenha sido o enganado.

Quando Gerrod cerrou a mandíbula demonstrando frustração e raiva, Aurora adotou um tom conciliador.

— Mesmo que meu marido estivesse vivo, o que não acredito —, o que o faz pensar que ele viria até a Inglaterra? O lar dele é... era... a Virgínia.

— Se eu tivesse uma esposa tão bela, não hesitaria em procurá-la.

— Sendo assim, ele teria me procurado antes. Mas não o fez.

— Você tem absoluta certeza? — Gerrod perguntou, encarando Aurora.

— Capitão — ela disse, pensando impetuosamente —, eu estou noiva, prestes a me casar com o conde de March, embora o anúncio só seja feito após o término do período de luto. Você realmente acredita que eu teria feito tal acordo se ainda acreditasse estar casada com outro homem?

Pela primeira vez, a expressão do capitão revelou forte dúvida. Mas então ele balançou a cabeça.

— Penso, milady, que a senhora está disposta a proteger seu marido.

Aurora deixou sua feição tornar-se deliberadamente calma.

— E eu acredito que o senhor se convenceu dessa fantasia devido à vingança ou ao rancor, não estou certa sobre qual.

Gerrod fechou a cara em resposta.

— Se o homem que procuro é realmente Deverill e não Sabine, então ele não tem nada a temer.

Aurora respirou comedido, como se estivesse pensando se deveria ou não ajudá-lo.

— É do meu conhecimento que o senhor Deverill deixou Londres na noite passada ou retrasada em direção a Somerset... Ou seria Berkshire? Talvez você devesse começar suas buscas lá.

O olhar severo dele encontrou o dela.

— Sem dúvida — Gerrod respondeu com arrogância — me parece que a senhora ficaria feliz em me fazer seguir uma falsa pista. Não, senhora, acredito que conhece o paradeiro de Sabine.

— Você está me acusando de *mentir*, capitão Gerrod? — Aurora levantou a cabeça imponentemente. — O senhor me ofende. Devo pedir que o senhor se retire.

— Muito bem — Gerrod rosnou. — Mas não vou desistir. Eu encontrarei Nicholas Sabine e o levarei à justiça.

Colocando o chapéu, ele esbarrou nela enquanto se encaminhava em direção à entrada da frente. Aurora permaneceu tensa e em silêncio até ele finalmente ir embora. Então deixou escapar um suspiro de alívio. Esperava que ele acreditasse em suas mentiras, mas tinha sérias dúvidas.

Andando pela sala, fez uma promessa. Deveria haver algo que ela pudesse fazer para proteger Nicholas. Não podia ficar parada, lamentando sua inutilidade.

Meu Deus, se ela tivesse inventado uma história mais plausível! Talvez não tenha sido sábio clamar que ela era a prometida de lorde March. Ela teria de persuadir Geoffrey a mentir junto com ela caso o capitão Gerrod perguntasse algo...

Geoffrey! Aurora congelou onde estava. Ele não sabia que Nicholas estava na Inglaterra. Os boatos chegariam até ele, e então ele saberia que ela não havia falado a verdade. Ele se sentiria traído...

Não, a revelação *tinha* de vir dela, Aurora sabia. Ela mesma tinha de contar-lhe. E devia isso a ele.

Chamou com urgência o mordomo. Mas não era em Geoffrey que pensava quando pediu a carruagem a Danby.

*Por favor, Nicholas*, ela implorou silenciosamente. *Por favor, fuja em segurança*. Ela não suportaria se Nicholas morresse, pois parte dela morreria junto.



*O coração vai reconhecer seu verdadeiro par.*

Encontrou lorde March e a mãe esperando por sua chegada. Ambos levantaram-se para cumprimentá-la quando ela adentrou a elegante sala de visitas, e ambos mostraram-se surpresos ao ver seu vestido de musselina e o *spencer*. Era óbvio, a contar pelos seus trajés, que ela não pretendia ficar para o jantar.

— Há algo errado, minha querida? — a condessa perguntou com o semblante preocupado.

Com certeza, havia algo muito errado, Aurora pensou desanimada. Ela deveria estar alegre ao ver o homem com o qual pretendia passar o resto da vida. E não sentindo aquele terrível vazio.

— Perdoe-me, lady March — Aurora respondeu, evitando a pergunta —, mas preciso falar a sós com Geoffrey por um momento, se me permite.

— Sim... claro — disse a condessa confusa. — Vou buscar um xale. Confesso que estava sentindo um pouco de frio. — Ela se retirou calmamente, deixando Aurora sozinha com Geoffrey.

Aurora via a surpresa nos olhos dele, mas, como sempre, ele agiu como um cavalheiro, oferecendo-lhe uma poltrona sem pressioná-la imediatamente por uma explicação.

Ela estava muito agitada para sentar, no entanto. Seu coração doía, e ela começou a andar pela sala.

Percebeu que Geoffrey a observava com as sobrancelhas unidas, preocupado.

— O que há de errado, Aurora? Você está obviamente angustiada.

Endireitando os ombros como que se preparando para um golpe, ela se forçou a virar e encará-lo.

— Eu... eu não fui completamente sincera com você, Geoffrey. Há algo que deixei de contar.

— O que foi, minha querida?

Os olhos dela ardiavam. Como poderia suportar ferir aquele homem? E como poderia suportar não feri-lo? Ela não podia se casar com ele. Não quando amava Nicholas tão desesperadamente...

Vinha se enganando todo aquele tempo. Os sinais tinham sido muito óbvios: a alegria que sentia com a presença de Nicholas, seu pesar ao ter de se separar dele, o terror com a possibilidade de ele morrer...

Esta noite, com o perigo que ele enfrentou, ela tinha finalmente sido forçada a encarar a verdade. Não podia perder Nicholas. Mesmo se ele morresse amanhã, ela queria estar com ele pelo tempo que pudesse.

— Aurora? — Geoffrey chamou-a ao vê-la permanecer calada.

Com esforço, ela engoliu a dor em sua garganta. Não tinha escolha. Ela não podia deixar Nicholas partir.

— Você iria saber mais cedo ou mais tarde — ela finalmente começou —, mas eu queria que ouvisse de mim.

— Aurora, por favor — disse ele gentilmente —, espero que você termine com esse suspense.

Ela balançou a cabeça, respirando fundo.

— Eu lhe disse ontem que meu marido estava vivo mas... há mais. Nicholas Sabine está aqui, Geoffrey. Na Inglaterra.

Houve um longo silêncio enquanto Geoffrey digerira as palavras de Aurora.

— Seu marido está aqui? — ele disse vagarosamente.

— Sim. Ele tem estado aqui nas últimas seis semanas.

— Tudo isso?

Ela não podia identificar a expressão nos olhos azuis de Geoffrey. Choque? Decepção? Raiva?

Apesar de ter jurado controlar suas emoções, Aurora se pegou apertando suas mãos.

— Geoffrey, eu... eu tenho estado com ele.

— Ele *forçou* você a estar com ele? — Seu tom estava cheio de raiva enquanto suas sobrancelhas se uniam, franzidas.

— Não. Ele nunca me forçou. Eu o quis.

— Entendo. — Geoffrey levou a mão à têmpora. — Você se importa se eu me sentar?

— Sim... não, claro que não me importo... — Aurora deu um passo agitado em direção a ele. — Foi impensado de minha parte mantê-lo em pé.

Ele afundou vagarosamente no assento.

— Por que você não me disse ontem? — ele finalmente perguntou.

— Eu não consegui. Não queria machucá-lo tanto e logo após você ter voltado para casa. Eu ia contar... em breve — Aurora concluiu inutilmente.

Forçando-se a encarar Geoffrey, ela foi se sentar ao lado dele.

— Eu esperava dar tempo a você para se acostumar a estar em casa novamente, antes que tivesse de saber disso, mas... bem... as coisas se complicaram. A marinha inglesa está procurando por Nicholas. Eles vieram me procurar há poucas horas querendo saber seu paradeiro.

Geoffrey ainda parecia estar considerando as ramificações das declarações dela.

— Ontem você me levou a acreditar que queria o casamento anulado.

— Eu pensava que queria. — Ela respirou fundo novamente. — Depois que você retornou, eu pedi a Nicholas para anular nosso casamento, e ele concordou.

— Você pediu a ele para acabar com o casamento?

— Sim.

— Por quê?

— Por quê? — ela procurou o rosto de Geoffrey. Seus olhos azuis estavam solenes, penetrantes.

— Estou curioso para saber dos seus motivos — ele disse vagarosamente. — Se você queria anular o casamento por minha causa, ou porque era o que você verdadeiramente queria.

Aurora baixou os olhos para as mãos entrelaçadas, lutando para esconder o desespero que encharcava seus olhos.

— Você o ama, não é? — Não era uma pergunta.

Ela sentiu os olhos embaçarem enquanto balançava a cabeça afirmativamente. Por semanas, vinha lutando para não admitir que o amava. Tinha pensado que poderia salvar-se da dor do desgosto simplesmente afastando Nicholas. Mas sabia agora que seu coração se partiria se ela o perdesse.

— Sim, eu o amo. — As lágrimas quentes finalmente caíram. — Geoffrey, eu sinto tanto!

— Aurora, não chore. Por favor...

Calada, ela balançava a cabeça, despedaçada por ter de escolher entre a lealdade e o amor. Ela queria ter honrado seu juramento de se casar com Geoffrey, mas sabia que não poderia levar aquilo adiante. Não poderia dividir sua vida com esse homem, não importa o quanto se preocupasse com ele. Não quando seu coração pertencia tão completamente a Nicholas.

Enquanto lutava contra as lágrimas, Geoffrey suspirava.

— O que o destino fez de nossas vidas — ele murmurou, o tom de voz carregado de ironia. — Aurora, olhe para mim, por favor...

Com a ponta do dedo, ele levantou o queixo dela.

— Não há razão para você terminar seu casamento. — Seu sorriso era amargo. — Eu me sinto honrado por você estar pronta para sacrificar o seu futuro por mim, minha querida, mas não poderia deixá-la ir em frente com tão nobre gesto. Não seria justo com você, ou comigo, tampouco. Você viveria infeliz e eu não seria feliz sabendo que você ama outro homem. Eu não quero fantasmas em minha cama de casal.

Ela engoliu convulsivamente, seu coração se torcendo de dor por ele.

— Será que você vai conseguir me perdoar um dia?

— Sim, é claro que posso perdoá-la, Aurora. Não podemos escolher quem amamos.

— Eu amo você, Geoffrey. Só que não da maneira que você merece. — Ela se forçou a olhar para os gentis olhos dele. — Você merece amor verdadeiro, Geoffrey. Nosso compromisso foi sempre baseado mais em amizade do que em amor, em conveniência mais do que em emoção. Nunca sentimos realmente paixão um pelo outro. Não do tipo arrebatador que começa guerras e destrói impérios.

Quando Geoffrey pegou sua mão, ela esfregou com força os olhos, tentando resgatar o controle das emoções. Para sua surpresa, no entanto, ele não mais parecia preocupado.

— Eu entendo o que você está querendo dizer, Aurora. O amor verdadeiro é um fogo no coração. É um sentimento alegre e maravilhoso. Uma agonia sublime. É não ser capaz de comer, pensar ou mesmo respirar a menos que o objeto de sua atenção esteja perto. É não se sentir inteiro sem ela...

Tomada de surpresa pelo que ouvia, Aurora o encarou, imaginando como poderia ele descrever os sentimentos dela de maneira tão eloquente.

— Você fala... como se tivesse experiência no assunto.

Ele sorriu ligeiramente.

— Eu tenho. Temo não ter sido inteiramente sincero com você também, minha querida. Enquanto estava na França, eu me apaixonei.

Os lábios de Aurora se separaram, mas ela permaneceu calada.

— Havia uma garota, uma jovem, na fazenda onde fui tratado. A família dela estava se escondendo: aristocratas que sobreviveram ao Terror. A filha mais velha... ela era tão meiga, Aurora. Eu não pude deixar de me apaixonar.

— Por que você não me contou?

— Pela mesma razão que você não me contou sobre as mudanças no seu coração. Eu não queria magoá-la. Sobretudo, como cavalheiro, não poderia ser aquele que iria desfazer nosso compromisso. Não teria sido nem um pouco honrado.

Lentamente, a boca dela se curvou em um tímido sorriso, enquanto ela sentia a alegria renascendo dentro dela.

— Então estávamos ambos tentando ser nobres.

— Evidentemente. Confesso que me sinto aliviado em saber que você deu seu coração para outro. Significa que posso pedir a Simone para se casar comigo. Aqui, seque os olhos para que eu não me sinta tão culpado.

A risada dela foi sufocada pelo lençinho que ele ofereceu. A expressão de Geoffrey, porém, permaneceu séria enquanto ela secava as lágrimas de suas faces.

— Se esse ano que passou me ensinou alguma coisa, Aurora, é que o futuro de ninguém é certo. Se você foi afortunada o suficiente para encontrar o verdadeiro amor, não deveria se arriscar a perdê-lo.

Ela balançou a cabeça em concordância, ainda que se mortificando por chegar a essa conclusão tão tardiamente. Se Nicholas morresse amanhã, ela ficaria devastada, mas, ainda assim, preferia viver com ele uma felicidade efêmera do que uma vida inteira naquela existência cinza e pesada que tinha conhecido antes de amá-lo.

Ela nunca lhe havia dito que o amava. Assim como Desirée com seu príncipe, ela nunca mostrara seus verdadeiros sentimentos até que... Meu Deus! Ela esperava que não fosse tarde demais. Aurora suspirou e sentiu uma pontada no coração

— O que foi? — Geoffrey perguntou.

Por um momento ela hesitou, pensando se poderia arriscar dizer a Geoffrey o que pretendia fazer. Mas ele havia pensado em sacrificar seu amor por causa dela, possivelmente atolar o nome de sua família no escândalo somente para ajudá-la, porque queria vê-la feliz. Ela podia confiar nele. Ele não machucaria o homem que ela amava.

— Nicholas está partindo esta noite para a América.

— E você quer ir com ele?

Ela procurou o rosto dele.

— Eu tenho de ir, Geoffrey. Você pode compreender?

— Sim, minha querida — ele respondeu com suavidade, enquanto beijava sua testa. — Eu entendo. E se isso significa algo, você tem toda a minha bênção.

— Significa muito para mim. — Delicadamente, ela sorriu em sinal de agradecimento, mas então seu sorriso desapareceu, porque uma nova urgência se apoderou dela. — Eu só espero não estar atrasada. Nicholas pretendia zarpar com a maré.

— Então, você tem uma hora ou mais. A maré alta não acontecerá até perto das dez horas. Mas você não tem muito tempo para fazer as malas. Você tem de ir.

— Sim. — Ela se levantou abruptamente, seus pensamentos girando enquanto tentava se planejar. Ela retornaria à sua casa por tempo suficiente para pegar algumas roupas e poucas coisas de que necessitaria durante as semanas que passaria no mar. Aurora parou subitamente, lembrando-se de outra obrigação. — Eu deveria dizer adeus a Harry primeiramente e explicar por que estou partindo, embora talvez ele não ligue muito. Ele idolatra Nicholas.

— Harry o conhece? — Geoffrey perguntou, confuso.

Aurora devolveu um olhar incerto.

— Nicholas se tem feito passar por seu primo, Brandon Deverill.

— Ah, Deverill — disse Geoffrey ironicamente. — Eu ouvi muito sobre o sujeito quando Harry contou e recontou histórias sobre sua excursão a Londres. Meu irmão realmente o idolatra.

— Sua mãe não me perdoará tão facilmente, imagino.

— Somente porque ainda não sabe sobre minha Simone. Depois que eu lhe contar, ela aceitará mais facilmente perder você. Se você quiser, posso escoltá-la até sua casa e então às docas — Geoffrey ofereceu. — Eu presumo que é onde Nicholas pode ser encontrado, não?

— Sim, mas você não precisa fazer isso, se expor assim.

— Não é problema. E confesso que gostaria de encontrar o homem que roubou seu coração.

Aurora virou-se para partir, sua mente rodando de ansiedade. E se Nicholas já tivesse partido?

Então ela iria simplesmente segui-lo, uma voz determinada respondeu em sua cabeça. Se ele partisse sem ela, então ela iria contratar um navio para levá-la à América. Não iria deixar Nicholas escapar.

Ele ganhou seu coração e nada mais importava.



Quase uma hora se passou antes que Aurora chegasse às docas, procurando febrilmente pelo barco de Nicholas, o *Talon*; a névoa que encobria o Tâmisia dificultava a visão da maioria dos barcos enfileirados no cais, mas ela se lembrava do lugar devido à sua última visita, e então ela avistou um navio entre os mastros esqueléticos cujas velas brancas haviam sido erguidas.

A escada de embarque ainda estava no lugar, ela notou com alívio, embora a tripulação estivesse se movendo apressada, arrumando os cordames e esticando cordas para zarpar.

Geoffrey teve alguma dificuldade com a escada e se encolheu quando pisou no convés com a perna ruim. Foram imediatamente atendidos por um marinheiro, que os levou ao capitão. O capitão, por sua vez, levou-os à mesma cabine onde Aurora havia feito amor com Nicholas.

A porta da cabine estava aberta, mas no primeiro momento ela não avistou Nicholas. O homem que estava no beliche era seu primo, Lucian Tremayne, lorde Wycliff, enquanto o nobre escarrapachado elegantemente em uma cadeira era lorde Clune.

Nicholas estava de costas para ela, olhando pela escotilha para a noite escura. Aurora sentia seu coração retorcer-se de amor. Graças a Deus não era tarde demais.

— Senhor, tem visitas — o capitão anunciou antes de fazer um cumprimento elegante e se retirar.

Ela viu Nicholas ficar totalmente imóvel, mas os outros dois homens levantaram-se.

— Acredito que ganhei nossa aposta, no final — disse Clune, com uma voz arrastada e divertida.

— É verdade, Dare — Lucian respondeu. — Mas essa é uma aposta que eu não me importo de ter perdido. Bem-vinda, milady. Estávamos nos despedindo do nosso amigo americano.

Nicholas se voltou lentamente, como se não ousasse se permitir ter esperanças. Seu olhar cravou-se na face dela, seus olhos escuros e intensos enquanto procuravam os dela.

Aurora deu um passo para dentro da pequena cabine e parou, subitamente sem palavras. Como poderia dizer todas as coisas que queria e precisava dizer a Nicholas na frente de tantas pessoas?

Quando ela permaneceu muda, o olhar dele desceu para a mala dela, e então se moveu para Geoffrey. Nicholas congelou, e a expressão tornou-se sombria.

— Então você veio para dizer adeus — ele disse em um tom inflexível.

— Não — ela respondeu com a voz rouca.

Geoffrey interveio então.

— Eu não acredito que nos encontramos — ele disse, entrando na cabine e dando um passo à frente de Aurora. — Eu sou March. — E ofereceu seu braço bom para cumprimentar Nicholas, mas este não se moveu para retribuir o cumprimento. — Eu entendo o porquê de você não querer me dar as boas-vindas — Geoffrey disse gentilmente, não tomando como ofensa. — Mas você não precisa se preocupar. Eu não sou mais seu rival. Aurora e eu chegamos a um entendimento.

— Um entendimento? — Nicholas respondeu cautelosamente, o semblante ainda fechado.

— Sim. Eu acredito que sua esposa tenha algo a lhe dizer.

O olhar de Nicholas voltou-se novamente para Aurora, questionando-a intensamente.

— Eu não estou aqui para dizer adeus — disse ela, olhando-o fixamente. — Estou indo com você.

Por um instante, ela viu um lampejo do que deveria ser alegria. Então, subitamente, a expressão dele escureceu. Aurora percebeu que ele estava olhando para além dela, na porta.

Atrás de si ela ouviu uma voz conhecida.

— Então eu não estava errado — disse o capitão Gerrod abruptamente. — Você é mesmo Nicholas Sabine.

Com o coração falhando, Aurora olhou por cima do ombro. Gerrod estava na porta, com uma pistola mortal apontada diretamente para o coração de Nicholas.



*Somente agora consigo entender. Laços de amor são mais fortes que as mais poderosas algemas. Não há escapatória.*

Quando avistou a pistola mortal, Nick sentiu um turbilhão de emoções pesar em seu coração — não medo, mas fúria. De nenhuma maneira ele permitiria que Gerrod o fizesse prisioneiro. Não agora, quando ele tinha a esperança de ter o céu a seu alcance.

Seus dedos apertaram a taça de cristal em sua mão. Ele havia tomado uma garrafa inteira de brandy naquela noite com os amigos, na intenção de afogar suas mágoas, ainda que soubesse que nada nessa vida poderia entorpecer a dor de perder Aurora. Mas recuperou-se abruptamente quando Aurora apareceu como um anjo saltando de sua fervorosa imaginação.

E então Gerrod havia aparecido, evidentemente tendo-a seguido até o cais. Ou talvez March tivesse planejado tudo isso com o intuito de eliminar seu maior rival...? Mas não era hora de querer saber como Gerrod o havia encontrado.

O capitão entrou na cabine, passando rápido por Aurora e March.

— Em nome da Coroa — bradou bastante satisfeito —, você está preso, Sabine.

Os olhos de Nicholas estreitaram-se ao medir a distância em que se encontrava da pistola. Ele talvez pudesse ter tirado a arma de Gerrod, mas uma luta naquele momento poderia colocar Aurora em perigo. Haveria outra forma de fazê-lo sem violência física? Não estava seguro de que pudesse contar com a intervenção dos amigos. Eles eram cidadãos britânicos, e seriam traidores se interferissem na execução da tarefa de um oficial da marinha. A briga era dele, para todos os efeitos.

Ao ver Nicholas mudo, Gerrod deu mais um passo em sua direção.

— O que tem a dizer em sua defesa, Nicholas?

Nick sorriu.

— Digo para você sair do meu barco, capitão.

Gerrod franziu as sobrancelhas.

— Tenho todo o direito de prendê-lo. Você *vai* me acompanhar.

— Ou o quê? Vai atirar em mim a sangue-frio?

— Se você me obrigar... Mas admito que preferiria vê-lo dançando no fim de uma corda. Há meia dúzia de meus homens esperando no cais para escoltá-lo até a prisão de Newgate, onde sua sentença será

dada.

Casualmente, sem parecer mover-se, Nicholas preparou os calcanhares para pular. Nesse instante, entretanto, seu primo falou.

— Parece-me que você está dedicado demais aos seus deveres, capitão — Lucian apontou. — Você confundiu a identidade deste homem. Estou preparado para atestar que ele é o senhor Deverill.

— E eu também — Dare adicionou em uma fala lenta e divertida.

— Então você sabe, capitão, serão as palavras de dois nobres do reino contra a sua.

— Três nobres — acrescentou Geoffrey.

O olhar de Nick caiu sobre March. O homem estava disposto a arriscar sua honra por um estranho? Se fosse, seria obviamente pelo bem de Aurora. Mas claro que March estava sob seu feitiço! Se ele a amava, iria querer a felicidade dela acima da sua.

Nicholas sentiu outro turbilhão de emoções abrasadoras — incluindo simpatia pelo rival. Ele sabia a agonia de perder Aurora.

— Você tem meus mais sinceros agradecimentos, lorde March — Nicholas disse solenemente.

— Você deve admitir — Dare sugeriu ao capitão — que as probabilidades serão difíceis de ser superadas.

A raiva tomou conta de Gerrod, enquanto fitava cada um dos lordes.

— Vocês mentiriam para proteger esse... pirata? É traição encobrir um criminoso.

— Aí é que você se engana — Lucian respondeu. — Este homem não é um criminoso. Ele é um americano simpatizante da monarquia que tem asilo garantido em solo britânico. E você, capitão, está agindo ilegalmente tentando capturá-lo.

A fúria de Gerrod somente aumentou, fazendo-o levantar a pistola ainda mais alto em direção a Nicholas. Pelo canto do olho, Nicholas viu Aurora mexer-se, mas não ousou tirar a atenção da pistola.

— Por Deus — o capitão jurou —, você não escapará desta vez. — Sua ameaça foi interrompida por um ruído grave. Sua expressão tornou-se aturdida e então ele se esparramou no chão.

Nicholas sentiu o coração bater na garganta. Aurora estava parada ao lado do corpo esparramado do capitão, segurando firmemente uma garrafa de brandy semicheia. Ela havia nocauteado o homem.

Sua ação corajosa havia espantado todos os seus amigos, assim como ele mesmo. Eles a observavam com variados níveis de espanto.

Aurora cerrou as mandíbulas, aparentando calma, ainda que pálida.

— Eu... ele está morto?

Nicholas abaixou-se para tirar a pistola de Gerrod e pressionou dois dedos contra o pescoço do homem.

— Não, somente desmaiado.

Seus olhos voltaram-se novamente para Aurora.

— Mais uma vez você me surpreende, meu anjo.

— Você disse que, às vezes, a violência se justifica — declarou em tom desafiador. — Eu considereei que fosse um destes casos. Ele tinha a intenção de atirar em você.

— Ele certamente tinha.

Levantando-se, Nicholas entregou a pistola a Dare e, então, voltou-se para Aurora. Tirando a garrafa das mãos dela, colocou-a junto com seu copo na mesa ao lado e envolveu a moça nos braços.

— Eu não podia deixar que ele o machucasse — ela disse impetuosamente, olhando-o.

— Eu fico muito feliz, querida — respondeu com um sorriso.

Nesse momento, Gerrod remexeu-se, ainda que não houvesse acordado.

— Sinto muito interromper os amantes, mas... — Dare falou pausadamente — creio que devemos decidir o que fazer com nosso amigo.

— Deveríamos pegar uma corda para amarrá-lo — disse Lucian. — Duvido que ele permaneça dócil de outra forma.

— Amarrá-lo? — Dare perguntou, assustado. — Sua sagacidade me espanta.

Lucian sorriu sarcasticamente.

— Você ficaria surpreso com a criatividade que um homem pode desenvolver quando a situação está difícil demais.

Soltando Aurora com relutância, Nicholas vasculhou alguns armários e voltou com uma corda e uma faca. Seu primo fez as honras, ajoelhando-se para atar as mãos de Gerrod.

— Imagino que você tenha um plano, Luce. — Dare apontou, enquanto Wycliff trabalhava.

— Vou levá-lo embora e mantê-lo escondido até que nosso amigo Brandon parta.

— E os homens dele? — March perguntou.

— Simplesmente pedirei que retornem a seus postos. Duvido que me desafiarão, especialmente se seu capitão estiver amordaçado e não puder contrariar as minhas ordens.

— Gerrod ficará irado por você interferir em seus deveres.

— E daí? Não vou deixá-lo entregar Nicholas ao carrasco.

— Pode ser que não chegue ao enforcamento — Dare pensou alto. — Não se Nicholas requerer perdão ao príncipe regente.

— O que você tem em mente? — Nicholas perguntou com extremo interesse.

— Comprar um perdão. Pirata ou não, você sem dúvida poderia convencer Prinny de sua inocência caso se ofereça para encher seus cofres.

— Decididamente, vale uma tentativa — disse Luce em aprovação.

Ele estava terminando de amarrar os nós quando Gerrod acordou.

Grunhindo, o capitão ergueu as mãos amarradas até a cabeça e estremeceu de dor. Quando olhou confuso para cima, encontrou o conde de Clune apontando sua própria pistola em sua direção.

— Você me derrubou... — Gerrod disse incrédulo. — Seu bastardo! Como ousa?!

— Não — Aurora respondeu, olhando-o nos olhos. — Fui eu quem o derrubou.

Ao ver a expressão incrédula do capitão, Nicholas não conseguiu conter o riso.

— Você não deveria ter me ameaçado, capitão. Minha... — Ele parou na palavra *esposa*, lembrando-se que a farsa precisava continuar. — Lady Aurora é uma tigresa quando se trata de defender quem ama.

Se um olhar pudesse matar, Nick sabia que teria sido destruído pelo olhar malevolente de Gerrod.

Por fim, o capitão mudou seu foco violento aos outros homens presentes. — Vocês foram obviamente enganados, meus senhores. Digo-lhes que esse homem não é Brandon Deverill, e sim um pirata condenado...

— Essa alegação rançosa já está me entediando — disse Dare. — Você gostaria de colocar uma mordaca no bom capitão, Luce? — Pegando um lenço de pescoço, entregou-o a Wycliff.

Gerrod recuou horrorizado.

— Ao inferno! Você pagarão por isso! — ameaçou. — Vou condenar todos por traição!

— Duvido que dará certo — Lucian disse calmamente. — Você perceberá que minhas palavras têm mais força com os almirantes que as suas. A marinha deve-me alguns favores, de qualquer forma. E lorde March é considerado um herói de guerra.

Quase como uma fera, Gerrod olhou para Aurora.

— Você vai se arrepender se partir com esse criminoso, minha senhora. Será considerada fugitiva da Inglaterra. Nunca mais poderá retornar.

Seus olhos encontraram os de Nicholas.

— Eu não me importo — disse convicta, e seus olhos azuis tinham um brilho suave.

Ele sentiu a felicidade tomar conta de si e precisou de todo seu autocontrole para evitar atravessar a cabine e tomá-la nos braços.

Nesse instante, Wycliff colocou a mordaca na boca do capitão.

— Você não pode fazer isso! — Gerrod exclamou, começando a lutar.

Lucian limitou-se a agarrar o capitão pela garganta e observá-lo com olhos apertados.

— Espero que você não me obrigue a despachá-lo para o seu superior. Você poderia facilmente encontrar-se sozinho no mar, sem nenhum barco para salvá-lo

Imediatamente, Gerrod parou de lutar.

*Primitivo mas efetivo*, Nicholas pensou satisfeito.

Gerrod parecia ter engolido a bile.

Lucian amordaçou-o e então o levantou até que ficasse de pé.

— Deveríamos ir e deixar que os dois possam preparar-se para a viagem.

— Obrigada, meu senhor — Aurora disse a Wycliff, seu sorriso incluindo Clune também. — Nossos agradecimentos aos dois.

Lucian ergueu uma sobrancelha.

— Por ajudar a salvar a pele dele? Você não precisa me agradecer. Gosto muito desse trapaceiro. Se quiser, pedirei desculpas aos seus conhecidos pela sua súbita partida.

Nicholas percebeu o sorriso no rosto de Aurora desaparecer.

— O que houve, querida?

— Raven. Não pude dizer-lhe adeus. E estou apreensiva em deixá-la sozinha em Londres.

Ele olhou para o primo.

— Você cuidará da senhorita Kendrick por mim, Luce?

— Ficarei feliz em fazê-lo.

— E eu também — Dare voluntariou-se — ficarei feliz em oferecer meus serviços.

— Desculpe-me — Nicholas sorriu —, mas pedir a você para tomar conta de uma dama é o mesmo que esperar que um lobo tome conta de um rebanho de ovelhas.

— Nesse caso, você não tem nada a temer. Juro ser tão casto como um irmão mais velho.

— Se ficar sabendo do contrário — Nicholas ameaçou —, vou amarrá-lo pelos polegares.

— Entendido. Bem, então adeus e boa viagem, meu amigo.

Quando os dois nobres retiraram o prisioneiro da cabine, somente March ficou. Nicholas observou

quando Aurora foi até o conde e pegou sua mão. Com o mais suave dos sorrisos, ela ergueu os lábios e beijou a face dele.

Nicholas cerrou os dentes, mas tentou controlar-se. Já não tinha razões para ter ciúme do nobre. Não quando era ele o marido de Aurora.

March murmurou um adeus e então fixou o olhar em Nicholas.

— É melhor que você tome conta dela, Sabine, ou pode ter certeza de que vou visitá-lo na América.

— Tenha certeza de que irei protegê-la com a minha vida — Nick jurou.

O conde voltou sua atenção para Aurora novamente.

— Desejo-lhe toda a felicidade do mundo, minha querida.

— E eu a você. Simone é uma mulher de sorte. Talvez algum dia eu a conheça.

Recuando, March sorriu a Aurora pela última vez e partiu, fechando a porta da cabine atrás dele.

Nicholas respirou fundo, tentando aliviar a tensão que tomava conta de seu corpo. Quando Aurora virou-se para encará-lo, seu olhar se refletiu no dela.

— Eu não estava enganado, estava? Você me ama?

— Sim, Nicholas. Eu amo você.

A felicidade atingiu-o com tanta intensidade que ele estremeceu. Em dois passos largos, ele a alcançou e pegou-a em seus braços da forma que vinha ansiando por fazer desde que ela entrou no barco. Seu beijo apaixonado cobria os lábios de Aurora.

Mesmo tendo roubado seu fôlego, ele não queria parar. Sua boca se movia ainda sobre a dela, como se ele tivesse passado fome por muito tempo. Finalmente, Nicholas interrompeu a investida para falar roucamente em seu ouvido.

— Diga-me novamente — ele pediu.

Ela entendeu sua urgência.

— Eu amo você — ela conseguiu dizer, antes que ele interrompesse sua declaração com outro beijo devastador.

Um longo momento se passou até que Nick permitisse que ela falasse novamente, ainda que se negasse a deixá-la ir.

Afogado em desejo e amor, ele encostou a testa na dela.

— O que causou essa mudança no coração? — ele ousou perguntar.

— Percebi que não conseguiria viver sem você — Aurora limitou-se a dizer.

— Então você será minha esposa? — Ele levantou a cabeça, buscando o rosto dela. Os olhos de Aurora estavam brilhantes, cheios de amor; seu sorriso encantador deixava a respiração dele entalada na garganta.

— Sim, Nicholas. Serei, mas com uma condição.

Ele fez uma pausa e recuou para olhá-la cautelosamente.

— Qual condição?

— Que você me prometa, ao menos, esforçar-se para refrear suas imprudências.

— Minhas imprudências?

— Desde que o conheci, tudo o que você fez foi procurar o perigo deliberadamente. Não tenho intenção de tornar-me viúva de novo.

— Não tenho intenção de deixá-la.

— Você acabou de dizer que pretendia proteger-me com a sua vida. E pude vê-lo olhar para a pistola de Gerrod como se planejasse algo precipitado. Tenho certeza de que teria feito alguma bobagem se eu não entrasse em ação.

— Eu teria encontrado outra forma. Não teria arriscado colocá-la em perigo. — Nicholas não conseguiu evitar sorrir. — A expressão no rosto de Gerrod... Ele tinha tanta certeza de que me teria em suas mãos. Não contou que teria de lidar com minha corajosa esposa.

— Não foi nem um pouco corajoso. Eu estava apavorada, achando que ele fosse atirar em você. — Ela fechou o rosto. — Eu não aguentaria perdê-lo, Nicholas. Quero sua promessa de que tentará manter-se a salvo pelo seu bem.

— Prometo, querida. Meus dias de imprudência chegaram ao fim, juro a você. Tenho muito em jogo para arriscar perdê-la.

Ele olhou dentro de seus olhos azuis, ainda incrédulo ante sua boa sorte.

— Quero passar o resto de minha vida com você, Aurora. Quero ter filhos com você e ficar velho ao seu lado. Quero dormir e compartilhar meus sonhos com você e, no dia seguinte, acordar ao seu lado.

Aurora nunca tinha ouvido palavras tão bonitas.

Nesse instante, ela sentiu o barco começar a mover-se enquanto a âncora era levantada. Nicholas ergueu a cabeça por um momento, e então a abaixou novamente para encostar o nariz nos lábios dela.

— Temos uma longa viagem pela frente, você sabe disso, meu amor?

Ela sentiu seus batimentos aumentarem com o pensamento; a ideia de ter semanas e semanas sozinha com Nicholas enchia-a de alegria.

Ergueu os braços para abraçar seu pescoço, olhando dentro dos olhos escuros que brilhavam com ternura.

— Não longa o suficiente — Aurora suspirou, querendo cantar com a alegria que emanava de seu coração.

Ela estava, de fato, viajando para Virgínia com Nicholas como seu marido. A enormidade de sua decisão não mais a atormentava. Ela apenas contemplava seu futuro com ansiedade e esperança.

Nicholas era sua vida. O único homem que ela amaria. Ao moldar seus lábios aos dele, uma linha do diário voltou à sua mente. *Ele prendeu meu coração, com algemas mais fortes que o aço.*

Ela era prisioneira de Nicholas, refletiu, mas por pura e espontânea vontade.

Suspirou e entregou-se ao seu beijo quente. Nicholas era o dono do coração dela. E ela sabia com certeza que eles estavam apenas começando algo grande e bonito. O futuro deles estava à sua frente. Um futuro brilhante e cheio de promessas. Marido e mulher, unidos por uma paixão irresistível conhecida como amor.

1 Maneira pejorativa de se referir aos franceses. (N. T.)

2 Fantasia que consiste de uma túnica longa, de mangas largas e capuz, geralmente de cor negra. (N. T.)

# Epílogo



*Anotação no diário, 4 de fevereiro de 1814*

*Agora vejo tudo claramente. Toda a minha existência antes de você não era mais do que uma sombra do que é viver. Eu mantive a vida a distância, nunca me permitindo chegar perto demais. Só você conseguiu me libertar de minha prisão. Só você me tocou fundo o suficiente para encontrar o âmago da paixão dentro de mim. Só você foi capaz de enxergar dentro do meu coração, revelando as profundezas do meu anseio ardente. Você me ensinou o que é paixão e então me ensinou a amar.*

Aurora interrompeu seus escritos, e seu olhar ergueu-se para a porta da sala contígua ao quarto. *Nicholas*. Ela havia sentido sua presença antes mesmo de ouvi-lo, tão afinados eram um com o outro.

Ele estava despreocupadamente encostado no batente da porta, tão irresistivelmente bonito que o coração dela saltou. A luz brilhante de inverno conferia um brilho dourado aos cabelos dele, que não estavam mais escuros para disfarçar sua identidade.

Ela sorriu ao vê-lo, tomada pelo amor e pelo desejo.

— Há quanto tempo você está parado aí?

— Não muito.

— Você parece estar desenvolvendo o hábito de me observar.

— Verdade. É um dos meus maiores prazeres, olhar para a minha linda mulher.

Ele atravessou a sala e foi até a escrivaninha onde Aurora estava sentada.

— Você está escrevendo sobre mim novamente?

— Sobre *nós* — ela corrigiu.

Estava escrevendo seu próprio diário, registrando seus mais íntimos pensamentos. Ela queria e precisava de um meio de expressar a profundidade de seus sentimentos por *Nicholas*.

Ele seria o único a ver isso. Ela não tinha segredos para ele, que a tinha levado a uma odisseia do coração, uma odisseia que ainda estava se descortinando. Cada dia com ele era uma nova maravilha, cada momento uma alegria.

— Perdoe-me por interromper, querida — disse ele, passando-lhe um pergaminho enrolado —, mas isso acaba de chegar. É de *Lucian*. Acho que você vai gostar.

Curiosa, Aurora colocou de lado a caneta e abriu o documento. Chorou de contentamento ao ver o selo real do príncipe regente da Inglaterra.

— Você foi perdoado?! — exclamou, lendo febrilmente.

— Sim, o preço foi exorbitante — dois navios mercantes e uma escuna da frota Sabine —, mas posso agora retornar à Inglaterra sem que uma sentença de morte paire sobre minha cabeça. E você pode visitar seu país, minha querida.

Aurora estava exultante, mais por causa de Nicholas do que por ela mesma. Ele não era mais um fugitivo, e ela não mais teria de viver o terror de que ele pudesse ser preso como criminoso e mandado à força.

— Se você quiser, podemos planejar uma viagem para lá assim que a guerra terminar — ele ofereceu.

Ela o olhou em contemplação. A guerra entre América e Inglaterra era ainda muito intensa — perigosamente próxima deles mesmos, na verdade —, o que fazia uma viagem pelo Atlântico ser extremamente perigosa.

Olhando-o com gratidão, Aurora chacoalhou a cabeça.

— Não tenho nenhuma urgência em retornar à Inglaterra — disse docemente. — Este é meu lar agora, Nicholas. Tudo o que me importa agora está aqui. Com exceção de Raven, é claro... Wycliff mandou alguma notícia dela?

— Uma rápida menção. Ela ainda é muito admirada por todos ao seu redor. O noivado dela com um duque parece apenas ter aumentado seu fascínio.

Um leve franzido marcou a face de Aurora:

— Eu me preocupo com ela, Nicholas. Perturba-me que ela tenha aceitado Halford para marido quando tinha tantas outras opções melhores.

— Também não simpatizo muito com a escolha dela, querida, mas já discutimos isso antes. E concordamos que eu não iria proibir o casamento.

— Eu sei, mas, mesmo assim... acho que agimos corretamente enviando a ela o diário. Talvez isso vá ajudar Raven a reconsiderar, antes que comprometa com uma vida sem paixão ou amor. Eu quero que ela entenda o que está jogando fora e perceba que a alegria de amar vale o risco da dor.

— Assim como Desirée descobriu?

— Sim. — Aurora sorriu timidamente ao olhar superior do marido. — Você estava certo, admito. No final, Desirée teve o amor e a paixão arrancados dela, mas não se arrependeu de ter amado. — Aurora olhou para Nicholas com seriedade. — Só espero que Raven possa ver que ela seria muito mais feliz se casasse por amor.

— Não foi o que aconteceu conosco, lembra-se? Você teve pena de um pirata condenado e reservou-me um destino pior do que a morte, nunca conhecendo seu amor.

Aurora tremeu um pouco, lembrando-se de quão perto eles estiveram de se perder um do outro e de seus destinos.

Nicholas, no entanto, não estava tão perturbado pelas sombrias memórias quanto ela, porque sua boca se curvou em um meio-sorriso.

— Por mais que eu não goste de admitir, nós deveríamos ser gratos a Gerrod. Se não fosse por ele, nunca teríamos nos encontrado, muito menos nos casado.

Talvez ela devesse mesmo ser grata ao capitão, Aurora admitiu relutante. Pela primeira vez na vida, ela estava realmente feliz. Tinha um marido maravilhoso que preenchia seu coração, e uma família completamente nova também. A mãe de Nicholas e suas duas irmãs receberam-na efusivamente como sua esposa, tornando-se tão próximas quanto em qualquer relacionamento consanguíneo. Ela ainda não podia

pensar em Gerrod com calma, porém, considerando o quanto ele havia desejado a morte de Nicholas.

— Wycliff tem alguma outra notícia? — ela perguntou, mudando de assunto. — Como está se saindo com sua nova noiva?

— Ele não disse na carta. — Os olhos de Nicholas demoraram-se nos dela. — Posso apenas desejar que ele tenha metade da sorte que eu tive.

Sorrindo docemente, Aurora enrolou o pergaminho e refez o laço.

— Bem, eu diria que uma celebração se faz necessária.

Ele se curvou para depositar um beijo leve nos lábios dela.

— Posso pensar na maneira perfeita de celebrar — ele murmurou no ouvido dela. — Satisfazendo outro de meus grandes prazeres: extasiar minha linda mulher.

— No meio do dia? — ela perguntou, fingindo-se chocada. — Que escandaloso.

O sorriso de Nicholas era pura magia. Fez o sangue dela ferver e seus mamilos endurecerem com a necessidade de serem tocados por ele. Quando ele a levantou, ela foi de boa vontade. Ela morria de desejos por ele, um desejo que só ele podia curar.

Ela sentia o calor e a força do corpo dele enquanto seus lábios encontravam-se. Ele a beijava delicadamente, seu gosto era deliciosamente familiar, o cheiro tentador de sua pele quente. Ela o abraçou, deixando que o desejo selvagem crescesse nela e transbordasse.

Sem dizer nada, ele a levou para o quarto e fechou a porta atrás deles.

Despiram-se vagorosamente, prolongando o momento, tocando-se e saboreando-se. Os olhos escuros dele ardendo de desejo enquanto a deitava nua na cama, ao mesmo tempo em que o coração dela batia com o mesmo desejo ante o esplendor de seu corpo excitado. Absorta, Aurora o observou vindo para ela, suspirando de prazer enquanto se juntava a ela.

A carne macia de seu peito largo pressionava seus mamilos sensíveis, a firmeza de suas coxas separando as dela. Ainda assim, ele não estava preparado para ir direto ao ponto. Em vez disso, queria atormentá-la.

Aurora viu seus olhos tornarem-se enfumaçados quando ele movimentou o seu peso. Curvando sobre ela, ele distribuía leves beijos eróticos sobre sua pele, seus mamilos retesados, sua barriga, movendo-se sempre para baixo, até que seus lábios encontraram o monte de seu sexo. Ela respirou rápido quando ele provou de seu monte úmido, provocando um delicioso choque com a umidade ainda mais quente de sua língua. Ela tremia sob suas investidas eróticas enquanto as garras da paixão se cravavam nela, carregando-a de desejo.

Até que ela não pôde mais aguentar. Agarrando-se nos seus cabelos dourados, disse o nome dele com a voz trêmula e crua, precisando sentir a carne quente dele deslizando dentro da sua.

— Nicholas, por favor...

Aurora sabia que ele queria possuí-la tanto quanto ela; as investidas excitadas dele contra suas coxas, fortes e impacientes, enquanto a cobria com seu corpo.

Com as mãos enroladas nos cabelos dela, ele a beijava com fome, um lento e contorcido beijo enquanto a penetrava devagar. Um gemido baixo saiu da garganta dele quando a carne quente dela o envolveu.

Ela o recebeu totalmente, arqueando debaixo dele enquanto ele a preenchia. O corpo dela estava repleto dele, fundido com ele. Ela se sentia como que derretendo. Cada vez que Nicholas a tocava, era tão novo e lindo...

Ele sentia a mesma maravilha, ela tinha certeza. Um tremor o chacoalhou, e ele se afastou apenas o suficiente para olhá-la, seus olhos queimando dentro dos dela. E então ele investiu novamente, afundando profundo dentro dela, tão fundo que ela não podia dizer onde ele terminava e onde ela começava.

Movimentavam-se como se fossem um só, e então se despedaçaram como um só, estilhaçando-se em cacos de luz quentes e brilhantes. Parecia que suas almas haviam se fragmentado e então lentamente se reconstruíram, fundindo-se com inimaginável doçura.

Acalmaram-se lentamente, pequenos terremotos de sensação agitando as terminações nervosas e prolongando o prazer. Entorpecidos, saciados com o êxtase, eles se seguraram um no outro, membros entrelaçados.

— Minha vida — Nicholas murmurou em sua têmpora, ecoando os próprios pensamentos dela. — Minha alma.

Com o coração inacreditavelmente completo, Aurora suspirou de contentamento. O amor havia exigido dela uma escolha irrevogável, mas ela não tinha arrependimento. A certeza entre eles era inegável. Estavam destinados a ficar juntos.

Ela encostou a cabeça no ombro quente de seu marido, pensando no diário de Desirée. *O coração reconhecerá sua alma gêmea.*

Era verdade, Aurora refletiu. Nicholas era sua alma gêmea, agora e para sempre. Ele havia acendido a paixão escondida em seu coração e dado a ela alegrias além do que se poderia imaginar. Ele era seu amor único e verdadeiro, e ela não podia querer mais.

A bela e sensual Aurora Demming acaba de perder o seu prometido, e para garantir seu futuro, seu autoritário pai arranja-lhe um casamento de conveniência com um homem bem mais velho que ela. A fim de espantar a tristeza, Aurora viaja às Ilhas Britânicas Ocidentais, onde conhece Nicholas Sabine, um perigoso e sedutor americano condenado à força por assassinato e pirataria com quem faz um estranho pacto. Aurora aceita se casar com o enigmático estrangeiro e tornar-se tutora de sua meia-irmã para fugir do acordo paterno. Há, porém, outra condição essencial: é preciso legitimar a união dos dois. Para isso, a angelical donzela deverá realmente consumir a noite de núpcias, um breve espaço de tempo no qual o encantador Nicholas mostrará a Aurora parte dos segredos voluptuosos de dois corpos em um mesmo leito.

Viúva, de volta à sociedade inglesa e com a irmã de Nicholas sob a sua responsabilidade, ela inicia uma nova vida, independente, mas desprovida de amor. A calma é interrompida com o inesperado retorno de seu “finado” marido, que voltou com o claro propósito de incitá-la a partilhar seus desejos proibidos. Aurora tentará afastar o selvagem poder de sedução que Nicholas tem sobre ela, pois não é um marido adequado para uma jovem da sua estirpe. Ela tentará evitar os surpreendentes caminhos de erotismo e sentimentos que ele insiste em lhe mostrar.

Autora de vários romances de grande sucesso, Nicole Jordan tem grande habilidade na criação de fascinantes histórias marcadas pela sensualidade e paixão desenfreada.

Seus ousados livros aparecem com frequência nas listas de *best-sellers* dos jornais *The New York Times* e *USA Today*, assim como na da Amazon.com. Nicole Jordan foi finalista do prêmio Romance Writers of America “Rita Award” e ganhou o Dorothy Parker, concedido pela Reviewers International Organization, uma associação que reúne centenas de críticos de obras românticas. Atualmente mora nas Montanhas Rochosas de Utah com seu herói particular – o marido – e seu cavalo de sonho, um puro-sangue irlandês. No Brasil, a editora Planeta publicou o livro *Sedução* (2009).

## Paixão

AMOR E  
SENSUALIDADE

“Um romance de grande sensualidade, intenso, forte e romântico.”

THE ROMANCE JOURNAL

“À primeira vista, ele parecia infinitamente perigoso, bárbaro até. Mas mesmo assim fui atraída por alguma coisa em seu olhar...”

“Ela não se intimidava com frequência, mas aquele homem a perturbava com sua masculinidade cheia de vida. Ela ficava ainda mais incomodada pelas sensações proibidas que

ele despertava tão facilmente nela. A sexualidade bruta e poderosa que emanava dele era palpável, a tensão entre eles era muito real.”

“Quando os lábios dele roçaram levemente os dela, estavam quentes e macios — macios como o toque da asa de uma borboleta. Um desejo inquestionável inundou Aurora, junto com uma fome desconhecida que ela só podia chamar de desejo.”